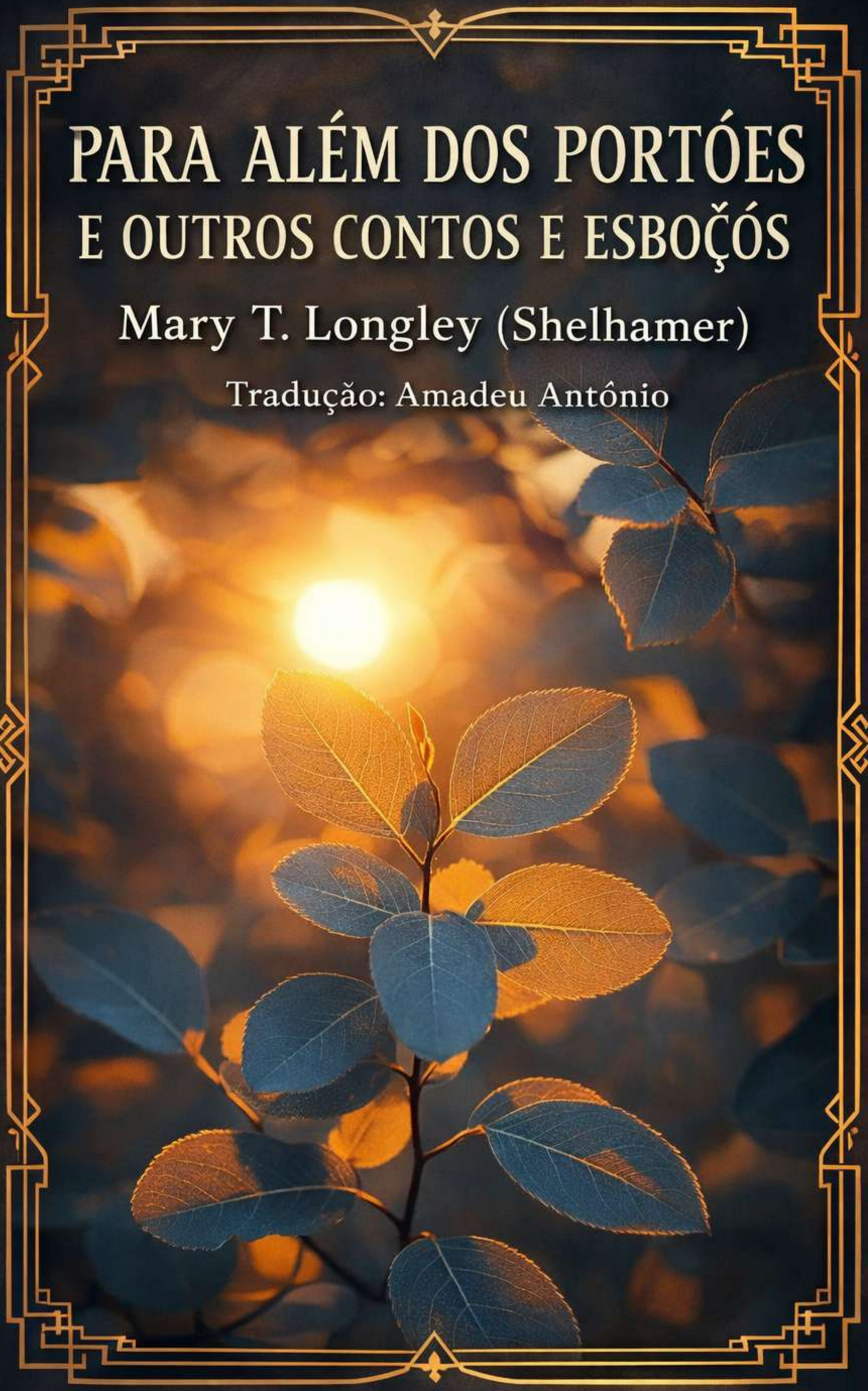
PARA ALÉM DOS PORTÓES
E OUTROS CONTOS E ESBOÇÓS

Mary T. Longley (Shelhamer)

Tradução: Amadeu Antônio



POR UM GRUPO DE INTELIGÊNCIAS ESPIRITUAIS,

ATRAVÉS DA MEDIUNIDADE DE MARY THERESA SHELHAMER

E o Amor enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e os rostos dos tristes resplandecerão à luz da Aurora Eterna; os de coração cansado encontrarão descanso; e os que carregam pesados fardos depô-los-ão; pois a Terra dos Bem-Aventurados transborda de infinitas misericórdias para todos os que nela entrarem.

SEGUNDA EDIÇÃO
BOSTON:
COLBY & RICH, EDITORES,
9 BOSWORTH STREET
1890

MEMORIAL

James Gordon, o cavalheiro em cuja memória esta obra foi preparada, deixou esta vida em Cincinnati, Ohio, a 16 de Novembro de 1886, à meia-noite. Era filho do falecido Jesse e de Harriet Gordon, de Hampstead, N.H., um casal amplamente conhecido pela sua integridade inabalável e grande filantropia. Durante vários anos, Jesse Gordon exerceu cargos de confiança na administração municipal de Hampstead, e o seu falecimento, ocorrido em plena maturidade, foi sentido como uma perda para a comunidade.

Pouco tempo após a morte do pai, e ainda muito jovem, o protagonista desta narrativa deixou aquela região do país, procurando interesses comerciais em diversos locais do Sul e do Oeste, fixando-se finalmente em Cincinnati, onde se tornou um dos seus cidadãos mais enérgicos e respeitados. Era um homem honrado, cuja rara probidade e caráter firme lhe granjearam a estima de todos, mesmo daqueles que não partilhavam as suas opiniões firmemente defendidas — e a sua ausência será profundamente sentida na comunidade onde era tão amplamente e favoravelmente conhecido.

Das suas muitas iniciativas benevolentes e obras de caridade, poucas são conhecidas. Discreto na vida quotidiana, fazia questão de nunca exibir as suas boas ações ao olhar público; mas os pobres e desafortunados podiam sempre contar com um amigo que lhes ofereceria simpatia nas suas desventuras e auxílio para se erguerem acima das nuvens; e nenhum pedido digno de apelo benevolente lhe foi alguma vez feito em vão. Um

correspondente — “B.” — escrevendo para o *Cincinnati Enquirer* acerca da filantropia de Mr. Gordon, disse:

“As suas obras de caridade eram bem concebidas e abrangentes. Um exemplo foi a escola dominical que fundou para os pequenos desamparados de Cincinnati — rapazes e raparigas praticamente sem conforto de lar, a quem alimentou, vestiu e ensinou como puro trabalho de amor. Esta escola cresceu até ultrapassar oitocentos alunos, e várias pessoas de bom coração e com recursos juntaram-se a Mr. Gordon, transformando-a numa das mais estimadas instituições beneficentes locais. Tornou-se a base de uma das mais nobres obras de caridade conhecidas dos nossos cidadãos. Iniciou vários jovens numa carreira que acabou por levá-los à prosperidade, mas não gastou dinheiro em frivolidades, e muito pouco que não lhe rendesse dividendos em bem-estar alheio efetivamente alcançado.”

Mr. Gordon não era apenas um membro estimado do “Cuvier Club” de Cincinnati, composto por algumas das figuras mais conhecidas e respeitadas da cidade, mas estava também ligado de forma proeminente à Câmara de Comércio local, a qual, no seu falecimento, elaborou um memorial elogiando a sua vida e caráter. Na Ordem da Maçonaria, James Gordon ocupava uma posição muito elevada — procurando pôr em prática, no seu quotidiano benevolente, os mais nobres princípios dessa instituição. Pelo seu caráter nobre e aptidão para o cargo, foi há alguns anos eleito para o 33.º grau da Maçonaria, honra que muito prezava e diariamente se esforçava por merecer.

Há anos, Mr. Gordon tornou-se investigador do Espiritualismo, recebendo muitas provas da sua veracidade e adquirindo a convicção da realidade da comunicação espiritual — convicção que nunca deixou de afirmar com coragem e fidelidade, quer perante simpatizantes quer perante opositores, usando sempre a sua influência em favor da causa tão querida à sua alma.

Quanto às cerimónias fúnebres deste bom homem, o *Banner of Light* de 27 de Novembro relata:

“Na quarta-feira, dia 17 do corrente mês, realizaram-se, em Cincinnati, cerimónias próprias da Ordem Maçónica sobre os restos mortais, seguidas de intervenções de pessoas que haviam conhecido o falecido, testemunhando a sua retidão e elevado caráter.
Na noite do mesmo dia, o corpo, rodeado de flores e encerrado num caixão forrado de pano preto, foi colocado no comboio com destino à casa da irmã de Mr. Gordon, em Lowell, Mass., onde chegou na noite do dia 19. Nesse local, na tarde de domingo, dia 21, realizaram-se serviços apropriados e belos, comemorativos da vida e caráter do falecido, conduzidos por Miss

Shelhamer, conforme pedido feito por Mr. Gordon à sua irmã um ano antes. As cerimónias incluíram seleções vocais por um quarteto treinado, uma sentida invocação ao Pai de todos, seguida de um discurso inspirado, pleno de consolação amorosa e repleto das verdades e lições do Espiritualismo, proferido por Miss Shelhamer.

No túmulo, um grupo de maçons encerrou o serviço com uma oração de um dos presentes, seguida de algumas palavras adequadas do irmão de grau mais elevado ali presente, e do lançamento de ramos de sempre-verde sobre o caixão.

As oferendas florais ao amigo falecido foram elegantes e apropriadas; entre elas destacamos uma cruz requintada, da 'Ancient and Accepted Scottish Rite', enviada pelos maçons de Lowell; uma almofada com a palavra 'Descanso', de uma das irmãs do falecido; uma linda coroa de outra irmã; e uma coroa maciça oferecida por Miss Shelhamer.

Toda a organização do funeral esteve de acordo com a Filosofia Espiritual e representou dignamente a vida e fé do bom homem que partiu para a sua recompensa."

E agora chego à parte da vida de Mr. Gordon ligada à compilação desta obra. Durante muitos anos foi um amigo caloroso e dedicado meu, e até ao momento do seu falecimento essa amizade manifestou-se de muitas formas nobres, tornando a sua memória abençoada para mim. Ao longo de anos, manteve frequentes e felizes comunicações com os seus queridos amigos espirituais, através da minha mediunidade. As mensagens que assim recebia eram, para ele, caracteristicamente conclusivas; e tinha fé ilimitada na vigilante proteção desses amigos invisíveis sobre a sua vida, aguardando diariamente a hora da reunião com eles no Alto.

Entre o grupo de inteligências puras e sábias que lhe transmitiam palavras de amizade e instrução — e que eu própria aprendi a estimar — encontrava-se uma família que, muitos anos antes, Mr. Gordon amara como seus mais dedicados e leais amigos, e cuja perda nunca deixara de lamentar até que estes o procuraram a partir da vida espiritual, trazendo mensagens de afeto imortal e provas de identidade. Esta família, quando encarnada, residia no condado de Boone, Kentucky, e era composta por pai, mãe e três filhas, todas, exceto uma, já há muito passadas à vida espiritual. Foi através das mensagens trazidas por este grupo harmonioso que o meu amigo recebeu as suas provas mais valiosas e positivas da imortalidade.

Em outubro de 1884, enquanto recuperava lentamente de uma doença grave, fui abordada pelo chefe deste grupo espiritual, que me anunciou que,

assim que a minha saúde o permitisse, desejava escrever, pela minha mão, uma série de artigos para publicação no *Banner of Light*, intitulados "Pensamentos de um Ponto de Vista Espiritual"; e que, logo após a sua publicação, seriam seguidos por uma história no mesmo jornal e através da mesma mediunidade, intitulada *Fora dos Portões*. "Esta história", afirmou o meu amigo espiritual — que, para todos, exceto para o seu protegido James Gordon, preferia ser conhecido como "Benefice" —, "será a narrativa pessoal de um espírito que trarei até ti. Ela não é membro do meu círculo familiar, nem a conhecemos em vida. Sofreu profundamente e é agora um espírito elevado. Pelo seu bem, não te direi o nome nem onde viveu; basta que a recebas com bondade e sigas as suas instruções."

A seu tempo, os artigos de "Benefice" foram publicados, e imediatamente esse espírito trouxe-me outro — uma influência doce e suave — que me ditou, tão rápido quanto eu podia escrever, os capítulos de *Fora dos Portões*, incluídos neste livro. Nunca soube verdadeiramente quem foi este espírito; mas sei que, fosse quem fosse, agora é puro, santo e verdadeiro.

Antes disso, a esposa espiritual e duas filhas de "Benefice" tinham, muitas vezes, escrito narrativas e relatos de experiências pessoais, pela minha mão, para o amigo James; e agora a filha mais velha, adotando o pseudónimo "Morna", manifestou a intenção de escrever uma história intitulada *Aqui e Além*. Esta foi publicada no *Banner of Light* e bem recebida. Mais tarde, outros contos espirituais me foram dados pela mesma doce entidade, tendo aparecido em várias publicações. Sei que falo a verdade ao afirmar que estas produções, embora não passando por outro cérebro mortal além do meu, e sendo escritas apenas pela mão que agora traça estas linhas, provêm de inteligências de outra esfera, e que, na sua formação, fui inspirada e influenciada por esses espíritos sábios e valentes de quem falo.

Com exceção de *Fora dos Portões*, todas as histórias que aparecem neste volume, e noutros, da minha autoria, foram escritas em colaboração com "Morna", o belo anjo que amo. "Benefice", o seu pai santificado, deu ao mundo os seus *Pensamentos de um Ponto de Vista Espiritual*, e Susie, a encantadora filha mais nova, escreveu *O Que Encontrei na Vida Espiritual*, que consta desta obra e que, estou certa, é um relato fiel da sua própria experiência.

Aceitando a verdade transmitida pelos seus amigos espirituais e acreditando na sua afirmação de que o mundo tem fome de conhecimento sobre a vida espiritual, bem como de instrução relativa ao cultivo do espírito, o meu amigo James Gordon tinha a intenção de reunir alguns destes contos e escritos num volume para benefício público. O estado precário da sua

saúde impediu-o de realizar este trabalho e, com relutância, teve de o abandonar. Conhecendo o seu desejo, assumi eu a tarefa de o levar a cabo, para o oferecer ao mundo em nome desse bom homem, cujo grupo de assistentes espirituais tornou possível a sua publicação.

Ele seguiu para a sua recompensa, enquanto os que, na Terra, conheciam o seu valor choram a ausência de um amigo dedicado. Com a sua partida, o mundo perde um benfeitor e um exemplo luminoso. Contudo, não o chamaríamos de volta às mágoas, às lutas e às aflições terrenas. Antes, procuraremos imitar as suas boas ações, para sermos julgados dignos de o seguir.

Querido amigo, alcançaste a vitória da vida, conquistaste a coroa imortal, e, com ternura de alma, pedimos ao Senhor que “esteja contigo e te abençoe, e faça resplandecer sobre ti o seu rosto, e te dê paz”, até que, na plenitude do tempo, nos encontremos contigo na tua morada bendita.

M. T. Shelhamer

ÍNDICE

Parte I
PENSAMENTOS DE UM PONTO DE VISTA ESPIRITUAL
Número Um
Número Dois

CAPÍTULO
I. A Minha Morte
II. O Sofrimento de um Espírito
III. O Penitente
IV. Espíritos nas Trevas
V. O Vale das Crianças
VI. Dentro dos Portões
VII. Na Terra do Amanhecer
VIII. O Meu Belo Lar Espiritual
IX. Conclusão

O Que Encontrei na Vida Espiritual
Número Um
Número Dois
Introdução

Parte II
A História de Morna
I. Primeiras Concepções da Vida Espiritual: As Suas Moradas, Governos e Colégios

II. Transição nas Esferas
III. Língua, Sociedade, etc., no Mundo Espiritual
IV. Preparando-se para Entrar no Templo
V. Desenvolvimento da Mediunidade no Mundo Espiritual

Aqui e Além
I. A Mão da Morte
II. A Convocação
III. As Suas Experiências
IV. O Novo Lar
V. Lutas Consigo Mesmo
VI. A Conquista
VII. Lar

Terrenos Escorregadios
I. Seria Vida ou Morte?
II. Dorris
III. Novas Experiências
IV. Em Conflito
V. O Errante
VI. A Casa de Refúgio
VII. A Pequena Mãe
VIII. Experiências Espirituais
IX. Luz, Finalmente

A Clarividente Cega
I. A Clarividente
II. Confidências
III. Trabalho Espiritual
IV. Novos Desenvolvimentos
V. Uma Nova Etapa
VI. O Novo Lar de Olive
VII. Um Vislumbre do Céu
VIII. Revelações do Além
IX. Olive Encontra um Novo Amigo
X. Ação de Graças
XI. Retribuição
XII. Vida Espiritual para uma Alma Errante
XIII. Quebrando as Correntes
XIV. Ascendendo
XV. “Voltando para Casa”
XVI. Entre os Bem-Aventurados

PARTE I

IDEIAS DE UM PONTO DE VISTA ESPIRITUAL

Por “Benefice”

NÚMERO UM

Os espiritualistas sérios, que têm dedicado muito pensamento e estudo à investigação das verdades espirituais — tal como os espíritos sábios, generosos e avançados têm para ensinar — terão aprendido que o mundo espiritual, embora seja uma parte distinta do universo e ocupe um ponto definido no espaço, pertence e está intimamente ligado a esta esfera terrena; que se torna a morada daqueles que estão despojados da carne mortal e já não podem manter o seu apego à materialidade; e que todas as classes de inteligências — desde as almas mais puras e doces até aos seres mais degradados e corruptos — povoam esse mundo espiritual.

Como os espíritos que regressam têm ensinado e demonstrado aos mortais nos últimos trinta anos, o simples processo da morte, atuando na estrutura física do homem e libertando-o dos envolvimentos da matéria, não produz necessariamente uma mudança na sua natureza, nem revoluciona as características essenciais do seu ser. As condições pré-natais, as leis da associação, as circunstâncias envolventes, o poder da educação, a força do hábito e as condições gerais da sua experiência terrena contribuíram para moldar o seu caráter e marcar a sua individualidade. A disciplina e a trajetória do corpo deixaram a sua marca no homem, tornando-o no que é ao chegar ao fim da vida mortal.

Seria realmente estranho que a transição para outra esfera de existência provocasse nele tal mudança que todos os efeitos da sua vida anterior se tornassem nulos ou fossem apagados para sempre; e seria igualmente notável que aquele que viveu uma vida descuidada e indigna se tornasse, de repente, purificado e elevado em caráter e realizações apenas por ter deixado o corpo.

Que fique, portanto, claramente entendido: o homem encontra-se o mesmo indivíduo após a morte do corpo que era antes. Se foi gentil, filantrópico e benevolente de disposição, honesto e nobre de caráter, e diligente na inclinação intelectual, continuará a sê-lo no mundo superior. Se foi injusto e áspero no trato com os outros, se recorreu a esquemas desonestos em transações comerciais, se foi negligente na educação moral e mental, então encontrará a si próprio no mesmo plano que ocupava antes de deixar o corpo. Contudo, embora o homem comece a vida lá exatamente onde a deixou aqui, não se segue que tenha caído num trilho estreito do qual não possa sair. Pelo contrário, a morte abre uma avenida muito ampla ao

espírito que parte, oferecendo-lhe novas oportunidades e poderes que pode usar para ascender a coisas mais elevadas. Assim, ainda que alguém seja pouco desenvolvido em realizações morais e intelectuais, pode chegar a reconhecer e a sentir a sua ignorância e desejar adquirir instrução que o eleve. Ao permitir que este desejo sincero cresça, atrai para si inteligências puras e esclarecidas, que têm prazer em se tornar seus mestres e protetores, ensinando-o a ser verdadeiramente um homem — capaz de expressar os mais nobres atributos do seu imortal eu.

Os espiritualistas professam acreditar que as ações cometidas na Terra deixam o seu reflexo no espírito e, pelos seus efeitos, produzem felicidade ou dor quando revistas à clara luz e compreensão da condição eterna; contudo, que realmente interiorizem esta grande verdade é algo questionável.

Como um entre muitos espíritos cuja missão tem sido, em grande parte, ministrar a espíritos que sofrem dor e miséria, tenho-me encontrado com almas cuja mais aguda angústia provém da lembrança do mal que praticaram na Terra; gestos de indelicadeza, atos de opressão, palavras duras, proferidas sem grande reflexão no momento, ficaram gravadas nas tábuas da memória e, aqui no mundo espiritual, reaparecem para desconfortar e perturbar a alma. Se a lembrança de pequenos atos de indelicadeza traz dor intensa, que se poderá dizer das mais pesadas ações de opressão e injustiça que esmagam e torturam o ser humano com energia de remorso?

Quando uma alma desencarnada desperta para a verdade de que prejudicou profundamente um semelhante, de que privou alguém dos seus direitos ou praticou o mal contra outrem, o açoite do remorso é como a picada do escorpião na sua natureza agora sensível. É certo que, quanto mais sensível for o espírito, maior o seu sofrimento na lembrança do mal cometido; mas, mesmo que se trate do mais endurecido, basta que as suas sensibilidades despertem para que cresça diariamente a consciência da sua ofensa e a ânsia de a reparar.

Ministrar a tais almas é a delicada missão de muitos espíritos cultos e inteligentes — uma obra que não deve ser desprezada nem encarada levianamente. A persuasão moral e a orientação suave e persistente são as armas usadas pelos guerreiros espirituais na sua luta contra o mal. O erro é o acompanhante da ignorância, e ninguém que seja sábio e conhecedor praticará o mal. As almas pouco desenvolvidas têm ascendido — ou estão a ascender — à compreensão dos verdadeiros interesses da vida, através da dolorosa experiência que brota dos seus próprios erros passados; e espíritos sábios, em vez de se afastarem com desdém da sua condição

humilde, curvam-se para as ajudar a alcançar uma compreensão mais elevada das leis da vida e uma atmosfera de ser mais pura.

A educação, então, é a varinha mágica empunhada no reino espiritual por aquelas inteligências que percorrem os locais onde se encontram os humildes e desafortunados, os incultos e os depravados, com o propósito de lhes dar o conhecimento de que necessitam.

Mestres competentes para instruir, prontos a pôr de lado a sua grandeza pessoal para guiar almas transviadas, suficientemente sábios para discernir as necessidades e desejos específicos de cada um dos seus tutelados, cheios do poder da simpatia — de modo que nenhuma alma, por mais degradada ou pouco atraente que seja, seja excluída do alcance do seu trabalho instrutivo e edificante — frequentam constantemente os locais onde a infelicidade e o mal abundam, procurando, pelo seu poder de ministração, corrigir as tendências do erro, banir a ignorância e instaurar o amor pela ordem, pela harmonia, pelo estudo e pelas boas obras no coração daqueles que procuram abençoar.

Instrução e amor são generosamente concedidos às multidões em luta do mundo espiritual, cujas vidas estiveram afundadas no pecado e no erro. São ensinados a ver-se como os outros os veem; acabam por “conhecer como são conhecidos”; esse conhecimento traz, inevitavelmente, dor, mas é o seu primeiro passo no processo de regeneração. Depois, mostram-lhes que não são párias sem esperança de redenção; rostos gentis iluminam-se diante deles, vozes amáveis proferem palavras de advertência e amor; e fazem-nos sentir que são seres humanos, capazes de progredir e dignos de se elevarem por si próprios.

Assim, o poder do amor desperta neles; reconhecem e correspondem à ternura dos seus potenciais guias e auxiliares, e esforçam-se por seguir os ensinamentos que lhes são apresentados. Então inicia-se o plano de instrução, e estes humildes tornam-se estudantes ávidos e diligentes, retribuindo aos seus mestres com o desejo de aprender e crescer em poder e conhecimento espiritual.

O mundo espiritual pode ser comparado a uma grande escola, na qual entraram alunos de diferentes graus de progresso. Aqueles de quem tratamos agora são as almas infelizes cujas naturezas foram distorcidas e degradadas pelas experiências da vida terrena.

Ouvem-se muitas advertências acerca de espíritos maus e de influências impuras e profanas. Aconselha-se evitar o contacto com eles e avisa-se que tais espíritos regressam à Terra em número incalculável para se aproveitarem dos inocentes e descuidados que caiam sob o seu poder.

Como se a vida espiritual fosse um lazareto moral de iniquidade, cujas portas estivessem eternamente abertas, permitindo que rajadas do seu veneno letal viessem contaminar a vida dos indefesos filhos da Terra, há quem aconselhe evitar reuniões espiritualistas e não encorajar as comunicações de inteligências invisíveis, para não ser contaminado pelo contacto mortal.

Mas, será que o governo moral da “vida superior” é inferior ao da Terra? Não existe lá um poder restritivo que impeça o malfeitor de praticar o mal continuamente? Não há um sistema de gestão capaz de proteger os inocentes e indefesos mortais das influências nefastas dos corruptos e vis das esferas inferiores? Se assim fosse, não seria de facto uma “vida superior” nem capaz de proporcionar ao homem aquele alargamento de poder e fruição de uma existência progressiva que lhe foi prometido.

Mas as inteligências puras e poderosas do mundo espiritual exercem vigilância sobre aqueles que não estão tão avançados quanto elas; providenciam professores, ajudantes e guias para as almas infelizes e pouco desenvolvidas que necessitam de atenção. Trabalham constante e incansavelmente pela regeneração dos depravados e desesperados. A sua influência moral atua como força restritiva sobre os viciosos e maliciosos, impedindo-os de refletir tristeza sobre qualquer outro que não eles próprios.

Afirmo-vos que, embora diariamente cheguem ao mundo espiritual muitos espíritos impuros ou infelizes vindos dos limites da carne, e embora muitos, devido ao seu estado inquieto e turbulento, sejam atraídos de volta a locais terrenos, e ainda que possam causar dano entre aqueles mortais que, eles próprios, sejam impuros de pensamento e duvidosos na conduta, nunca poderão afetar desagradavelmente a felicidade ou o bem-estar dos puros e bons.

Os “espíritos maus” podem aproximar-se e dar-se a conhecer; mas, se os vossos pensamentos estiverem livres de dolo, e se o amor pela humanidade e o desejo benevolente de ser útil vos inspirarem, não precisais temer: tais espíritos não terão nem o desejo nem o poder de vos prejudicar; apenas receberão uma bênção ao entrar em contacto convosco, e poderão até ter sido trazidos até vós por algum guia benfazejo com esse propósito.

A desarmonia, a discórdia, a desonestidade e a impureza abrirão a porta a espíritos maliciosos e depravados. Uma vez que entrem, não se afastarão facilmente, e causarão estragos na vossa felicidade — mas vós próprios é que os tereis convidado a entrar. Cultivai uma vida pura, simpatia e amor pela humanidade, sede honrados nos pensamentos e nas ações, e conseguireis ou expulsá-los ou ajudar a convertê-los em anjos de luz.

Mas apenas uma pequena parte dos ignorantes e degradados que passam para a vida espiritual regressa para molestar os mortais — a maioria encontra-se cercada por circunstâncias que, ao mesmo tempo que servem para conter as paixões desenfreadas da sua natureza, os estimulam a vencer e superar o mal interior.

Ao revelarem à alma a verdadeira essência e perversidade da vida que levou, e ao mostrar-lhe como pode elevar-se acima do passado para uma condição mais luminosa, essas leis instrutivas aproximam o malfeitor da harmonia com o seu próprio ser espiritual e com os propósitos da vida; e ele acaba por aprender, pela obediência e pelas lições de amor e sabedoria concedidas pelos seus mestres espirituais, a equilibrar o registo sombrio do passado com um relato luminoso do presente, tornando-se “uma lei para si próprio”.

Entre as almas contritas e arrependidas com quem tenho comunicado, encontrei não poucas que, na Terra, eram consideradas entre as classes favorecidas e respeitáveis da sociedade. Não me refiro agora aos que aparentavam ser honrados mas cujas almas traziam a marca da hipocrisia; falo antes daqueles que eram genuinamente inteligentes e bem-intencionados, que não defraudaram nenhum homem da sua riqueza nem nenhuma mulher da sua honra.

Essas pessoas possuíam meios e dispunham de oportunidades para realizar muito bem; algumas dessas oportunidades foram aproveitadas, mas nem todas; e, noutros casos, nem sequer procuraram oportunidades pelas quais boas obras pudessem ser realizadas. A maior aflição destas almas — o clamor mais profundo dos seus corações — vem do facto de não terem feito o que poderiam ter feito. Não fizeram o melhor uso dos meios ao seu dispor. Não realizaram o bem que poderiam ter realizado. Não deixaram o mundo mais luminoso nem a humanidade mais feliz por causa das suas vidas; e o conhecimento disto trouxe-lhes uma dor aguda de remorso e vergonha.

Recordo-me de um homem que, na Terra, possuía grande riqueza e exercia ampla influência entre os seus semelhantes. A sua palavra, o seu exemplo em benefício da humanidade, teriam ecoado longe e inspirado outros a falar e a agir. Mas ele negligenciou as oportunidades; fechou os olhos aos vastos redutos de ignorância e sofrimento que o cercavam, e seguiu o seu caminho, a acumular milhões, até que a morte o chamou para a outra vida.

Uma vez estabelecido lá, e familiarizado com o novo meio, e uma vez convencido de que as raspas e acumulações da vida material tinham sido varridas para longe dele, começou a refletir sobre a sua vida; uma vez seguro de que riqueza espiritual significa honra, probidade e a realização de

boas obras, começou a fazer as contas e a perceber quão pequenos eram os seus ganhos. É certo que, por vezes, dera esmolas a um mendigo necessitado; também é verdade que, ocasionalmente, contribuíra com uma soma generosa para algum objetivo de caridade; mas, comparado com o que poderia ter feito com os meios ao seu alcance, realizara muito pouco bem — e entrou na vida espiritual como um homem pobre.

Os pecados de omissão são comuns no mundo. Se recusamos oferecer uma palavra de ânimo ou um sorriso de encorajamento a uma alma cansada, somos culpados deles; se negligenciamos fazer todo o bem que podemos com os meios de que dispomos, não seremos tidos por inocentes no Alto, mesmo que não violemos nenhuma lei específica.

O governo moral do mundo espiritual é mantido pelos princípios elevados e nobres sobre os quais se funda. Os diretores e tutores da ética moral governam apenas pelo amor, enquanto o magnetismo puro e edificante que emana das suas vidas santas estimula e fortalece a sensibilidade enfraquecida daqueles que se encontram sob a sua tutela disciplinar.

O espírito que deixa o corpo degradado de caráter, cujas faculdades morais estão por desenvolver, que afogou as sensibilidades superiores no exercício constante de paixões impuras, é visto como uma alma doente. A sua natureza está deformada e desequilibrada; os seus poderes espirituais não estão desabrochados; todo o seu ser está em desarmonia.

Tal espírito necessita dos serviços de um médico; precisa de ser colocado em condições que reprimam qualquer crescimento futuro das paixões que se soltaram na sua natureza, e onde os traços e atributos opostos do seu ser possam ser encorajados a expandir-se e florescer.

Logo que possível, inteligências sábias, dotadas de um poder magnético positivo, aproximam-se e exercem a sua influência sobre ele; a sua própria atmosfera mental e moral pode estar num estado tal de corrupção que ele não os consiga ver, mas, com o tempo, começa a sentir o poder deles a agir no seu íntimo; isso desperta-lhe o pensamento; desperta-o para a sua condição e para as suas necessidades; continua a atuar sobre ele até que clama por ajuda, até que implora para ser erguido para fora de si mesmo, até que deseja crescer em pureza e bondade.

Então, está apto a receber a instrução que os seus mestres têm para lhe dar, a sentir o efeito do freio moral que lançam ao seu redor, e a perceber o poder edificante da sua presença. É então conduzido a um sanatório, onde recebe a força magnética e as lições de que necessita para moldar a sua alma, e começa a dar provas do seu sincero desejo de ser útil, esforçando-

se por fazer o bem aos outros, obedecendo aos seus guias e aplicando-se com dedicação às suas tarefas.

Dizer que não temos medidas disciplinares de reforma no mundo espiritual é afirmar o que não é verdade. No entanto, os mortais podem cair nesse erro porque, por vezes, as almas pouco desenvolvidas são trazidas de volta aos médiuns e às condições da vida terrena para receber a sua primeira lição de moralidade e dar o primeiro passo no progresso.

O motivo desta conduta, por parte dos filantropos espirituais, é que, por vezes, têm sob a sua tutela seres cuja natureza é tão intensamente terrena, cujos desejos e inclinações participam tanto da vida física, que estão constantemente atraídos para a materialidade. É quase impossível convencer tais seres de que passaram pela mudança da morte; persistem em acreditar-se ainda encarnados no corpo.

Ao guiar tal espírito até um médium, e ao envolvê-lo na aura atmosférica de um sensitivo, o mestre sábio demonstra-lhe o poder que obteve ao separar-se do corpo físico; e quando o espírito incrédulo se encontra na posse de um organismo mediúnico, e a expressar-se por meio da fala, da escrita ou de sinais para um mortal, começa a vislumbrar que, estando ali no meio de um ambiente estranho, deve ser verdade que passou por alguma mudança. No entanto, a plena consciência da sua condição só o atinge quando se afasta do contacto com o médium e solta o controlo do seu organismo; então, quebra-se o poder psicológico que por tanto tempo o manteve na ideia de vida física, e, pela primeira vez, ele percebe que já não é um mortal.

O espírito costuma sentir-se humilde depois de tal experiência — por vezes, fica muito alarmado — e afunda-se num estado de quieta submissão que permite ao seu instrutor agir sobre ele com facilidade e levá-lo a compreender-se a si mesmo. Assim começa a verdadeira disciplina reformadora. O que antes era refratário percebe que já não pode dominar pelas paixões que durante tanto tempo exerceu, e, não conhecendo outro meio de comando, permanece calado, ouvindo e obedecendo àqueles que são mais sábios do que ele e que, agora percebe, desejam ajudá-lo e elevá-lo.

Estou convencido de que, em todos os casos em que um espírito mau ou pouco desenvolvido visita um médium de mente pura, ou se dá a conhecer a um círculo de pessoas honestas e dedicadas, é acompanhado por uma inteligência sábia e elevada, que atua como seu mestre e guia e que, ao mesmo tempo, mantém sob controlo as suas paixões turbulentas pelo exercício de um magnetismo espiritual elevado. Por isso, nenhum médium, nenhuma pessoa bem-intencionada precisa hesitar em receber e oferecer

advertências suaves e bons conselhos a tais espíritos que regressam, pois, ao fazê-lo, está a ajudar os anjos protetores de amor e misericórdia na sua obra benéfica de educar e elevar almas arrependidas e sofredoras.

A vida espiritual, nos seus assuntos morais, religiosos, sociais e políticos, não é de modo algum menos avançada do que os departamentos mais progressistas da vida humana na Terra. Na verdade, está muito à frente, seja na disciplina, na tutela, no socialismo ou nas regras civis. Os seus métodos de governo e de restrição são tudo o que a alma mais esclarecida e humanitária poderia desejar para a sua raça. Se não fosse assim, não haveria progresso para o homem, e a ação da morte provar-se-ia qualquer coisa menos uma bênção para a sua alma.

Quando o homem inteligente aprender a governar-se a si próprio de tal modo que seja o seu próprio e seguro guia para a felicidade; quando controlar os seus apetites e paixões de forma a fazer do seu corpo um templo puro; quando aprender a agir com amor pelo seu próximo ao ponto de as prisões serem abolidas; quando, pela sua vida pura e irrepreensível, a profissão do médico, do farmacêutico, do advogado e do jurado tiver desaparecido — então será capaz de estabelecer um sistema de governo moral semelhante ao que vigora no mundo espiritual; e, quando fizer tudo isto de forma completa, saberá providenciar e controlar as classes menos domesticáveis, vigiar e proteger os criminosos que estejam sob a sua observação, de forma a resguardar a sociedade das suas investidas e, ao mesmo tempo, salvá-los para si mesmos como seres humanos, capazes de se tornarem bons, morais e respeitadores da lei.

NÚMERO DOIS

Embora eu tenha declarado que o mundo espiritual não é um lazareto moral aberto para a Terra; embora tenha indicado que muitos dos chamados espíritos maus que se aproximam dos mortais são guiados até eles para fins educativos; e embora tenha afirmado que estes seres pouco desenvolvidos não são, de longe, tão nocivos e maliciosos nas suas influências sobre a vida física quanto muitos imaginam, não pretendo, de modo algum, afirmar que tais espíritos não causem por vezes mal entre os homens ou não gerem confusão onde deveria reinar a harmonia.

Já disse que ninguém pode ser molestado por espíritos infelizes sem que lhes abra a porta, e quero reiterar essa afirmação. Se o egoísmo se aloja no vosso peito, ou se há desarmonia e insatisfação com a vossa sorte na vida; se se alimenta inveja, ciúme ou desprezo por alguém, ou se se encorajam pensamentos e motivações inferiores, estais a estender o trinco que as

influências malévolas podem agarrar, abrindo assim as portas das vossas vidas. A menos que as emanações magnéticas da vossa própria natureza sejam descoloridas pelos efeitos de pensamentos impuros e de motivações indignas, tais espíritos não podem permanecer convosco; eles são repelidos pela clara luz da verdade e só podem ser trazidos até ela pela força superior e orientadora de alguma alma santa e inteligente. Portanto, se mantiverdes as vossas vidas limpas, não tereis de temer qualquer mal, pois apenas inteligências elevadas acamparão ao vosso redor; e, se em algum momento surgir um espírito rude e pouco desenvolvido, ficai certos de que será trazido por forças santas numa missão benéfica para si próprio.

Os médiuns, mais do que ninguém, devem estar em circunstâncias e rodeados de condições que permitam desenvolver os melhores atributos e faculdades da sua natureza. A ideia de grandeza pessoal e ambição deve estar tão afastada dos seus corações como estava da pura e imaculada alma do Nazareno. O egoísmo deve ser-lhes desconhecido, e apenas o desejo de fazer o bem deve animar o seu íntimo.

E porquê? Porque quanto mais doce e altruísta for o coração, mais pura e luminosa será a atmosfera espiritual que o envolve, e mais santas e elevadas serão as influências que o controlam ou assistem. Se as intenções forem boas e as aspirações puras, os espíritos que se aproximarem de um médium serão beneficiados, fortalecidos e elevados pelo contacto com a sua natureza sensitiva; mas, se as tendências se inclinarem para a satisfação própria, para a ambição, o poder e o orgulho, se as aspirações se limitarem a pensamentos de grandeza material, então a aura que emana da sua vida será turva e carregada, e os espíritos que se aproximarem dela sentir-se-ão deprimidos e infelizes com esse contacto.

Tenho estudado as necessidades e as leis da mediunidade; ninguém tem mais caridade e amor pelos instrumentos sensíveis da vida superior do que eu. Não sou dos que afirmam que o trabalhador não é digno do seu salário, nem aconselho os médiuns a dar o seu tempo, vitalidade e poder sem qualquer compensação.

Sei que os médiuns devem ser tratados com gentileza: oferecer-lhes amor, simpatia e cordialidade; afastar o pensamento deprimente de que o alimento do dia seguinte ou a renda do mês dependem do resultado da sessão que estão prestes a realizar; fazê-los sentir que respeitais a sua honra e tendes fé na sua integridade, e eles não tentarão enganar-vos; pelo contrário, tornar-se-ão doces e amáveis sob a vossa influência benigna e permitirão que o mundo espiritual ecoe, de forma correta e divina, as suas melodias celestiais através das suas faculdades mediúnicas.

É uma verdade que aqueles que, na Terra, convivem e rodeiam um médium têm tanta influência no desenvolvimento da sua vida e no caráter dos seus dons mediúnicos quanto os próprios espíritos que são atraídos para o seu lado. De facto, as condições de harmonia ou de discórdia que reinam na vida dos que o rodeiam determinam a classe de influências que se aproximarão e afetarão a sua felicidade, para o bem ou para o mal.

O homem é, em grande medida, criatura das circunstâncias. É moldado e influenciado pelas condições que o cercam. E quão verdadeiro é isto para aqueles cuja natureza interior é constantemente influenciada por inteligências invisíveis! O coração destes sensitivos torna-se muito sensível à dor ou ao prazer. São suscetíveis à mais pequena mudança nas naturezas morais ou afetivas dos que os rodeiam. O seu caráter pode tornar-se mais doce ou mais amargo conforme a atenção ou indiferença que lhes seja dada pelos seus companheiros; e reagem rapidamente à bondade daqueles que os amam.

Tal como uma chama brilhante irradia luz clara através de um vaso de cristal, ou apenas cintila fracamente através de um recipiente opaco, assim o dom luminoso da mediunidade vibra com harmonia e poder através do organismo sensitivo que vive numa atmosfera de amor e paz; mas ressoa de forma incerta e fraca através do filho sensível da Terra que se encontra mergulhado no frio espiritual gerado pela discórdia, indiferença ou desconfiança.

Assim como o amor é a força pela qual os espíritos sábios e elevados governam as esferas — força sentida e reconhecida por todas as classes da sociedade, suprema no seu poder e grandiosa no seu efeito edificante —, assim será também a grande força motriz capaz de subjugar e harmonizar todas as paixões indomadas e todos os corações infelizes da Terra. É a alavanca que elevará a humanidade a um plano mais alto e mais rico de desenvolvimento. É a força que purificará, elevará e aperfeiçoará a mediunidade, conduzindo os seus praticantes a um estado de harmonia, pureza e bondade, capaz de atrair professores benéficos da vida imortal para lhes oferecer orientação.

Não precisamos recear oferecer demasiado livremente a nossa simpatia e afeto a mortais ou espíritos, pois mesmo as almas mais luminosas são iluminadas por tais dádivas, e as mais vis de todas são elevadas e abençoadas por elas.

Médiuns, com a luz que é vossa, com o poder que possuís e nas condições que vos chegam, fazei o vosso melhor! Tornai a vida o mais doce possível; sede tão fiéis quanto souberdes aos vossos conceitos de retidão, e nenhum espírito mau vos fará mal; mas não permitais que a ambição ou o egoísmo

governem as vossas vidas, pois tais motivações indignas dão poder aos impuros que vivem separados da carne para vos incomodar e causar prejuízo.

Reconhecendo o lamentável facto de que milhares de espíritos de mente rude, ignorantes e sem lei passam anualmente da Terra para a “outra vida” — sabendo que entradas constantes se fazem para as classes subdesenvolvidas do mundo espiritual —, a questão não é o que fazer com esses seres ignorantes e carnais, mas sim como travar a poderosa maré de mal que envolve as almas na Terra e que as leva, nas suas ondas, até à margem eterna. Se a marcha de almas não progredidas e não progressistas para o mundo espiritual pudesse ser suspensa, e seres passionais, imprudentes e degradados deixassem de alcançar essa vida, a tarefa seria relativamente leve para as almas zelosas, benevolentes e sábias das esferas superiores realizarem uma obra regeneradora no coração daqueles que já atravessaram.

Sendo o amor a força controladora e a instrução espiritual o poder esclarecedor que estes mestres exaltados empregam, seria apenas uma questão de tempo até que a ignorância, a rebeldia ou o desejo sem lei daqueles que estão sob o seu cuidado protetor se dissolvessem perante a luz desse conhecimento, dessa conceção de verdade e bondade, dessa compreensão dos propósitos da existência que certamente despontaria para eles; enquanto a perspetiva deste mundo terreno, contendo uma humanidade cujos atos fossem todos de bondade, sem nenhum mal ou depravação, inspiraria tais infelizes a imitar aqueles que viam, em pensamentos e esforços para uma vida pura e honrada.

O erro na Terra, o mal no coração dos mortais, não contribuem para o progresso dos espíritos subdesenvolvidos. Aqueles cujo apetite físico e paixões foram cultivados até submergirem a alma num estado de desordem selvagem apenas se confirmam na sua condição imprudente e infeliz ao contemplarem outros na Terra entregues a pecado e iniquidade desenfreados; e, ao olharem mais longe e verem a sociedade, com a sua respeitabilidade, a sua alta dignidade e o seu orgulho moral, indiferente ao erro, à condição servil, à ignorância e à brutalidade das classes criminosas — exceto quando se torna necessário levá-las ao tribunal para se proteger de danos pessoais —, tais espíritos tendem a persistir nos seus maus caminhos e a afundar-se ainda mais no lodo de degradação que pensamentos vingativos e passionais criam.

Segue-se, portanto, que, se a nossa humanidade inferior aqui for purificada das suas impurezas e elevada a uma atmosfera de decência e utilidade, as classes mais baixas “do outro lado” ascenderão proporcionalmente. Mais

ainda: os espíritos subdesenvolvidos tornar-se-ão rapidamente ativos, trabalhadores e elevados de espírito, pois não terão apenas o exemplo da bondade diante de si na Terra, mas também os sábios ensinamentos e ministérios de inteligências exaltadas à sua volta para inspirar os seus esforços; e a visão de almas belas e felizes acima deles, vivendo em paz, será um incentivo para avançarem e fazerem o bem.

Enquanto hordas de espíritos sem lei continuarem a chegar ao mundo espiritual, os mortais terão de esperar ser ocasional ou até frequentemente incomodados ao saber do seu regresso ao contacto com a vida física e alarmados com a ideia do mal que possam causar. O grande remédio para este mal é deixar de nos enviar tais seres ignorantes e infelizes.

Comprometemo-nos a cuidar e a conter todos os seres imprudentes e degradados que já abandonaram os seus corpos físicos, juntamente com aqueles que, já endurecidos no pecado e no crime, possam partir da Terra nos próximos anos — desde que a sociedade terrena aceite não permitir mais novos recrutas para tomar o lugar dos que saem das fileiras da iniquidade e corrupção moral. Bandos e mais bandos de espíritos zelosos estão prontos para assumir esta tarefa em cooperação com os mortais — preparados para cuidar do malfeitor do nosso lado, se vós reformardes e contiverdes o criminoso aí.

Não esperamos que se realize aqui uma obra de redenção nas almas de homens e mulheres manchados pelo pecado; tais devem conhecer os nossos métodos de regeneração antes de poderem ver a luz. Mas afirmamos que a sociedade humana pode impedir a propagação do erro e do mal atendendo às necessidades daqueles que crescem à sua volta em meio à corrupção moral.

Miríades de crianças nascem anualmente na vida mortal como descendentes de pais degradados e ignorantes; esses rebentos da árvore do mal são deixados a crescer no mesmo esgoto moral de onde brotaram, criados na ignorância e rodeados de brutalidade e vício. Não é de admirar que as sementes de estupidez e iniquidade, implantadas nos seus corações antes mesmo de verem a luz do dia, floresçam e germinem, despontando num crescimento visível e assumindo grandes proporções! Não é de admirar que o crime marque cedo tantos dos nossos jovens como suas presas!

A própria humanidade permite esta terrível condição de mal, pois, nesta era esclarecida, quando a humanidade compreende a tendência progressiva da vida e que a depravação total é um monstro da imaginação do passado, quando a educação e a iluminação moral podem ser difundidas tão amplamente quanto o universo, a sociedade ainda negligencia as

necessidades das suas classes mais desamparadas e carentes, deixando-as atoladas na ignorância que as rebaixa muito abaixo do nível dos animais da floresta. Se, então, acusamos a sociedade, com as suas leis, princípios e poderes, de infiel à sua missão, injusta na sua administração e falsa na sua profissão, é porque sentimos profundamente que ela é responsável pela triste condição de erro e loucura humanos que prevalece em todas as grandes comunidades; é porque, enquanto afirma proteger e instruir os seus filhos, é demasiado inclinada a fomentar o orgulho e a aplaudir as posses dos mais avançados, negligenciando e ignorando as necessidades e lutas dos que estão mais baixos na escala da inteligência.

Isto está totalmente errado. O que se exige é um sistema de proteção social que atenda às necessidades de todos. Enquanto as classes mais altas da humanidade forem protegidas, os interesses das mais baixas devem ser cuidadosamente salvaguardados. E isto pode ser feito com sabedoria. Que a sociedade resgate os infelizes descendentes dos degradados dos seus ambientes miseráveis e os coloque sob uma disciplina instrutiva que reprima os instintos brutais da sua natureza e eduque as mais altas faculdades do intelecto e do espírito, e, com o tempo, deixareis de ver hordas de criminosos a devastar as vossas grandes cidades ou a passar, em condição desesperada, para o mundo espiritual.

O amor e a instrução são as forças motoras da regeneração moral no mundo espiritual. As mesmas forças poderosas devem ser manejadas por aqueles que, na Terra, desejam purificar a humanidade e trazer os mal-intencionados para uma condição de retidão e paz.

É preciso oferecer conhecimento à mente, ocupação à mão e simpatia ao coração daqueles que quereis elevar. Que a sociedade estabeleça meios pelos quais os filhos dos sem-lei possam ser acolhidos em lares onde o amor seja o espírito dominante e onde seja dada instrução nos princípios práticos de uma educação sólida; onde se ensinem ofícios e indústrias para que cada aluno aprenda a ser autossuficiente e útil; e onde a excelência moral seja incutida no coração de cada criança.

Que homens sábios e mulheres puras, que amam a humanidade e são zelosos nas boas obras, tomem a direção destas instituições; que não sejam conhecidas como “casas de correção” ou “escolas industriais”, mas como lares de afeto e de utilidade feliz; que os órfãos das ruas sejam postos sob a influência de música edificante, literatura inspiradora, tutela gentil, companheirismo alegre e trabalho útil; e que sejam afastados de todas as condições degradantes que marcaram o seu nascimento. E qual pensais que seria o resultado? Pois bem, se este trabalho fosse fielmente instituído e conduzido com rigor todos os anos com cada criança que surge nos

bairros miseráveis da vida, não demoraria muito até que o crime fosse uma palavra desconhecida no vosso vocabulário.

Aqueles que tinham nascido na iniquidade desabrochariam como membros práticos, inteligentes e cumpridores da lei da humanidade. Os velhos e endurecidos ofensores da pureza e moralidade morreriam e seriam entregues a um tribunal mais elevado do que o da terra. A sociedade encontraria recompensa pelo seu trabalho num estado de segurança como nunca conhecera, e a vida na terra floresceria grandiosamente em paz, prosperidade e honra, tal como esperamos que possa acontecer nas idades douradas que ainda hão de vir.

Cuidai das crianças! oh! vós, sábios que desejais saber como a humanidade pode ser protegida das investidas do mal. Olhai pelos náufragos encalhados no vosso seio pelo poder da iniquidade. Guardai fielmente a cidadela da grandeza moral, educando aqueles que seriam criados na ignorância e na corrupção se não fosse a vossa oportuna proteção. Atacai de imediato a raiz do terrível mal, resgatando os jovens das mãos do crime e colocando-os onde nenhum pensamento de vício penetre nos seus corações. Os vossos orfanatos, as vossas instituições de reabilitação para jovens, as vossas escolas onde são enviados os náufragos da humanidade, não são suficientes, nem estão estabelecidos sobre os princípios corretos.

O seu sistema de educação e de reforma não assenta no amor. O afeto não é o poder governante que comanda o coração de todos os que lá estão para guiar e instruir. O que a sociedade necessita, e o que a humanidade exige, são lares para os desamparados, lugares onde os náufragos sejam acolhidos na infância e nos primeiros anos de vida, onde o amor proteja os seus interesses, a orientação moral desenvolva as suas naturezas espirituais, a educação lhes abra as portas do conhecimento, e o exemplo prático lhes ensine métodos de trabalho industrioso. Acreditamos que um dia este trabalho será concretizado.

Homens de influência e posses, mulheres de refinamento e inteligência, cujos corações pulsam com o desejo de abençoar os seus semelhantes, voltarão a sua atenção para esta direção e, exercendo uma influência sobre a sociedade em geral, pelo exemplo das suas obras unidas ou individuais, levá-la-ão a juntar-se a esta obra que promete um resultado tão grandioso e nobre para a humanidade. E embora olhemos para a educação e cuidado das crianças como o grande poder pelo qual a humanidade se há de aperfeiçoar, de modo algum defendemos o abandono daqueles que estão mergulhados na ignorância ou endurecidos no pecado.

A esses infelizes devemos estender a assistência temporária ou a luz que sintamos poder ser útil para os arrancar da sua condição desgraçada; e

poderá ser que, assim, consigamos ajudar alguma pobre alma a subir para a luz. O exercício do amor nunca é desperdiçado, a transmissão do conhecimento nunca é perdida; estas ações hão de encontrar, a seu tempo, um solo onde crescer e florescer. Portanto, quem cultiva o amor pela humanidade e procura abençoar o seu próximo há de sentir-se mais feliz pela convicção de que é útil no mundo.

A partir da ideia de educação universal, surgem muitas outras ideias e vários métodos de auxiliar este plano de instrução. E, em conexão com este trabalho, quero falar da importância da imprensa espiritual. Grandes verdades são constantemente lançadas por espíritos que regressam, nos corações dos homens. A imprensa espiritual, ao recolher estas verdades e colocá-las perante a atenção das multidões, cumpre uma missão enobrecedora. A humanidade tem estado, por demasiado tempo, imersa nas nuvens da superstição e do erro quanto aos propósitos do ser, ao sentido da vida, aos usos da experiência, à disciplina do trabalho, à condição da existência futura, e às circunstâncias, métodos e interesses vitais da vida imortal.

Espíritos de inteligência, experiência e sabedoria estão prontos para revelar aos mortais o conhecimento destas grandes questões e problemas da vida. Que a imprensa espiritual recolha, organize e divulgue estas lições verdadeiras, e desempenhará um papel importantíssimo na educação da humanidade, preparando nos corações dos seus leitores inteligentes e influentes a aceitação e promoção de um sistema de educação universal que seja especialmente destinado e dirigido às necessidades dos mais humildes e ignorantes.

Quem quer que desempenhe um papel individual nesta obra enobrecedora, tornando-se instrumento para espalhar perante o grande público ignorante (que anseia por conhecimento sobre a imortalidade, os usos da vida, os melhores meios de obter crescimento humano) essas pérolas de sabedoria e verdade recebidas de sábios mestres espirituais; quem fizer uso dessa grande máquina de poder que é a imprensa, para oferecer ao seu semelhante o que os anjos trouxeram à sua vida em forma de instrução, iluminação e elevação, tornar-se-á um benfeitor da sua raça e ajudará no grande plano de instrução — espiritual, moral, industrial e intelectual — que há de salvar a humanidade de todas as condições degradantes e tendências rebaixantes, e fazer do homem um ser “pouco menor do que os anjos”.

Nota.

Ao dar às crianças da terra uma ideia das experiências de almas errantes e uma compreensão do processo de regeneração que o mundo espiritual

proporciona a tais infelizes, parece-me melhor que a verdade vos seja ensinada por um espírito que tenha conhecido a experiência do erro e o consequente sofrimento, e que, pelos méritos do seu próprio esforço, tenha passado das trevas à luz. Pois ninguém pode retratar tão vividamente as experiências de um coração humano como aquele que passou pela sua disciplina. Portanto, apresento-vos agora um espírito que, sob o título significativo de “Fora das Portas”, vos confiará a história das suas próprias experiências espirituais, desde a hora da sua passagem do corpo até ao momento presente.

CAPÍTULO I

A MINHA MORTE

Sou uma mulher. Não de molde mortal, como vós que ledes estas páginas, mas alguém que passou pelas experiências da vida física e comprovou a realidade da imortalidade. Venho contar-vos a minha história de pecado, sofrimento e injustiça, esperando que sirva para dissuadir alguma alma tentada de se afastar do caminho da honra e da retidão. A minha missão é mostrar aos mortais que cada pensamento injusto, cada ato desonesto, cada ação indigna das suas vidas, se escreve em letras de fogo na alma, e que serão precisos muitos longos anos, muitas experiências dolorosas e muitas torrentes de lágrimas amargas para apagar tais marcas.

A história da minha experiência espiritual compõe-se de muitos suspiros, lágrimas de angústia, dor, tristeza e remorso. Oh! que possa ter algum efeito sobre aqueles que pensam em fazer o mal, conduzindo-os para longe do erro do seu pensamento, é a minha sincera prece. No silêncio do meu quarto senti a aproximação da morte. Estava prostrada havia semanas com uma febre baixa e penosa, que queimava o sangue nas minhas veias e consumia o próprio ar que eu respirava; mas, por fim, as chamas tinham-se apagado, apenas para serem substituídas por um cansaço e uma fraqueza mortais.

Amigos dedicados tinham velado junto a mim, mãos carinhosas tinham cuidado de mim, e nada que pudesse contribuir para o meu conforto me tinha sido negado. Mas agora estava sozinha. A enfermeira deitara-se no quarto ao lado, deixando a lamparina de meia-noite acesa sobre a mesinha junto à minha cama. Abri os olhos e contemplei as imagens familiares nas paredes, as peças de mobiliário e os pequenos e elegantes objetos que as mulheres apreciam, oferecidos por amigos que me admiravam. Ah! poderei alguma vez esquecer aquele último olhar sobre coisas que se me tinham tornado queridas pela associação?

De repente, uma terrível sensação apoderou-se de mim; uma escuridão negra e vazia — um terrível Nada — na qual perdi todo o sentido do que era, de quem era e onde estava. Seguiu-se um desfalecimento e uma fraqueza indescritível, mas intensa. Senti-me a afundar, afundar, afundar. Não tinha vontade própria, não tinha força; não queria gritar; sentia que era melhor permanecer em silêncio e enfrentar sozinha a Morte.

Oh! a lembrança daqueles últimos momentos na Terra! como ardem no meu coração como chamas vivas! Todo o passado ergueu-se diante de mim com uma nitidez vívida: vi-me criança, na casa de meu pai, rodeada por uma tropa de irmãos e irmãs, eu, a estranha e silenciosa entre eles, a perplexidade de minha mãe, o orgulho e menina dos olhos de meu pai.

Não me deterei agora para relatar todas as cenas e acontecimentos passados que reapareceram diante de mim naquela hora de prova; alguns serão referidos à medida que a minha narrativa prosseguir; outros estão sepultados para além da ressurreição.

Sabia que estava a morrer e sabia também que não estava preparada para deixar a forma mortal. Não tinha feito o melhor e o máximo da vida. Nem sempre tinha seguido um caminho rigorosamente honesto. Não tinha vivido de tal forma que todo o mundo pudesse olhar para a minha vida secreta e dizer: “Ela é perfeitamente honrada e pura de espírito.” Nunca tinha sido impura — oh, não! Nem o ouro nem a paixão me haviam alguma vez tentado a abandonar a minha virtude feminina, mas não tinha sido totalmente honesta nos meus tratos com os meus semelhantes e, no momento em que o grande véu do futuro estava prestes a levantar-se diante de mim, senti o açoite de um arrependimento inútil que me trespassou como a picada de um escorpião.

Não temia nenhum Deus irado. Não receava os tormentos de nenhum lago de fogo. Fui criada para rejeitar a doutrina da expiação vicária e não tinha crença num dia de julgamento. Era espiritualista, e sabia que o único acusador que a alma encontrará é o da consciência ofendida — o próprio ser ultrajado —, e era esse acusador que me fora chamada a enfrentar.

Sabia então, como sei agora, que as obras do corpo se refletem sobre a alma, e que, se fazemos aquilo que sabemos ser errado, havemos de nos arrepender em lágrimas e angústia.

Não me demorarei sobre aquela última hora na Terra; foi uma de luta, de angústia mental, de dor aguda e amarga. Mas, por fim, terminou, e uma sensação de quietude sonhadora, de calma repousante, sucedeu ao vendaval tempestuoso.

Senti-me a derivar, a derivar como um barco solto em mar aberto, a derivar, a derivar para longe, para longe, e então houve um choque, como se tivesse colidido com algo, e nada mais soube.

Quando abri os olhos, parecia estar no meio de um mar de rostos: à minha visão confusa, todos pareciam iguais, mas, à medida que os sentidos me regressavam, percebi que eram rostos de homens e mulheres, e que alguns eram mais distintos e bem definidos do que outros. Demorei alguns momentos a reparar que muitos desses rostos me eram familiares. Tinha-os conhecido num passado distante, tinha estado associada aos seus donos de algum modo, mas outros eram estranhos e não os conseguia reconhecer.

Os rostos que pareciam envoltos numa nuvem suave eram indistintos; os seus donos não olhavam para mim, aparentemente, mas para algo abaixo de mim. Outros rostos, que eu podia ver mais claramente, também se voltavam para algo que eu ainda não tinha visto.

De repente, senti um arrepio percorrer todas as fibras do meu ser, produzindo um choque que me despertou para uma consciência intensa. Como se uma nuvem tivesse sido levantada diante de mim, vi o que me rodeava. Estava de pé, como que no ar, no centro das duas salas de estar da minha casa terrena; aos meus pés, repousando sobre cavaletes cobertos por um pano fúnebre, estava um caixão — um caixão quase soterrado em flores — e, no seu interior, o corpo sem vida que reconheci como sendo o meu.

Ah! que estranha sensação me percorreu ao contemplar aquela imagem fria como barro encerrada naquele estreito invólucro! Aquilo era eu? Aquilo vivera, amara, pecara e sofrera? Por um momento, senti como se fosse sufocar; mas depois, o pensamento de que aquela era eu, de que esta forma que olhava para o seu duplo marmóreo era o verdadeiro espírito vivo, e de que, quaisquer que fossem as tristezas, dores ou angústias que pudesse ainda conhecer, eu havia alcançado a vida eterna, veio em meu auxílio e acalmou o bater do meu coração.

A sala estava cheia de gente, e eram deles os rostos que me tinham parecido mais nítidos. Alguns eram-me muito queridos: os seus semblantes tinham uma sombra de tristeza que me doía ver; outros eram bons amigos ou simples conhecidos, e outros ainda eram-me estranhos.

De súbito, um som baixo e prateado chegou-me ao ouvido, e as palavras emocionantes: “O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se é certo que com Ele padecemos, para que

também com Ele sejamos glorificados", chegaram aos meus sentidos interiores, caindo dos lábios de uma mulher bela e refinada que estava à cabeceira do caixão. Ouvi com interesse enquanto a oradora prosseguia, extraindo do seu texto lições de esperança e consolo para os enlutados, e provas da imortalidade para aquele que havia deposto a veste de carne diante de nós.

Não me demorarei sobre esta cerimónia, tão estranha e tão instrutiva para mim; os serviços encerraram-se com o cântico daquele hino imortal, "Mais Perto, meu Deus, de Ti", entoado por um coro de vozes mistas, e o cortejo fúnebre encaminhou-se para o cemitério. Fui arrastada como que por uma corrente invisível e, mais uma vez, durante aquele trajeto memorável, senti a sensação de sufoco, a impressão de que estava encerrada naquela caixa, que só com um grande esforço de vontade consegui sacudir, respirando de novo livremente ao perceber que tinha vencido a Morte.

À beira da sepultura, os meus queridos inclinaram-se para beijar a fronte marmórea que lhes era tão cara; e quando aquela que era a sensitiva da família, a doce menina que eu tinha protegido e cuidado com todo o zelo, para que nenhum vento áspero lhe tocasse o espírito delicado, encostou os seus lábios quentes à face desbotada, à testa pálida e aos lábios sem cor da imagem no caixão, senti um choque como o de uma descarga elétrica, que pareceu romper algum cordão invisível que me ligava ao corpo sem vida; um sentido de liberdade, de exultação, percorreu-me, e percebi que o contacto da minha jovem e querida irmã com a forma fria de barro, de algum modo, quebrara o laço que me prendia a ela e me libertara.

Poderia escrever uma história inteira de vida a partir da experiência do coração nestas poucas horas fugazes; mas não tenho tempo para nelas me demorar. Os mortais nunca poderão compreender plenamente o que acontece a um espírito quando nasce para a outra vida até passarem pela mudança. As experiências não são iguais para todos; para mim foram variadas, de agonia e de alegria misturadas, e deixaram uma marca na minha alma que perdurará por eras.

Durante as semanas seguintes, pareceu-me viver em casa com os meus queridos que ainda estavam no corpo; por vezes, não percebia que a minha condição tinha realmente mudado tanto quanto parecia. Parecia natural; eu parecia ser quase a mesma que era antes da doença; só quando ouvia as queridas vozes falando de mim como partida, como alguém que não estava ali, é que me lembrava de que não me podiam ver nem ouvir.

Nesses dias, não estava completamente feliz, nem miserável. A vida corria mais como um sonho do que como uma realidade. Interessava-me pelas ocupações e prazeres dos meus amigos, e procurava fazê-los compreender

o que sentia por eles. Duas vezes, dei uma pequena prova da minha presença à minha família. A minha delicada irmã Lilian, que era o nosso médium, caiu em transe, e, através dos seus lábios, falei palavras de saudação, de amor e de recordação.

Mas, por alguma razão, não me foi permitido dar muitas informações sobre a minha mudança. Não podia dizer nada sobre o mundo espiritual; não o tinha visto. Não me apetecia falar de mim mesma, pois havia uma dor a arder no meu coração que não desaparecia e parecia persistir como resquício daquela dolorosa experiência que tivera, quando as memórias, os incidentes e os acontecimentos da minha vida se ergueram diante de mim nos meus últimos momentos na Terra. Por isso, diziam: “Ela ainda está fraca; não pode dizer muito agora; mas, mais tarde, há de contar-nos muitas coisas.”

Um dia, a minha mãe e a minha irmã estavam no quarto que fora meu. Estavam a ver as minhas coisas e a separar os pequenos objetos que me tinham sido caros. “Isto”, disse a minha mãe, pegando numa joia que eu usara, “tu deves usar, Lily; acho que ela gostaria que a tivesses.” Isso agradou-me; e fiquei interessada, à medida que, uma a uma, as peças de joalharia ou objetos decorativos eram examinados e arrumados. Mas, de repente, apercebi-me de que já não teria, naquela casa, o mesmo lugar que tivera. As minhas posses pessoais, que continham o meu magnetismo, estavam a ser distribuídas e dispersas. O que tinha sido o meu quarto privado seria alterado no seu mobiliário e ocupado por outra pessoa.

Ir-me-iam eles riscar também dos seus corações e das suas vidas, da mesma forma? Uma grande agonia de medo apoderou-se de mim ao pensar nisso, e sofri um ano de tristeza num instante. Eu sabia que eles me amariam sempre; mas os anos que passassem haviam de atenuar a sua dor e fazer com que a minha imagem se fosse esbatendo gradualmente da sua lembrança.

Eram espiritualistas e iriam procurar encontros comigo, e ficariam contentes em saudar-me; mas será que eu seria sempre para eles o que era agora? O meu pensamento era egoísta; e desde então aprendi que era também um pensamento tolo. O coração humano nunca esquece, nem deixa de amar, os seus. Mas eu tinha-os amado tanto, tinha feito sacrifícios por eles, tinha violado a minha consciência para que tivessem mais conforto, que a ideia de que me pudessem afastar de si era intolerável.

CAPÍTULO II

A AFLIÇÃO DE UM ESPÍRITO

Durante anos, a minha tinha sido uma vida ativa. Filha de pais pobres e trabalhadores, sendo uma das mais velhas de um grande grupo de filhos, sentira ser meu dever fazer o que pudesse para ajudar no orçamento familiar. A minha saúde nunca fora muito robusta, e não podia trabalhar tanto tempo quanto queria; por isso, durante muito tempo, os meus ganhos foram modestos, embora, pela gestão cuidadosa da minha mãe, rendessem surpreendentemente e ajudassem a manter o lobo afastado da porta.

Com o tempo, vieram mudanças à nossa família. Dois dos seus membros partiram para os seus próprios caminhos; um dos mais pequeninos morreu — e foi através da sua influência amorosa que os poderes mediúnicos da minha irmã Lilian se desenvolveram, e a nossa família se convenceu da verdade do Espiritualismo. Daisy, o nosso mimo de cinco anos, era a mais próxima em idade de Lily; e quando a pequena partiu, encontrou o caminho de volta até à sua amada companheira de brincadeiras, e depressa conseguiu fazer com que esta a ouvisse, a visse e soubesse que ela estava ali.

Apareceu-me então uma oportunidade que parecia prometer a possibilidade de conduzir um negócio bem-sucedido, um que me daria meios para suprir as necessidades e os confortos daqueles que eu amava. Entrei nele com entusiasmo e diligência, pedindo aos bons espíritos que me ajudassem no empreendimento e esperando os melhores resultados da minha aposta.

Mas, ai de mim! os resultados do meu trabalho não corresponderam às minhas expectativas. Descobri que não poderia ter sucesso por um caminho puramente honesto; ocorreu-me um esquema pelo qual poderia manter o meu negócio, ser vista como uma mulher inteligente e empreendedora, e ganhar o suficiente para ajudar os meus entes queridos e sustentar-me confortavelmente.

Não cedi logo à tentação; lutei contra ela dia e noite; combati-a durante algum tempo; o conflito minava-me; os amigos diziam: “Estás com um ar doente”; os pais comentavam: “É preciso tratá-la; ela não está bem”; mas eu apenas sorria diante dos receios deles, até que, com o coração quase partido, sucumbi à tentação e entrei num caminho de erro sistemático.

Como já disse, nunca fui impura e sempre permaneci fiel à minha honra de mulher. As persuasões e insinuações de homens depravados nunca chegaram aos meus ouvidos; e, se tivessem chegado, eu tê-los-ia repelido com desprezo. Nunca tive negócios com mulheres impuras ou homens desonestos. O meu negócio era legítimo; não era jogadora, nem

especuladora da bolsa. Não tirei a ninguém pobre o fruto do seu trabalho árduo. Compadecia-me dos pobres e procurava ajudá-los sempre que podia.

Perguntarão qual era o meu ofício; não posso revelar a sua natureza, nem vos darei o meu verdadeiro nome, pois há na Terra pessoas que amo e que poderiam reconhecer a minha história e ficar para sempre magoadas com este relato de aflição; podem chamar-me “Marah”, pois bebi profundamente no poço da amargura.

Existem ocupações a que as mulheres podem dedicar-se, tal como os homens — ocupações que requerem inteligência, boa gestão e cálculo astuto para terem êxito — e que são consideradas respeitáveis aos olhos da lei e aprovadas pelo patrocínio do público. Tal era o meu negócio na Terra; e, se o tivesse conduzido estritamente dentro dos princípios de honestidade para com os meus clientes, não teria sofrido as horas de remorso que sobre mim se abateram.

Mas, sendo fiel a mim mesma, não conseguia atrair o favor do público; não podia dar aos clientes tudo o que exigiam; o meu capital era suficiente para me manter, mas não podia aumentá-lo sem recorrer a falsas representações e a práticas desonestas, e, numa hora infeliz, entrei nesse caminho de desonra.

Não percorri esse caminho com espírito despreocupado ou satisfeito; muitas vezes me assaltava o desejo de me libertar de toda a prova e tentação. Por várias vezes resolvi erguer-me acima disso e abandonar o negócio que me roubava a paz de espírito. Mais de uma vez cheguei a contemplar o fim da minha vida, antes que permanecer acorrentada às cadeias do erro; mas a ideia da dor e da vergonha que tal ato causaria aos meus entes queridos deteve-me. Assim, os anos foram passando.

Permaneci no meu posto e continuei a viver com os meus pais e irmãos. Não tinha vontade de os deixar; o único homem que amara morrera quando eu tinha vinte e um anos. Foi um golpe terrível quando mo levaram; ele era o meu ídolo, o meu único amor; eu poderia ter morrido então também. Mas não, vivi para uma vida de dor e arrependimento.

As minhas perplexidades e tristezas não as contei a ninguém. Não quis que nenhum amigo partilhasse o segredo do meu pecado, e carreguei-o sozinha. Sabia que os anjos entendiam tudo; se me tinham mais piedade ou mais condenavam, não podia saber.

Durante os anos dessa vida, uma das minhas irmãs casou e foi para a sua própria casa. Um irmão entrou para o mundo dos negócios e pôde contribuir um pouco para o sustento da família; outro seguiu uma profissão que o

afastou de casa por algum tempo, mas que lhe prometia, no regresso, uma boa posição. Assim, o peso das necessidades familiares foi-se tornando menos pesado para mim.

O meu pai nunca fora um homem robusto, e os efeitos de uma saúde debilitada começaram a manifestar-se. Embora fosse um dos mais ternos pais e dos homens mais atenciosos, tinha o hábito infeliz de beber bebidas alcoólicas; e esta maldição pendia como um manto sombrio sobre a sua jovem família ao longo de toda a vida. A minha mãe, uma mulher nobre e abnegada, era uma das santas da Terra e, de todas as formas possíveis, procurava erguer e abençoar o marido, e confortar e instruir os filhos.

Já vos disse o suficiente da minha vida terrena para compreenderdes como a lembrança do seu registo me havia de atormentar depois de deixar o corpo, e, portanto, não me demorarei mais sobre a sua história. Continuei na casa de minha mãe durante algumas semanas após a minha morte física, mas, como já disse, a minha fora uma vida ocupada; e essa inatividade de mente e corpo — pois eu tinha consciência de possuir um corpo tangível, de aparência material — tornou-se-me depressa aborrecida.

Ouvir os lamentos da minha mãe pela filha, os planos das minhas irmãs, ou até dar-me a conhecer a elas de vez em quando, não me trazia contentamento nem satisfação. Queria ter algo para fazer, mas não podia sair para a atmosfera onde havia vida, movimento e trabalho, nem sequer descer ao escritório onde passara os meus dias em atividade e em práticas desonestas.

Um dia, a minha mãe parecia chorar por mim com mais intensidade do que nunca. Estivera a dividir as madeixas de cabelo cortadas da minha cabeça entre as minhas irmãs, guardando uma trança castanha para si. “Não chores assim, mamã”, disse-lhe a minha irmã Lily; “é pecado; ela está feliz agora, e não devemos querer tê-la de volta. Querida irmã! era tão boa para toda a gente, acho que o mundo inteiro a amava.

Sentimos que não podemos prescindir dela, mas temos de o fazer. Ela foi para a sua recompensa por todo o seu carinho para connosco. Merece toda a glória, a grandeza e a alegria que lhe possam chegar, e eu sei que são dela — era tão nobre, tão pura e tão altruísta.”

Se um ferro em brasa me tivesse caído em cima, não teria sobressaltado mais do que ao ouvir aquelas palavras da minha inocente irmã. Trespassaram-me como uma adaga. Eu, feliz agora! Eu, a merecer alegria, grandeza e glória! Eu, nobre, pura e altruísta! Eu, que vivera uma mentira, aparentando ser o que não era; enganando todos com quem me relacionava! Oh, Deus! a lembrança do que tinha feito queimava-me na

alma; gritei em agonia e, cobrindo o rosto com a ponta da minha túnica, dei um salto poderoso e saí da sala e da casa.

Não sei quanto tempo, nem que distância, percorri; mas, de repente, arranquei o pano do rosto e olhei em volta. Ofegava de emoção e sentia como se fosse sufocar. Não fosse eu saber que, por maior que fosse o sofrimento de um espírito, ele não podia morrer, teria pensado que o fim de todas as coisas para mim estava próximo.

Encontrava-me num lugar estranho, que nunca tinha visitado; à minha volta e sobre mim acumulavam-se sombras, como se o cair da noite se aproximasse rapidamente. O ar parecia carregado de humidade, como se estivesse prestes a chover. O lugar era árido; não via árvore, nem arbusto, nem casa, nem ser humano. Tudo era desolado e deserto. Eu tinha desejado ficar só; ao fugir do único lar que conhecera, a minha intenção era afastar-me de todos e de tudo; e o meu desejo cumprira-se — em todo o vasto universo, estava absolutamente só.

Caí, espantada e aturdida. A solidão impunha-me respeito; interrogava-me sobre onde estaria. Ter-me-ia Deus abandonado? Estaria eu condenada para sempre a esta desolação? Mas, de imediato, um sentido do passado caiu sobre mim. Então percebi que não estava só; a atmosfera parecia povoada de acusadores, cujas vozes soavam altas e claras.

Sabia que não eram senão os meus pensamentos, falando em tons de vingança sobre os erros que eu cometera, dizendo-me aquilo que eu sempre soubera: que era muito pior, para mim, cometer pecado do que para alguém ignorante das leis do bem e das penas da sua transgressão, pois eu fora instruída sobre os efeitos certos que seguem os atos da vida humana.

Mas, embora fossem apenas os meus pensamentos a falar, eram tão audíveis como o grito de vozes humanas poderia ser. Percebi que, por mais que lutasse, nunca poderia fugir de mim mesma, e que, portanto, nunca estaria só. No meio de um deserto, a minha consciência far-me-ia companhia; e tanto valia estar cercada por multidões de pessoas como estar rodeada pelas memórias e vozes do passado.

Entrei num estado de semi-inconsciência, de que despertei passados instantes, apenas para perceber que a escuridão se transformara agora numa penumbra cinzenta e vaporosa, na qual podia ver formas de homens e mulheres movendo-se de um lado para o outro. Os rostos de alguns eram tristes e voltados para o lado, como se o cuidado e a dor lhes enchessem o coração. Outros pareciam ousados e desafiadores, e outros ainda mostravam apenas vestígios de indiferença ou de alegria descuidada. Ao erguer-me, notei que as vestes de todas estas pessoas eram cinzentas, de

cor baça ou negras. Olhei para as minhas próprias roupas e vi-as de tom sombrio. Envolvi-me nos seus pregueados escuros para que não me vissem o rosto, pois, embora quisesse saber que espécie de lugar era aquele, não tinha desejo de ser observada ou reconhecida.

Ainda assim, não vi qualquer vestígio de vegetação ou habitação humana. Parecia tratar-se de uma vasta faixa de — quê? — dificilmente terra, pois não via nem sentia solo algum, embora os meus pés assentassem firmemente sobre algo que, quando olhei, pareceu ser uma massa de vapor cinzento; parte do universo, certamente, mas o que era, não podia dizer.

Abaixo, e não muito longe daquele lugar, vi o que reconheci como sendo a vossa Terra e, ao contemplá-la, a minha visão tornou-se mais nítida e identifiquei as torres e cúpulas da cidade onde vivera, e depois as suas ruas e casas, e, por fim, a própria casa onde os meus pais moravam. Afinal, não estava assim tão longe de casa; — mas o que era aquilo, um pouco além e acima de mim, que brilhava tão belamente através das sombras?

Ao voltar-me e olhar nessa direção, percebi que o brilho ao longe se estendia como uma muralha de luz até onde a vista alcançava. Não era de substância sólida, mas parecia etéreo, como as nuvens ondulantes de um pôr do sol esplêndido, e cintilava e resplandecia com as belas cores do arco-íris.

Depressa percebi onde estava: no território fronteiriço entre os mundos espiritual e material. Eu, um espírito, com condições terrenas, não podia habitar nem na Terra nem no Céu. Que pensamento! E então soube que aquela faixa de luz era o maravilhoso portão para a vida celestial, e eu, embora banida do estado mortal, encontrava-me ainda fora dos portões!

CAPÍTULO III

A PENITENTE

Fora dos portões! Como essa convicção assentou sobre o meu espírito como um peso de trevas! Abaixo estava o mundo material, com os seus trabalhos, as suas lutas e os seus conflitos; aqui, um deserto morto, vazio, sem nada que alegrasse ou despertasse o ser; lá, havia luz, paz, felicidade e repouso celestial. Lá, para além daquela muralha de beleza, vivia o meu ídolo, o amado que, em todas as minhas horas sombrias, nunca esquecera. Lá também estava a minha pequena e pura Daisy, e outros entes queridos que eu chorara quando se tinham desprendido do laço terreno.

E eu não podia ir até eles: estava-me vedada a visão dos seus doces rostos e da terra celestial; e, embora o meu coração definhasse pelo reencontro,

não encontrava entrada para o glorioso mundo dos anjos. Na minha dor, questionei loucamente porque não podia encontrar os meus amores e ficar em paz; e uma das vozes da minha alma respondeu: “Nunca, até que recuperes o respeito por ti própria, poderás encontrar o caminho celestial, ou contemplar os rostos dos imortais que vivem na pureza e na paz.”

Inclinei a cabeça em submissão e andei de um lado para o outro, o mais perto que podia da faixa de luz. Não prestei atenção nem dei importância a nenhum dos meus companheiros de jornada. Se sobre mim se lançaram olhares curiosos, não dei por isso. Com a cabeça inclinada e o olhar baixo, as vestes negras arrastando atrás de mim, e mergulhada nos meus próprios pensamentos de remorso, passei adiante, sem reconhecer os rostos em volta nem notar a passagem do tempo.

Hoje sei que uma alma humana pode suportar uma eternidade de experiência numa hora de angústia. Não que o meu sofrimento durasse apenas uma hora, mas já vi espíritos sofrerem de tal forma que parecia que eras tinham passado sobre eles num instante. Oh! que faria eu? O que me devolveria a inocência pura de coração que fora minha antes de entrar no caminho do pecado? Estas eram as perguntas que eu me fazia; como poderia ultrapassar aqueles portões de aurora? Nunca poderia regressar à Terra e revelar o meu sofrimento e os meus erros aos queridos que lá tinha. O quê! Torturar-lhes o coração com o conhecimento de como os enganara? Nunca! ainda que dez mil tormentos me esperassem.

No meio das minhas terríveis cogitações, ouvi um som, e uma voz, acima de mim, disse: “Encontrarás alívio no trabalho. Trabalha pelos teus semelhantes. Há, à tua volta, quem precise do teu conselho e da tua simpatia. Fala-lhes com encorajamento; isso fortalecer-te-á. Volta à Terra e conta a tua história; ela dissuadirá outros de seguir pelo caminho errado. Esquece-te de ti mesma, ocupando-te dos outros, e recuperarás tudo o que julgas perdido.”

Oh! Como o som de uma harpa eólica, as palavras caíram em acentos prateados sobre a minha alma e, olhando para cima, vislumbrei um rosto radiante a sorrir-me através da muralha de luz; mas, quando desapareceu, as nuvens voltaram a fechar-se sobre mim, e enrolei as pregas sombrias da minha túnica à volta da cabeça e segui em frente, mais infeliz do que antes.

Agora sei que estive nesse estado de infelicidade durante meses, embora então me parecesse que eras eternas se desenrolavam sobre mim. Continuei o meu caminho, imersa no meu pesar, até que, por fim, comecei a notar o sentido de um som que, havia algum tempo, caía sem que eu lhe prestasse atenção aos ouvidos, e percebi que era o baixo e choroso lamento de uma voz de mulher. À medida que comecei a compreender a

tristeza daquele tom, um sentimento de compaixão apoderou-se de mim. Seria possível que alguém pudesse estar tão infeliz quanto eu?

Afastei o véu do rosto e olhei em volta, e ali, caminhando de um lado para o outro como eu, vi uma jovem e bela mulher, que soluçava como se a alma lhe fosse rasgar ao meio. Nos braços, segurava uma criança roliça e de covinhas, sobre a qual se inclinava, numa agonia de lágrimas. Céus! pensei, uma criança — um anjinho inocente do céu — neste lugar lúgubre e desolado! Que poderia significar aquilo? Aproximei-me da rapariga — não poderia ter mais de vinte anos — e toquei-lhe no braço. Ela afastou-se de mim, mas não a deixei fugir.

— Não tenhas medo — disse-lhe eu —, sou uma irmã na desgraça. Não te farei mal; talvez até te possa fazer bem.

— Oh! quem és tu? — soluçou, voltando para mim o rosto marcado pelas lágrimas. — Falas com bondade, mas não me podes ajudar; ninguém pode. Tenho o meu castigo para suportar sozinha. Por favor, deixa-me. Não quero ninguém.

— Sou como tu, alguém que sofreu profundamente — respondi. — Talvez não possa ajudar-te de forma prática, mas posso dar-te a minha simpatia. Anda, conta-me a tua mágoa; aliviar-te-á confiar a alguém que é amiga, e ao menos isso posso ser.

Ela hesitou por um momento e, depois, como se a perspetiva de partilhar as suas dores fosse-lhe agradável, apertou o filho com mais força contra o peito e começou a relatar, com voz apressada e entrecortada de lágrimas, a sua história de aflição. O pequenino nos seus braços balbuciava suavemente, aninhando-se com amor inocente e confiança no coração da mãe, num gesto de beleza comovente.

Com suaves persuasões e garantias da minha sincera atenção por ela e pelo filho, consegui que a pobre rapariga me contasse toda a sua vida. De vez em quando, era interrompida por soluços pungentes, que por momentos lhe cortavam a fala; mas logo se recompunha e prosseguia o relato. Assim soube que fora a filha idolatrada de uma viúva pobre, mas refinada, cujo marido morrera cerca de três anos após o casamento, deixando-lhe esta filha com apenas dois anos de idade. Com dedicação ao seu ofício de professora de música e de canto, a mãe conseguira suprir as necessidades de ambas e educar a filha com cultura e requinte.

— Nunca me faltou nada que a mamã pudesse dar-me — disse a jovem a chorar. — Deu-me as melhores oportunidades de uma educação liberal que o lugar permitia. Privou-se das comodidades da vida para que eu pudesse entrar na sociedade tão bem preparada e tão bem vestida como as filhas

dos nossos vizinhos mais ricos. Amava-me devotamente, e eu retribuí esse amor com ingratidão de filha.

— A minha mãe era organista na nossa comunidade unitarista — prosseguiu, após nova crise de lágrimas — e, sob a sua orientação, tornei-me suficientemente competente no canto para ser considerada apta para a posição de primeira soprano no coro. O nosso tenor era um homem bonito, com cerca de trinta anos, quando o conheci, há cerca de dois anos. O seu cabelo e barba negros, os olhos escuros e as faces rosadas, a postura ereta e a imponência da sua presença conquistaram a admiração de todos na congregação, enquanto o seu canto divino o tornava quase adorado por mim e pela minha mãe.

A jovem prosseguiu contando que, pouco a pouco, passou a ser hábito este "Adónis" visitar a sua casa várias vezes por semana, para praticar canto com ela e com a mãe — que possuía um contralto rico que dava profundidade e harmonia à suavidade das outras vozes. E, depressa, era com impaciência e alegria que as duas aguardavam a chegada do atraente tenor.

Mas para quê prolongar a história? Pouco a pouco, a intimidade cresceu, até que a terrível realidade surgiu: a rapariga iria assumir, em breve, as responsabilidades da maternidade. De rosto pálido e coração oprimido, procurou o seu amante, contou-lhe o segredo e implorou-lhe que restaurasse a sua honra. Ele acalmou-a com carícias e promessas de um casamento imediato; mas, no dia seguinte, soube-se que partira da cidade para destino desconhecido.

Enlouquecida com a vergonha e a traição, reuniu as joias e o pouco dinheiro que possuía e fugiu de casa. Viajou sem destino certo, tão depressa quanto o comboio a levava, durante três dias, até ser deixada numa estação rural, sozinha e sem recursos.

Não posso descrever o que ela viveu nos seis meses seguintes; só a emoção da sua voz poderia transmitir a profundidade e o sofrimento dessas experiências. O seu conhecimento de música permitiu-lhe ganhar a vida de forma modesta até ao nascimento do filho — um menino precioso, de cabelos negros e encaracolados e olhos escuros. Depois, as forças abandonaram-na; as pequenas economias de meses esgotaram-se; vendeu as joias; e, por fim, fraca e cansada, viu-se sem um tostão e abandonada.

— O meu castigo é justo — lamentou —; enganei a minha mãe; talvez a tenha matado com as minhas ações; nunca mais poderia erguer a cabeça depois da minha desonra. Pobre mamã! era tão orgulhosa da sua Lettie!

Desesperada, conseguiu, por fim, papel e tinta, e escreveu uma longa carta à mãe, confessando toda a culpa e suplicando perdão. Entregou-a a uma mulher da vila, que lhe mostrara alguma bondade depois que a sua desgraça se tornara pública, pedindo-lhe que a enviasse para o endereço no sobrescrito.

— Nessa noite — disse —, parti para o rio com o meu bebé nos braços. Apertei-o contra mim e, com uma prece de perdão, atirei-me à água. Após alguns instantes de agonia, perdi os sentidos e, quando abri os olhos, estava aqui! — e, com um gesto de desespero, passou a mão pela escuridão do lugar.

— E por que estás aqui? — perguntei. — Foste mais vítima do que culpada. Haverá um Deus justo que permita tais coisas? Por que não está aqui, ou em lugar ainda pior, o miserável que te causou tudo isto, em vez de tu, minha pobre criança?

— Cala-te! — exclamou. — Não o acuses; ele é o meu querido; amo-o ainda, e, para o poupar a um sofrimento como o meu, caminharia com os pés descalços sobre pedras incandescentes para o avisar de fugir do perigo. Se me tivesse arrependido do meu pecado e tivesse força para viver até Deus me chamar, talvez fosse diferente; mas deixei-me dominar pelo desespero e tirei a minha vida, roubando também a do meu filho inocente.

Nunca poderei esquecer; e, quando parece que poderia sair daqui para um lugar mais ameno, a lembrança do que fiz surge diante de mim e abate-me, condenando-me. Não sou digna de viver num lugar mais santo do que este. Mas é tão terrível! Os que aqui estão parecem tão sombrios e infelizes, ou tão grosseiros e indiferentes, que me assustam. Mas pior do que tudo é pensar que o meu filho tem de estar num ambiente assim, em vez de estar no céu, onde pertence.

A criança, como que entendendo o lamento da mãe, ergueu a pequena mão e acariciou-lhe o rosto e, com um sorriso satisfeito, aninhou-se ainda mais no seu peito. Ah! pobre mulher! Mal se dava conta, então, de que o pequenino encontrava o seu céu nos braços amorosos que o envolviam.

— Se ao menos pudesse chegar à minha mãe! — lamentou Lettie. — Tenho a certeza de que conseguiria o seu perdão. Por entre toda a dor da minha vida, sinto que ela me chama. Passa os dias na angústia, as noites em lágrimas; não encontra descanso, tenho a certeza. A sua cabeça está curvada até ao pó, e fui eu que lhe causei toda esta dor. Oh! se pudesse alcançá-la!

Então percebi qual era o meu trabalho: ensinar a esta criança a possibilidade da comunhão espiritual com a Terra, o poder do regresso dos

espíritos e a sua influência sobre a matéria; e, com palavras suaves, atraí-a para os meus braços e contei-lhe a maravilhosa história de como espíritos, felizes ou infelizes, podiam encontrar o caminho de volta aos cenários terrenos e, segundo certas leis, demonstrar a sua presença aos amigos que choram por eles.

Ela ouviu-me com um entusiasmo de olhos arregalados e respiração ansiosa.
— Vamos — disse-lhe eu —, conheço o caminho; vamos deixar este lugar. Pensa na tua mãe e na sua casa, e depressa lá estaremos.
Concentrando o pensamento no lugar que desejávamos alcançar, sentimos que nos elevávamos e flutuávamos no ar. Poucos momentos depois, percebi que estávamos num aposento pertencente a uma morada terrena. Estava mobiliado com simplicidade, mas com evidente refinamento.

No centro, junto a uma mesa coberta de livros, estava sentada uma senhora de cabeça inclinada e mãos entrelaçadas — o retrato da dor e da desolação. Não teria mais de quarenta anos, e o rosto, outrora belo, trazia agora sulcos de sofrimento. Bastou-me um olhar para compreender que ali estava a mãe de Lettie, pois a semelhança entre ambas era demasiado grande para permitir engano.

Com um grito lancinante, a minha companheira soltou-se de mim e lançou-se aos pés daquela figura abatida. Arranquei-lhe o filho dos braços e, apertando-o contra o meu peito, fiquei a assistir, com profunda emoção, à cena que se desenrolava. Quando o espírito abraçou os pés da mortal, um arrepio percorreu-lhe o corpo, e um grito de dor escapou-lhe dos lábios; ergueu a cabeça e olhou, assustada, em redor do aposento.

Uma influência suave e doce encheu a sala; senti-a vibrar em cada fibra do meu ser. Enquanto a senhora continuava a olhar e o espírito ajoelhado se agarrava às suas vestes, uma luz suave e quente foi-se infiltrando pela penumbra do entardecer invernal, inundando o aposento com um fulgor indescritível. No centro, começou a delinear-se a forma humana e, num instante, distingui as feições de um belo e imponente espírito masculino, com as mãos erguidas em bênção sobre as duas mulheres.

A filha penitente permanecia ajoelhada aos pés da mãe, mergulhada numa agonia de amor e súplica. A mulher mortal olhava em volta, dominada pelo assombro, enquanto eu, de pé, com o bebé ao colo, permanecia imóvel. A sensação era estranha: sentia como se toda a minha força vital estivesse a ser drenada pela única habitante terrena do local. Pouco depois, tornou-se claro que ela percebia a glória da cena e reconhecia a figura masculina. Ergueu-se de repente, num sobressalto, e, pálida, trémula, com as mãos estendidas e a voz trémula, exclamou:

— George! George! voltaste do céu para me consolar! Oh, meu Deus, eu Te agradeço!

O espírito sorriu com uma doçura inexprimível e fez-lhe sinal para se aproximar; mas ela permaneceu imóvel, apenas contemplando, com um amor imenso no olhar. Voltando-se para a jovem ajoelhada, ele fez um leve gesto e, como se fosse puxada por fios invisíveis, Lettie levantou-se e correu para os seus braços, ficando envolvida no seu abraço afetuoso. Depois, olhando para mim, fez-me um sinal que compreendi; aproximei-me e coloquei-lhe a criança nos braços. Afastei-me então, continuando a observar a cena com o mesmo interesse intenso.

Que quadro familiar! A esposa e mãe, triste e vestida de luto, a única mortal presente, contemplava uma visão espiritual onde via o marido, há muito chorado como morto, diante dela, com um braço a envolver a filha perdida, agora arrependida, e o outro a segurar a criança que, no íntimo, sabia ser seu neto.

Por algum tempo ficou a olhar, mas, vencida pela emoção, caiu na cadeira, exausta. A visão desvaneceu-se e ela pareceu voltar a estar sozinha com as próprias recordações. Mas não estava só, pois os espíritos reunidos sob aquele teto permaneceram junto dela até a luz da manhã entrar pelas janelas sem cortinas.

Durante toda a noite velámos ao seu lado; ela permaneceu num estado semi-magnético, mantido pela poderosa influência do marido espiritual. Pensamentos de paz e serenidade flutuavam-lhe no coração, e uma sensação de repouso apoderava-se do seu corpo. Soube, pelo espírito mais velho, que ele fora o guardião da esposa e da filha durante anos; que velara pela filha nos momentos de perigo e que, embora incapaz de a salvar da queda, não deixara de a acompanhar, invisível e desconhecido, em todas as suas dores; e que, doravante, poderia auxiliá-la no trabalho de fazer o bem à humanidade.

— E — acrescentou —, a ti, querida senhora, devo muito do que ocorreu esta noite. Foste tu quem deu à minha filha simpatia e amor suficientes para que ela te abrisse o coração. Se eu me tivesse aproximado, teria recuado assustada; mas a ti, irmã em sofrimento, pôde confiar-se. Foste tu quem lhe falou do regresso dos espíritos e a conduziste até à casa da mãe. E foi o teu poder mediúnico, fluindo do teu organismo para o dela, que permitiu à minha amada esposa ver e reconhecer a família perdida, agora reunida. Pelo bem que fizeste esta noite, muitos outros serão beneficiados; pois a mediunidade que aqui começou irá expandir-se e tornar-se um dom útil e benéfico. Seja qual for a tua dor ou o teu erro, não sei; mas neste ato de amor desinteressado expiaste tudo.

Ao ouvir estas palavras, senti-me tomada por uma mistura de dor, humildade e surpresa — dor pela lembrança do que eu fora, humildade por receber tal elogio de alguém tão luminoso e surpresa pelo facto de um gesto tão simples de atenção ter produzido resultados tão profundos.

Quando a luz da manhã dourou o céu, despedi-me dos meus companheiros e saí, sentindo que a minha missão ali terminara. Deixei-os ainda junto da esposa e mãe, que despertava com nova energia para os deveres diários. Para onde iria agora? Devia regressar ao meu antigo lar terreno e voltar a viver entre aqueles que amava? Não! já não precisavam de mim e nada havia a fazer ali. Voltaria àquela misteriosa fronteira de onde viera, pois, evidentemente, era esse o meu lugar.

CAPÍTULO IV

ESPÍRITOS NAS TREVAS

Encontrei-me de novo fora das muralhas celestiais, que agora brilhavam com mais beleza e luz do que antes; o ar à minha volta parecia menos pesado e denso, e respirava com mais facilidade. Sentia-me — não exatamente em paz ou contente —, mas menos desesperada do que antes, e reparei que as minhas vestes, que antes eram negras como luto, agora tinham um tom azul-escuro. Ainda assim, envolvi-me nelas, pois não estava pronta para mostrar o rosto aos outros viajantes, nem para tomar um interesse geral pelo seu destino.

Olhando de novo para os portões dourados, o meu coração voltou a ansiar pela entrada; e uma profunda tristeza pela minha indignidade em penetrar na terra que ficava além encheu-me o ser. Caminhava, de novo, de cabeça baixa e coração pesado, mas agora, por vezes, erguia o olhar e observava aqueles que passavam apressados ou que se sentavam em atitudes sombrias, de desespero ou de abandono; pois, desde a minha experiência com Lettie, nunca mais poderia ser totalmente indiferente às dores dos outros.

Foi então que me chamou a atenção uma jovem mulher, de rosto duro e expressão fechada, que permanecia sempre no mesmo lugar, encolhida como para se esconder. Normalmente, o seu semblante mostrava uma expressão de desafio e indiferença que afastava qualquer aproximação; mas, por duas vezes, notei uma sombra mais suave, como se amor, arrependimento ou outra emoção espiritual trabalhasse no seu íntimo. Movida pelo seu ar tão perdido e sem esperança, resolvi tentar falar-lhe e aproximei-me.

A sua aparência era tão repelente e ameaçadora, quando me encarou, que recuei assustada e limitei-me a dizer:
— Pobre mulher, tenho pena de ti! Se puder ajudar-te, diz-me; também eu sofro e sei como ter compaixão.

Afastei-me, deixando-a sozinha.

Mas, depois de ter falado com aquela criatura, não consegui descansar sem tentar de novo oferecer-lhe algum consolo. Após muitas tentativas frustradas e recusas, ela acabou por desfazer-se em gemidos e lamentos, e, encolhendo-se aos meus pés como um animal ferido, contou-me a sua história.

Nunca esquecerei o choque de horror, dor e medo que senti ao ouvir aquele relato terrível. Não posso contar todos os seus pormenores. Aquela mulher fora uma prostituta de rua. Durante anos vivera uma vida de vergonha e, pior ainda do que vender o próprio corpo por paixão ou por ouro, fora responsável por levar outras mulheres a perderem a virtude e o respeito por si mesmas. Viveu nesse horror até que, um dia, foi confrontada pelo ciúme furioso de um homem a quem prometera fidelidade e que, sem lhe dar tempo para se explicar, a golpeou, deixando-a no chão, e fugiu.

A mulher agonizou durante uma semana antes de o espírito se libertar da prisão da dor. O homem foi preso, julgado e condenado por homicídio involuntário, e sentenciado a prisão perpétua.

Esta era a essência daquele terrível relato, do qual recuei, pois a sua narração caía sobre a minha alma como uma chama ardente que me queimava e ressequía. Mas a pobre mulher continuou:

— Fui uma criatura vil, vil, amaldiçoada por Deus e pelos homens, e odiada até pelos que me rodeavam; mas houve momentos em que quis fazer o bem e tentei ser boa, mas não consegui. Uma vez fui a um lugar estranho e tentei arranjar trabalho honesto; mas as pessoas olhavam para mim com desconfiança e ninguém me queria empregar — e então amaldiçoei-os a todos e voltei ao único meio que tinha para ganhar o meu pão. Nem sempre fui a coisa má que aqui vês; fui em tempos uma rapariga bonita, alegre e de coração leve; em casa, encheram-me de elogios e mimos até me virarem a cabeça, e quando um rapaz me pediu para fugir com ele e casar, eu fui.

Ele não me deu uma aliança de casamento, mas roubou-me a honra e depois abandonou-me. Voltei para casa, mas o meu pai disse que já não era filha dele, e a minha mãe tinha morrido, e assim virei-me para a vida vil das ruas. Não penses que sou toda má — gemeu ela, erguendo para mim os olhos pesados —; fui fiel ao Jack; tal como era, fui toda dele desde que passei a amá-lo. Iria ter com ele agora se o conseguisse encontrar.

Apeguei-me a ele durante todo o julgamento, e se o tivessem enforcado, tê-los-ia amaldiçoado. Mas levaram-no, e de alguma forma perdi-o e vim parar aqui. Amo-o e quero encontrá-lo; deve sentir-se só: ajuda-me a ir ter com ele.

A mulher agarrou-se a mim numa súplica desesperada; todo o medo e horror desapareceram do meu coração, e um sentimento de grande compaixão apoderou-se de mim. Ela tinha sido má, vil e degradada, mas era um ser humano. Não valeria a pena ajudá-la? Tinha sido, um dia, inocente, pura e doce. Poderia eu ajudá-la a reencontrar a pureza perdida e levá-la à compreensão de uma vida melhor? Com a ajuda do Céu, faria o que pudesse.

Não me deterei a contar-vos como trabalhei. Sei agora que uma inspiração e uma assistência vindas de fontes superiores me guiaram. Uma vez, ambas vislumbrámos um rosto doce e sereno a sorrir para nós através das sombras, mas ela gritou, aterrada:
— É a minha mãe; afasta-a! afasta-a! não a deixes ver-me assim!
E o rosto desapareceu.

Falei-lhe das verdades que aprendera com visitantes angélicos, através da minha irmã médium na Terra; dos propósitos da vida, e de como cada um, ao arrepender-se de um pecado passado, deve procurar expiá-lo, pensando pensamentos mais puros, fazendo melhor trabalho, e acreditando coisas boas sobre todos. Dei-lhe lições breves ao princípio; mostrei-lhe que simpatizava com ela e lamentava a sua triste condição, e ensinei-lhe que, se eu acreditava no seu poder para se tornar mais pura e feliz, quanta mais fé e amor não teriam os anjos.

Ela compreendeu-me; percebeu que eu não era egoísta no meu desejo de aliviar as suas mágoas. Apegou-se a mim e deu-me uma espécie de devoção muda, muito comovente de testemunhar.
— Ajuda-me só a encontrar o Jack — dizia ela —, e irei a qualquer lado ou farei qualquer coisa para mostrar a minha gratidão, ou para ajudar outra pobre criatura como eu!

Mas primeiro descobrimos que tinha de fazer outro trabalho, e começou a manifestar o desejo de procurar algumas das raparigas pobres que tinham vivido no seu antro de iniquidade na Terra, para as ajudar. Acompanhei-a nessa busca, e em três casos, pela nossa vontade e influência conjuntas, conseguimos conduzir almas humanas errantes para caminhos de retidão e boas ações. Quando a terceira tentativa para salvar uma criatura teve êxito, disse-lhe:

— Acho que agora podemos encontrar o Jack.
E pouco depois encontrámo-lo, único ocupante de uma cela de pedra, e nas horas silenciosas da noite chamando pelo nome daquela cuja vida destruíra, gritando:
— Kate! Kate! Fui louco ao fazê-lo! Pelo amor de Deus, vem ajudar-me a sair deste maldito lugar.

Esperei por algum tempo; o suficiente para ver Kate atirar-se para junto do criminoso com um grande grito de amor e ternura, um grito que revelava que o fundo do seu coração ainda era de mulher, e amoroso, e quente; o suficiente para saber que, através da ministração deste espírito e pelos ensinamentos de uma mulher bondosa que semanalmente visitava o prisioneiro na sua cela — enviada por uma sociedade unitária liberal para levar uma flor e uma palavra amiga aos encarcerados —, seria operada no coração daquele homem rude e pecador uma obra de regeneração que despertaria os seus primeiros impulsos de bondade.

Então voltei-me para partir. A minha protegida aproximou-se e sussurrou:
— Deus te abençoe! Deste-me fé n'Ele e amor pelo meu próximo. Desde o momento em que me falaste com tanta compaixão e disseste que também eras uma sofredora, capaz de simpatizar com alguém como eu, amei-te; desejei confiar em ti logo então, mas não consegui até mais tarde. Deus te abençoe para sempre!

Dei-lhe um abraço de despedida — porque não? não era ela minha irmã em humanidade, e não estava a redimir nobremente os erros do passado? — e parti com um sentimento próximo da paz no coração, que há muito não se detinha nas suas próprias dores; e constantemente as palavras ecoavam na minha alma:

— Na medida em que o fizestes a um destes meus pequeninos, a mim o fizestes!
Quão doces e sagradas soavam, e quão bela era a sua aplicação à bênção que sobre mim chamara a minha amiga arrependida!

Pensei: "Voltarei ao país dos tristes, mas não chorarei desesperadamente pelo passado; esforçar-me-ei por ajudar outros que estão em sofrimento; poderei até encontrar uma bênção fora dos portões."

Mais uma vez encontrei-me no velho lugar; mas de novo as barras douradas brilhavam mais intensamente na claridade além; o ar tornara-se menos pesado, e agora podia ver mais longe na névoa que tudo envolvia. Olhando para baixo, enquanto avançava, descobri uma pequena flor que, de vez em quando, surgia aos meus pés.

— Ah! — pensei — isto afinal não é um lugar tão sombrio. A escuridão parece estar mais em nós próprios do que à nossa volta.

Olhei para as minhas vestes; tinham agora um tom cinzento-escuro e estavam mais frescas e brilhantes do que antes.

Passei a interessar-me genuinamente pelos que me rodeavam, e, à medida que me aproximava deles, percebia que podia ler-lhes a condição e as dores, sem precisar de lhes pedir que falassem. Uma mulher vivera uma vida de práticas enganosas; depois de conquistar a sua confiança, revelei-lhe a minha história e mostrei-lhe como encontrara alívio e conforto, e disse-lhe para fazer o mesmo, interessando-se pelos que sofriam ao seu lado. Outra estava tão mergulhada na contemplação do seu próprio orgulho e do que considerava virtudes — que para mim pareciam mais tolices — que não consegui impressioná-la.

Um homem fora respeitado e amado pela sua família e amigos na Terra, mas cometera um desfalque de grande valor na empresa onde trabalhava, e, quando o seu crime foi descoberto, tirou a própria vida. Aqui, no mundo espiritual, estava plenamente consciente da sua má conduta, e a sua alma era dilacerada pela tortura. O conhecimento da ignomínia que lançara sobre a sua família inocente levava-o à loucura.

Tive por ele uma pena profunda e, durante muito tempo, tentei em vão conquistar a sua atenção. Por fim, deu-ma com ar de tolerância; mas, à medida que lhe falava — inspirada, creio, por algum bom anjo —, foi-se interessando e até animando; e, quando terminei, aconselhando-o a confessar o seu erro e a sua dor aos que prejudicara, e a enviar uma mensagem privada de amor e contrição à mulher e filhos, ele consentiu em fazê-lo se eu lhe mostrasse como.

Essa obra foi realizada com êxito. Encontrámos uma médium de espírito puro, uma mulher da vida privada, que recebeu com alegria o espírito humilhado e enviou as suas comunicações aos destinatários. Fraco e humilhado, mas com o coração aliviado, o homem entristecido procurou o antigo lar e declarou-me o seu propósito de trabalhar constantemente para abençoar aqueles a quem tinha prejudicado.

Na terra de fronteira “fora dos portões” vi o brigão desafiador, o jogador imprudente e a ousada e desavergonhada mulher da vergonha; aqueles que ainda mantêm a sua antiga coragem não estão ainda preparados para ministérios espirituais; não são nem ensináveis nem maleáveis; mas muitos, vindos de todas as profundezas da antiga degradação, estão prontos para ser influenciados por forças superiores, como atesta a sua atitude contrita e

arrependida, sendo prontamente assistidos por protetores e guias invisíveis, mas constantes.

No meu regresso dessa visita à adorável médium, com a minha protegida recém-encontrada, encontrei, no crepúsculo da Terra, a figura de uma mulher cujo rosto estava enterrado no braço, e que se mantinha de costas para mim. Toda a sua postura era de vergonha e desespero. Aproximei-me e, pousando a mão no seu braço, murmurei:
— Sou tua amiga; deixa-me partilhar a tua dor; talvez possa ajudar-te a encontrar a paz.

Ela estremeceu e recuou ao meu toque, mas não ergueu a cabeça.

Tentei novamente atraí-la para junto de mim, mas sem sucesso. Eu via a agitação da sua mente e lia a sua condição interior.
— Vem, minha amiga — repeti —, deixa-me partilhar o teu fardo. Estás triste por erros passados. Sentes que foste infiel a uma missão sagrada; que a tua vocação era elevada, mas que não estiveste à altura de a cumprir. Lamentas agora por teres prostituído dons sagrados a fins vis. Não te afastes de mim; não te condeno; um juiz mais alto do que eu trará sozinho o teu julgamento. Tenho pena de ti e quero ajudar-te. Dá-me a tua confiança.

Às minhas palavras, a mulher ergueu o rosto e cravou em mim um olhar penetrante, como que a querer ler a minha sinceridade. Deve ter ficado satisfeita, pois perguntou:
— Sabes quem sou e o que sou?

Assegurando-lhe que nunca a tinha visto ou ouvido falar dela antes, prosseguiu:
— Descreveste bem o meu estado de espírito. Já lá vão dois anos desde que deixei o corpo, e continuo inquieta e infeliz. Permaneço aqui ou em redor da minha antiga casa, sem outro pensamento que o eterno arrependimento que enche a minha alma pela vida que tive. Pareces alguém que já sofreu; vou contar-te o meu passado. Sabes o que é ser médium?

Atirou-me a pergunta como se fosse uma bala de canhão, tão curta, rápida e incisiva foi a sua voz.
— Sei alguma coisa das provações e condições da mediunidade — respondi suavemente. — Tive eu própria faculdades mediúnicas e tenho uma querida irmã na Terra que é porta-voz dos anjos.

— Deus permita que ela seja sempre mantida como um instrumento puro para o poder angélico, e que seja salva das tentações e armadilhas que por vezes cercam os que são como ela — exclamou a minha interlocutora. — Se conheces as leis da mediunidade, talvez saibas algo das influências e

condições que dominam os seus sujeitos; atuando sobre eles inteligências invisíveis, tornam-se muito recetivos e sensíveis, ficando abertos ao controlo das forças que se aproximam. Eu fui médium na Terra, bem conhecida num certo bairro; era procurada por todas as classes de pessoas que, por interesse, ansiedade ou curiosidade, desejavam saber algo do mundo invisível através dos meus poderes ocultos.

— Durante alguns anos exerci com êxito a minha profissão como médium honesta e de confiança para o mundo espiritual; mas, ao fim de algum tempo, vi as minhas faculdades a enfraquecer; nem sempre conseguia receber informações dos meus espíritos-guia quando mais precisava.

Outros médiuns disseram-me que o meu desenvolvimento estava a mudar e que em breve me tornaria numa médium de poderes extraordinários. Ah! Então caiu sobre mim a tentação de complementar os meus dons genuínos com práticas fraudulentas. Fiz saber que estava a desenvolver faculdades maravilhosas e, pouco depois, abri a minha casa ao público que acorria em massa.

— Não posso repetir todos os miseráveis artifícios que usei para enganar aqueles que vinham em busca de luz — de luz! oh, meu Deus! — e eu dava-lhes trevas e engano! Ganhei dinheiro, fiz muitos amigos que, se me conhecessem como eu era, me teriam desprezado.

— Mas perdi o respeito por mim própria; afastei-me dos queridos amigos espirituais que antes me guiavam; perdi a saúde e, por fim, deixei o corpo.

— Não imaginas como sofri; como desejei libertar-me das correntes que eu própria forjara; como detestava as influências enganadoras que me ajudavam a prosseguir no meu mau caminho, e que eu mesma, pela minha loucura, atraíra. Não me alegrava ver os meus amigos enganados; não estava isenta de consciência, e o peso terrível na minha mente levou-me antes de tempo a deixar o corpo.

Ela fez uma pausa na sua narrativa, mas eu encorajei-a a prosseguir, sabendo que o esforço aliviaria as suas mágoas.

— Desde então — continuou — tenho vagueado sem rumo de um lado para o outro, lamentando os meus erros passados e sem fazer qualquer bem. Duas vezes vi a doce e inocente menina que fora o meu espírito-mensageiro em tempos idos; mas não consegui olhá-la e afastei-me. Oh! Como tenho desejado atirar-me aos pés de todos os médiuns e gritar-lhes aos ouvidos: “Pelo amor de Deus, sejam fiéis a vós próprios! Pela vossa própria paz futura, não digam nada em nome do mundo espiritual que não provenha dos seus habitantes! Sejam fiéis ao vosso sagrado trabalho!” E oh! que todos ouvissem as minhas palavras. Não conheço nenhum que seja

impuro ou desonesto; todos podem ser verdadeiros, que eu saiba. Eu fui infiel aos meus dons, e sou desgraçada!

Terminou com um lamento de dor. Então, ah! como lhe falei, como lhe roguei que trabalhasse para a expiação do seu pecado; como insisti para a levar a uma médium de coração verdadeiro que eu conhecia, através de quem poderia realizar uma obra redentora para as almas em cativeiro.

Por fim, ela consentiu em acompanhar-me; e com ela refiz o caminho até à médium que já visitara antes. A essa médium, a minha companheira repetiu a sua triste história; foi recebida com bondade e gentilmente convidada a voltar. Sem me alongar, direi apenas que este espírito infeliz se tornou uma visitante assídua dessa bela médium, e que, através das suas ministrações amorosas, ganhou força magnética para iniciar um novo trabalho pela humanidade.

Após um período de prova, tornou-se um “espírito de gabinete” para uma médium genuína e de coração nobre, cujos poderes de materialização eram magnificamente usados por um sábio grupo de inteligências para demonstrar as verdades da imortalidade à humanidade ansiosa; e, ao ajudar espíritos inexperientes a manifestarem-se aos seus amigos, ao transmitir mensagens amorosas por aqueles que não se conseguiam expressar e ao proferir palavras de conselho e advertência aos que a procuravam para receber instrução, está a realizar uma grande obra e a expiar nobremente os erros e enganos da sua vida terrena.

Agora, quando percorria os caminhos dessa faixa de espaço onde se misturam espíritos infelizes, já não me sentia abatida, nem estava o meu ser todo envolto nas antigas nuvens de miséria. Podia respirar livremente e ver claramente na suave luz que me envolvia; outros, como eu, moviam-se de um lado para o outro, pensando e trabalhando mais pelos vizinhos desventurados do que por si mesmos; mas ainda via que todos os que não estavam arrependidos, ou que, embora contritos, permaneciam centrados em si, estavam envoltos nas nuvens e na penumbra que outrora se fechavam sobre mim.

As minhas vestes tinham-se agora tornado de um suave tom pomba e caíam em pregas agradáveis. Caminhava com passo firme mas elástico, e todo o meu ser se sentia leve, como se a tarefa de ajudar os outros me tivesse dado nova vida e vigor. Não que por vezes não pensasse no passado e nos seus erros; mas, embora os lamentasse sempre, já não absorviam todo o meu pensamento e ser, excluindo todos os interesses e dores dos outros.

Numa ocasião, eu e outro espírito que aprendera a amar como um benfeitor entre os desgraçados — um que era professor vindo de uma esfera mais elevada e que ali vinha para instruir e guiar os humildes — fomos atraídos para junto de um espírito rude e violento, cuja terrível condição despertara a nossa simpatia e compaixão.

Num instante, compreendemos o seu segredo. Tinha sido criado na Terra em meio a cenas de desordem e vício; vivera uma existência brutal, tirara a vida a um homem e acabara por terminar a sua carreira no cadafalso. Agora despertara para a consciência da sua infeliz condição e, pelos raios de luz magnética que víamos a incidir sobre a sua cabeça — mas que lhe eram invisíveis —, sabíamos que o despertar da consciência fora produzido por inteligências invisíveis, mas sábias.

O meu companheiro de trabalho e eu tentámos suavizar a terrível dor que o afligia, mas, com sobrancelhas carregadas e pragas murmuradas, virou-nos as costas. Então vi, de pé junto a mim, envoltos numa névoa de luz dourada, dois vultos masculinos cujos rostos brilhavam de benevolência e cujos olhos irradiavam amor.

Já tinha visto, uma ou outra vez, qualquer um deles, movendo-se entre os infelizes com ar compassivo e benévolo, transmitindo-lhes lições de instrução ou infundindo-lhes forças magnéticas. Mas nunca até então tivera a bênção da sua companhia, nem o privilégio de os encontrar juntos.

O mais alto — ou deverei dizer o mais imponente? pois é essa a expressão que melhor traduz o que senti — disse-me:

— Filha, tens feito bem! Realizaste uma grande obra ajudando e ensinando almas infelizes a encontrar o seu verdadeiro ser e a redimir as suas vidas. Mas deixa este infeliz ao nosso cuidado; é demasiado firme, demasiado rebelde, para o teu trabalho. Nós saberemos como lidar com ele e guiá-lo até um estado de tranquilidade. Está seguro sob a nossa guarda. Mas tu, minha querida filha, tens trabalhado longamente no meio destas cenas desagradáveis — continuou, sorrindo-me com um sorriso celestial… ah! que sorriso o daquele querido mestre! Parece que as comportas da luz se abrem quando ele se desenha nos seus lábios, e todo o seu rosto grandioso se ilumina! Ah! Esse sorriso deu esperança, coragem e fé a muitos espíritos desesperados — não estás cansada do teu trabalho?

— Oh, não, senhor — respondi com entusiasmo —, ele torna-se cada dia mais inspirador, agradável e gratificante para mim. Ficaria muito infeliz sem ele.

— Bem dito, minha querida filha; aprendeste o segredo de uma vida útil: fazendo aos outros, encontras no próprio trabalho a tua recompensa. Mas,

enquanto eu trato do nosso infeliz aqui, o meu amigo falará contigo. Deixo esta criança nas tuas mãos, pai, por um momento.

Ao voltar-se, o seu companheiro — que não era muito mais velho do que ele, mas mais esguio e flexível na aparência — irradiou-me um sorriso.
— Filha — disse —, tens de aprender a conhecer-me e a chamar-me “pai”; na Terra fui simplesmente John Pierpont; aqui sou Pai de todo o meu rebanho. O meu amigo, que é ele próprio um grande protetor e guia, e que me trata pelo título de paternidade — não porque eu seja mais sábio ou melhor do que ele, mas porque me estima — conhecerás como “Benefice”, um mestre e amigo benéfico da humanidade.

— Agora, minha filha, temos muitas vezes observado o teu trabalho e elogiado o teu zelo incansável em abençoar os outros, mas este não é um lugar propício para ti. Para lá daquela montanha que se ergue ao longe há um vale encantador. Nesse local encontram-se belas casinhas, governadas por mulheres gentis e homens sábios.

Ali há tudo o que encanta as perceções em desenvolvimento da infância, tudo o que apela ao amor pelo belo, pelo bom e pelo verdadeiro. Há ali uma vaga numa dessas casas; é um lar adorável, adornado com flores e cheio de tudo o que agrada ao coração de uma mulher. A antiga senhora e preceptora dessa casa foi chamada a novas funções e outros trabalhos. Três doces crianças aguardam uma mão orientadora e o amor de uma mestra. Queres ocupar o lugar?

O meu coração saltou de alegria com a perspetiva que as suas palavras me abriam. Eu, escolhida para preencher tal posição e viver num lar como o que o meu interlocutor descrevera! Oh, quão belo! Dei o meu alegre assentimento, mas as palavras não podiam exprimir a minha gratidão.

— Podes partir já; a tua amiga conhece bem o local e guiar-te-á até lá. Deus te abençoe na tua nova vida! Agora irei assistir Benefice; ele aguarda a minha ajuda.

E, deixando-me aos cuidados da minha anterior companheira de trabalho, que permanecera ao lado como espectadora satisfeita, aquele bom pai voltou-se para a sua santa tarefa.

Partimos juntas rumo ao lar para lá das colinas, a minha companheira contente e entusiasmada com a minha nova felicidade; eu, silenciosa, mas agradecida pela sua simpatia desinteressada. Ao avançarmos, éramos detidas vez após vez pelos sons de aflição ou lamentos de desespero, e parávamos para fazer o que podíamos para aliviar as dores dos infelizes, pelo que não progredíamos rapidamente.

Por fim, estávamos perto da montanha para além da qual se encontrava a minha missão encantadora. Estávamos quase fora do reino do sofrimento, e senti um arrepio de júbilo perante a perspetiva tão próxima, quando, de repente, ouvi a voz forte de um homem chamar o meu nome em tom de desespero. Parei, e um espasmo de medo percorreu-me o coração, pois, ao olhar, vi uma figura e um rosto familiares, meio ocultos à minha vista pelas nuvens de trevas que saíam e se acumulavam em torno daquela figura encolhida.

— Santo Deus, pai! — exclamei — Como vieste aqui parar? Quando morreste? E o que se passa?

Em resposta às minhas perguntas apressadas, ele — o meu pai terreno, que eu supunha vivo e de boa saúde — ergueu os olhos e gemeu:
— Filha, és tu? Oh! Estou tão desgraçado! tão atormentado! Estou em tormento, tormento! Vê! vê!

— Ver o quê, pai? — perguntei.

— Não vês este coração a sangrar que está diante de mim o tempo todo? Não o vês? E essas cicatrizes cravadas nele, e os grandes sulcos feitos pelas lágrimas que ela derramou por causa das minhas más ações? Não o vês… o coração dela? o coração da tua mãe, rasgado e a sangrar! O coração que eu fiz sofrer centenas de vezes quando chegava a casa bêbedo e a transpirar os vapores do álcool! Não o vês?

Eu nada via além daquele rosto compassivo e corpo trémulo, mas, evidentemente, o coração sangrando, que a consciência lhe dizia ter ferido e magoado, era tão tangível e claro para a sua vista como se estivesse ali diante de nós em forma objetiva. Pois uma das condições da vida espiritual é esta: qualquer pensamento subjetivo que possua uma alma, torna-se materializado e é objetivo à sua visão.

— Pai, querido — disse suavemente —, a mãe está na Terra e o seu coração ainda vive e te ama: agiste mal, mas estás arrependido e irás reparar; irás ter com a mãe e confessar-lhe a tua mágoa. Ela irá perdoar-te e abençoar-te.

— Irei, se fores comigo — interrompeu —; não consigo fazer nada sem ti.

Hesitei, ao que ele gritou:
— Não me deixes! não me deixes!

Não pude fazê-lo; e, com um espasmo de pesar, mas um sentimento de renúncia no coração, voltei-me para a minha amiga e disse:

— Tens de seguir sem mim; o meu dever está aqui. Diz-lhes que te enviei para ocupar o meu lugar. Estás talvez mais preparada para o trabalho do que eu. Tu nunca pecaste, mas deste sempre a tua vida pura aos outros. Eu dei a minha em expiação; tu deste-a desde o princípio por amor. Vai ter com aquelas crianças e dedica-lhes o teu cuidado.

Ela protestou, mas insisti e, por fim, com ar relutante, voltou-se e correu para o vale de paz. Uma dor profunda e abrasadora queimava-me o peito ao pensar nas minhas esperanças destruídas e perspetivas desfeitas. O meu pai, envolto nas suas mágoas, nada sabia da minha resolução, nem sequer tinha visto a bela jovem que eu enviara para a sua missão feliz.

— Pai — disse —, irei contigo; ficarei contigo enquanto precisares de mim. Serei a tua filha amorosa, a tua ajudante espiritual.

E então aconteceu algo maravilhoso — os mortais chamar-lhe-iam uma manifestação espiritual, e assim era: através da penumbra e da névoa, surgiu subitamente uma grande, luminosa e régia flor-da-paixão, e, enquanto eu contemplava, deleitada, as suas pétalas aveludadas e a sua coroa central majestosa, as folhas abriram-se e desapareceram, deixando no seu lugar um grandioso rosto humano a irradiar-me com um olhar aprovador e aquele sorriso magnífico — o rosto de Benefice.

A visão desapareceu de imediato, mas o meu pai apanhou um vislumbre do seu esplendor radiante e uma breve imagem do rosto que partia, e gritou, aterrorizado. Acalmei-lhe os receios e, juntos, partimos para o nosso antigo lar terrestre. Então soube que o meu pai estava “morto” havia dois meses; que a minha mãe estava doente e fraca, mas que os outros assuntos e interesses da casa se mantinham como antes.

Convenci o meu pai a incorporar-se na minha irmã médium, Lily, e a comunicar todas as suas mágoas arrependidas à minha mãe. Ele assim fez, confiando à terna compaixão dela o segredo dos seus receios e tristezas, e recebendo em troca a garantia do seu perdão.

Esse passo dissipou parte das nuvens que lhe ensombravam o coração; e então comecei a tarefa de lhe ensinar as verdades e lições que eu própria aprendera. Ele apoiava-se em mim como se fosse uma criança pequena e eu um pai forte, e, durante muito tempo, recusou deixar-me fora do seu alcance. Esforcei-me pacientemente com ele, conduzindo-o, passo a passo, a conhecer e compreender as suas próprias faculdades. Finalmente, começou a tornar-se autoconfiante, a desejar experimentar as suas forças e a procurar trabalho espiritual.

Não faltava ocupação para uma alma empenhada, e cedo ele estava tão absorvido em acompanhar os passos e levar poderes espirituais ou

magnéticos em auxílio de um jovem médico que conhecera na Terra — e que possuía grandes dotes de cura —, que me permitiu afastar-me do seu lado.

Estava, mais uma vez, livre, mas agora já não havia vaga no Vale das Crianças. Assim pensei; mas estava enganada, pois, mal deixara o meu pai a trabalhar na sua própria salvação em ocupações úteis, encontrei-me com o bom espírito “Benefice”, que me guiou até um belo lar numa região encantadora e me colocou ao cuidado de quatro pequenos inocentes.

Ali encontrei trabalho agradável e em sintonia comigo. Amava crianças, e saber que podia educar, proteger e instruir quatro pequenas almas imortais era para mim um deleite constante. Não é tarefa fácil nem insignificante criar uma criança de forma a que se desenvolvam os mais puros e nobres atributos da alma, as faculdades mais límpidas da mente e as aspirações mais doces do coração; mas eu esforçava-me constantemente por cumprir fielmente o meu trabalho, começando sempre a minha tarefa com uma prece fervorosa no coração por orientação e ajuda.

Neste belo vale, existem inúmeras casinhas aconchegadas entre verdes trepadeiras e sombreadas por altas árvores. Há flores em abundância por toda a parte. Cada habitação é simples e agradavelmente mobilada, e é ocupada por um ou mais professores e guias, que têm a seu cargo de um a quatro pequenos alunos. As pessoas benevolentes que aqui vivem são aquelas que amam as crianças e encontram felicidade em guiar as suas jovens mentes nos caminhos do saber. São harmoniosas, afetuosas e em sintonia com a humanidade.

Os pequeninos que aqui habitam são náufragos vindos das margens da Terra — aqueles que deixaram o corpo prematuramente; que, por negligência, carência, doença hereditária ou qualquer outra causa, não puderam manter-se na vida física. Há muitos lugares assim no mundo espiritual, onde estas pequenas vidas rejeitadas pela Terra são acolhidas e cuidadas. Sob a influência do amor e das condições de beleza introduzidas nas suas vidas, todos os mais nobres instintos e impulsos do ser despertam nos seus corações.

Cada criança é assistida segundo as suas necessidades especiais e preparada no tipo de trabalho e ensino para o qual melhor se adapta. Nenhum professor recebe mais de quatro alunos de cada vez no vale onde estava a minha escola; pois, segundo dizem os experientes, não é possível atender adequadamente a mais do que esse número.

No centro do vale ergue-se uma estrutura maciça que brilha branca e bela ao sol. Frequentemente, as crianças vêm das suas agradáveis casas até

aos salões deste espaçoso templo, para ouvir as palavras de sabedoria proferidas por algum visitante exaltado, ou para serem examinadas nos seus estudos pelo mestre principal que vem revê-las. Mais de uma vez ouvi palavras de conselho e verdade caírem dos lábios do Pai Pierpont e de Benefice, bem como de outros igualmente elevados em inteligência e sabedoria, neste templo de luz.

Os meus colegas eram afáveis e encantadores, e depressa me tornei amiga e até íntima de muitos. Muitos deles tinham entes queridos na Terra, a quem faziam visitas ocasionais ou até frequentes, levando consigo influências de paz e inspiração. Eu não sentia desejo de regressar à Terra e às suas condições; pensava que tinha encerrado para sempre tudo o que lhe pertencia. Mas estava enganada.

Ainda tinha uma missão a cumprir na Terra, de que pouco sonhava. Sabia que a minha mãe e os meus irmãos estavam bem, sem precisar dos meus serviços. Ocasionalmente, enviava-lhes uma palavra de afeto e encorajamento por meio de algum espírito-mensageiro, e eles sabiam que eu estava a cumprir a minha própria tarefa. O meu pai continuava ligado ao jovem médico, interessado na sua carreira, e, passando em recados benéficos entre ele e a minha mãe, encontrava o contentamento e a ocupação que procurava.

CAPÍTULO VI

DENTRO DOS PORTÕES

Uma bela jovem tornou-se a minha companheira mais próxima e de maior confiança. A ela confiei o segredo do meu passado, e dela aprendi a história da sua vida. Fora criada em meio a influências de refinamento e luxo; fora o ídolo do seu pai viúvo até que, no seu décimo sexto ano, ele lhe foi subitamente tirado. Chorou amargamente a sua perda mas, aos dezanove anos, encontrou consolo no amor de um homem de coração leal, com quem casou pouco depois.

Esta jovem adorava crianças e, muitas vezes, parava na rua para lhes dirigir uma palavra amável ou para dar umas moedas às pequenas crianças abandonadas que encontrava. Após dois anos de vida conjugal, deixou a Terra, deixando o marido quase louco de dor.

— Isso foi há três anos — disse-me — e ainda ele me chama, ainda me atrai para junto dele e me envolve na sua mágoa. Não consigo afastar-me, porque o amo, e quando ele sofre tenho de ir consolá-lo; mas isso impede-me de cumprir, como devia, o meu dever para comigo e para com os meus

alunos, e não me deixa realizar plenamente a minha missão. Tenho saudades imensas de ver os meus benditos pais; vivem numa esfera mais elevada do que esta; mas ele prende-me de tal forma que não consigo ir até eles, embora às vezes venham ter comigo. A minha mãe diz-me que estou agora a retribuir ao bom Deus a vida de conforto e prazer que tive na Terra; e alegra-me fazer a Sua obra cuidando dos pequeninos, se ao menos pudesse cumprir o meu dever por inteiro para com eles.

A minha amiga exprimia uma grande verdade que eu há muito compreendia: ao alimentarem um luto absorvente pelos seus amigos falecidos, os mortais, sem o saberem, prendem-nos às condições terrenas; privam-nos dos privilégios e alegrias da vida celestial e impedem-nos de cumprir as tarefas angélicas que desejam e devem desempenhar.

A tristeza pela partida de um ente querido é natural, e os anjos compadecem-se do coração ferido e do rosto lacrimoso que sente falta da presença amada; mas apegar-se ao sofrimento, recusar reconciliar-se com a transição de um amigo é imprudente e pode até ser egoísta e injusto para o espírito que anseia por libertar-se das amarras da matéria.

Algum tempo depois desta revelação feita pela minha companheira, Mercy, ela veio até mim com um novo brilho nos olhos e uma expressão de paz no doce rosto que foi para mim uma revelação.
— O que se passa, querida? — perguntei.
— Oh! Estou tão feliz… aconteceu algo tão bom. O meu Edgar está a interessar-se por uma jovem — e tu sabes o que isso significa.

Ri-me alto e ela continuou:

— Achas estranho que eu me sinta satisfeita com tal perspetiva? Mas não, tu não achas, porque és um espírito; ris-te porque a minha felicidade pareceria estranha aos mortais. Pois bem, ela é de facto uma jovem refinada e encantadora, e irá amar o meu querido com todas as suas forças. Serão felizes juntos; ele terá a companhia amorosa de uma mulher verdadeira e as influências de paz e de elevação que todo o homem precisa para desenvolver as suas melhores faculdades e compreender a sua própria natureza espiritual.

Não me amará menos nem me esquecerá por causa da sua nova felicidade; mas sairá da sua melancolia e tornar-se-á um ser alegre e progressivo. Não deixarei de amar o meu querido porque ele encontra paz e conforto na companhia de outra; pelo contrário, rejubilarei com a sua boa sorte e partilharei da sua alegria.

O tempo passou. Mercy tornou-se cada vez mais radiante e alegre. Nunca antes ouvira a sua voz erguer-se em canto, mas agora ressoava muitas vezes, clara e doce como o trinar de uma cotovia.

Eu não conseguia cantar enquanto o Edgar estava tão infeliz — disse-me ela, numa ocasião em que me contou sobre o novo casamento do marido.

— Um peso de chumbo estava sempre sobre o meu coração. Eu costumava cantar, em tempos, quando vivia na casa do meu pai, mas achei que tinha esquecido como, até que a felicidade do meu querido retirou o peso do meu espírito. A própria alegria dele dá-me nova vida, força e leveza. Ela ressoa em melodia pelo meu coração e faz-me querer cantar com os pássaros. Posso ir ter com ele com maior poder também, pois já não tenho de penetrar a penumbra, e posso influenciar a vida dele melhor do que nunca. Não tenho eu motivo para me alegrar?

Era maravilhoso ver a mudança na minha amiga; executava as suas tarefas com uma prontidão que, por si só, era revigorante. Reuniu todas as crianças que amavam a música e o canto e treinou-lhes a voz, orientando os seus instintos musicais com a habilidade de um génio inspirado.

Tudo o que ela tocava parecia ganhar brilho e beleza, e a própria atmosfera em volta dela vibrava de alegria.
— Encontrei agora a minha vocação — disse —; ficarei aqui a ensinar música às crianças e, um dia, quando sentir que a minha missão aqui terminou, procurarei os meus pais na esfera mais elevada.

O meu interesse pelos meus alunos e a minha amizade pelas minhas colegas mantinham-se intactos. Eu estava satisfeita com o meu trabalho; mas, por vezes, um grande anseio de ver o amado que, há anos, se separara de mim na Terra, e também de contemplar o rosto da minha pequena irmã angelical, Daisy, apoderava-se de mim. Surgia-me no coração o desejo de encontrar o seu lar celestial “dentro dos portões”, e apenas o pensamento de que aqui fora colocada para cumprir uma tarefa me impedia de tentar, desesperadamente, encontrar o caminho aberto para a sua abençoada morada.

Sentada no lusco-fusco das minhas tristes reflexões, mergulhada no pensamento dos entes queridos de outrora, ouvi, de repente, através do silêncio, o som de uma voz bem conhecida, e uma esplêndida luz radiante abriu-se à minha volta. Levantei os olhos, sobressaltada, para ver, diante de mim, aquele que eu amava — o meu amado, que tinha morrido na Terra há tantos anos.

Fraca e comovida, fiquei sem fala, com receio de que a visão abençoada se desfizesse; mas ele sorriu para mim e, abrindo-me os braços, disse:

— Está a minha pequena Blossom pronta para mim?
Corri para ele com um grito de alegria e fui envolvida no puro abraço de um espírito.

— Blossom — disse ele —, e oh! como o som daquele velho nome carinhoso, que só ele me chamava, fez vibrar todo o meu ser — tu pensaste que eu estava longe de ti, mas nunca te abandonei. Estive ao teu lado em todas as horas mais sombrias de tentação e provação. Vigiei-te. Soube do teu trabalho e da tua vida. Guiei-te muitas vezes quando sentias uma força e não sabias de onde vinha. Minha Blossom, vim transplantar-te para o meu lar nas esferas espirituais. Queres vir comigo?

Olhei para ele com a alma nos olhos. Oh! quão grandioso e nobre ele estava, e como cada traço do seu rosto me era familiar. Não era jovem; fora, na Terra, muitos anos mais velho do que eu; e alegrou-me ver que mantinha o aspeto familiar. Mas não havia nele cansaço, nem marca de tempo; apenas uma expressão grandiosa, madura, de sabedoria e paz, que revelava o homem de experiência. Meu querido! Não o queria de outra forma senão como ele era.

— Oh! — murmurei — não sou suficientemente boa; pequei; não cresci como tu cresceste.
— Os teus erros foram nobremente expiados, pequena Blossom; arrependeste-te e começaste uma nova vida. Não voltarás a errar.
— Oh! não sei — lamentei-me —; se viesse a tentação, poderia sucumbir; não conheço a minha fraqueza; poderia dominar-me.
— Veremos mais tarde; agora virás comigo; há muitas coisas para veres. Ganhastes tudo o que será teu; despede-te dos teus amigos, pois temos de partir depressa.

Deixei-me guiar pelo meu amado. Fui à casa dos meus amigos para me despedir. Reuni os meus alunos e abracei-os com carinho. Disse-lhes que os voltaria a visitar e a contar-lhes do meu novo lar. Uma doce mulher, maternal, que recentemente chegara ao nosso vale e que estava sem ocupação, aceitou de bom grado substituir-me como professora dos meus pequenos. E, com confiança, voltei-me para o meu amado e disse:
— Faz de mim o que quiseres.

Ele respondeu:
— Há muito que lamentas estar barrada fora dos portões do céu; mas este vale encantador é parte do Paraíso, e não encontrarás lugar mais doce. O teu espírito está cansado pelo excesso de emoção, e será melhor levar-te enquanto os teus sentidos estiverem adormecidos num sono magnético. Entrega-te a mim e eu magnetizar-te-ei.

Tornei-me passiva e, à medida que ele fazia suaves passes sobre a minha cabeça e ombros, um doce e delicioso sentimento de repouso foi-se apoderando de mim, até que, tão suavemente como o desvanecer de um dia de verão, a minha consciência desapareceu e nada mais soube.

Quando acordei, foi para me encontrar num novo ambiente. Parecia reclinar-me sobre um banco de musgo aveludado, salpicado de flores cujo perfume se derramava sobre e em volta de mim em ondas de incenso. Durante algum tempo não pensei nem me mexi, deixando-me levar pela influência das brisas suaves e dos ricos aromas que me envolviam, permanecendo numa condição meio sonhadora, deliciosa, que era a própria essência do descanso. Quando me atrevi a mover-me e a olhar em volta, encantei-me com a beleza do que me rodeava.

Até onde a vista alcançava estendiam-se campos e mais campos de flores ondulantes, relvados e mais relvados de erva lisa e aveludada. As flores eram mais belas e doces do que quaisquer outras que tivesse visto; muitas tinham um tom creme rico, em forma de taça, e eram quase transparentes. Pareciam cálices de luz dos quais almas puras poderiam sorver o néctar da vida imortal.

A vegetação era fresca e perfumada, enquanto um suave e peculiar tom arroxeado que repousava sobre ela lhe dava uma beleza indescritível. Ao longe, as paredes brancas como neve de templos imponentes e de edifícios menos grandiosos brilhavam ao sol.

No momento em que despertei para a consciência, um silêncio solene e tranquilo impregnava o ar, como se toda a natureza repousasse; ou como se toda a vida estivesse mergulhada no sagrado silêncio da oração. Uma ténue névoa rosada cobria todas as coisas, conferindo um encanto acrescido a cada flor e a cada haste. Ao contemplar a beleza da cena, a minha alma encheu-se de adoração e, como nunca antes, percebi a grandeza da vida e o poder de Deus.

Logo percebi que não estava sozinha. Tinha notado a ausência do meu amado guia, e ele não estava à vista. Uma mulher de beleza extraordinária inclinou-se sobre mim, e uma voz rica e vibrante dirigiu-se a mim:
— Ah! Que alegria que tenhas despertado; ansiava por te saudar e dar-te as boas-vindas a este mundo encantador. Querida amiga, estás plenamente consciente?

Olhei atentamente para aquele rosto adorável; as suas feições pareciam-me familiares, mas não conseguia lembrar-me onde as tinha visto.
— Sim, estou consciente; mas posso perguntar quem és? — murmurei.
— Então não me reconheces? Estou assim tão mudada? Lembras-te da

jovem mãe enlutada que encontraste no Vale da Dor, e a quem trouxeste o primeiro vislumbre de consolo?

Ergui-me de repente com um grito de alegria:
— Mas… Lettie! Lettie! És tu? Mudada? Sim, de facto! Mudaste-te para um anjo de luz e beleza!

A minha companheira sorriu e disse:
— Sim, sou realmente a Lettie, e toda a minha felicidade e contentamento presentes devo-tos a ti. Já não sou a rapariga desesperada que encontraste nas esferas inferiores e salvaste da miséria, mas sou uma mulher ativa e alegre, que não considera a eternidade longa o suficiente para expressar a sua gratidão pela vida e pelas suas experiências. Mas tu também mudaste, minha querida amiga, e não posso chamar “Marah” a uma mulher com um aspeto tão feliz como o teu; chamar-te-ei “irmã”; posso?

Acenei em assentimento, olhando para as minhas vestes, que já não eram de textura de lã nem cor cinzento-pomba, mas suaves e brilhantes como cetim, de um tom prateado.

— Disseram-me que eu poderia ser a primeira a dar-te as boas-vindas, tanto insisti por este privilégio. Eu fui a tua primeira aluna, sabes, e tu deste-me a luz do lar e do amor da minha mãe, e salvaste-me de mim própria. Oh! Nunca poderei bendizer-te o suficiente por tudo o que fizeste por mim. Mas quero saber tudo sobre ti e o que tens feito. — E, dizendo isto, Lettie acomodou-se ao meu lado.

Contei-lhe brevemente as minhas experiências desde a manhã em que me despedi dela e do seu pai espiritual, na tranquila casa da sua mãe.
— Que vida nobre! — exclamou, quando terminei. — Mas eu também não tenho estado ociosa, embora o meu trabalho não tenha sido como o teu.

E contou-me então a sua própria história desde a última vez que nos tínhamos encontrado.

Parecia que ela e o pai tinham permanecido junto da mãe, desenvolvendo as faculdades mediúnicas daquela mulher solitária até que ela se tornou uma clarividente e médium de transe fiável; e, depois, persuadiram-na a dar a conhecer os seus dons ao público e a utilizá-los para o esclarecimento da humanidade.

Naturalmente, a nova médium encontrou muitas provações no caminho; velhos amigos que lhe tinham sido fiéis noutros tempos, quando a desonra da filha pesava fortemente no seu coração, agora afastavam-se friamente, por ela se ter tornado espiritualista — alguns não hesitando em afirmar que

acreditavam na sua culpa como impostora, outros declarando que tinha enlouquecido com as suas desgraças.

Sob a orientação dos seus guias, a médium mudou-se para uma cidade distante e iniciou a prática profissional da mediunidade. Desde o início foi bem-sucedida. O marido espiritual tornou-se o seu protetor magnético e guia nos negócios. Lettie aprendeu rapidamente as leis do controlo e tornou-se uma mensageira entre corações enlutados na Terra e os seus igualmente ansiosos amigos espirituais.

— Creio ter transmitido mais de três mil mensagens espirituais, características e verídicas, de amor, conselho e consolo, a igual número de mortais em sofrimento — disse —, e sou feliz neste trabalho. A minha mãe é sempre gentil e amável para todos; recebe sempre os pobres gratuitamente; é muito benevolente e universalmente estimada. O seu lar é um verdadeiro paraíso para os cansados e oprimidos.

Mas talvez a parte da história de Lettie que mais me interessou foi a que dizia respeito ao belo tenor que tinha traído o seu jovem coração e causado toda a sua desgraça. Ela procurou-o e encontrou-o. Aproximou-se dele com as suas influências suaves, que agiram sobre o seu coração e despertaram a sua consciência adormecida. Muitas vezes, pensamentos sobre a doce rapariga que ele tinha prejudicado coloriam as suas horas de vigília e perpassavam os seus sonhos.

Começou por se perguntar como teria ela vivido; depois a esperar que tivesse superado a sua desgraça; depois a sentir remorsos de consciência; e, por fim, a ser invadido por agudos espasmos de arrependimento pelo seu próprio erro. Acabou por decidir regressar ao lugar natal dela e procurar o seu perdão — até reparar o mal tanto quanto estivesse ao seu alcance.

Este foi um grande passo para o jovem, pois tinha conseguido um bom cargo como tenor popular numa importante companhia de concertos de uma grande cidade, e tornara-se o centro de atração de todas as jovens bonitas e cultas do meio em que se movia. No entanto, o cantor pôs a sua resolução em prática, recuando até à casa da juventude de Lettie, apenas para descobrir que o lar estava destruído e os seus habitantes ausentes. Por um antigo conhecido soube do triste destino da pobre rapariga, e do subsequente e misterioso desenvolvimento da mediunidade da sua mãe, que mais tarde se mudara para C—.

Dominado pela vergonha e pelo remorso, o jovem viajou até C— e, após alguma procura, encontrou a mãe de Lettie, a quem contou a sua história, declarando arrependimento e pedindo perdão. Ensinada pelos anjos que a guiavam, a mulher concedeu o perdão que ele procurava, mas não sem

antes lhe dar uma lição de advertência e conselho que se gravou profundamente no seu coração.

Não foi essa a última visita. Durante a sua estada em C—, voltou repetidas vezes a visitar a senhora, apenas para ser posto em contacto direto com Lettie e receber dos seus lábios puros sinais de amor e perdão, bem como provas de imortalidade. O filho deles também lhe foi mostrado, e ele começou a compreender as profundezas maravilhosas do afeto espiritual vindo dessas almas puras a quem tanto devia.

A grande obra de reforma assim iniciada no coração do homem cresceu e floresceu. Tornou-se humilde como uma criança. A sua alma começou a crescer em simpatia para com os outros; já não era vaidoso e arrogante, mas gostava de fazer o bem sempre que tinha oportunidade.
— Oh! — continuou a narradora —, ele é tão bom agora; creio que ama toda a gente. Ele sabe que eu e ele nos encontraremos e seremos verdadeiros companheiros de alma no futuro; e diz que pretende provar-se digno dessa bênção.

Tenho plena confiança na sua honra — conheço-o tão bem. Vai em breve levar ao altar uma bela mulher, que será para ele uma ajuda constante e uma bênção. Eu aconselhei-o a dar esse passo e a não reprimir o interesse crescente no seu coração por ela. Posso ceder o seu amor a uma mulher de coração puro, que coroará a sua vida com paz. Ao princípio hesitou; mas convenci-o de que não só era certo, como também o melhor para o desenvolvimento das faculdades da sua alma, e ele pediu-a em casamento. Estou feliz por ambos.

Eu já tinha visto e ouvido falar de tantos casos semelhantes que não me surpreendi com as observações finais de Lettie.

— Mas o que fazes agora? — perguntei.
— Oh! continuo a ser a mensageira espiritual da minha mãe, mas tenho um lindo lar aqui com a minha avó. Ela é uma mulher bela, tal como a minha mãe, e toma conta do meu Bertie por mim. Não fico aqui o tempo todo, mas quando não sou necessária na Terra encontro o meu céu aqui. O pai vem e vai também, e somos felizes juntos. Mas tens de conhecer o meu Bertie, e aí vem ele.

Enquanto conversávamos, a névoa rosada da atmosfera foi-se levantando lentamente, deixando um brilho de sol suave sobre a relva e as flores. Mais tarde, soube que, de tempos a tempos, esta névoa rubi desce das nuvens, envolvendo tudo numa beleza sonhadora e conferindo uma condição magnética aos seres que aqui vivem. Nesses momentos, eles repousam; não perdem a consciência, mas caem num estado de semi-sono muito

reparador, do qual despertam cheios de vitalidade e energia. Esta condição nebulosa traz também uma suave humidade semelhante a orvalho para as árvores e flores, dando um ar de perfeito repouso e beleza a tudo o que as rodeia.

CAPÍTULO VII

NA TERRA DO NASCER DO SOL

Quando a minha companheira se voltou, vi aproximar-se uma senhora de porte delicado e aspeto nobre, conduzindo pela mão um menino de três ou quatro anos. A cabeça da criança estava descoberta, e os seus caracóis negros flutuavam ao vento suave. Os seus olhos castanho-vinho cintilavam de alegria, e dos seus lábios borbulhava a música da gargalhada infantil. Vestia uma roupa branca brilhante, que tinha coberto com as belas flores que cresciam à nossa volta.

Lettie apresentou-me graciosamente os recém-chegados, a senhora como sendo a sua avó — tão jovem que parecia! — e o pequeno como sendo o bebé que eu tinha segurado e acarinhado.
— Oh! que lindo menino — exclamei —, vou amá-lo como se fosse meu.
— Admito que tens direito a ele, pois salvaste-o a ele e à mãe para a felicidade e para isto — e a senhora mais velha estendeu a mão, abrangendo a paisagem celestial —; mas vê, outros estão a chegar, e temos de seguir.

O sol glorioso brilhava agora intensamente, transformando as pequenas gotas sobre as flores em gemas de luz radiante. Um delicioso calor suave enchia o ar. Moviam-se formas aqui e ali, e viam-se grupos de crianças a encontrar-se nos campos e relvados, cujas vozes alegres soavam no ar.

Um grupo de homens e mulheres aproximou-se e ficou um pouco mais afastado. Ao virar-me, Lettie disse apressadamente:
— Sim, temos de ir; mas voltaremos a ver-te, e muitas vezes, espero. Nunca esquecerei que fui a primeira a dar-te as boas-vindas a esta esfera celestial.

Abracei-me calorosamente a ela, que fez um sinal à sua companheira mais velha e, tomando o seu menino pela mão, levou-o consigo.

Mas não fiquei muito tempo entregue às minhas meditações, pois mal se afastaram, uma mulher alta e bela avançou do grupo de curiosos e estendeu-me ambas as mãos. O seu vestido azul-claro realçava maravilhosamente o seu rosto luminoso e os seus olhos brilhantes. Mais uma vez, era alguém que eu já tinha visto antes, mas não sabia onde.

— Ah! — exclamou —, não conheces a pobre Kate — e ela gosta tanto de ti!

Fiquei estupefacta. Aquela mulher radiante, a desgraçada Kate, que eu tinha conhecido como a mais desesperada e degradada das mulheres, e que, após um longo período de trabalho abnegado pelos outros, tinha conquistado o direito de ser respeitada? Aquela que eu tinha deixado numa cela de criminoso, a cuidar do homem que lhe tirara a vida física? Que coisa maravilhosa!

A mulher adivinhou os meus pensamentos e, com um sorriso magnífico, disse:
— Sim, sou a Kate, aqui para te dar as boas-vindas e abençoar-te. Este é o meu lar; encontrei a minha mãe angelical — ou melhor, ela encontrou-me — e, quando estou longe da Terra e não com ele, fico aqui no seu lar amoroso. Ela veio ter comigo na cela dele e ajudou-me com a sua influência. Consegui então olhá-la e ela trouxe-me aqui para ganhar força e descanso. Oh! estou tão feliz, tão feliz por teres vindo; podias tê-lo feito há tanto tempo, se não fosses tão desconfiada das tuas próprias capacidades. Aqui vais ter uma vida gloriosa.

Exprimi a minha sincera alegria por reencontrar esta mulher, que conhecera as profundezas da degradação, miséria e desespero, e que, pelo seu próprio esforço, tinha vencido o pecado e a paixão, erguendo-se até estas belas alturas; e perguntei-lhe pelo seu amigo, o criminoso, na sua cela.

— Oh! o meu pobre Jack… sim, ainda vive, mas está muito doente com tuberculose. Não o reconhecerias, está tão pálido e magro, e é agora muito meigo e bondoso. Sofre mentalmente com o remorso, e isso está a consumir-lhe a vida. Pobre rapaz! sempre foi de bom coração e, não fosse a bebida, teria sido um homem nobre. Mas em breve estará deste lado, e terá uma nova oportunidade. Vou vê-lo todos os dias; raramente me afasto dele, porque precisa de mim; e, quando deixar o corpo, estarei com ele para o ajudar a alcançar uma boa condição.

As revelações feitas pela minha antiga protegida eram profundamente interessantes, e não reparei num homem pálido, de ar distinto, com marcas de reflexão intelectual na testa e um sorriso acolhedor sob o bigode e a barba, que nos observava atentamente.

— Oh! não te devo reter — disse Kate —, pois outros querem cumprimentar-te. A minha bênção pode não valer muito, mas tens-na a cada hora, e a minha mãe reza sempre por ti; ela é uma santa adorável, e hás de conhecê-la um dia. Agora deixo-te com os teus amigos e vou para junto do Jack — ele está a chamar-me.

Com um abraço de despedida, afastou-se, e o homem aproximou-se, apertando-me a mão.

— Minha senhora — disse ele, numa voz rica e profunda —, sou grato por este privilégio. Permita-me dar-lhe as boas-vindas e pedir a bênção de Deus para o seu futuro. Sou aquele a quem procuraste, com o teu conselho e exemplo, para erguer acima dos abismos da desgraça; aquele que, por ter traído a confiança que os seus empregadores depositaram nele, precipitou-se na eternidade para evitar a vergonha e a desonra da descoberta; aquele a quem reconduziste ao lar e à família e ensinaste como reparar o mal. Saúdo-te.

Que alegria senti ao encontrar este homem! Todas as memórias da sua experiência passada voltaram-me à mente, e, enquanto o cumprimentava calorosamente, exprimi as minhas felicitações pelo seu estado atual.

— O meu lar espiritual é aqui — disse —; tens de o visitar um dia; tenho muitas coisas para te mostrar. Ocupo parte do meu tempo a tentar materializar as minhas ideias na construção de certos instrumentos para o avanço da investigação científica. Poderias gostar de ver alguns dos meus trabalhos. Mas não fico aqui o tempo todo. Tenho um trabalho a cumprir junto da minha família e amigos na Terra, e estou muitas vezes com eles.

O meu amigo afastou-se pouco depois, e outros homens e mulheres que eu conhecera e com quem partilhara sentimentos fora dos portões vieram cumprimentar-me, cada um com uma palavra agradável de recordação, todos tão cheios de elogios pelo pouco bem que, por acaso, eu lhes tinha feito, que fiquei bastante emocionada e, em vez de me encher de orgulho, comecei a sentir-me humilde. Contudo, um arrepio de alegria percorreu-me ao ouvir as palavras de amor e as preces de bênção que me eram dirigidas. “Ah!”, pensei, “prefiro receber o elogio sincero destes corações, provados pelo sofrimento e moldados numa forma harmoniosa por uma disciplina dura, do que ter os aplausos da multidão ou a riqueza das Índias.”

Ali, de pé, sobre o tapete de veludo de musgo, com as flores perfumadas a brotar ao meu redor e a encher o ar doce e iluminado pelo sol, recebendo as felicitações e bênçãos destas almas espirituais, senti-me como uma rainha deve sentir-se ao aceitar a homenagem dos seus súbditos dignos. Ah! então aprendi que uma das qualidades distintivas de uma alma elevada é a gratidão pela ajuda que recebeu, e que a recordação da assistência passada nunca se apaga do espírito.

Perguntei a mim mesma como era possível que todas estas pessoas que eu conhecera na terra de sofrimento — e muitas delas tinham sido muito mais degradadas e infelizes do que eu — tivessem chegado a este Mundo do

Nascer do Sol antes de mim. Mais tarde, soube que, por causa da minha própria desconfiança nas minhas capacidades, e por recuar diante do encontro com as almas puras que amava, mas que temia que apenas me censurassem, eu própria tinha mantido a barreira que me afastava desta região de prazer e beleza; enquanto outros, não tendo tais receios a detê-los, embora tivessem sido mais pecadores do que eu, tinham, através dos seus esforços para fazer o bem, rapidamente crescido até alcançar a condição celestial.

A penúltima pessoa a aproximar-se de mim foi o meu próprio pai. Reconheci-o de imediato e fiquei realmente feliz por o ver ali.

— Filha — disse ele —, bem-vinda à terra da luz e do amor. Aqui encontrarás tudo o que possa satisfazer o teu desejo de beleza e a tua sede de conhecimento. Aqui encontrarás felicidade e paz. O teu velho pai dá-te a sua bênção. Fizeste uma boa obra em mim.
— Não, pai — interrompi —, as boas obras são realizadas na alma pelo seu próprio trabalho; eu apenas te ajudei a compreender a tua condição e a encontrar o teu verdadeiro eu.

— É o mesmo, minha menina — replicou. — Devo-te a luz que tenho agora, e não a esqueço. Não vivo aqui propriamente, pois continuo ocupado em acompanhar a tua mãe e em guiar o jovem Dr. H.; mas venho cá de vez em quando para inspecionar o belo lar que está a ser preparado para a tua mãe, que virá em breve. A sua vida pura e o trabalho constante em prol dos outros libertam o material, que a pequena Daisy recolhe e, com a ajuda de construtores sábios, transforma nos mais belos elementos para adornar o lar. Mas eis que aí vem a própria menina; ela dir-te-á mais, pois eu tenho de ir.

Mal reparei na partida do meu pai, pois os meus olhos estavam presos na aparição que se aproximava, flutuando mais do que caminhando, uma criatura angélica, tão etérea que parecia quase transparente. Uma luz suave envolvia toda a sua figura, iluminando-lhe o rosto e brilhando nos seus cabelos castanhos, que caíam em rica profusão sobre os ombros delicadamente inclinados, até cada fio resplandecer como um fio de ouro. Os lábios sorridentes, entreabertos, e os olhos azuis radiantes estavam cheios de amor e revelavam a ansiedade de quem deles era dona. As vestes desta graciosa criatura eram de um branco puro, suaves como o mais fino musselina, e caíam sobre a sua forma esguia com um encanto irresistível.

Num instante, os seus braços estavam à minha volta — tão suaves e delicados — e a sua doce voz murmurou:

— Oh! minha querida irmã, estou tão feliz! tão feliz! Eu sou a Daisy, e amo-te.

Era a minha Daisy, a pequena flor que eu cuidara na sua infância e com quem tantas vezes sonhara. Que doce e encantadora mensageira ela era! Não posso descrever o nosso encontro; a lembrança é demasiado terna e sagrada para a revelar a outros.

Mas ela tinha vindo para me mostrar o caminho até à minha nova morada e levar-me ao novo lar que estava a ser preparado para a nossa mãe.
— E para o pai também — disse ela —, embora ele não o saiba. Está a portar-se admiravelmente agora; e as suas boas obras estão a fornecer material sólido e duradouro para a casa; e a mamã está a emitir um magnetismo que é tecido e moldado nos mais finos e belos adornos. Oh! temos construtores de talento e desenhadores habilidosos aqui.

Passámos, leves, pelos campos brilhantes e pelas casas brancas, a maioria abertas nos lados, através das quais podíamos observar os felizes habitantes nos seus estudos ou trabalhos. Aprendi muitas coisas com a minha companheira sobre as leis e condições desta nova vida, mais do que poderia contar-vos se tivesse um ano inteiro do tempo da minha médium à disposição; pois, nas esferas superiores, aprendemos rapidamente, já que a nossa compreensão é aguçada pela influência que nos rodeia.

Por fim, parámos diante de um edifício circular, claramente recém-construído. As esculturas das suas colunas de sustentação eram belas e únicas. A cúpula brilhava ao sol como alabastro, e vi que as paredes interiores eram de azul e ouro.

— Esta é a casa da mamã — disse Daisy; e, ao passarmos por caminhos lisos, ladeados por arbustos delicados e flores em flor, acrescentou: — E este é o jardim dela; sabes que ela adora plantas. Vai rejuvenescer e ganhar força cuidando delas; mais doce ela não pode ficar.

Entrámos na casa. Não havia paredes laterais; tudo estava aberto, exceto aqui e ali, onde painéis espaçosos, do chão ao teto, sustentavam belas paisagens ou quadros alegóricos. O chão era revestido com mosaicos que brilhavam como madrepérola. Cada divisão estava decorada com bom gosto, e não faltava nada, exceto os moradores, para compor um lar encantador.

— Ainda não; falta pouco para estar concluída — disse a minha irmã, enquanto eu olhava para o futuro lar dos meus pais e o achava perfeito. — Precisa de uns últimos retoques para o ficar.

Um homem alto e de aspeto grave trabalhava num fresco no aposento central, e uma mulher de aparência doce ocupava-se a entrelaçar uma bela trepadeira em volta de uma graciosa estatueta.

— São velhos amigos dos nossos pais — explicou Daisy —; têm grande habilidade nesse trabalho e gostam de o fazer por amizade. Nunca nos falta ajuda competente, quer manual, quer intelectual, das mãos ou mentes de amigos afetuosos.

Terminada a inspeção, seguimos mais um pouco até avistarmos uma bela mansão erguida contra o fundo de um bosque de árvores imponentes. À frente estendia-se um magnífico relvado, sem árvores ou ornamentos, e, à direita, contemplei um jardim esplêndido de flores e caminhos sinuosos.

Vindo ao nosso encontro, vi a figura do meu amado. Pegando nas minhas mãos, exclamou, com profunda emoção:
— Bem-vinda, minha Flor, ao teu lar celestial. Que ele te seja um refúgio de amor e descanso. Quando te deixei no teu sono magnético, apressei-me para vir verificar se tudo estava pronto para ti. Era justo que te trouxesse à Terra da Bênção, mas também apropriado que aqueles que tinham sido beneficiados pelos teus cuidados te saudassem ao despertares, e que a tua irmã angelical te guiasse até este lugar. Esperei o momento certo; mas agora… estamos em CASA!

A estas palavras, conduziu-me pelos degraus prateados até ao amplo portal da mansão. Daisy, sem que déssemos por isso, tinha-se afastado, e ficámos a sós. No entanto, toda a atmosfera do lugar parecia viva com presenças sagradas, e o ar vibrava com o som de vozes alegres e amorosas.

Não me deterei a descrever-vos a minha bela casa espiritual. Mesmo que entrasse nos mais ínfimos pormenores, a linguagem mortal não poderia retratar adequadamente o luxo das suas acomodações ou a atmosfera de harmonia e paz que preenchia as suas paredes; mas devo tentar falar-vos de um dos aposentos para onde o meu companheiro me levou durante a nossa visita.

Era uma sala ampla e alta, que percorria todo o comprimento da casa. O chão estava revestido de blocos sólidos, azuis e brancos, de uma substância semelhante a pedra. O teto, branco puro, era salpicado de estrelas douradas. Mesas, cadeiras, estantes com livros e suportes para música encontravam-se aqui e ali. Num extremo havia um grande conjunto de plantas e flores, de que falarei mais adiante.

Mas as paredes — as paredes desta sala chamaram logo a minha atenção, tal era o seu aspeto peculiar. Diante de mim, erguia-se um grande painel de

uma substância semelhante a pérola; a parte inferior parecia incolor; mais acima, surgiam diferentes tons — primeiro um rubor rosado, muito delicado e belo, que se aprofundava em carmesim. Para além disso, aparecia um cinzento-chumbo, atravessado por linhas, algumas negras e outras douradas; esta parte estava cheia de pequenas cavidades, como se a queda constante de gotas de chuva tivesse deixado marcas na sua superfície.

Acima desta zona nublada e marcada, estendia-se outra, escura e ondulante, como coberta por sombras de vapor. Um pouco mais à frente, observei outra placa, do chão ao teto. Esta era de um negro profundo e brilhava como azeviche. No centro da metade inferior, uma única estrela dourada, de grandes dimensões, cintilava; e na parte superior havia uma rosa dupla de cor carmesim, cujas pétalas e folhas se destacavam com nitidez contra o fundo sombrio.

A intervalos regulares, surgiam outros painéis; os espaços entre eles eram placas de cristal, através das quais se via o sol lá fora, ou aberturas que davam para uma agradável varanda.

CAPÍTULO VIII

O MEU BELO LAR ESPIRITUAL

Dirigi um olhar interrogativo ao meu companheiro, ao que ele respondeu:
— Perguntas-te o que isto significa; deixa-me dizer-te, embora possas descobri-lo por ti própria. Estas paredes contêm a história da tua vida. Vamos interpretá-las juntos:

— Este primeiro painel revela a história de uma experiência terrena; o tom neutro da base simboliza a infância; as linhas que o atravessam mais acima representam as tristezas, alegrias ou lições de criança que deixaram impressão duradoura na mente. O delicado rubor que ilumina a pérola sem cor simboliza aquele período feliz em que o amor nasceu no teu coração e, à medida que a sua doce influência permeou o teu ser, o rubor aprofunda-se até uma beleza radiante. — E lançou-me um olhar cheio de ternura.

O tom plúmbeo acima exprime a tua experiência quando aquele que amavas foi retirado da Terra; a tristeza que se espalhou pelo teu coração partilhava desta tonalidade sem esperança. E agora podemos seguir a exigente disciplina dos teus anos posteriores. Estas linhas negras são as lutas e tentações que te assolaram; as douradas, as resoluções heroicas que tomaste para fazer melhor, os sacrifícios pessoais da tua vida pelos que

amavas e as boas ações que realizaste por aqueles que estavam em necessidade.

Não deves pensar, querida, que a tua vida esteve desprovida de boas obras; foi atravessada por linhas douradas de amor e utilidade. A parte superior deste painel, tão enfumada e nublada no seu aspeto, representa a cena final da vida terrena, quando, desesperançada e desesperada, passaste do corpo; inclui também aquele período da tua existência espiritual em que permaneceste sob as velhas condições físicas, sob o teto do teu pai. As marcas que vês espalhadas densamente pela maior parte desta tábua são as marcas das lágrimas que derramaste no teu percurso terreno; são indeléveis e evidenciam a dor e a provação de um coração humano.

Este segundo painel — disse ele, apontando para o espaço negro — representa a primeira condição da tua existência espiritual fora dos portões. O seu tom de ébano descreve bem a escuridão total da tua vida, o estado desesperado, lamentável e desalentado do teu coração, quando, encerrado na sua própria autocontemplação e condenação, ansiava desesperadamente por estar só, só. Mas a estrela dourada revela que, no meio da sua escuridão e desespero, a luz do amor ainda brilhava nesse coração, acabando por fazer sentir a sua radiação.

A parte superior permanece escura, mas dela brota uma rosa real de damasco. Ah, meu amor, quando a compaixão e a simpatia por uma criatura errante nasceram na tua alma, e pronunciaste palavras de ânimo e deste pronta ajuda à aflita Lettie, conduzindo-a para fora da miséria, essa bela flor foi esculpida na parede de ébano, e uma incomparável flor de amor surgiu em flor. Encontrarás o seu protótipo original ali, entre as flores vivas, e outras doces flores que também brotaram da tua alma. São flores do espírito e não murcham. — E ele indicou o fundo da sala, onde estavam plantas e flores.

Escutava, com espanto e deleite, esta estranha leitura da minha vida passada; avançámos para o terceiro painel, e o meu guia prosseguiu: — Verás que este é de esmalte azul-escuro, não de ébano como o segundo. Representa a segunda etapa da tua experiência espiritual; a metade inferior está salpicada de folhas e flores de pérola, simbolizando os nobres impulsos e instintos de benevolência que se agitaram dentro de ti. No centro da parte superior brilha uma luz radiante, conferindo um efeito suave e belo a toda a tábua; no meio dessa luz floresce uma adorável flor em forma de campânula, com folhas de pérola e coração de ouro.

Essa luz brilhou pela primeira vez nesta parede, e essa taça luminosa surgiu quando deste à pobre Kate a simpatia e o conselho que a levaram a tornar-se uma mulher pura e nobre, de uma criatura outrora completamente

degradada. Acima desta secção vemos flores escolhidas, das cores mais ricas; foram gravadas quando a tua simpatia e compaixão, o teu conselho e ajuda, se dirigiram aos necessitados. Os seus originais vivos encontram-se todos ali. Este quarto entablamento é de um belo azul, que esbate até ao cinzento mais suave; cada tonalidade é riscada com trepadeiras douradas e salpicada de flores, todas simbólicas das tuas boas obras, exceto a parte superior de cinzento-pérola, que ostenta apenas uma régia flor-da-paixão. Essa flor nasceu quando renunciaste à perspetiva feliz de viver numa casa cheia de crianças inocentes, para acompanhar e guiar a vida arrependida do teu pai. Encontrá-la-ás entre as plantas.

Quão vividamente me surgiu a imagem: a minha companheira de juventude e eu avançando para o vale feliz; a nossa pausa ao som de lamentos; a descoberta do meu pai; o seu pedido para que não o deixasse; a renúncia às minhas esperanças e a decisão de ficar com ele, e depois a visão maravilhosa que tive de uma magnífica flor-da-paixão, que desapareceu, deixando no seu lugar o rosto aprovador de Benefice. Mas onde estavam Benefice e o bom Padre Pierpont? Não tinha visto nenhum deles desde que cheguei aqui. Percebendo os meus pensamentos, o meu querido disse: — Tudo a seu tempo; não estão longe e em breve os verás.

Mais à frente havia um painel de um belo cinzento-escuro, salpicado de flores brilhantes; tudo era como madrepérola, brilhante e resplandecente; este, disse-me o guia, simbolizava a minha vida e experiência com as crianças que tinha ensinado antes de chegar a este meu lar atual.

A seguir surgiu uma tábua de brilho prateado, intacta, salvo por um belo tom carmesim, como o amanhecer de verão, que se espalhava pela sua superfície inferior. Disseram-me que representava a minha chegada a esta condição de vida que agora era minha, e que a parte superior, lisa e sem gravações, estava ainda por ser inscrita pelo meu futuro. Por fim, um painel branco como a neve, que cintilava e brilhava como obra de geada, estendia-se diante de nós, intocado por linha ou curva — um painel que o tempo vindouro veria embelezado ou manchado pelos meus próprios atos.

Finalmente, aproximámo-nos das plantas e flores no fundo da sala. Quão luxuriantes e belas eram, e como o seu perfume impregnava o ar! Tal como o meu querido dissera, aqui estava o tipo vivo de cada flor e trepadeira que aparecia incrustado em pedra brilhante ou pérola nos painéis da sala. Aqui estava a rosa dupla carmesim, a delicada flor em forma de campânula com o seu coração dourado, as flores e trepadeiras mais pequenas, e a régia flor-da-paixão com a sua coroa reluzente. Maravilhosas e belas eram todas!

— Penso que gostarás de permanecer aqui, por isso preparei esta sala para teu uso exclusivo. Aqui tens obras de arte, música, literatura e tudo o que te

agradará. Podes trabalhar, estudar ou sonhar aqui quando quiseres. Ninguém pode ler a história destas paredes senão aqueles que estão em mais estreita sintonia contigo e que te compreendem. Na verdade, não será provável que admitas aqui alguém que não simpatize contigo. — E o meu companheiro sorriu-me, enquanto eu lhe dirigia um olhar afetuoso e grato.

Já tinha aprendido que espíritos afins, aqueles que verdadeiramente se amam, não necessitam da linguagem falada, do aperto de mãos ou do abraço físico para exprimir ou satisfazer o seu amor. Mas há uma sensação deliciosa de paz, de descanso, de satisfação e de alegria no coração de um espírito quando na presença do seu amado, que exprime mais do que qualquer manifestação externa pode fazer. É um sentimento de unidade, uma fusão perfeita de ser, indescritível e totalmente satisfatória.

Antes que permanecêssemos muito tempo nesta agradável companhia, vimos visitantes a aproximarem-se pelos jardins, e para minha alegria, Benefice e o Padre Pierpont foram anunciados, num instante, pela minha pequena Daisy, que os precedia. O encontro foi feliz, e fiquei mais grata do que as palavras podem exprimir quando o Sr. Pierpont perguntou se eu gostaria de ser sua aluna e de iniciar uma vida de estudo.

A minha vida tornou-se então numa roda incessante de estudo e aperfeiçoamento pessoal. Sempre ansiara pelas vantagens de uma educação liberal. Na Terra, a minha sede de conhecimento nunca fora saciada, e o meu desejo de levar uma vida intelectual permanecera eternamente insatisfeito. Mas agora tudo mudara.

Auxiliada pelo meu amado e ensinada pelo bondoso Sr. Pierpont, a minha mente expandiu-se, o meu conhecimento aumentou, as minhas inclinações intelectuais desenvolveram-se, e aprendi muitas lições de verdade que jamais me poderão ser tiradas. Os livros eram úteis para mim, as obras de arte tinham o seu papel na formação do meu espírito; mas tudo isto era secundário em relação ao ensino verbal e à instrução prática dos meus mestres.

E agora eu era tão feliz, na presença do meu amado, com o ensino dos meus mestres, com a companhia da pequena Daisy — que servia como espírito-mensageiro entre este e estágios inferiores da vida espiritual — e de outros queridos amigos, que apenas as experiências mais alegres chegavam ao meu coração.

A parte superior do painel prateado, na sala onde mais gostava de estar, começou a brilhar com linhas douradas de realização e estrelas radiantes de conquista, sob a mão hábil do meu querido, sempre que eu vencia

alguma nova dificuldade no caminho do saber ou alcançava algum ponto importante nos meus esforços para cultivar as faculdades da alma.

Eu triunfara sobre a ignorância do passado; cumprira fielmente cada tarefa e aprendera cada lição que me fora proposta. Preparava-me, sob a tutela dos meus mestres, para entrar numa grande academia ou escola, onde se ensinavam os mais altos ramos de uma educação avançada, e onde estaria sob o ensino direto de Benefice, que era um dos diretores da escola. O meu objetivo era alcançar excelência no domínio da linguagem, da composição e da filosofia mental, para não só estar ao nível dos mais cultos e refinados da minha esfera, mas também para me tornar apta como professora e orientadora de outros.

E chegou o meu momento. O Padre Pierpont declarou que eu estava preparada para ocupar o meu lugar nos grandes salões de aprendizagem, e todos os meus queridos se alegraram comigo. O painel prateado, tão semelhante às vestes de seda que eu usava sempre nestes dias, também ficou concluído, e, curiosamente, o meu amado terminara-o esculpindo uma mão branca como a neve na parte superior, com o dedo indicador apontando para o painel imaculado além. — Apontando para o teu futuro, Blossom — disse ele suavemente, quando perguntei o seu significado, e não questionei mais.

Um grupo de espíritos encontrava-se na margem de um rio sorridente. Junto às margens do riacho erguia-se uma grande e espaçosa casa — era o acolhedor lar de John Pierpont; à sua volta e para além dele, por longas distâncias, estendiam-se bonitas casinhas brancas e jardins floridos; eram lares de paz e contentamento, de pessoas que tinham sido beneficiadas, ensinadas e elevadas por este bom homem, e que se tinham estabelecido ao seu redor, como filhos que se reúnem junto de um pai amado.

Não muito longe erguiam-se os portões imponentes e as paredes maciças do colégio que eu estava prestes a frequentar, e mais além, mas visível através do ar límpido e suave, sobre uma bela colina, podia ver-se a casa de Benefice. O grupo de espíritos na margem do rio era formado pelo Padre Pierpont, Lettie e o seu pai, Kate, o meu próprio pai, o meu amado e eu. Discutíamos os meus planos e trabalhos futuros.

Num instante, vi a nossa pequena Daisy deslizar rapidamente para nós, mas, em vez de tomar o seu lugar ao meu lado, como esperei, passou apressada, com uma expressão de preocupação no seu doce rosto, e desapareceu pelas portas da academia. Quando reapareceu, Benefice estava a seu lado. Aproximaram-se do nosso grupo e saudaram-nos.

— O que te preocupa, Daisy? — perguntei.
— Ele dir-te-á — respondeu ela.

E Benefice contou-nos; falou-nos de uma mortal, uma bela mulher, uma médium que tinha sido induzida a levar os seus dons perante o público e a servir profissionalmente como mediadora entre os dois mundos. Possuía poderes maravilhosos, mas era extremamente sensível e suscetível a influências. Já tinha chamado a atenção de um homem forte, positivo, de mente impura, que a tinha assinalado como a sua futura vítima.

Esta jovem desprevenida precisava da orientação de um espírito feminino puro e positivo; alguém que a tomasse sob sua responsabilidade e a acompanhasse; um espírito que tivesse adquirido autoconfiança, que fosse compassivo e que compreendesse as leis da psicologia, do controlo espiritual e da mediunidade. A menos que tal guia pudesse ser imediatamente enviado para junto da médium, ela estaria condenada.
— É tão bela — exclamou Daisy —, eu salvá-la-ia se pudesse; mas não sou suficientemente forte para contrariar os efeitos de um magnetismo terrestre positivo.

Senti como se o chão me fugisse debaixo dos pés, como se vida, movimento e atividade se tivessem suspendido. Deveria eu oferecer-me para fazer isto? Estaria esta prova reservada para mim? Seria eu chamada a renunciar às minhas perspetivas, aos meus planos, às minhas esperanças, e a retomar a minha vida na Terra em ligação com uma mulher desconhecida? A inclinação dizia não, o dever respondia SIM.

A luta foi dura, mas breve; o meu melhor eu triunfou, e anunciei a minha decisão sem um suspiro de arrependimento. Os meus companheiros protestaram, mas mantive-me firme. Por fim, cederam ao meu juízo, e então soube como os tinha satisfeito.

— Ah, minha Blossom — exclamou o meu mais amado —, acabaste de conquistar a maior vitória da tua vida! Lembras-te do teu receio, quando vim buscar-te do vale das crianças para aqui, de que, se chegasse a prova da tentação, vacilarias diante dela? A prova chegou, e mostraste-te forte e nobre. Foi dito: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos”; mas nós sabemos que ninguém tem maior amor do que aquela que renuncia à esperança, à alegria e ao amor pela bênção de outra vida humana.

— Oh, irmã — murmurou Daisy —, estou tão feliz! É a nossa própria Lily que precisa de ti.

Oh! então anseiei por partir, sim, até me alegrei por deixar estes queridos; pois não me tinham dito que a minha preciosa irmã Lily, o orgulho e encanto

do nosso lar terreno, a médium por quem a nossa família conhecera pela primeira vez a vida imortal, estava em perigo e precisava do cuidado protetor da sua irmã espiritual?

Não me deterei a narrar a minha despedida do grupo na margem, nem a minha chegada à casa terrena da nossa mãe. Encontrei a minha irmã médium diariamente a atender o público curioso, e tomei-a sob a minha proteção. Através do seu organismo, comuniquei com a minha mãe, agora muito debilitada, e dei lições de instrução e conselhos à própria Lily. Forneci a influência magnética de que necessitava para se tornar uma mulher equilibrada e para desenvolver as qualidades mais fortes e autoconfiantes da sua natureza.

Quando o homem ardiloso que a tinha assinalado como presa se aproximou dela, eu estava ao seu lado. Até então, as suas atenções tinham sido apenas as mais suaves e corteses. Mas vi, pelo aspeto do seu espírito, que o momento de revelar a sua verdadeira natureza estava próximo. Então, entrei em transe através da minha irmã e, pelas revelações que fiz ao homem, pelo conhecimento que demonstrei das suas intenções, pelas palavras de condenação e admoestação que lhe dirigi, humilhei-o de tal forma que ele pediu perdão pelos seus maus pensamentos e prometeu emendar-se. Nunca mais o vi, pois nunca mais visitou a nossa casa.

Pouco depois deste acontecimento, a minha mãe passou para o mundo espiritual; através do organismo da minha irmã, conversei diariamente com a minha amada mãe, preparando-a para a mudança iminente e, quando por fim os seus olhos de carne se fecharam serenamente e o seu espírito emergiu da casa de barro, fui a primeira a dar-lhe as boas-vindas de espírito e a entregá-la aos cuidados ternos do meu pai e de Daisy, que tinham vindo conduzi-la ao belo lar preparado para ela.

Permanecei junto da minha irmã médium durante um ano após a transição da nossa mãe, continuando a ser sua conselheira e guia. Entretanto, o jovem médico que o meu pai ainda assistia como auxiliar magnético, tendo encontrado frequentemente Lily e sido atraído pelo seu carácter gentil e pelo seu porte encantador, ofereceu-lhe a mão em casamento. Foi aceite, e a união seria consumada um ano após o falecimento da nossa mãe.

O meu pai ficou encantado com esta perspetiva e, através do organismo da minha irmã, expressou ao jovem a sua aprovação. Então, pela primeira vez, o médico soube o quanto estava em dívida para com o espírito do pai da sua noiva pelo êxito que tinha alcançado na sua profissão.

Ficou decidido pelos noivos que, após o casamento, Lily deixaria de exercer como médium para o público em geral, embora continuasse a usar os seus

dons, sob a orientação dos seus guias, para amigos ou para qualquer fim humanitário que os espíritos aconselhassem.

A minha irmã tinha-se tornado agora numa personalidade forte, lúcida e segura de si, embora conservasse a mesma doçura e gentileza no trato, e o mesmo coração amoroso e bondoso de sempre. Mulher graciosa e bela, iria embelezar o lar que fora escolhido para si.

É agradável para grupos de espíritos, que selecionaram um médium para trabalho especial, sentir que o seu instrumento está pronto e disposto a colaborar em harmonia com eles. Por vezes, inteligências sábias aproximam dois sensitivos que estão em sintonia com as coisas espirituais e cujas naturezas vibram em harmonia com as esferas, para fins particulares.

Unem as forças magnéticas e elétricas, as qualidades positivas e negativas de ambos, e assim formam uma bateria de poder para trabalho futuro. A partir desse centro de atração assim estabelecido, os trabalhadores espirituais partem para vários lugares onde é necessária ajuda, levando consigo reservas de magnetismo na forma de poder curativo, de energia mental estimulante, ou de influências impressionantes que exercem sobre aqueles a quem assistem. Assim, muito pode ser realizado por assistentes invisíveis, de maneiras pouco conhecidas na Terra.

Ao juntar a minha irmã Lily, com as suas qualidades mediúnicas, e o seu noivo, com a sua natureza positiva mas magnética e espírito cooperativo, o mundo espiritual formou uma bateria para aproveitar poderes e concentrar forças espirituais que, de outro modo, poderiam perder-se em grande parte, e assim conseguiu inaugurar um trabalho para a humanidade, enviando a partir desse centro influências e forças magnéticas para o avanço de causas necessárias.

Os espíritos, ao cuidarem destes meios de concentrar poder, de consolidar as suas forças e distribuir as suas atuações, nem sempre trabalham segundo o exemplo ou a opinião dos mortais. Cientes do seu poder sobre os seus instrumentos para fazer o bem, e vendo mais claramente o trabalho a realizar e o fim a alcançar do que as crianças da Terra podem ver, prosseguem no seu propósito, imperturbáveis pelas críticas da multidão.

A união da minha irmã e do seu noivo poderia não se revelar inteiramente vantajosa do ponto de vista mundano ou ambicioso, mas, espiritualmente e em verdade, seria tudo o que se poderia desejar.

Agora sentia-me novamente livre; a minha irmã já não precisava dos meus cuidados. Cercada como estava por influências protetoras de ambos os lados da vida e, ela própria, tornada segura e forte, voltei-me ansiosamente

para o meu lar espiritual. Ansiava pelos entes queridos que tinha deixado para lá dos portões e sentia que devia ir ter com eles.

No mundo espiritual, quando mergulhada nos meus afazeres ou absorvida nas minhas reflexões, não notava o passar do tempo. Um espírito pode experimentar uma eternidade de dor ou de felicidade num só dia; e, medido pelos acontecimentos, os nossos “anos” podem ser apressados ou prolongados. Mas aqui eu tinha consciência da passagem do tempo, e sabia que, quando chegasse o dia do casamento da minha irmã, completar-se-ia o oitavo ano desde que tinha entrado na vida espiritual.

Eu vivera trinta e quatro anos na Terra, pelo que agora teria quarenta e dois; não me sentia mais velha do que quando deixei a Terra — pelo contrário, havia uma certa exaltação e leveza de espírito que nunca conhecera no corpo e que me fazia sentir-me perpetuamente fresca, forte e quase juvenil.

O dia do casamento da minha irmã chegou finalmente e trouxe consigo não só todos os irmãos, irmãs, parentes e amigos terrenos, mas também uma grande reunião de entes queridos do lado espiritual, para testemunhar a cerimónia e abençoar o feliz casal. Foi verdadeiramente uma reunião da nossa família e uma ocasião jubilosa tanto para espíritos como para mortais.

Quando a minha mãe e Daisy regressaram ao seu lar espiritual, acompanhei-as. A bonita casa que eu visitara com a minha irmã angelical antes estava agora concluída, e cada recanto parecia consagrado e iluminado pela presença do seu espírito tutelar, a minha santa mãe. Nesse refúgio perfeito, ela, o pai e Daisy viviam felizes juntos. Mas cada um ainda tinha deveres como consolador, mensageiro ou apoio magnético para os filhos da Terra; e muitas vezes estavam ausentes do seu lar celeste, ocupados em ministrar aos cansados ou tristes.

Mais uma vez, encontrei descanso no meu amado lar; descanso, mas não inatividade, pois retomei os meus estudos e tarefas espirituais com entusiasmo inalterado. O meu amado recebeu-me com a mais perfeita cordialidade, e parecia-me que os nossos seres se fundiam em harmonia mais completa do que nunca. Em aspiração, em simpatia, em tudo éramos um só. Tínhamos uma compreensão perfeita um do outro, e já não necessitávamos de palavras para compreender as nossas almas — os nossos pensamentos eram claramente definidos um ao outro.

Agora, as minhas vestes já não eram de seda cinzento-prateada. Tornaram-se tão brancas como a neve mais pura e fresca, e tão suaves e belas como a mais fina e rica renda produzida pelos vossos teares orientais. Também

eu tinha mudado de aparência, tornando-me mais etérea, mais em harmonia com as condições elevadas do meu lar espiritual; e parecia-me que a minha mente estava mais clara e também mais percetiva. Certamente, podia apreender com facilidade as lições que estudava e completar as tarefas que empreendia sem dificuldade.

O painel branco e cintilante da minha sala histórica apresentava agora um único lírio branco, que se destacava do fundo como se brotasse para a vida. Era uma criação belíssima, esculpida pelo meu amado como símbolo da minha renúncia quando me afastei dele e do céu para proteger a minha Lily terrena. Entre as plantas da minha sala encontrei uma linda flor a desabrochar com a mais delicada fragrância e beleza. Era a viva réplica do lírio na parede, e continua ainda a deleitar-me com os seus perfumes subtis e a sua esplêndida beleza.

Muito pouco depois do meu regresso da Terra, entrei na academia que tinha estado prestes a alcançar antes. Ali, dediquei-me a novos estudos e iniciei com entusiasmo o caminho da investigação dos mistérios ocultos do saber. Verdade após verdade foi-me sendo revelada. As minhas capacidades desabrocharam, as minhas faculdades mentais começaram a manifestar-se e receberam o encorajamento amável de Benefice, o meu tutor atual. Passado algum tempo, foi-me atribuída uma turma de filosofia moral e, grata pela confiança em mim depositada, procurei dar o meu melhor na inculcação de princípios morais nos meus alunos e na exposição da ética espiritual.

A minha casa estava sempre aberta aos meus amigos, e muitos momentos raros de convívio e de trabalho associativo passavam-se entre as suas paredes. Frequentemente também nos reuníamos nos lares daqueles que amávamos; e, quer fosse na acolhedora habitação dos meus pais e irmã, quer sob o teto hospitaleiro do Padre Pierpont, ou nas amplas e convidativas salas de Benefice, os nossos encontros eram sempre marcados por canções inspiradoras e palavras instrutivas, e nunca deixavam de nos enriquecer.

No mundo espiritual, aprendemos gradualmente a rejeitar os nomes pelos quais éramos conhecidos na Terra e a adotar um cognome que nos seja próprio. Um traço distintivo de caráter, uma graça de espírito, uma aplicação de talento podem fornecer-nos um nome, e os nossos companheiros espirituais mais atentos começam a tratarmo-nos por ele antes mesmo de nós próprios o conhecermos. Assim, uma nobre e pura professora da nossa academia, com o dom de iluminar a mente dos seus alunos sobre qualquer ponto que tenha de ensinar, é conhecida como “Vesta”.

Outra, cujos poderes de canto são maravilhosos, chama-se “Melodia”. O Sr. Pierpont é universalmente tratado por “Pai”, tal é a sua postura paternal e bondosa. O meu ilustre instrutor, a quem tanto devo, é chamado “Benefice” pela sua grande benevolência de caráter e nobre natureza; a sua encantadora esposa, bela e refinada, é conhecida como “Beulah”; a filha mais velha, uma das almas mais puras de uma esfera pura e elevada, e que é como a luz da manhã para muitos corações cansados, tratamo-la por “Morna”; e a filha mais nova, de santidade exemplar, é “Graça para todos”.

A todos os meus companheiros — exceto ao meu amado, para quem eu continuava a ser “Blossom” — tornei-me em breve conhecida como “Lyra”, nome pelo qual sou designada no meu lar espiritual.

— Lyra — disse-me Morna, não há muito tempo —, o pai deseja que empreendas outra tarefa ligada à Terra. Achas que poderás fazê-lo?
— Depende da sua natureza — respondi —; aceitaria quase qualquer tarefa ao pedido de Benefice, pois vejo o teu pai como um santo padroeiro. Mas o que devo fazer?
— Voltar à Terra e, através de um médium que ele escolheu como teu instrumento, revelar a história da tua vida — as experiências do teu espírito — aos mortais.
— E será esta prova reservada para mim? — perguntei, tomada de surpresa perante o pedido da doce alma.
— Não como meio de auto-humilhação — replicou ela —, não como processo de mortificação para ti, querida Lyra; elevaste-te acima da necessidade de tal experiência, mas para instrução dos mortais; para que as pessoas da Terra aprendam algo sobre as condições do espírito e compreendam que uma alma errante não pode, de imediato, passar do estado terreno de infelicidade para as bem-aventuranças do céu. Ao contares a tua própria história, incluirás necessariamente a de outros e revelarás aos teus leitores — pois será publicada — os lentos passos com que os que erram chegam ao reino da verdade e da justiça.

— Nesse caso, farei como o teu pai deseja; com a condição de não ter de mencionar nomes ou nada que identifique a minha pessoa e cause constrangimento aos meus amigos terrenos. Caso contrário, farei o possível para cumprir a parte que me é atribuída.
— Obrigada, querida Lyra; o pai escolheu-te porque conhece as tuas capacidades. Não precisarás de revelar nada que queiras ocultar; apenas conta a tua história e deixa os resultados com Deus.

E assim fui conduzida até este médium, por cujo intermédio coloco o registo da minha vida perante os filhos da Terra. Procurei tratar o meu tema com fidelidade. Não omiti nada. Não embelezei história alguma. O que vos

apresento são os factos simples de uma experiência espiritual. A verdade é sempre mais estranha do que a ficção, mais poderosa, mais incisiva, pois pertence ao espírito e é duradoura, enquanto a ficção é de ordem efémera e perecível. Por vezes, senti-me limitada pelos confins da linguagem mortal ao tentar descrever-vos as condições e os ambientes do meu espírito. Fui obrigada a usar termos e expressões familiares aos mortais, mas que, para mim, são muito inadequados para descrever a vida de um imortal. Mantive-me fiel a uma linguagem simples, para que todos os que lessem pudessem compreender o que tinha a dizer, e porque os factos mais impressionantes podem ser transmitidos de forma simples.

Agora despeço-me de vós. O que será a minha experiência futura, não posso dizer. Talvez tenha de voltar a contactar com a Terra para cumprir alguma missão designada; ou, entre os habitantes das alturas celestiais, possa prosseguir a minha obra em paz. Seja qual for o meu destino ou labor, quer me seja dado entre os santos, quer como professora entre os não-redimidos, regozijar-me-ei no saber que nunca mais, sob quaisquer circunstâncias ou condições, a minha alma se verá tão privada de autoestima, tão cheia de inquietude e de sombra, que se sinta Fora dos Portões.

Nota — O espírito que vos revelou a história do seu coração nestas páginas é agora um ser puro e santo, cuja obra inteira é dedicada à elevação da humanidade. Que a sua história transmita uma grande lição moral às almas daqueles que a leem, é a oração da comunidade espiritual a que pertencem tanto ela como “Benefice”.

O QUE ENCONTREI NA VIDA ESPIRITUAL

PARTE I

A minha vida terrena foi como um sonho doce e belo. A mais nova de três irmãs, acarinhada e mimada pelas mais velhas e protegida pelo terno amor do pai e da mãe, não conhecia o verdadeiro significado de tristeza ou preocupação, e cada dia estava repleto de sol e de alegria para o meu coração.

A minha casa era no Condado de Boone, no Kentucky, e o meu pai era aquele bom e querido homem que, sob o nome de “Benefice”, publicou, há algum tempo, uma série de artigos intitulados *Pensamentos do Ponto de Vista de um Espírito*. A minha mãe era o espírito mais doce e harmonioso que jamais conheci: movendo-se pela casa com graça suave, tudo o que tocava parecia ganhar nova beleza e interesse.

Tinha uma palavra amável e uma mão prestativa para todos. Mesmo a pessoa mais pobre e humilde da nossa vizinhança encontrava luz na sua presença e auxílio para se tornar mais gentil e refinada pelo seu exemplo. As minhas irmãs eram como uma combinação de pai e mãe — a personificação da paz, da serenidade e da atenção. Com tais influências, e rodeada pelo conforto e vantagens de um lar bem organizado, passei os poucos anos da minha existência terrena.

No meio da alegria e da beleza, e de tudo o que é encantador para um coração jovem que começa a conhecer a vida, chegou a grande experiência que mudou tudo para mim. A morte encontrou-me cheia de energia e alegria, mas não estremeci diante dela, nem temi responder ao seu chamado.

Estava a navegar com alguns jovens companheiros nas águas de um grande lago, quando de repente um acidente atingiu o nosso barco e fomos precipitados à água. Houve uma luta, e então veio-me a certeza de que não havia salvação; justamente quando uma das minhas companheiras disse: “Susie, vamos morrer afogadas!”, tal serenidade me invadiu que não senti qualquer terror, e respondi: “Não tenho medo de morrer, e tu?” Um dos nossos pequenos tripulantes foi salvo para contar a história, mas as outras duas derivámos para a Grande Terra Invisível, para encontrar novas experiências e formar novas conceções de vida.

Ao sentir-me a afundar, afundar sob as ondas, ouvi um som como o de muitas vozes a cantar. A melodia harmoniosa envolveu-me por todos os lados, e pareceu que uma força invisível me erguia. Senti-me elevar acima da água e flutuar alto, no ar; e, no entanto, nada via. Subindo e flutuando sempre, com o som da música nos ouvidos, uma sensação de tranquilidade e de paz extasiada preenchia todo o meu ser, e estava contente por não exercer pensamento ou vontade, deixando-me levar para onde quer que me quisessem conduzir.

Depois de algum tempo, porém, comecei a perceber uma ténue luz rosada filtrando-se pelas minhas pálpebras fechadas; a sensação de flutuar cessou, e baixei-me sobre o que parecia ser uma massa de nuvens, tão suave e vaporosa que se sentia. O que se seguiu é difícil de descrever. Não caí num sono sem sonhos; tinha consciência da minha condição; sabia que alguma mudança me tinha acontecido; sentia as brisas suaves e os aromas doces que me envolviam; e, contudo, este estado em que me encontrava era certamente de repouso, de descanso para todas as partes do meu ser. Não sei quanto durou este sono magnético, mas, passado algum tempo, senti-o afrouxar. Logo abri os olhos, movi as mãos e os pés, e então virei-me para olhar em volta.

A minha cama era uma massa de pequenas flores brancas — delicadas taças cheias de fragrância — coberta por um dossel de vinhas verde-tenras. O ar era morno e havia uma calma estival a envolver o lugar. A atmosfera tinha também um tom rosado peculiar, suave, delicado e de uma beleza encantadora.

Examinei a longa túnica que cobria o meu corpo dos ombros aos pés. Era branca como a neve, de um tecido apertado, macio, leve como renda, mas a brilhar como espuma do mar, caindo em pregas à volta da minha forma. Nos pés tinha sandálias, também brancas como a túnica, mas presas por cordões de prata. O meu cabelo ruivo caía solto sobre os ombros, e sentia-me como um pássaro, alegre, leve e livre.

Até então, eu não tinha começado a questionar a minha aparência ou o meu entorno, mas, como uma criança, aceitava o que encontrava sem fazer perguntas. Contudo, logo despertei e espreitei pelas aberturas das vinhas. Vi que o meu pequeno caramanchão estava no meio de um grande jardim, repleto de canteiros de flores, caminhos sinuosos, pequenos lagos, recantos arborizados, rochedos artificiais, fontes e figuras esculpidas. Havia pessoas a passear pelo local — homens de expressão grave e olhar sério, e mulheres de semblante suave e sorriso terno. Vi também crianças a brincar entre as flores, e comecei a perguntar-me que terrenos encantados seriam aqueles.

Com o simples ato de pensar, parecia que chamava a companhia humana, pois nesse momento a mais bela mulher que eu jamais vira afastou as vinhas e olhou para mim. Era clara, com grandes olhos avelã e cabelos castanhos-claros; e, embora as suas feições fossem regulares e bem definidas, foi mais a expressão de bondade terna que iluminava todo o rosto que me cativou do que a mera beleza dos traços.

Essa formosa criatura apresentou-se como minha professora e guia. Fazia parte de um grupo de espíritos que havia muito eram guardiões do meu lar terreno. Ela própria sempre fora profundamente ligada à minha mãe e acompanhara-a nas diversas experiências da sua vida, estando especialmente próxima dela na hora do meu nascimento mortal, tomando conta de mim desde a infância.

Fora ela quem me levara acima das águas escuras até este refúgio encantado na Terra do Verão, deixando-me ali para recompor as minhas forças e vitalidade. Logo aprendi a conhecer e amar este espírito benigno, tão semelhante à minha própria mãe em muitos pequenos gestos; e fiquei feliz por ser levada para a sua casa como membro querido.

Descrever-vos a bela morada da minha preceptora é tarefa para a qual me faltam palavras. Tal como ela, era elegante sem ostentação, graciosa sem luxo excessivo, e pura como só um coração terno poderia tornar. A habitação, embora espaçosa, era pouca coisa comparada com os terrenos onde se erguia; estes eram vastos e embelezados tanto pela arte cuidadosa como pela natureza. Ninguém podia pensar em permanecer muito tempo entre quatro paredes quando lugares tão aprazíveis convidavam, e os habitantes daquele lar passavam a maior parte do tempo a estudar e a trabalhar entre flores perfumadas ou junto aos regatos cintilantes dos seus amplos jardins.

Havia também duas outras raparigas, de idade próxima à minha, com quem logo criei forte ligação, partilhando estudos e participando nos seus planos e alegrias.

Tinha assim iniciado uma nova experiência. Este vasto mundo espiritual, cheio de almas humanas dedicadas, zelosas e inteligentes, cada uma empenhada em adquirir conhecimento ou cumprir algum trabalho importante, despertou em mim um interesse que cresceu, floresceu e nunca mais adormeceu. Até então, nada tinha visto de dor, tristeza ou miséria, e não pensava nelas. Ali, todos eram bons, afetuosos e amáveis, e eu estava feliz por ser recebida entre eles.

Mas, pouco a pouco, por entre a novidade, o interesse e o encanto que me preenchiam, surgiu outra sensação — uma ânsia que se assemelhava a dor. Sabia que estava no céu, o mais belo lugar que alguma vez sonhara, mas comecei a sentir inquietação no meio de tanta glória e alegria. Queria a minha mãe. Desejava ver os rostos queridos do pai e das irmãs, e ansiava voltar ao lar, àquele lugar familiar. A minha professora percebeu a minha tristeza e convidou-me a fazer uma pequena viagem com ela. Não demorámos, e, quando chegámos ao destino, vi que era a casa do meu pai.

Movi-me entre os habitantes, mas havia nas paredes uma atmosfera de tristeza que eu nunca antes sentira. No rosto amado da minha mãe vi novas marcas de preocupação e um tom pálido de sofrimento que não estava ali há muito tempo. Sabia o que significava. O membro mais jovem daquele rebanho faltava no lar. A cadeira vazia contava a sua história de forma demasiado clara, e, enquanto os corações dos outros choravam, o da mãe partia-se pela perda do tenro cordeirinho — o seu bebé — que lhe fora arrancado pelas águas cruéis.

Tentei confortá-la; aninhei-me a seu lado, com os braços ao redor do seu pescoço. O pai acreditava que eu estava presente, mas os outros não sabiam. Cantei-lhe e, nas horas em que os sentidos físicos dela repousavam no sono, transmiti-lhe mensagens de amor, contando-lhe sobre

o meu lar celestial, até que ela se serenou. Nunca se queixou, mas nunca mais perdeu o toque de tristeza no seu sorriso que o tornava tão doce e terno.

Percebi então que tinha uma nova missão — ir junto daqueles que amava na Terra e procurar confortá-los. E, a partir da dor e da mágoa que encontrei nos seus corações, aprendi algo sobre a tristeza e o sofrimento que afetam a humanidade. Um grande sentimento de compaixão encheu-me por todos os que estão tristes e sós, e desejei ajudá-los. Já não conseguia encontrar plena satisfação na vida celestial que tinha sido minha por um breve período, sabendo que havia corações aflitos a necessitar de um consolador, e ansiava encontrar a forma de lhes levar a força de que precisavam.

Descobri que havia muitas lições a aprender para além das retiradas dos livros, da observação dos astros ou do estudo do reino natural. Da própria observação da natureza humana eu iria extrair o conhecimento mais importante, a revelação mais elevada da verdade que a minha alma alguma vez recebera.

Os lares na vida espiritual não estão sujeitos à decadência. Não se tornam amarelados nem marcados pelo tempo, nem se desfazem ao toque da idade. Pelo contrário, duram enquanto os seus habitantes necessitarem deles e, ao longo das eras, só revelam sinais de maior beleza e conforto, à medida que os que os habitam crescem em poder, conhecimento e bondade, adquirindo assim meios para aperfeiçoar as suas moradas.

Ao longo dos muitos anos da minha existência espiritual, vi várias casas que, no início, eram humildes, simples e até rudes, tornarem-se mais belas, grandiosas e harmoniosas, à medida que os seus moradores se completavam em cultura espiritual, perceção e realização; e nunca vi um único caso de uma alma, por mais modesta que fosse, que realmente desejasse e ambicionasse um lar, e que não encontrasse meios, oportunidade e auxílio para conseguir um. Depende do próprio indivíduo que o seu lar seja glorioso ou sem encanto, e ninguém precisa de viver sem casa ou sem amor se estiver disposto a fazer o esforço para alcançar e merecer essas bênçãos.

Não me pareceu muito tempo até me dizerem que uma tia idosa, que todos amávamos e respeitávamos, estava prestes a chegar ao mundo espiritual e, na companhia de entes queridos que a estimavam e que ela teria prazer em rever, apressei-me a saudá-la e a conduzir o seu espírito à nova morada. Que multidão de presenças radiantes se reuniu na Terra, em redor da minha mãe e da querida tia Mary, naquele momento sereno. Com suavidade e ternura, tocaram o espírito da anciã e retiraram-no do seu

invólucro de argila. Não houve luta, nem dor. Ela simplesmente adormeceu, para abrir os olhos diante dos rostos sorridentes de amigos amorosos.

A alma bondosa sempre guardara ideias muito rigorosas e inflexíveis sobre a vida, a morte, a eleição, a santificação e a conversão; mas, na verdade, era demasiado compassiva para condenar qualquer alma humana à perdição, e sentia pena dos desamparados e desafortunados, estando sempre pronta a fazer-lhes o bem.

O seu lar espiritual foi preparado a partir dos materiais da sua própria vida. Era um lugar belo, fresco e agradável, onde se podia descansar o coração cansado e encontrar alívio para a dor. Foi para lá que a conduzimos, deixando-a a desfrutar de um repouso necessário, durante o qual ocorreu uma renovação das forças vitais, uma reconstrução da energia e do poder espirituais que transformou o rosto, antes marcado pelos sinais da idade e do cuidado, num semblante de frescura e beleza.

Desde então, passou a haver mais um lar aberto para mim no mundo espiritual, e sempre foi uma alegria visitar essa morada serena e observar como a querida tia Mary se adaptou rapidamente à sua nova vida, e quão disposta estava a abandonar as suas velhas ideias e opiniões sempre que algo melhor se lhe apresentava.

Continuava a frequentar a escola no mundo espiritual, sempre ansiosa por aprender tudo o que fosse possível sobre as maravilhas da existência. Nenhum ramo de estudo me estava vedado, embora a minha professora me orientasse na escolha dos que devia seguir. Contudo, nem todo o meu tempo era dedicado a isto. Havia laços de afeto que me atraíam de volta à Terra, mantendo-me constantemente ocupada em procurar abençoar aqueles que amava. Além dos meus pais e irmãs, e de outros queridos, havia um, de alma triste e cansada do mundo, tão próximo de mim como um irmão amado, a quem procurei e encontrei, e cujo espírito tentei despertar para as coisas espirituais, sabendo que poderia trazer-lhe um conhecimento capaz de iluminar a sua vida.

Já disse que a minha vida terrena fora de sol e alegria. A sua breve duração estivera repleta dos prazeres da existência, sem as suas preocupações. Não tivera contato com a tristeza, e desconhecia as lutas do mundo. É verdade que sabia da existência do pecado, da miséria e do erro, mas, nunca tendo lidado diretamente com eles, a minha noção desses males era vaga e indefinida. Estava, porém, destinada a conhecer melhor essas condições da vida humana e a perceber, a partir do meu estado espiritual, não só os efeitos que produzem nas suas vítimas, mas também, em muitos casos, as causas de que nascem.

A minha primeira dor como espírito veio ao presenciar o luto silencioso da minha mãe pela minha morte precoce; e os meus primeiros esforços como consoladora foram no sentido de aliviar a sua tristeza e envolver o seu coração numa atmosfera de paz. A partir dessa experiência, nasceu em mim a noção do sofrimento de outros corações humanos, e procurei ajudar aqueles que encontrava curvados pela dor. Esta fase do aprendizado humano foi benéfica para mim; colocou-me *en rapport* com os meus semelhantes e ensinou-me o lado sombrio da vida.

Eu havia deixado o mundo mortal antes que as duras realidades da existência me tocassem, e era como alguém sem experiência, privada de disciplina, capaz de desfrutar do sol, do frescor e do perfume do mundo espiritual — é verdade —, mas despreparada para enfrentar os seus estudos mais grandiosos e elevados, incapaz de compreender as fontes vitais da vida e da ação humanas, e sem desenvolver aqueles atributos de resistência, paciência e perseverança que despertam nas mentes elevadas uma energia indomável para trabalhar incessantemente pela elevação do homem.

Não tinha adquirido força através da disciplina. Era uma criança delicada, frágil e afetuosa, não a mulher grandiosa, benevolente, assertiva e abnegada que alguém dotado da minha herança deveria tornar-se através do contacto com as experiências e a disciplina de uma existência ativa e intensa.

Acredito que é bom que um mortal deseje e se esforce por alcançar muitos anos de vida, tornando esses anos tão ativos, cheios de experiência, enérgicos e frutíferos em bons resultados quanto possível. A disciplina da Terra prepara a alma para a sua promoção a uma vida mais elevada. Contudo, o espírito que deixa o corpo na infância ou na juventude não é privado da oportunidade de obter a educação necessária em ligação com as condições físicas e em contacto com as várias fases da experiência humana, tanto deste lado como do outro da vida.

Pela minha própria observação, estou convicta de que toda a alma precisa conhecer algo das tristezas, dores, lutas amargas, desilusões — em suma, das provações inerentes ao progresso e desenvolvimento humanos — antes que possa realmente desfrutar, apreciar e compreender as atividades vitais e as gloriosas possibilidades da sua própria natureza, bem como as vantagens do seu futuro lar.

Estas lições penosas, mas poderosas, precisam ser adquiridas por experiência direta. Nenhuma alma pode aprendê-las por outra; cada uma tem de enfrentá-las por si mesma e dominar as complexidades de cada

lição para compreender a delicada engrenagem do ser humano e tornar-se apta a trabalhar e crescer.

Creio que cada um tem uma experiência de sofrimento, assim como de prazer, a viver — e que o conjunto forma uma disciplina grandiosa e essencial para o espírito, um belo quadro de luz e sombra, uma esfera completa de dia e noite, de sol e tempestade, cultivando, refinando e fortalecendo as faculdades da alma. Muitos encontram apenas tristeza, dor, privação e miséria na Terra, tendo de esperar até serem transplantados para o clima mais ameno do mundo imortal para conhecer sol e paz. Outros têm, alternadamente, estações de alegria e de dor, de esperança e de desespero, desenvolvendo uniformemente todas as suas faculdades ao longo do caminho. E há ainda aqueles que vivem sob sol constante e parecem nada saber das dificuldades e provações da vida.

Quanto mais harmonioso, tranquilo e doce for um coração humano, menos será abalado pelas contrariedades que afligem indivíduos mais ríspidos. Há almas que, mesmo na Terra, são tão puras, doces e belas que nunca chegam a conhecer a mancha do pecado nem a ser arrastadas pelos males da paixão; são amorosas, gentis e bondosas. Mas mesmo essas almas não atravessam a vida sem dor. Ainda que as circunstâncias materiais as coloquem acima da necessidade, as suas almas sensíveis hão de entristecer-se com o conhecimento da miséria e do mal no mundo, e não poderão descansar sem procurar constantemente socorrer os desafortunados e iluminar os ignorantes.

Penso que já demonstrei a minha convicção de que é necessário à raça humana elevar-se a maiores alturas através do esforço, da luta e da provação. O que é verdade para a raça é também verdade para o indivíduo — ninguém está isento desta lei. Em algum momento, e de alguma forma, toda a alma terá de conhecer a aflição e, assim, aprender a tratá-la nos outros, bem como, através do seu oposto — a alegria —, conhecer os êxtases da paz perfeita.

Eu não conhecia o verdadeiro sentido da vida até ter sofrido. Já tinha sido feliz, mas era a alegria despreocupada da criança inexperiente, e não a paz grave, serena e sublime da mulher amadurecida e cultivada. Há uma diferença entre estas duas formas de felicidade que todos os que alcançaram a tranquilidade através da dor saberão compreender.

À medida que as maravilhas dos céus e da terra se desdobravam diante de mim e eu percebia a minha pequenez, ignorância e impotência, crescia em mim o desejo de aprender, de explorar, de adquirir sabedoria. Oscilando entre os dois mundos — atraída para a Terra pelos amigos que amava e para o mundo espiritual e o lar da minha professora pela minha natureza e

pela ânsia de conhecer os seus segredos e o seu saber — encontrei muitas condições da vida humana e conheci pessoas — espíritos e mortais — de todas as índoles. Os que eram belos e luminosos entre os espíritos sorriam para mim; os chorosos e de coração pesado olhavam-me com ar suplicante. Eu sentia-me atraída por estes últimos; doía-me vê-los sofrer e, de forma ainda tímida, queria ajudá-los.

A minha simpatia silenciosa e o profundo desejo da minha alma de confortar espíritos enlutados, transmitindo-lhes ondas de magnetismo, pareciam agradar-lhes. Aceitavam a minha compaixão e esta parecia iluminar-lhes o coração. Mas eu não sabia como lhes oferecer um alívio prático. A minha fraqueza e incapacidade eram uma fonte constante de pesar para mim; no entanto, havia almas autoconfiantes — seres sábios e elevados — prontos para instruir os ignorantes e socorrer os desafortunados, e eu sentia alegria ao vê-los apressar-se a prestar auxílio.

Eu queria ser como eles — uma ajudante, professora e guia — e decidi aproveitar o meu tempo estudando as necessidades humanas. Assim, pela dor que me chegava através do sofrimento dos outros, nasceu em mim o impulso de estudar e trabalhar pela humanidade, em vez de viver apenas para mim própria.

Por vezes, via espíritos desordenados, de ar imprudente e sem freio. Tremia diante deles, como se pudessem fazer-me mal. Afastei-me deles, mesmo vendo outros espíritos luminosos a ministrar-lhes auxílio. Tudo isto foi uma revelação para mim.

Segura no lar harmonioso do meu pai, na Terra, ou feliz na agradável morada da minha professora, no alto, a ideia do mal nunca me impressionara. Mas ali estava ele, diante dos meus olhos. Aqui, seres humanos corruptos e depravados; ali, outros, tristes e amargurados; espalhados pela Terra, lares em que a dor e a necessidade — ou a aflição, sob qualquer forma — dominavam as vidas humanas.

De facto, eu estava a comer “do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal”, e essa revelação, embora importante e necessária para despertar a minha mente para a compreensão das forças da vida, foi um choque para mim. Trouxe-me dor e inquietação. Hoje sou grata por me ter chegado a verdade; foi melhor que a minha ignorância fosse dissipada; mas, na altura, a experiência foi dura e a minha mente ficou perturbada e triste.

Impulsionada pelo desejo de conhecer a vida, de estudar a natureza humana e de compreender as diferentes condições da humanidade, fui atraída para esses vários círculos de sofrimento, e a dor que recebi foi o preço a pagar pelo que encontrei.

Onde quer que fosse, na Terra ou fora dela, onde houvesse um ambiente de tristeza, aflição ou mal, sentia sempre um poder protetor sobre e à minha volta, como se nenhuma mácula pudesse atingir-me, como se nada pudesse ferir-me; e, embora fosse grata por essa força que me elevava e me sentisse segura para ir onde me chamasse o impulso, revoltava-me que ela não se estendesse também àqueles infelizes para os erguer e afastar do mal.

Não sabia, então, que, embora o amor e a bondade celestes atuem constantemente através das almas elevadas para atrair a humanidade para cima, é necessário que a centelha do bem — o desejo, a aspiração por uma vida celestial — brote primeiro no íntimo do próprio indivíduo e o leve a voltar-se para ela em espírito, antes que possa ser ajudado por outros.

Por vezes, sentia-me fraca e abatida com as revelações que me chegavam; então, encontrava descanso e paz ao lado do meu pai, no querido lar antigo que eu tanto amava. Ele era um estudante e filósofo, e do seu espírito calmo e vigoroso colhia muitas pérolas de pensamento e sabedoria que dissipavam as minhas dúvidas e aliviavam o meu coração dolorido.

Não passava todo o meu tempo nestas andanças de que vos falo — nem eram, na verdade, andanças. Esse conhecimento dos homens e das coisas chegava-me naturalmente. Encontrava essas pessoas nas viagens entre os meus amigos terrenos e o meu Lar de Verão. Cruzavam o meu caminho de diferentes formas.

Via mortais, entrava nos seus lares e observava o seu modo de vida. Não ia por curiosidade, mas pelo desejo de ver, aprender e ser útil. Todos esses mortais tinham amigos espirituais — alguns alegres e radiantes, outros tristes e desanimados. Tornei-me próxima deles e conheci as suas condições. A minha compaixão pelo sofrimento levava certos desses espíritos a mostrar-me outros ainda mais desafortunados.

Assim, o meu campo de observação alargou-se e o meu conhecimento da humanidade aprofundou-se, enquanto o desejo de me tornar forte, sábia e útil — para poder fazer algo que aliviasse o peso de miséria que recai sobre o mundo — se fortalecia constantemente.

Voltando das imagens que me eram apresentadas — e nem todas eram tristes — em ligação com a Terra e o seu entorno, para o meu belo lar espiritual, a minha alma ganhava novo poder de compreensão. A minha mestra, sempre bondosa e afetuosa, dava-me toda a simpatia de que eu necessitava. Dela e de outros espíritos sábios recebia muitas lições essenciais; e eles também me transmitiam aquele apoio magnético que me

permitia sair em missões de investigação e de trabalho de auxílio que, por vezes, eu empreendia.

Nesses anos, eu crescia, desenvolvia rapidamente um coração, uma mente e uma alma de mulher, e as próprias provas — poupadas a mim na Terra, mas permitidas por uma sábia Providência no Além — de presenciar cenas reais de carência, miséria e injustiça, e de ler, nas linhas de dor gravadas nos semblantes humanos, as lutas dos corações, iam amadurecendo as minhas próprias convicções da verdade, dando-me força de resistência e preparando-me para empreender uma obra para a qual me sentia chamada por todas as leis do meu ser.

A minha mãe — a minha bela mãe — tinha chegado ao mundo espiritual. Corações amorosos choravam por ela na Terra, mas, oh! como nos rejubilámos nós, da vida superior, quando ela ascendeu ao nosso lar. Fui a primeira a recebê-la quando deixou o corpo — eu, a sua filha mais nova, por quem tanto suspirara! Nunca esquecerei a alegria que iluminou o seu rosto ao reconhecer-me, nem a felicidade daquele abraço que nos reteve por tanto tempo.

O lar espiritual da minha mãe fora preparado em antecipação à sua vinda. Ergue-se no cimo de uma colina, dominando uma bela vista de um país encantador. É amplo e espaçoso, cheio de recantos acolhedores e mobiliado com gosto requintado. Está rodeado por relvados e jardins, e, ao sopé da colina, brilha uma lâmina de água cristalina. Os aposentos exclusivamente destinados à minha mãe eram, desde o início, quase perfeitos em acabamento e disposição.

Ela completara bem a sua obra de vida; realmente aprendera com a experiência e tornara-se sábia pela disciplina. Não precisava de regressar à Terra para aprender; mas sempre lhe foi um prazer voltar ao plano terreno para influenciar os corações daqueles que amava, com um poder mais luminoso e um pensamento mais elevado.

Não me instalei logo com a minha mãe, pois tinha ainda muitos estudos a prosseguir sob a orientação da minha mestra; mas, pouco tempo depois, fi-lo, pois a minha mãe ansiava pela minha presença. E combinámos que Vesta, a minha mestra, estaria connosco sempre que pudesse. Não demorou para que a minha mãe conhecesse todo o meu trabalho, estudos, preocupações e planos, e encontrei nela uma auxiliadora inestimável.

Ela quase teria desejado que eu permanecesse ignorante dos males da vida, sabendo como o seu conhecimento me devia ter causado dor; mas, ao perceber o quanto eu desejava ser uma mensageira, um espírito ministrante

aos necessitados, reconheceu que eu estava chamada a esse trabalho e não se opôs.

Um espírito puro não pode ser contaminado pelo mal; permanece puro e incorruptível, mesmo no meio da iniquidade, e o poder de fazer o bem nunca se perde. Por isso, nenhum espírito que deseje abençoar e iluminar os ignorantes e degradados precisa de temer pôr em prática o seu desejo. A pureza das suas motivações é um escudo e uma salvaguarda contra todo o mal.

A minha mãe, ela própria, transbordava de simpatia e compaixão pelas almas desafortunadas de qualquer dos planos da vida. Acompanhava-me nas minhas missões à Terra ou aos planos humildes da vida espiritual, e a sua caridade ativa levou-a rapidamente a encontrar meios de erguer, encorajar e amparar aqueles a quem chegava. Muitas mulheres pobres, de coração esmagado e partido pelo contacto com o mundo rude; muitas pessoas exaustas, que oravam, em lágrimas, por um esquecimento eterno; muitas almas enlutadas, privadas de esperança, fé e quase de razão, devido às desventuras de uma vida terrena mal vivida ou abusada — foram levadas a uma conceção mais elevada da existência e ajudadas a alcançar uma condição melhor, pela ação prestimosa e amorosa da minha mãe.

Encontrámos uma mulher de aspeto abatido, selvagem e exausto. Ela suicidara-se, matando o corpo; mas não podia assassinar a alma nem extinguir a luz da memória. Fora cruelmente injustiçada na Terra e odiava todos os homens. Pobre criatura! como a compadecíamos! Ao princípio, nada conseguíamos fazer por ela, mas, por fim, graças à ternura de maneiras, à doçura e à forte simpatia magnética da minha mãe, esta conseguiu persuadi-la a confiar-lhe as suas dores.

O trabalho foi vitorioso; a minha mãe deu-lhe esperança, ânimo e alento, fê-la sentir-se melhor, encontrou-lhe um lar entre mulheres meigas e de voz suave; e agora, aquela que fora tão infeliz é uma mulher prestativa e alegre, dedicando o seu tempo a amparar os que são agitados pelas tempestades e aflições.

Colaborando com a minha mãe angelical, adquiri a força e o poder que procurava. Isso permitiu-me chegar aos necessitados e ajudá-los de formas semelhantes às que outros espíritos empregavam. Já não podia apenas dizer a palavra bondosa e compassiva que sempre estivera pronta nos meus lábios, mas também exercer sobre eles um magnetismo que produzia o efeito de tranquilizar os turbulentos ou de estimular à atividade os inertes.

PARTE II

No meu primeiro relato, mencionei uma pessoa na Terra que me era tão querida como um irmão[1], e quão ansiosa eu estava por chegar até ele e conduzi-lo pelos caminhos da verdade espiritual. Este amigo fora muitas vezes um hóspede amado e bem-vindo na casa do meu pai, e comecei a admirá-lo e a amá-lo quando ainda era apenas uma criança de tenra idade. Quando ele se ausentava, eu ficava à espera do seu regresso, e corria ao seu encontro quando chegava. Despendia com ele todo o afeto e ternura de irmã que teria dado a um irmão de sangue, se o tivesse, e a maior tristeza da minha breve vida terrena foi despedir-me dele quando deixou o nosso lar para uma ausência de anos.

Nunca mais o vi, pois, pouco antes do seu regresso, parti para fazer aquela visita que terminou tão repentinamente para mim com a minha transição para outra vida. Mas não esqueci o meu amigo. Continuei a amá-lo com todo o afeto de irmã de outrora e queria ajudá-lo. Nas minhas visitas ao meu antigo lar, por vezes ouvia falar dele e, por vezes, também o encontrava. Era um homem triste e silencioso e, à medida que eu entrava mais plenamente na sua vida, percebia que um fardo pesava-lhe fortemente no coração. Ansiava por confortá-lo, mostrar-lhe a luz e sussurrar-lhe sobre a simpatia e o cuidado vigilante da sua pequena irmã.

Pela grande simpatia e atração que sentia por esse meu querido irmão — pois assim o considerarei sempre — entrei tão intimamente no seu campo de vida e acompanhei-o de forma tão constante, sem deixar passar um único dia sem que, em alguma hora dele, estivesse junto dele, que me tornei o seu espírito guardião, e tive o privilégio, com a minha fraca e humilde capacidade, de o guiar na sua jornada pela vida. Ele era um homem enérgico, de forte poder mental, e dedicou a sua mente à realização de uma carreira nos negócios. A sua vontade férrea e perseverança levavam-no a ignorar a possibilidade de fracasso, e trabalhava noite e dia para atingir o objetivo que tinha em mente.

Seguindo o meu irmão ao longo da sua carreira, entrei em contacto com muitas pessoas do mundo e com espíritos estranhos que as acompanhavam. Vi a vida material na sua face mais intensa. Observei homens a lutar por riqueza, poder e influência, empurrando e atropelando, e, nas suas transações comerciais, ignorando as cortesia devidas uns aos outros e até descurando a própria lei da justiça. Vi como uma vida passada unicamente na tentativa de acumular grandeza e riqueza materiais tornava os homens egoístas, duros e insensíveis para com os semelhantes. Notei que corações naturalmente quentes e ternos se tornavam frios e ásperos no grande turbilhão da vida comercial.

Foi através dessa experiência que adquiri o meu primeiro conhecimento prático sobre o grau de egoísmo, dureza e injustiça a que a humanidade pode chegar — e a lição causou-me dor. Um grande receio também se apoderou de mim, quase sufocando-me com a sua intensidade. Tremi perante a possibilidade de o querido irmão que eu tanto amava também se tornar exigente, ganancioso e desonroso através do contacto com a grande maré impetuosa e estrondosa da vida material. Rezei para que ele fosse poupado disso. Implorei ao Pai amoroso que o mantivesse seguro na Sua santa guarda, e lutei, com toda a minha pequena força, para lançar sobre ele uma influência que o impedisse de esquecer a sua dignidade no afã de buscar riqueza.

Outros espíritos sábios e corajosos ouviram-me e ajudaram-me, e foi-nos permitido guiá-lo através de águas profundas de prova e tentação. Até que ponto o seu êxito em permanecer justo, honrado e íntegro, em preservar a sua honra e em agir com magnanimidade para com os seus empregados ao longo de uma longa carreira nos negócios se deveu ao seu próprio e inato sentido de justiça, e até que ponto foi aumentado pela ação dos seus guias espirituais, só o Grande Juiz poderá dizer; mas creio, reverente e confiantemente, que, através do seu desejo constante de ser honesto e "reto", e do intenso desejo dos seus amigos espirituais de o ajudar desse modo, foi-nos concedido, vinda do Alto, uma força para o conduzir a salvo através da tentação.

Mas, embora não encontrasse motivo para chorar sobre o mau caminho de um irmão, o meu trabalho deu-me ocasião de testemunhar muitas cenas tristes e dolorosas relacionadas com outras pessoas.

Os homens que eu via a apinhar-se nas vias agitadas da vida comercial tinham pais e mães, ou irmãos e irmãs, ou esposas, ou filhos, ou amigos que os amavam no mundo espiritual. Em muitos casos, as preocupações e confusões, e até as artimanhas complicadas do comércio, erguiam um tal muro em torno desses homens de mentalidade material que os espíritos que mais os amavam não conseguiam chegar até eles.

Esses espíritos ficavam tristes e infelizes ao verem os seus lugares legítimos ocupados por outros espíritos — homens e mulheres de perspicácia, de capacidade para os negócios, mas com um sentido de justiça e de direito questionável, atraídos aos mortais pelo exercício das mesmas paixões e tendências para o lucro e para o ganho egoísta que os haviam dominado quando estavam na Terra — espíritos que não haviam ultrapassado a condição física e que observavam e interferiam nas mudanças e oportunidades da carreira comercial daqueles a quem se aproximavam.

Vi uma mãe espiritual chorar lágrimas de angústia sobre o filho que via deliberadamente planear um golpe para enganar o seu sócio. Não podia avisá-lo, não podia impedir o seu ato desonroso, mas sabia dele e lamentava-o.

Vi uma irmã espiritual amada afligir-se sem cessar pelo mau caminho do irmão, que, semana após semana, retirava quantias — grandes e pequenas — ao seu empregador, até que o seu pecado foi descoberto. E conheci muitos casos em que espíritos puros e bons choraram e rezaram pelos seus queridos que erravam na Terra.

Recordo-me de uma doce jovem, com um rosto tão puro como o de um anjo e um coração tão afetuoso e caloroso, que conheci. Na Terra, estivera noiva de um jovem que então parecia reunir todas as qualidades que a honra exige. Ela morreu, e ele, após alguns anos de vida errante, estabeleceu-se no mundo dos negócios. Foi, por fim, nomeado caixa de uma grande casa comercial. Ganhara a confiança dos empregadores e o respeito dos colegas.

Mas, numa hora funesta, entrou em certas especulações que pareciam promissoras e, para lhes dar continuidade, “tomou emprestadas” determinadas quantias do cofre da firma. As suas apropriações indevidas tornaram-se cada vez maiores e prolongaram-se até que uma inspeção das suas contas, levada a cabo por um perito contratado, revelou a verdade aos empregadores. Foi preso, julgado, considerado culpado de desfalque e condenado a vários anos de prisão.

O belo espírito que o amava acompanhou-o em todas as suas experiências, sofrendo, procurando salvá-lo do mal e elevar o seu coração acima da ideia do pecado. Mas o desejo de ser rico, a ambição de ser importante, foram mais fortes, e, quando ele cedeu à tentação em vez de lutar contra ela, fechou a porta entre a sua alma e a ajuda que as influências santas podiam dar-lhe.

Ainda assim, a sua amiga amorosa não o abandonou, nem mesmo quando viu outros espíritos — presos à Terra, impuros, egoístas — interpor-se entre a sua alma e a dele; mas, aguardando o momento certo, esperou e vigiou pela reação que sentia ser inevitável.

Uma alma como a dela devia possuir um belo lar na vida superior, mas ela contentava-se em afastar-se das suas atrações para acompanhar o homem que amava e ajudá-lo a reencontrar a sua dignidade.

Sentindo grande compaixão por esta doce senhora — compaixão que me enchia de dor e trazia lágrimas ao coração — observei-a e, passado algum tempo, tornei-me sua conhecida e aprendi a amá-la. Somos muito boas

amigas e, em raras ocasiões, tive o privilégio de ser-lhe útil na sua missão. Há algum tempo, a pena do seu amigo terminou, e ele foi libertado. Curvado pela vergonha, deixou a sua pátria e partiu para outro país. Como estava mudado o seu aspeto! Envergadura encurvada, traços abatidos, olhos encovados e cabelos precocemente grisalhos — ninguém que o conhecera antes o poderia reconhecer agora.

Ela, o amor da sua juventude, permanece bela e radiante; morreu, e a sua frescura conservou-se; ele pecou, e a juventude fugiu-lhe com a honra. Mas agora luta sinceramente por melhorar e redimir o seu passado, e ela voltou a ser feliz ajudando-o a encontrar o melhor caminho.

Certa vez, vi um pai espiritual, alto, orgulhoso e de porte distinto, quase dobrado até ao chão porque o filho, na Terra, traíra e arruinara o coração de uma mulher. E soube de um irmão espiritual que seguiu a irmã manchada pelo pecado durante anos de angústia mortal, com amor e tristeza no coração, até que, finalmente, a resgatou das garras do mal e a ergueu para o mundo espiritual.

Já estive noutros lugares e vi mortais curvados sob o peso da dor física, da carência material, ou esmagados por outros fardos terríveis, e vi amigos espirituais chorarem com eles.

Ao princípio, quando esse conhecimento me chegou, interroguei-me como poderia um Deus amoroso ver tudo isso e permitir que fosse assim. E, voltando-me do luminoso País do Verão para as cenas de pobreza e luta em baixo, perguntei-me por que motivo parte da sua glória, conforto e poder não poderia alcançar e abençoar essas almas ignorantes e infelizes. Só quando aprendi a confiar na bondade e sabedoria do Espírito Supremo compreendi a verdade: que a humanidade sofredora está a lutar em direção à luz, luz essa que, pelos próprios esforços, acabará por alcançar — tal como o lírio, que, lutando no lodo do lago, rompe por fim as trevas e floresce na claridade.

Como crianças que choram na noite, os seres humanos estendem as mãos na escuridão da prova em busca de uma mão protetora. À medida que a solidão, o medo e a sensação de impotência pessoal lhes chegam, aprendem a invocar um poder mais elevado e a confiar numa ajuda divina. E, assim como a criança assustada sente a mão do pai e sabe que o seu guardião terreno está ali para lhe dar conforto durante a noite, também a alma cansada, receosa do seu próprio meio sombrio ou solitário, recebe uma resposta ao seu clamor e encontra o auxílio próximo.

Há apenas um fino véu entre os dois mundos, e a glória e o calor do mais alto irradiam para todo mortal que sinceramente peça auxílio celestial.

Podemos estudar livros e tornar-nos cultos como homens e mulheres de letras. Podemos investigar os mistérios da lei natural ou procurar instrução no universo físico e tornar-nos sábios cuja palavra seja tomada como verdade científica. Podemos crescer em conhecimento e vaidade através do que assim adquirimos.

Mas um estudo profundo da vida humana, uma análise da ação humana, um conhecimento das profundezas da natureza humana e um estudo do maravilhoso mecanismo da mente, feito pela observação pessoal e pela experiência, farão mais para ampliar as nossas conceções da vida, desenvolver as nossas simpatias, aguçar a nossa perceção e despertar a nossa atividade do que tudo quanto possamos aprender nos livros; e a formação que assim recebemos retira-nos toda a vaidade e sentido de superioridade, pois ensina-nos que todos os homens e mulheres são irmãos e irmãs e que é dever dos esclarecidos e felizes ajudar os desafortunados a encontrar conhecimento e paz.

Quando vemos a alma depravada e impura lutar em vão para vencer o seu meio terrível, sentimos piedade e queremos ajudá-la a libertar-se das paixões que a assaltam. Quando encontramos um coração quebrado pelo abandono do mundo, ansiamos por consolá-lo.

Quando vemos uma vida a afundar-se na desgraça, queremos sustentá-la; e assim cultivamos a nossa simpatia e despertamos o nosso zelo para a realização de obras benéficas. E, se, ao mesmo tempo, sabemos que existem grandes almas acima de nós, constantemente ocupadas e sem desdenhar de trabalhar sem cessar para o bem da humanidade, isso estimula os nossos esforços para sermos úteis e, ao mesmo tempo, torna-nos humildes e meigos de espírito.

Os mais calorosos impulsos do coração, as mais elevadas aspirações do espírito são despertadas, e os elementos mais fortes do caráter são aprofundados pelo contacto com a natureza humana; e, assim, de facto, “o melhor estudo da humanidade é o homem”, em todas as áreas do seu ser.

O que encontrei na vida espiritual foi algo mais do que um belo lar, amigos e mestres bondosos e afetuosos, envolventes encantadores, oportunidades de estudar literatura e ciências e muitas outras bênçãos semelhantes. Tudo isso me foi concedido, é certo, mas também encontrei um conhecimento da natureza humana; recebi informação prática sobre as capacidades da mente humana para acolher a bondade e sobre o seu poder de se deteriorar em tendências más.

Aprendi como o ser humano pode sofrer; como muitos dos meus semelhantes alcançam sucesso, paz e grandeza espiritual apenas após

longos anos de esforço e trabalho penoso. Uma educação como a que não pude obter na Terra chegou-me “do outro lado”, embora muitas das minhas lições me tenham vindo de peregrinações a este vosso mundo. O conhecimento trouxe-me, muitas vezes, aflição. As dores que não vivi no corpo vieram ao meu encontro aqui, por causa da miséria que vi mas não pude evitar. Fiquei chocada, infeliz e triste.

Ainda assim, a experiência foi benéfica; ao dar-me a compreender como o coração humano pode sofrer, fez-me sentir compaixão por cada alma atribulada. Como já disse, creio que todos, um dia, saberão o que é sofrer; se o não conhecerem numa condição de vida, encontrarão noutra. Assim também todos, um dia, saberão o que é ser feliz e livre.

A lei da justiça não seria completa sem uma disciplina assim para todos, e não apenas para alguns. O sofrimento pode vir de diferentes formas. O meu veio por testemunhar as experiências terríveis de outros, mas não foi menos profundo nem menos severo. Creio, com reverência, que os desígnios de Deus são sábios e grandiosos, e que Ele molda cada vida segundo as suas necessidades mais elevadas e para o seu maior desenvolvimento.

Os anos passaram, mas para mim o tempo não tinha significado, salvo quando registava conquistas ou fracassos, ou quando abria oportunidades para maiores esforços, ou me ensinava lições de que precisava. Mudanças ocorreram entre alguns dos que eu amava na Terra, mas, embora conhecesse as suas experiências, não tive motivo para me afligir por eles, pois via que cada mudança tendia a amadurecer as capacidades individuais e a aperfeiçoar a sua árvore de vida.

Entre outros acontecimentos que afetaram os meus amigos, houve um de importância vital para mim; um que trouxe dor e luto a corações enlutados na Terra, mas que apenas trouxe luz e alegria ao meu lar espiritual. A minha amada irmã mais velha tinha vindo ter comigo. A minha majestosa e bela irmã — quão feliz me senti, mesmo ao partilhar a dor dos que choravam em baixo.

A minha irmã tomou, de imediato, o seu lugar no nosso lar harmonioso sobre a colina. Não demorou a familiarizar-se com o nosso modo de vida e a interessar-se profundamente por ele. Quis juntar-se a nós no nosso trabalho, e embora nos fosse sempre agradável contar com a sua companhia e ajuda, havia tarefas e responsabilidades especiais que a chamavam de volta à vida terrena e que não podia descurar. Entre os entes queridos que deixara, havia almas jovens e frágeis, necessitadas de vigilante tutela e orientação, que ninguém mais podia nem devia fornecer senão ela própria.

Assim, o trabalho da minha irmã espiritual era múltiplo, dividido entre áreas importantes, e sempre realizado com amor, fidelidade e um sentido consciente do dever.

Depois que a minha irmã se juntou a mim, senti que progredia mais rapidamente em qualquer tarefa que empreendesse — especialmente quando ela estava comigo, a planear e a ajudar no trabalho. Mais tarde, soubemos que “Morna”, como lhe chamarei — nome que os espíritos mais elevados lhe deram — era um médium, um ser sensível, recetivo, capaz de receber e irradiar luz e poder magnético de espíritos que habitavam mundos ainda mais avançados do que o nosso, e que, através dessa sua faculdade, esses seres poderosos de além podiam auxiliar-nos e guiar-nos nas nossas tarefas.

Não vos direi como descobrimos essa verdade importante, nem o processo de desenvolvimento da sua mediunidade, nem as nossas experiências com espíritos celestiais, pois espero persuadir Morna a contar essas maravilhas ela própria, num futuro próximo; mas é verdade que aprendemos isso e como tirar partido desse conhecimento.

Daí em diante, o caminho foi-nos mais suave. Não conseguimos realizar todos os nossos desejos nem cumprir todos os nossos planos, mas vimos muitos concretizarem-se e, noutros casos, o caminho para a sua realização abriu-se de modo a podermos vislumbrar o fim. E assim, a minha mãe, a minha irmã e a pequena Sue formavam um trio de espíritos sempre prontos ao apelo do dever, que, sob a direção de inteligências mais sábias, encontravam amplo campo para o exercício das suas capacidades, bem como muitas oportunidades e ocasiões para instruir e amparar os necessitados e desafortunados.

Na busca de estudos afins e no atendimento a tarefas e deveres importantes, o tempo continuou a avançar até trazer mais um membro ao nosso lar espiritual. O meu pai, forte, viril e grandioso tanto na natureza como no físico, nunca desperdiçara uma oportunidade de cultivar a mente em assuntos úteis ou de exercitar as suas capacidades intelectuais de formas relevantes. Assim, mantivera-se a par do seu tempo, a sua mente permanecera treinada e vigorosa até ao fim.

A sua vida na Terra foi longa e útil; todos à sua volta sentiram que um homem bom fora levado quando chegou a sua hora de regressar a casa. A sua natureza espiritual, tal como o seu caráter moral e o seu intelecto, estava ricamente desenvolvida. A morte não lhe trouxe medo; estava preparado para a enfrentar. Acreditava numa vida futura; acreditava que os atos do corpo determinam a condição da alma ao transitar para além. Compreendia as verdades da comunicação espiritual. Muitas vezes eu

parara ao seu lado para beber um gole de amor e lembrança do seu coração paterno, alegrando-me ao testemunhar o pensamento na sua mente de que a “pequena Susie devia estar por perto”, e saber que isso o fazia feliz.

E assim, cheio de anos, de honra e de experiência amadurecida, chegou até nós — e que alegria indizível trouxe às três mulheres na colina. Quão grandioso e verdadeiro parecia, e como se instalou de imediato no lar. Não havia nos seus olhos qualquer interrogação de surpresa, nem no seu tom qualquer dúvida de espanto. Simplesmente soubera, desde sempre, que iria para casa, para junto da esposa e das filhas, quando chegasse o momento — e, por fim, chegara ao seu lugar.

Não houve para ele um longo sono nem um despertar lento das forças espirituais; estava alerta de imediato — rápido a ver e a compreender, pronto a agarrar as lições que lhe surgiam. Nós não o podíamos ensinar; a sua mente ia além da nossa, captando verdades que ainda nem tínhamos começado a compreender. Tornou-se, assim, o nosso instrutor, e nós, as suas discípulas dispostas e afetuosas, contentes por aprender dele as lições que colhia numa investigação mais elevada das coisas ocultas.

Agora, sim, o nosso lar era verdadeiramente abençoado. É certo que um dos membros do grupo original, uma querida irmã e filha, ainda vivia na Terra, mas sabíamos que, no devido tempo, também ela viria tomar o seu lugar connosco. E assim retomámos os nossos deveres da vida, felizes e gratos pela reunião de corações e de propósitos que, depois da disciplina instável e mutável da Terra, chega a todas as almas afins e harmoniosas no mundo eterno.

Já disse que o meu pai era um pensador sério e um estudante zeloso. A inclinação da sua mente e a formação do seu intelecto levavam-no a investigar as origens das coisas, e isso trouxe-o para junto de muitos pensadores brilhantes e avançados do mundo espiritual. Era alguém que, mesmo permanecendo estudante, podia tornar-se professor por sua vez — e não tardou a ocupar-se com uma turma de alunos que procuravam o conhecimento que ele tinha para transmitir.

Na Terra, em qualquer ramo de ensino ou de trabalho, há sempre quem siga e ensine sem estar qualificado ou vocacionado para esse campo específico. Assim, nas vossas escolas, há professores sem vocação, cujo coração não está no que fazem; os seus alunos são apáticos e nunca mostram o melhor que têm sob uma tal orientação. Há médicos cujo saber pode ser profundo, mas que não obtêm o sucesso que outros conseguem; e assim em todas as áreas da atividade humana. Por outro lado, existem professores que obtêm os mais elevados resultados, estimulando as mentes

dos alunos, ensinando-os a compreender e a desenvolver a sua mais alta atividade mental; tal como há médicos que alcançam as melhores curas.

Na vida espiritual, ninguém segue uma profissão ou atividade sem estar adaptado a ela. Quem é capaz de despertar a mente humana para a consciência das suas necessidades, para o conhecimento da sua ignorância; quem consegue estimular essa mente no desejo de crescer e aprender; quem torna claras as suas lições e aguça a perceção do aluno de modo a que este compreenda o ensino — esse é um verdadeiro preceptor, e só estes se encontram no outro mundo. Tal é o meu pai, que encontra o seu melhor trabalho em ensinar os que o procuram para receber instrução.

Sob a orientação de um espírito tão luminoso, senti crescer as minhas forças interiores e soube que uma maior robustez espiritual me chegara com a sua presença. Cada um no nosso lar tinha agora tarefas e labores próprios; nenhum espírito pode cumprir a missão de outro — cada um deve realizar o seu próprio plano de vida. Não havia família mais harmoniosa e amorosa que a nossa, nem mais ansiosa por aprender.

Neste vasto universo físico há tanto a aprender, em tantos ramos da ciência e da filosofia, que os mortais chegam a desesperar de conhecer sequer uma ínfima parte dos segredos da Terra. No mundo espiritual, além das ciências e filosofias do universo exterior, há ainda as leis e princípios de milhares e milhares de ciências espirituais, e os segredos de incontáveis mundos e condições de vida humana a desvendar.

À medida que o espírito progride, porém, não fica atordoado perante a revelação desta existência prodigiosa, nem se sente esmagado e desanimado perante a imensa montanha de conhecimento a escalar. A consciência da própria ignorância dá impulso às suas faculdades mentais e estimula-o a procurar mais luz. Aprende, contudo, a não tentar abarcar mais do que consegue assimilar e compreender. Um pouco de saber inspira-o a querer mais; a certeza de ter dominado um assunto ou aprendido bem uma lição enche-o de energia para tentar outra. Há uma exaltação na busca do conhecimento e no desempenho de tarefas no outro mundo que sempre revigora e nunca fatiga. Esta qualidade, que o espírito adquire através da sua obra, tonifica a mente, fortalece o coração e faz da vida uma alegria perpétua.

O tempo passou. Que importância têm meses ou anos para aqueles que têm um objetivo definido na vida e sabem que, um dia, todos os seus planos se concretizarão? Mas não direi que nunca fui impaciente ou ansiosa por ver realizados mais depressa os meus propósitos. Há almas raras que nunca se impacientam, nunca se revoltam nem se afligem; que, usando as suas forças e labores para a elevação da humanidade, aguardam o tempo

de Deus para a perfeição da Sua obra. Mas, por vezes, nós, que ainda não atingimos tal grau de exaltação, exclamamos: “Até quando, ó Deus! até quando teremos de trabalhar e esperar pelo dia dourado?”

Ao vermos um espírito após outro erguer-se de um estado de ignorância e impureza para outro de inteligência e honra, os nossos corações rejubilavam com a bondade de Deus. Mas nenhum dos grandes trabalhadores missionários podia retirar-se do campo, pois novas chegadas de desventurados vinham sempre apelar a nós por ajuda e instrução. Assim, a obra continua sem cessar — e assim será até que a vida humana na Terra esteja tão purificada e iluminada que já não envie espíritos degradados e turbulentos ao estado espiritual.

No meio do esforço e do labor junto dos espíritos, nunca esquecíamos os nossos amigos queridos na Terra, nem eu deixava de tentar alcançar o meu amado irmão com a tocha da verdade. O tempo que podia subtrair a outros deveres dedicava-o a ele — e, no acompanhamento dos seus passos, adquiri muita experiência e aprendi muitas coisas.

Até que, enfim — oh! enfim —, depois de mais de trinta anos de espera e esforço, surgiram circunstâncias que me permitiram entrar em comunicação consciente com aquele tão amado. Ele interessou-se pelo Espiritualismo, investigou-o, interrogou-se sobre como o pudera ignorar tanto tempo, recebeu provas de uma vida futura, do amor e da vigilante atenção dos amigos já ascendidos, e encontrou um novo sentido e uma alegria na vida como nunca antes imaginara.

Ao meu irmão chegaram muitas revelações do mundo invisível. Mãos espirituais abriram-lhe a porta do túmulo e ofereceram-lhe vislumbres prodigiosos da terra para além. Os visitantes do alto avançaram com cautela ao princípio, para que não se confundisse com o que presenciava. Mas, à medida que se familiarizou com a ideia de que a morte é, na verdade, mensageira de alegria para a humanidade, eles vieram com mais força e trouxeram lições para que começasse a aprender já aqui e agora.

Para ele veio a luz, perante a qual a vida assumiu novas proporções; à sua claridade, as lutas e os tumultos deste mundo revelaram-se como degraus para uma experiência mais elevada e serena além. Podia suportar melhor os males e fardos, sabendo que o tom menor e triste da vida terrena é apenas o prelúdio para um hino mais grandioso, a ser entoado no futuro.

Mas, se ação de graças e alegria vieram até ele pela porta da comunhão espiritual, não menos júbilo encheu os corações dos que há tanto aguardavam este dia. Fomos felizes. A minha alma encheu-se de triunfo, pois o que há muito ansiava fora cumprido. Daí em diante, trabalhei com um

cântico novo no coração; o caminho pareceu-me mais leve e fácil, e senti-me convencida de que, assim como esta obra se realizara, no tempo de Deus todas as outras boas e úteis também se cumpririam.

Continuo a exercer a minha obra em ligação com espíritos mais sábios e fortes, que me guiam. Gosto de entrar nos lares dos humildes e oprimidos e levar-lhes uma brisa magnética que inspire e console. Alegra-me tocar o coração dos mortais recetivos a tais influências e despertá-los para o desejo e a determinação de ajudar os necessitados e elevar os abatidos. Sinto-me feliz se posso estar presente no leito de morte de um mortal cuja vida foi cheia de miséria, e, pelo meu esforço, abrir-lhe os olhos às possibilidades que o aguardam — e é céu para mim mostrar-lhe o meio e o caminho para alcançar um lar puro e feliz.

Sou apenas uma entre uma vasta multidão de espíritos que aprenderam a grande lição de que não é na busca da ambição ou satisfação pessoais, nem no cuidado exclusivo dos próprios interesses, que se encontra a maior felicidade, mas sim na atenção ao cultivo da alma, aliada ao empenho em obras de auxílio para os nossos semelhantes, que encontramos a recompensa que nos traz um aumento de gozo e um poder de perceção que nada mais pode conceder.

Reconheço a minha fraqueza e a minha pequenez, mas sei que posso fazer a minha parte na grande obra da vida. Unindo-me aos bons e verdadeiros, posso receber deles uma bênção que reflete o seu poder naquilo que empreendo. Assim, toda alma que seja diligente e zelosa encontrará as mãos e a mente repletas de trabalho. Serão dados os meios e caminhos para a realização de todos os fins elevados. Podemos estar contentes em esperar pelo cumprimento do tempo, se, entretanto, não nos atrasarmos nem desperdiçarmos os nossos talentos. Nenhuma quantidade de trabalho, nenhuma tarefa colossal, nenhuma montanha inexplorada de conhecimento nos deve desencorajar.

A eternidade está diante de nós, na qual podemos fazer e ousar, tentar, lutar e alcançar, com a consciência de que fazemos parte do universo e de que tudo o que ele contém é nosso para explorar e compreender; que pertencemos a Deus, “e ainda não se manifestou o que havemos de ser.” Podemos avançar diariamente e para sempre, desenvolvendo as nossas faculdades e possibilidades até à perfeição eterna.

Apenas vos dei uma pálida conceção de alguns dos estados, condições e lições que encontrei na vida espiritual; podem ser poucas e imperfeitas em relação ao que encontrarei mais tarde, mas gravaram em mim um pensamento mais profundo, uma convicção mais santa do significado da

vida. Apenas confio que mostrem a alguém na Terra algo da seriedade e do profundo sentido da existência humana.

PARTE II

INTRODUÇÃO

As páginas seguintes reúnem muitos dos escritos daquele belo espírito que, através das interessantes histórias que deu ao mundo por meio da mediunidade de Miss Shelhamer, se tornou conhecido dos leitores do *Banner of Light* e de outros como “Morna”. Sob a influência e inspiração deste ser puro e gentil, a amanuense mediúnica afirma ter recebido a parte final ou segunda deste volume, cuja maior parte nunca antes foi publicada.

“Morna” é a filha mais velha de “Benefice”, aquela sábia inteligência cujos “Pensamentos de um Ponto de Vista Espiritual” abrem esta obra com um apelo firme e comovente em favor do proscrito e do desamparado. Ela, juntamente com os pais e a irmã mais nova, Susie, tem há muito dedicado toda a sua alma a boas obras, e é com a esperança de ensinar aos mortais a vida e a imortalidade do espírito que decidiu trazer estes escritos ao mundo.

Recordar-se-á que, na sua série de artigos intitulada “O Que Encontrei na Vida Espiritual”, Susie menciona “Morna”, mas recusa-se a explicar como esse nome lhe foi atribuído, pois esperava, num futuro não distante, persuadi-la a contar a sua própria experiência. Posteriormente à publicação dos artigos de Susie no *Banner of Light*, “Morna” apresentou-se à sua médium com o propósito de escrever, para o amigo a quem este volume é dedicado, então ainda em vida terrena, um relato das suas experiências espirituais no outro mundo; e pela primeira vez essa história aparece agora em letra de forma sob o título de “A História de Morna”.

“O Clarividente Cego”, o conto que encerra este volume, também é aqui publicado pela primeira vez, e somos assegurados pelo espírito Morna de que se aplicou fielmente à tarefa de instruir os mortais nas leis da mediunidade ao longo das suas páginas. Em todas as suas comunicações com o seu querido amigo James Gordon, os espíritos que compõem o grupo mais profundamente envolvido na preparação desta obra sempre se exprimiram de forma terna sobre o seu antigo estado e circunstâncias na Terra; e, no outono de 1884, “Morna” deu a esse cavalheiro, através da sua médium, o seguinte pequeno poema — sob o nome pelo qual era carinhosamente conhecida na Terra — que pouco depois apareceu nas colunas do *Banner of Light*.

A Minha Velha Casa no Kentucky
Por Espírito Belle

A doce Memória ergue o vidro encantado,
E eis! belos quadros passam apressado,
De cenas há muito, de dias distantes,
Quando a vida era jovem e sempre brilhante.

Revejo outra vez meus anos de criança,
Sem sombra de medo, só fé e esperança;
Vejo ao longe encostas de esmeralda,
Onde a primeira esperança se guarda.

Mais uma vez contemplo os rios do Kentucky,
Paisagens tão belas, de sonho e de lucky,
Os rebanhos de gado, antes de partir,
Parando na erva azul para se nutrir.

De novo o brilho do milho em flor
Recorda manhãs de verão e calor,
Quando as aves cantavam nas ramagens,
E flores lançavam suaves fragrâncias.

Vejo outra vez o querido lar,
Onde o amor sabia acolher e cuidar;
As amplas paredes, em volta a crescer,
Rosas de cores mil a florescer.

Ali podíamos sonhar e criar,
E à tarde de verão, a conversar,
Ficávamos no alpendre a espreitar
O pirilampo a luz cintilar.

Oh! bela Memória traz-me à visão
A vida vivida com paz e união,
Onde a harmonia vinha velar
A mente infantil a despontar.

E vejo outra vez, com emoção,
Meus pais e irmãs, no meu coração,
Que sempre me deram um leito em flor
Por onde eu passasse, fosse onde for.

As encostas do Kentucky são belas, sim,
Pois lá fica o velho lar para mim,
Sob a sombra suave e acolhedora,
Onde a minha alegria foi geradora.

Ali, junto ao meu pai, aprendi,
Sabedoria sem fim absorvi,
E lições de eterna verdade
Recebi na mais tenra idade.

Oh! anos passaram, e agora habito
Onde os anjos cantam hinos de espírito,
Nos verdes campos do céu sem fim,
Onde as flores nunca dizem “assim”.

Mas ainda volto, em doce lembrança,
Preso ao passado pela esperança,
Ao sagrado canto do Kentucky amado,
Onde vivi o meu destino traçado.

A HISTÓRIA DE MORNA

CAPÍTULO I
PRIMEIRAS CONCEÇÕES DA VIDA ESPIRITUAL:

AS SUAS CASAS, GOVERNOS E COLÉGIOS

Muitos anos passaram desde que fui chamada de um lar agradável e do terno abraço de corações amorosos para entrar nas experiências de um mundo desconhecido. Não tive a luz que iluminara os passos do meu pai. Ele podia separar-se da filha, como se tinha separado de outros seres preciosos, calma e serenamente, com resignação celestial; pois sabia que haveria reencontro, paz, lar, para além da maré.

Não tinha medo da morte, não temia o além; mas só as almas mais elevadas, ou aquelas que cresceram no profundo conhecimento das coisas espirituais — que conseguem raciocinar e compreender que a vida além não é senão a continuação da experiência, afeição e esperança individuais — podem contemplar a separação dos seus mais queridos sem sofrer.

Tinha laços ternos a prender-me à Terra. Havia deveres domésticos e necessidades familiares a reter-me. Pequenas vidas precisavam dos meus cuidados; corações humanos ansiavam pela minha presença continuada; contudo, não podia permanecer no corpo e fui obrigada a deixá-lo.

Ao afastar-me para o Grande Além, sentia o amor que se agarrava a mim e sofria com a minha partida. Naquele momento, se pudesse ter escolhido, teria ficado com aqueles que precisavam de mim. Contudo, os meus queridos foram abençoados. Aqueles a quem confiei o cuidado dos

indefesos foram fiéis. O Pai celestial guardou todos os que amo e conduziu-os por caminhos de paz. Não tenho tristezas pelas experiências que tiveram; sinto que são guiados de forma mais sábia do que o conhecimento dos seres finitos alcança.

Embora pudesse ter preferido permanecer na Terra, não entrei na vida superior em estado de rebelião. Um profundo sentimento de paz, santo e elevador, encheu a minha alma ao passar para a nova condição. Mesmo antes de perder totalmente a consciência do ambiente físico, senti uma presença divina, e, antes que os sons da vida mortal se extinguissem por completo, vi a minha mãe santa, estendendo-me os braços como se eu fosse uma criança cansada; e ouvi a sua voz familiar a chamar-me pelo nome, com ternura e alegria.

Quis dizer aos meus queridos na Terra o que via, mas não tive poder para tal, e eles não poderiam compreender a beleza celestial daquela visão que se abria à minha visão despertada. Junto à minha mãe estava Susie — a pequena Sue — radiante como um anjo de luz. Não me lembrava que anos haviam passado desde que saíra das nossas vidas, pois parecia tão jovem, alegre e cheia de frescura como quando me despedi dela pela última vez.

É impossível descrever, na vossa linguagem, o despertar de um espírito no seu lar imortal. Lembro-me de que a minha mãe me envolveu nos braços, e de que ela e Susie pareciam levar-me para longe da dor dos corações que choravam. Cedi ao encanto da sua presença e, como um bebé cansado, adormeci levemente. Com a minha mãe, estava em casa. Quaisquer que fossem as condições, o local ou os arredores, estar com ela era estar em casa — era encontrar descanso, paz, céu.

Acordei num amplo aposento, cujas paredes estavam cobertas com cortinados de seda branca e azul. Jazendo num largo e macio leito, vi diante de mim uma grande abertura na parede, em torno da qual se enrolava uma fina e delicada trepadeira de flores em forma de campânula, de cor creme. Por essa abertura entrava uma brisa suave, trazendo-me o perfume dessas taças aromáticas; e cada sopro desse ar perfumado, como um gole de cordial revigorante, dava-me vitalidade e força.

Olhei ao redor para as paredes cristalinas do meu aposento. Eram claras e transparentes, e através delas podia ver as árvores ondulantes e os jardins floridos além. A intervalos regulares, havia aberturas por onde se podia sair para uma ampla varanda. As paredes eram apaineladas, cada painel guarnecido com molduras de marfim entalhado, de onde pendiam cortinas azuis e brancas, presas por cordões de prata. Os móveis eram ricamente talhados e trabalhados. Eram evidentemente concebidos tanto para utilidade como para ornamento, e muito belos. Soube pela minha mãe que

estava agora no seu lar espiritual e que ali me preparara um lugar; e com essa notícia rejubilei verdadeiramente.

Depressa me habituei ao novo ambiente. O aposento de que falei era apenas um de muitos na mansão da minha mãe. Fora-me destinado para uso especial; e, dentro das suas paredes de cristal, passei muitas horas de paz, estudo silencioso e reflexão. Rapidamente percebi que havia muitas lições que deveria aprender.

Compreendi a minha total ignorância de qualquer vida separada da mortalidade, e quão incapaz era de compreender mentalmente a vida real, sensível e individualizada que me rodeava. A princípio, quase desesperei: havia tanto para aprender, tantas coisas para compreender; mas rapidamente cheguei a saber que a alma humana é capaz de expansão infinita, e que o esforço de aplicar a mente ao estudo fortalece e estimula os seus poderes de perceção e compreensão.

Mas havia laços, saudades e afetos que me puxavam para a Terra. A memória, a simpatia e o amor viviam no meu coração, e os entes queridos no mundo mortal eram o meu pensamento e cuidado constantes. Queria-os, como sentia que eles me queriam; e precisava de estar com eles, tal como pareciam necessitar da minha presença. Ansiava por apertar os meus amados ao peito, pois nele havia um vazio doloroso ao faltar-me as manifestações exteriores de afeto que tinham feito parte da minha vida; e, ao visitar os lares terrenos dos meus queridos, desejava que eles sentissem, soubessem e acolhessem a minha presença.

Isto foi antes de me sentir plenamente revestida das espiritualidades da minha nova condição. Com o tempo, passei a amar como os espíritos amam, concedendo ternura, simpatia e afeto aos queridos, enviando-lhes influências para suavizar e fortalecer os seus corações, inspirar as suas mentes e elevar as suas aspirações. Então tornei-me contente e tranquila, sabendo que poderia sempre velar e ministrar às necessidades espirituais dos meus amados, até que se reunissem comigo no lado celestial, e compreendendo que as suas vidas fariam sempre parte da minha, como a minha faria parte das deles.

O amor espiritual é o crescimento daquele afeto que os corações humanos desenvolvem na Terra; mas é menos exigente, mais paciente, pacífico e benigno do que quando perturbado pelos elementos da vida física. Sereno na consciência da imortalidade, este amor expande-se, aprofunda-se e torna-se forte e feliz ao enviar a sua influência para os seus objetos, certo de que receberá um retorno seguro. O amor do espírito não é violento, embora cheio de atividade. É como um poder terno e penetrante, que flui até ao seu objeto e se mistura com a atmosfera do ser amado. É como um

brilho radiante, que se espalha da vida da alma do doador para o coração do recetor, aquecendo, fortalecendo e glorificando todos os que sentem a sua influência.

Aprendi isto com o tempo e, à medida que crescia em harmonia com a vida espiritual, toda a ânsia cansativa cessou, toda a inquietação foi apaziguada e o vazio doloroso encheu-se com uma medida de paz. A minha ternura encontrava satisfação em oferecer aos meus ídolos as influências e cuidados que a um espírito amoroso e vigilante é permitido conceder — uma tarefa graciosa e doce. Sentia que esses deveres me chamavam à Terra, e dividia o meu tempo entre o meu lar espiritual e o terreno, aprendendo lições lá e trazendo orientação vigilante cá, àqueles que necessitavam da minha atenção.

Com o tempo, as próprias ansiedades que sentia pelos meus queridos levaram-me a considerar as necessidades de outros; e, crescendo a partir dos afetos pessoais do meu coração, surgiu um amor profundo e terno pela humanidade, que trazia simpatia pelos que sofrem e o desejo de abençoar os desafortunados.

Este novo despertar inspirou-me e levou-me a trabalhar pelos meus semelhantes. Trouxe-me contacto com almas necessitadas e preparou-me para um trabalho em ligação com espíritos mais avançados. Sentia sempre uma estranha e subtil influência quando me dedicava a algum plano para os outros ou quando tentava conceber meios para aliviar o sofrimento. Nesses momentos, parecia que uma forte corrente de poder atravessava o meu ser, ajudando-me a alcançar êxito, embora não compreendesse então que era a inspiração dos reinos celestiais, dirigida sobre mim e através de mim por inteligências sábias para o cumprimento da sua missão; mas assim aprendi que era.

Talvez a maior alegria que encontrei ao vir à Terra tenha vindo da pureza e inocência frescas das minhas preciosas crianças; ao observar o desabrochar das suas naturezas espirituais e o desenvolvimento dos seus encantos físicos. Talvez o prazer sentido no acompanhamento das vidas mais maduras dos meus amigos não possa ser superado em condições semelhantes; mas a satisfação mais profunda, as associações mais doces e harmoniosas, encontrei-as ao aproximar-me do meu querido pai, durante o pouco tempo que permaneceu na Terra.

Do seu espírito emanava uma atmosfera de paz, eminentemente tranquilizadora. No seu íntimo, havia sempre uma crença terna na presença próxima e no amor vigilante dos seus entes elevados; havia sempre um acolhimento presente no seu coração para os que vinham até ele dos reinos invisíveis. Assim, para mim, havia uma compensação gratificante ao

aproximar-me dele, que nunca desapareceu e da qual retirava uma sensação de descanso e renovação.

Foram anos de experiência e disciplina de largo alcance, que sei terem feito muito para desenvolver as minhas perceções interiores, auxiliar o meu desenvolvimento mental e dar força às minhas faculdades espirituais. O meu primeiro conhecimento prático da vida espiritual veio pela experiência pessoal. A princípio, pareceu-me estranho encontrar lares, casas e terrenos, edifícios públicos, estabelecimentos governamentais e academias neste novo país.

As casas que visitei eram construídas e acabadas como habitações semelhantes na Terra, mas notei nelas um grau de refinamento de gosto, uma maravilha de proporção e acabamento, uma simetria construtiva nos seus arranjos que revelavam um avanço superior em cultura e uma habilidade criativa mais grandiosa do que a que os projetistas terrenos demonstram.

As escolas públicas que visitei eram muito semelhantes às instituições de ensino do plano material, oferecendo oportunidades a estudantes de todas as idades e diferentes níveis de estudo no seu programa educativo. Notei que nenhum aluno era sobrecarregado com instrução; cada um era ajudado a entrar na classe de estudos para a qual a sua mente se inclinava, e encorajado a cultivar o seu gosto intelectual e desenvolver as suas capacidades de acordo com a formação do seu cérebro. Nenhum aluno era "moldado" mecanicamente, mas sim "desabrochado" em conhecimento e compreensão.

Os professores não eram seres de olhar cansado, pálidos e nervosos, sem entusiasmo para o seu trabalho; eram vivos, alegres e cheios de fogo elétrico, encontrando alegria na tarefa de formar a mente humana. A sua influência parecia contagiosa, pois os alunos, em todos os departamentos de ensino, recebiam deles inspiração e poder que despertavam as suas próprias ideias e lhes permitiam compreender e expor com inteligência o assunto em estudo.

As instituições governamentais deste novo mundo eram reguladas com cuidado e precisão. Havia ausência daquela máquina política manipulada na Terra nos cargos públicos, através da qual vigaristas podem ganhar o controlo de questões importantes mais facilmente do que homens honestos. Não há "honra" em ocupar altos cargos públicos, a não ser a que provém da consciência de um cumprimento fiel do dever e da satisfação encontrada no exercício constante do pensamento e da energia para o bem-estar humano. Não se obtém grandeza pessoal ou louvor, não se satisfaz ambição privada, não se adquire fama individual, nem se encontram preferências políticas ou

perquisites cintilantes por parte de qualquer administrador dos assuntos do Estado. Mas, como esses encargos do povo estão sempre sob a direção sábia de conselheiros elevados, é impossível que intriga, corrupção ou desonra se insinue nos cargos públicos do mundo espiritual.

Considerei um privilégio ser admitida numa grande assembleia onde podia ouvir a defesa de medidas sábias e nobres para o progresso dos interesses humanos e para o exercício dos direitos humanos, e testemunhar os trabalhos daqueles ministros da justiça e da equidade cuja influência grandiosa se faz sentir em muitas terras.

Mas, quando vi muitas mulheres lado a lado com os julgadores homens, proferindo palavras de sabedoria, expondo leis e revelando as suas conceções de direito e responsabilidade humanos, fiquei imóvel de surpresa. Então soube que é comum indivíduos inteligentes e de visão ampla, de ambos os sexos, reunirem-se em conselho para tratar de assuntos importantes, e que nenhuma distinção de sexo jamais privou um ser inteligente do direito de voto, do exercício do pensamento ou da liberdade de expressão.

Entrei em salas e ouvi discussões sobre jurisprudência médica. Vi estudantes ocupados com as suas experiências — não com bisturi e faca, nem com substâncias minerais ou drogas vegetais, mas com as forças da natureza, com eletricidade vital, com magnetismo humano e com outros elementos.

Soube que as escolas de medicina daquela terra formam diplomados versados na arte de curar, alguns dos quais se apressam a ir para lares de sofrimento e hospitais na Terra, para aí transmitirem forças magnéticas aos aflitos nas horas de necessidade, enquanto outros se dirigem aos doentes do espírito e aos atribulados na vida espiritual, para lhes levar alívio. Ensinaram-me que virá o tempo em que os mortais serão libertos das condições de doença e dor; pois os estudantes dessas escolas superiores descobrirão meios e modos de instruir as gentes da Terra nas leis da natureza e da vida.

Fui levada a templos grandiosos onde, através de arcos primorosamente lavrados, entrava uma luz suave sobre magníficas obras de arte; e aprendi que toda a beleza, toda a simetria e grandeza da arte, da poesia e da música, tal como é sugerida pelo artista e pelo bardo na Terra, está armazenada na alma humana, e que, à medida que o homem progride espiritualmente, aumenta o seu poder de exprimir essa idealidade em forma exterior. Contemplei criações artísticas maravilhosas até sentir que todo o meu ser se dilatava de alegria.

Ouvi recitações de poesia até parecer-me que o suave borbulhar das águas no verão, o murmúrio terno das aves inquietas, o farfalhar das folhas da floresta, o tremeluzir dos raios de sol e as doces harmonias do amor humano se fundiam em palavras ao longo daqueles versos ritmados.

Entrei em vastas salas de concerto, cujas paredes eram inundadas de luz, e todo o lugar parecia cheio de pulsações de glória; e, ao escutar as divinas melodias de algum cantor talentoso ou as ondas maravilhosas de harmonia evocadas por intérpretes hábeis de instrumentos finamente afinados, senti-me transportada a pensamentos mais elevados e conceções mais grandiosas da vida do que qualquer pena poderia descrever.

Em edifícios nobres e em bosques sombrios ouvi a exortação elevada e a eloquência de mentes inspiradas até que a minha alma foi agitada até às profundezas; e, através de todas estas experiências, reconheci o mundo espiritual como um mundo natural — um mundo necessário, um país que complementa e sucede a este planeta Terra, assim como o verão sucede à primavera.

Não compreendi logo que, assim como a Terra é apenas um mundo no espaço, que fornece condições para a habitação humana, também o seu contraparte espiritual é apenas outro, que oferece meios para o conforto, conveniência e crescimento, bem como para a utilização das forças dos seus habitantes. É tão natural encontrar lá casas, moradias, estabelecimentos públicos e outras instituições como aqui; encontrar sinais de crescimento floral e vegetal, e um abastecimento para todas as necessidades humanas. Isto é progresso; qualquer coisa menos do que isto seria retrocesso.

Existem incontáveis mundos no espaço, cada um moldado e posto em movimento pelo Poder Omnipotente para fins sábios e com resultados utilitários; e é-nos ensinado que eles servem a humanidade dando lugar a todas as almas que vão seguindo o seu caminho.

Ao chegar à compreensão da verdadeira vida espiritual, fui obrigada a libertar a minha mente das suas antigas e vagas ideias sobre a eternidade. Feliz do homem que começa a aprender sobre a vida imortal e sobre os movimentos dos espíritos antes de se separar da Terra; pois, na medida em que adquirir conhecimento aqui, mais depressa compreenderá a vida lá.

Muitas almas ficam atordoadas e perplexas com o que encontram ao entrar na vida espiritual, e precisam de tempo para se libertar das suas ideias mal formadas, quando poderiam, desde logo, ter visto e apreendido a verdade do que as rodeia se tivessem começado a crescer em espírito antes da morte física.

CAPÍTULO II
TRANSIÇÃO NAS ESFERAS

Quando percebi — como o meu pai me tentara ensinar na Terra — que o mundo espiritual é um mundo real e que a vida dos seus habitantes é sensível, vital e conscientemente individualizada, instalei-me tranquilamente na conclusão de que já conhecia tudo o que havia sobre a morte, e de que jamais poderia ser deslocada da minha nova condição.

Mas tinha uma nova lição a aprender; não, contudo, antes de estar preparada para a receber sem choque de dor ou tremor de surpresa. Posso muito bem descrevê-la aqui, embora esta ilustração prática do que me tinham dito sobre a transição nas esferas só tenha acontecido depois das experiências que relatarei mais adiante.

Estudara algo sobre a vida planetária do nosso sistema de mundos — não exatamente segundo a linha de investigação astronómica que os vossos cientistas seguem, embora tal estudo esteja disponível para os estudantes no nosso mundo — mas através de mestres que adquiriram a sua sabedoria e conhecimento junto dos próprios habitantes desses corpos no espaço.

Soube que a vida nesses planetas celestes é ativa, consciente e animada, e que os seres humanos que aí habitam passaram por grau após grau de desenvolvimento espiritual, através de transições sucessivas. Esses seres são refinados e elevados no modo e na aparência; e as suas condições e arredores, assim como as suas posses objetivas, correspondem em beleza e delicadeza à glória dos seus caracteres espiritualizados.

Fui informada de que esses seres maravilhosos viveram em tempos na Terra, colhendo a sua disciplina; que passaram depois para o mundo espiritual que rodeia este planeta; e que, depois de adquirirem todas as experiências exigidas por tais condições, ascenderam a outro mundo — para aí viver, trabalhar, aprender e crescer até amadurecerem para nova mudança. O meu instrutor ensinou que, tal como esta foi a experiência dessas almas, assim será a de todos — de mim e de outros — e que desta forma a humanidade encontrará progresso sem fim, conforme o desígnio do Poder Infinito. Em cada etapa dessa ascensão, a alma adquire novos elementos, de tal modo que o seu corpo ou revestimento se torna cada vez mais glorificado e etéreo.

Nestes estudos, aprendi algo sobre a lei da reencarnação, e ensinaram-me que, de tempos a tempos, há espíritos expulsos do corpo terrestre que não obtiveram a disciplina necessária através do contacto com a matéria. Tal ser não pode sentir-se satisfeito em viver no mundo espiritual, pois pertence

ainda à Terra; e, para ele, opera uma lei que o ajuda a reentrar na mortalidade, ligando-se a algum organismo por nascer e passando pelos processos de nascimento, crescimento, disciplina e morte, até subir finalmente a coisas mais elevadas.

Contudo, nenhuma alma é obrigada a reencarnar na Terra se não o desejar e procurar; pois aqueles que estão satisfeitos, que tiveram o bastante da vida física quando deixam o corpo, são os espíritos que foram disciplinados e que adquiriram das coisas materiais tudo o que lhes podia ser útil. Não há motivo para que qualquer alma tema, rejeite ou critique a lei do reencarceramento, pois, como todos os decretos da Natureza, é uma grandiosa ordenação, estabelecida pela Suprema Sabedoria, para o maior desenvolvimento de vidas que seriam rudes e deformadas sem a sua proteção.

Não esqueci que ia relatar uma experiência real que me aconteceu durante esta investigação. Primeiro, deixe-me dizer que, quando a ideia de mais mudanças, de outras mortes, me ocorreu, percebi que o espaço de vida na vossa Terra é apenas o início de uma série interminável de existências para a alma humana. Só um pensamento me inquietou: se tivesse de morrer outra vez, ou se a minha mãe ou a querida Susie passassem da minha vista para reinos mais altos, conseguiria suportar a separação?

Voltaria a encontrá-las? Mas a resposta que veio dos mestres sábios acalmou os meus receios. Não me reunira eu com as minhas amadas ao libertar-me da prisão material? Não tinham elas preparado para mim uma receção régia? Não tínhamos nós o privilégio de voltar para velar pelos queridos na Terra? Poderia ser-nos destinado algo menos do que isso agora?

O amor é imortal, ligando almas afins por uma cadeia indissolúvel. Se a minha mãe subisse a um clima mais alto e doce, poderia vir ter comigo diariamente para comunicar e guiar-me. A consciência da sua presença estaria comigo, pois as nossas condições para manifestações mediúnicas são mais perfeitas do que as da Terra. Prepararia um caminho para que eu me reunisse a ela quando estivesse apta para o seu lar e a sua companhia. A separação seria menor do que a de amigos na Terra quando um parte para uma viagem de alguns meses a terras estrangeiras; pois, para os espíritos instruídos, anos de tempo na sua vida são como poucas semanas na Terra.

Soube também que estas transições superiores nem sempre ocorrem isoladamente. Famílias inteiras, até grupos de espíritos, têm sido conhecidos por manterem o mesmo passo no cultivo do conhecimento, da sabedoria e do refinamento, a tal ponto que ficam prontos para ascender

juntos; como vemos uma turma de alunos qualificar-se para passar a um grau mais alto ao mesmo tempo. Compreendi que poderiam ser necessários séculos para que um espírito adquirisse a experiência proveitosa e a disciplina de um mundo como o meu; por isso, não tinha razão para ansiedade quanto ao destino dos meus queridos. Longe de aumentar a minha perturbação sobre o tema, a sua contemplação tornou-se-me interessante; e, quando fui chamada pelo meu mestre para testemunhar a transição de uma alma elevada, obedeci com prazer ao chamamento.

O espírito era alguém que eu vira muitas vezes; tinha sido professor nas escolas mais altas, e convivera, como conselheiro, amigo e companheiro, com as almas mais grandiosas da nossa terra. Fora ouvido nas nossas salas de justiça, e era amado pela sua grande erudição, sabedoria e benevolência. A sua influência, como um sopro do céu, era sentida por todos os que dele se aproximavam. E, enquanto fora assim útil como professor, funcionário do governo e auxiliar de todos os pensadores, ocupara também um lugar glorioso como missionário de luz junto de almas infelizes e desviadas, que ajudara a sair da sua miserável condição.

O espírito não aparentava idade ao modo da Terra, onde o tempo deixa marcas no corpo humano em linhas vincadas e membros trémulos. Tal como, por vezes, se vê uma expressão suavizada e serena no rosto de um verdadeiro homem ou mulher de bem, que viveu muitos anos de vida mortal, assim também, nesse rosto, brilhava uma luz que transfigurava as feições e glorificava toda a pessoa. “Quase transparente”, diríeis de tal semblante; e, de facto, parece que uma glória celeste brilha no seu íntimo.

Apenas alguns alunos amados e amigos íntimos desta grande alma estavam presentes na hora sagrada. Ele esperava por esta experiência; pois, embora já tivesse vivido muitos séculos, considerava-os apenas como umas poucas gotas no oceano da eternidade. Agora chegara o chamamento, e estava prestes a entrar numa carreira mais elevada. Encontrámo-lo sentado num banco verde, ao pé de uma árvore preferida. Era no jardim daquele templo cujas paredes o haviam abrigado muitas vezes enquanto elucidava a verdade para mentes ansiosas. Apenas uma dobra de tecido branco e brilhante lhe envolvia o corpo. O seu rosto irradiava alegria, e não se podia duvidar de que já contemplava visões supremas, tão glorificada era a expressão dos seus olhos.

Os amigos do patriarca ajoelharam-se à sua volta, enquanto um silêncio solene, como se até o próprio ar se curvasse em oração, impregnava o lugar. Não havia influência de tristeza ou dor; apenas uma atmosfera de tranquila satisfação e paz. Todos sabiam que uma alma amadurecida ia ser recolhida ao lar, e não havia motivo para luto.

Mantive-me afastada, relutante em avançar entre os amigos ajoelhados; mas fui suavemente conduzida pelo meu mestre, em resposta a um sinal do sábio em cuja honra tínhamos vindo. Passámos para junto dele e ajoelhámos à sua frente. Quão surpreendida, quão humilhada e reverente me senti quando a sua mão tocou a minha cabeça inclinada em bênção:

— “Filha” — fluiu a frase da sua alma para a minha — “tu és um vaso cristalino através do qual a luz do além fluirá em bênção para o povo.”

Ergueu então a minha cabeça e, apertando a minha mão e a do meu guia entre as suas, aguardou o que estava para acontecer. Já tinha pronunciado as suas últimas palavras aos amigos, e vi que o corpo parecia encolher e murchar, como se algo no seu interior estivesse a ser retirado; e, em breve, tombou para trás contra a árvore. Momentos depois, os que assistiam foram eletrizados por uma visão maravilhosa; pois ali, diante de nós, envolto em luz, o seu rosto mais transparente do que antes e iluminado por um sorriso glorioso, contemplámos o sábio. Ficámos a olhá-lo, extasiados, até que desapareceu lentamente, e soubemos que empreendera uma viagem celestial.

Mãos ternas compuseram o corpo abandonado sob aquela árvore favorita, cobrindo-o com ramos aromáticos e flores. Durante três dias — segundo a medida de tempo dos mortais — os amigos permaneceram naquele local sagrado, e depois regressaram aos seus lares, pois o último vestígio do corpo, com as suas coberturas, tinha desaparecido; podia-se dizer, com propriedade, que se desmaterializara ou evaporara. Tudo se dissolvera; os seus elementos tinham sido absorvidos pela atmosfera, para serem utilizados noutras formas.

Quando o princípio da alma partiu, as propriedades químicas que mantinham os átomos unidos foram retiradas, e o corpo limitou-se a decompor-se nos gases originais. Não houve corrupção, nem resíduos de matéria para eliminar, nem sepultura — tão perfeitos são os processos de desintegração no nosso mundo.

Foi para mim uma lição poderosa, e deu-me muito em que refletir. Nem eu nem os meus vizinhos tínhamos jamais presenciado um caso de ascensão como este, embora todos soubéssemos de semelhantes ocorrências pelos registos conservados nas nossas instituições públicas. Foi um acontecimento de grande importância na nossa região, e serviu como tema de consideração nos nossos círculos. Fui informada pelo meu mestre de que, ao segurar a mão do sábio, eu o ajudara a soltar o apego ao corpo de que já não precisava, pois era um médium cujo magnetismo podia ser utilizado para tal.

Assim também, por vezes, um médium mortal pode ser usado para ajudar um espírito a libertar-se do corpo gasto. Ou pode auxiliar uma alma em luta a manter-se ligada ao físico, que ainda lhe possa ser útil se renovado com vitalidade.

A mudança chega ao espírito através da transição — pois esta é a palavra mais adequada para designar o acontecimento que envia uma alma de um estado de experiência para outro, mais alto e melhor. A palavra “morte” não é usada naquela terra onde nenhum túmulo aberto, nenhuma mortalha macabra, nenhuma tampa de caixão despertam receios trémulos e suspiros lacrimosos nos corações que os contemplam com perguntas silenciosas.

Quanto tempo demora para que algumas mentes compreendam que a vida na Terra é apenas uma de uma série infinita de existências, e que cada ascensão é um avanço e uma melhoria em relação à anterior! Explicamos isto pelo facto de que, no início, neste planeta, a humanidade só pode ser imperfeitamente impressionada com o poder do progresso. Um espírito pode viver muito tempo na Terra e, ao dedicar as suas energias à acumulação de riquezas materiais e à satisfação da ambição e do orgulho pessoais, pode não ter reunido a experiência e a disciplina específicas para as quais fora enviado aqui. Nesse caso, não está preparado para ascender.

A criança que não aprende o alfabeto nem adquire os primeiros rudimentos de instrução não pode entrar num curso de estudos mais avançado. Pode-se retirá-la da escola primária e sentá-la numa sala onde se ensinam lições mais profundas, mas a sua mente não as poderá assimilar, pois a sua capacidade não se expandiu o suficiente. Assim também, o homem que não aprendeu as lições mortais nem passou pelas experiências necessárias pode, por acidente ou doença, perder o corpo físico; mas não está mais preparado para entrar num grau mais elevado de ser do que o bebé sem instrução para compreender as lições complexas de uma turma de formatura.

Se, ao procurar colmatar essas lacunas, o homem não aproveitar a lei do reencarceramento, será obrigado a permanecer em contacto com a Terra até aprender e receber tudo o que o planeta tem para lhe dar — tal como a criança terá de voltar à escola primária e ficar até dominar bem as lições que perdeu.

Tendo colhido a disciplina necessária aqui, a alma pode seguir em frente e obter novos desenvolvimentos numa condição mais elevada. Podem passar-se séculos até estarmos maduros para outra mudança — esta nova vida tem tanto para oferecer em termos de estudo e ocupação. Os nossos corpos não se desgastarão aqui antes de estarmos prontos para os largar; nem sofrerão acidentes incapacitantes, como por vezes acontece aos

mortais; mas podemos continuar a encontrar algo de novo e bom para a nossa expansão diária. Quando chega o momento da transição, a alma está preparada, e a sua forma exterior desprende-se tão facilmente como uma veste larga que cai dos ombros mortais.

O nosso conhecimento de um mundo ainda mais além chega-nos pelas notícias trazidas pelos seus habitantes celestiais, que influenciam e inspiram os nossos médiuns para que transmitam as suas instruções às nossas mentes. Não tememos a sua orientação, pois esses amigos celestiais são mais sábios e podem ver com maior clareza do que nós. Elevaram-se acima de nós e a sua visão da vida e das coisas é mais abrangente e grandiosa; por isso sabemos que o seu julgamento é bom e podemos confiar nele.

E, como instrumentos, os nossos médiuns sensíveis foram cada um preparado para o seu trabalho através de experiências peculiares e amadurecedoras da alma; como as suas naturezas são aspiracionais e buscadoras da verdade, e como procuramos rodeá-los das condições mais puras e elevadoras, não hesitamos em aceitar os ensinamentos que nos chegam pela sua via. Assim somos ajudados, no nosso cuidado com os mortais e no nosso trabalho pela humanidade, por esses seres celestiais cujo amor pela humanidade se aprofunda e alarga com o próprio crescimento da sua alma.

Os mortais tremem perante a aproximação da morte e afastam-se da sua contemplação. Há tanta incerteza nas suas mentes quanto ao futuro que não procuram de boa vontade a experiência que a palavra parece denotar. Mesmo aqueles que sofreram grandes perdas e dores amargas, que estão vergados pelos anos, que já não podem tomar parte ativa nas tarefas do mundo; mesmo aqueles que aprenderam algo sobre a imortalidade e que ouviram falar da vida no mundo espiritual — desejam permanecer na Terra mais um pouco e recuam diante da mudança.

Isto é característico da vida física. Este apego natural está enraizado no indivíduo; é o agarrar das forças materiais ao seu sistema de manifestação, e torna-se útil ao homem; pois, se estivesse ansioso por deixar o mortal, se desejasse ardentemente a mudança que o levaria a outro mundo, negligenciaria os seus deveres aqui; deixaria de cuidar do corpo e de cultivar o intelecto.

Mas connosco as condições são diferentes. A Natureza é menos rude e violenta; as suas forças estão em maior harmonia com o homem; podemos viver tão em *rapport* com as suas leis que não tememos doença nem acidente. Sabemos que não podemos passar a outro mundo até colhermos toda a disciplina, realizarmos todas as tarefas e adquirirmos tudo o que é

necessário para o nosso crescimento nesta esfera. Sabemos para onde vamos. Tendo passado por uma morte e sobrevivido, estamos certos de que as futuras mudanças apenas nos trarão maior poder e vida mais doce. Por isso, em vez de recearmos a nova transição, aguardamo-la com alegria, esperança e satisfação, enquanto procuramos, entretanto, ampliar o nosso poder e aumentar a nossa utilidade.

No caso que descrevi, o corpo do sábio levou três dias a decompor-se completamente nos elementos originais; mas somos ensinados pelos celestiais que, no seu mundo, quando alguém ascende, o corpo desintegra-se de imediato assim que a força vital é retirada, e nada fica para cuidados de amigos.

CAPÍTULO III
LINGUAGEM, SOCIEDADE, LOCOMOÇÃO,
VEGETAÇÃO NO MUNDO ESPIRITUAL

Na minha primeira frequência nos colégios da vida espiritual, surpreendeu-me ver tão pouca atenção dada ao estudo dos clássicos, tão pouco tempo dedicado à aquisição de línguas e tão pouco pensamento atribuído ao que, na Terra, se chama “uma educação completa”; mas acabei por compreender que há instrução e instrução.

É necessário que os vossos estudantes procurem o conhecimento dos clássicos se desejarem alcançar as mais elevadas produções dos mestres da música, da literatura e da arte que floresceram nos tempos antigos. Quem quiser conviver com a vida e o pensamento de diferentes nações deve estudar as línguas, para compreender o seu povo; e, para se mover na sociedade polida, o mortal deve estar bem versado nas artes, graças e habilidades que tal sociedade reconhece e exige dos seus devotos.

Para conviver com mortais nas suas várias classes, é conveniente que um espírito seja capaz de comunicar-se em mais de uma língua; ou, ao entrar em contacto com um espírito preso à Terra que não compreenda inglês, uma inteligência mais elevada poderá encontrar vantagem em exprimir-se e em dar instrução ao inferior na língua que esse infeliz utiliza; e, assim, temos escolas cujos tutores oferecem instrução nestas e noutras áreas a quem deseje iniciar tal curso de estudo.

No mundo onde habito, todos falam uma só língua; simples na pronúncia, sem confusão e sem possibilidade de ser mal interpretada. É uma língua muito semelhante ao inglês mais puro falado pela cultura moderna; mas é até uma melhoria sobre esta, estando livre de expressões idiomáticas e

sendo facilmente adquirida e compreendida. Assim, não tive necessidade do francês ou do alemão para exprimir o meu pensamento com frase elegante ou som gutural; nem encontrei vizinhos que usassem outro idioma que não fosse essa língua simples e deliciosa, característica da vida espiritual.

Fui ensinada por celestiais que regressaram de que, no mundo além do meu atual lar, não se emprega a fala exterior, pois o pensamento é transmitido de alma para alma e rapidamente compreendido. Dizem-me que o pensamento tem som, pois, quando passa de uma mente para outra, há um tilintar suave e doce, como o toque de pequenos sinos de prata, que chega ao ouvido e desperta a mente; mas isto é demasiado subtil para nós percebermos, e não podemos experimentá-lo até habitarmos um corpo mais refinado.

Sem dúvida, tudo o que instrui a mente na Terra; tudo o que nos abre os tesouros do saber passado; tudo o que cultiva o gosto refinado, que torna a alma bela; tudo o que treina o intelecto e desenvolve uma natureza elevada; enfim, todos os processos educativos da vida terrena são vantajosos para nós, assim como o são para vós. Contudo, não dependemos tanto da mera aprendizagem livresca como os mortais.

Não somos obrigados a estudar os clássicos para obter informações sobre a arte antiga. Se desejamos estudar e entrar em sintonia com a literatura ou arte clássica, somos levados, pelas nossas aspirações, a simpatizar com as grandes mentes, os intelectos poderosos, os artistas exímios de qualquer época, antiga ou moderna, e deles obtemos o que buscamos. Misturando-nos magneticamente no seu meio, colhemos da sua própria personalidade os elementos das suas vidas, das suas esperanças, das suas realizações, e ficamos mais despertos em perceção e conhecimento.

Assim, no desenvolvimento das graças que pertencem à sociedade polida, a atenção é dada ao crescimento do caráter. O professor espiritual exerce a sua influência sobre a natureza moral do seu discípulo, estimulando-a, encorajando-a e ajudando-a no seu desenvolvimento. Atuam-se sobre os atributos do amor e da harmonia. O afeto e a simpatia concedidos ao aluno despertam amor e ternura em retorno.

Lições sobre as necessidades humanas e ações nobres desenvolvem o respeito pela lei da justiça. Princípios elevados, inculcados numa mente em crescimento, desabrocham regras de conduta que se aplicam a uma vida correta e a fins elevados. Tudo isto, agindo sobre a alma sensível, faz nascer as graças do coração, que se manifestam na cortesia, na postura gentil e na consideração atenciosa pelos outros — a verdadeira essência e fonte dessas amenidades pessoais tão caras à sociedade.

Não preciso de insistir com os meus alunos na vida espiritual sobre a necessidade ou a beleza de serem sempre bondosos com os seus companheiros de brincadeira, de serem corteses com todos, de nunca desprezarem ou ofenderem os seus semelhantes e de fazerem todo o bem possível. Através da atenção dada à sua educação mental e moral, estas regras tornam-se naturalmente parte do seu comportamento constante e são seguidas com a mesma facilidade que qualquer rotina adotada.

Tenho visto órfãos rejeitados, negligenciados e desprezados na Terra chegarem à nossa vida. Sob o treino que aqui recebem, tenho-os visto desenvolver as mais belas qualidades de mente e coração e tornarem-se puros, doces e preciosos rebentos da árvore humana da vida.

Quando os mortais compreenderem que o cultivo das graças pertence à educação do caráter moral, e não apenas ao treino das perceções mentais, a Terra dará origem a uma raça mais doce e bondosa do que a que agora possui. Muitas pessoas são hoje graciosas no trato perante o mundo, mas, na intimidade dos seus lares ou na forma como se relacionam com os mais próximos, revelam-se grosseiras, descuidadas e pouco amáveis. Isto está errado, mostrando que o coração não foi cultivado, mas apenas as exigências da sociedade atendidas.

No meu lar espiritual encontrei vários modos de locomoção. Eu e os meus vizinhos andamos a pé, como os mortais. Temos também veículos de transporte. Existem barcos — ou melhor, flutuadores — sobre as nossas águas: delicadas embarcações em forma de concha, belas na sua configuração e de proporções simétricas. Temos carros aéreos para deslizar pelo ar a grande velocidade. E temos também certos veículos semelhantes às vossas carruagens, que não são, porém, movidos por tração animal nem por força mecânica — o motor elétrico está armazenado de forma compacta dentro do veículo.

Pelo exercício da vontade, podemos deslizar rapidamente sobre a superfície do solo e viajar sem qualquer aparelho ou transporte — com rapidez e sem fadiga. Mas, no mundo celestial além do nosso, o modo de transporte é mais avançado, pois os seus habitantes só precisam de pensar num lugar específico para o qual desejem ir e, por mais distante que seja, lá estão instantaneamente. O pensamento e a força de vontade são as únicas forças propulsoras nessa terra melhor.

Os nossos corpos espirituais são mais ou menos densos e requerem certas substâncias para a sua nutrição. Esta é encontrada nos frutos saborosos das árvores e videiras e na água cristalina das nossas fontes. Estes frutos são muito macios, doces e delicados. A maior parte dos seus compostos é absorvida pelo organismo; há muito pouco resíduo ou desperdício, e este é

eliminado pela exalação; não possui odor e a sua passagem pelos poros do corpo é impercetível. O mesmo acontece com a água que bebemos, muito doce e refrescante. Este tipo de nutrição, assimilação, combinação e eliminação não nos causa problemas e, para os mortais, pode parecer muito desejável e agradável. Por meio deles, mantemo-nos saudáveis e vigorosos e livres das dores e doenças que afligem o homem na Terra.

Mas, por mais espiritual que seja este modo de alimentação, é rudimentar em comparação com o sistema de absorção que existe nesse mundo mais elevado, de onde, por vezes, recebemos mensageiros com informações — tal como vós recebeis estas notícias do meu lar.

Dizem-nos que, no mundo celestial, nenhuma substância é ingerida no corpo humano. Os corpos dos seus habitantes são demasiado etéreos para suportar mesmo os frutos suaves que nos servem de alimento. A ciência pode ensinar-vos que até a atmosfera do universo físico contém em solução todos os elementos da vida, todos os átomos necessários ao sustento do homem. A química pode reunir esses elementos e, por combinações, transformá-los em gases, líquidos e sólidos, ácidos, sais ou açúcares, conforme a necessidade, e assim fornecer o que é necessário ao organismo.

Se isto é verdade, quão possível é para as almas avançadas da vida celestial, versadas nas leis e ciências, extraírem da atmosfera à sua volta os elementos necessários para o sustento dos seus corpos refinados. O simples ato de respirar enche o sistema de alimento, introduz nutrição no corpo e alimenta cada parte do organismo com força e energia. Que vida maravilhosa é essa!

A vegetação do meu mundo está sujeita às leis do crescimento e da decadência: vemos as folhas secarem, caírem e desaparecerem na atmosfera, e novos rebentos desabrocharem no seu lugar. Não há desperdício pesado: cada partícula que cumpriu o seu propósito desintegra-se no elemento original; mas, ainda assim, há crescimento e decadência, desgaste e renovação. No mundo além do meu, não há folha a morrer nem flor a murchar. A vegetação, alimentada por absorção, mantém sempre o mesmo aspeto, pois obtém da atmosfera os novos elementos necessários para renovar o seu frescor e vigor, e liberta, em exalações invisíveis, os elementos que já cumpriram a sua função.

Podeis assim compreender que, embora as condições do meu mundo estejam à frente das comuns na Terra, são inferiores às que sustentam a vida nesse mundo celestial que orbita no espaço para além daquele em que habito.

Não posso falar-vos de mundos acima desse, que entrarei na minha próxima peregrinação, pois não me encontrei com mensageiros vindos dessas esferas divinas de luz. Os meus guias celestiais afirmam, contudo, que, para além do país onde florescem, existe um reino supremo cujos habitantes são mais belos e refinados do que as palavras podem descrever; que a sabedoria desses seres é maravilhosa; mas que nem mesmo eles se consideram exaltados, pois sabem de uma vida ainda mais divina, para a qual estão a crescer, cujos habitantes brilham como o sol e cujo poder nos pareceria o próprio de Deus, tal é o seu conhecimento das leis do universo e a sua capacidade de as utilizar.

De facto, pouco sabemos da vida, mas que faculdades maravilhosas possuímos para aprender, para crescer e para ganhar poder! O objetivo destes escritos é registar algo desse mundo espiritual habitado pelos vossos amigos ascendidos. Nas casas que ocupam podem encontrar-se paz, harmonia e contentamento. Lá trabalham; lá permanecerão por muitos anos, até recolherem tudo o que a vida lhes pode dar nessa etapa; lá receberão cada ente querido que ascenda da Terra; e lá ensinarão esses amados a encontrar as mesmas condições e desenvolvimentos de que gozam.

Já mencionei os cuidados e deveres que encontrei em ligação com a Terra, e o prazer que me deu cumpri-los. Insinuei que, crescendo do meu amor pelos tesouros do meu coração, surgiu uma simpatia e afeto mais profundos pela humanidade em geral. Isto levou-me a tentar ser útil aos meus semelhantes. A minha mãe e a minha irmã estavam constantemente empenhadas em boas obras. Não confinavam as suas ministrações aos que lhes eram trazidos, mas saíam pelos caminhos da vida, procurando os necessitados e servindo os que sofriam.

Fiquei feliz por me juntar a elas, e descobrimos que, quanto maior era o esforço que fazíamos para ajudar os outros, maior se tornava o nosso poder. Quanto mais miserável o caso em mãos, mais forte cresce a simpatia de um espírito ajudante, e mais prática se torna a sua assistência.

Na Terra, a benevolência inata de um homem pode carecer de poder de expressão por causa da oportunidade limitada.

Ele pode estar disposto a realizar grandes feitos pela humanidade, mas o que realmente se faz pode parecer-lhe pouco, porque materialmente lhe faltam os meios. Entre nós é diferente. Basta que um espírito queira sinceramente fazer o bem para que o caminho se abra. Ele ora por força para elevar os humildes e dar ânimo aos fracos, e essa força apodera-se dele. Pode procurar os que já perderam a esperança, e são-lhe concedidos os meios para prosseguir e abençoar essa busca com bons resultados. O

trabalho missionário torna-se inspiração e força que produz efeitos frutuosos, não só para quem recebe, mas também para quem dá o fruto do seu labor.

Parece haver tempo para fazer tudo na nossa vida. Não somos limitados pelas exigências de um corpo exigente. O pouco de que necessitamos é facilmente providenciado. Não sentimos que tenhamos de concluir uma tarefa especial num prazo fixo, pois temos eras à nossa frente, se necessário, para completar o nosso trabalho. Assim, qualquer plano que tenhamos à mão cresce naturalmente e acaba por dar bons frutos. É verdade que a nossa missão na Terra é um tanto limitada.

Podemos desejar impulsionar um certo movimento ou medida para o bem-estar humano; desejar estabelecer uma verdade especial ou ensinar uma lição particular aos mortais; se não empreendermos esse trabalho quando os meios e oportunidades são mais adequados, podemos falhar no nosso propósito. Os nossos instrumentos aqui dependem de forças externas, e temos de os utilizar à medida que o poder surge. Tal trabalho assenta em condições, considera o tempo um elemento importante e a simpatia e cooperação humanas na Terra um fator necessário ao seu desenvolvimento, enquanto as ocupações do mundo espiritual, por si sós, estão em grande parte livres destas limitações.

Podemos encontrar oportunidade para atender diligentemente às necessidades de tais almas sofredoras quanto possamos alcançar; para cuidar dos entes queridos na Terra que amamos; para estudar lições e seguir investigações que nos atraem; e para recriar as nossas próprias forças mentais e espirituais, testemunhando cenas inspiradoras e contemplando obras de arte; assistindo a grandes concertos e exposições de grandeza intelectual ou artística; ou, de outras formas, satisfazendo as necessidades estéticas da nossa vida interior.

Gostaria que fosse possível descrever-vos algumas das maravilhosas criações artísticas que contemplei; ou dar-vos conhecimento das grandiosas harmonias que sobem e descem em ondas musicais nas nossas salas de concerto. Desespero de fazer justiça ao tema e, por isso, contentar-me-ei em esperar, até que, quando a manhã de uma experiência espiritual despontar na vossa visão desperta, possais visitar a Academia de Música e ouvir aquelas harmonias tão intensas e doces, que sentireis como se fôsseis levados sobre feixes de luz até ao próprio trono de Deus.

Prosseguindo no nosso caminho, sem cuidar da passagem do tempo, mãe, irmã e eu avançámos até que o meu pai se juntou a nós. Que acolhimento lhe demos; e com que alegria o conduzimos ao lar e domínio que ganhara por uma vida fiel. Quão satisfeito e feliz estava, mas nada perturbado.

Estava plenamente consciente do que o rodeava e, quando lhe perguntámos se não desejava descansar, deu-nos um dos seus grandiosos sorrisos e disse: “Não, não estou fatigado. Isto é descanso: estar em casa. Sei que há algo para eu fazer aqui. Porque haveria de descansar se me sinto tão forte e bem? É o cansado que procura repouso, não o homem vigoroso.”

De imediato, lançou-se com entusiasmo em novas ocupações. Rapidamente encontrou velhos amigos e parentes próximos, e ligou-se a mentes fortes que trabalhavam constantemente pela humanidade. Quis explorar os arredores e não lhe faltou companhia nas excursões. Não se contentava com um simples olhar a uma planta ou árvore; queria examinar e estudar a sua natureza, e aprender a sua capacidade de utilidade. Assim era com tudo o que abordava: queria atingir a altura e a profundidade, e conhecer tudo o que houvesse para aprender.

Com tal mente não havia estagnação; avançava constantemente, empenhado em novas aquisições e descobertas. Não admira que trouxesse inspiração ao nosso lar, que desse nova vida e força a cada um de nós. O seu magnetismo pessoal lançava uma influência edificante sobre todos os que alcançava, tornando-o apto como mestre, guia ou vanguarda para quem precisasse de instrução.

Entrou no colégio e na universidade; visitou templos, convivendo com a vida e o pensamento de mestres e dirigentes. Tornou-se estudante de ciências, assim como professor de filosofia moral, e no seu trabalho expandiu o próprio intelecto e inspirou outros.

CAPÍTULO IV

PREPARANDO-SE PARA ENTRAR NO TEMPLO

Pai, mãe, irmã, amigos; um lar de beleza e harmonia; escola de instrução; oportunidades de estudo; todas as vantagens para o cultivo do gosto refinado; a companhia de mentes dotadas — tudo isto era meu! Poderia uma alma não ser alegre e pacífica sob tais auspícios? Contudo, é impossível, numa vida assim, instalar-se apenas na satisfação pessoal ou na contemplação e orgulho egoísta.

Quanto mais aguçadas se tornam as sensibilidades, mais cresce a consciência do bem ou mal humanos. Quanto mais bela parece a nossa existência, maior é a compaixão que sentimos pelos nossos semelhantes que não têm tais confortos; e, portanto, alguém na nossa condição só pode

encontrar a verdadeira felicidade procurando ensinar, embelezar e elevar os mais desinformados e desafortunados.

Todo o espírito progressista sente isto, e assim temos grupos inteiros de tais trabalhadores — famílias unidas ou sociedades afins — laborando em conjunto pelo interesse da humanidade.

No decorrer dos nossos estudos, nós, como família afetuosa, viemos a conhecer mundos e vidas humanas para além e fora da nossa. Ao contemplarmos o plano dos céus celestiais e aprendermos sobre planetas e estrelas, sobre a sua posição no espaço e a sua relação com o nosso orbe espiritual, compreendemos que o nosso é apenas um de muitos, todos ligados por uma corrente de força elétrica que os mantém no lugar e vitaliza cada um. Soube-se que os habitantes desses mundos são seres inteligentes, avançados, altamente cultivados, mas que conservam atributos humanos nos seus desdobramentos superiores; e que, por essas características nobres, essas belas almas estão ligadas às nossas vidas por laços de fraternidade.

O meu pai, pelo seu conhecimento precoce do Espiritualismo e pela sua fé inabalável, foi muito rápido a compreender os mundos superiores. Não teve dificuldade em acreditar que, nas condições adequadas, os habitantes dessas alturas celestiais podiam comunicar-se com ele e connosco. Ao saber de um grupo de vizinhos que, a intervalos determinados, realizavam sessões para comunhão com almas mais elevadas, pediu admissão ao seu número. Foi-lhe concedida e, pouco depois, tornou-se frequentador assíduo dessas reuniões privadas.

Observámos que “Benefice” — assim era chamado — ficava muito calado e absorto depois dessas sessões e, desejando eu saber a razão dessa abstração, interroguei-o. Não estava, porém, preparada para compreender as verdades que lhe falavam à mente e lhe davam matéria de reflexão; e assim, ao princípio, afastou-me delicadamente.

À medida que a minha observação se ampliou com o meu treino mental, e as minhas simpatias despertaram para a vida, passei a ter interesse ativo nos relatos que ouvia sobre a chamada comunhão com inteligências invisíveis, e procurei o meu pai para esclarecimento — não por curiosidade ociosa, nem para confirmar opinião própria, mas com o desejo sério de informar o meu espírito sobre assunto importante. Então o querido revelou-me a sua sabedoria, explicando-me em que condições fora iniciado no Templo da Comunhão, onde se podia manter contacto seguro com visitantes de um mundo mais exaltado.

Disse ele: “Disseram-me que um dos meus próprios do rebanho é um sensitivo, por cujo intermédio podem ser recebidos ensinamentos tão grandiosos, e que o desabrochar das suas faculdades está prestes a começar.”

Fiquei profundamente interessada e instei com o meu pai para que pedisse a minha admissão no conselho sagrado. Não me foi concedida tão prontamente como eu esperava, sabendo como facilmente ele tivera acesso ao santuário. Foi-me transmitido que teria primeiro de passar por um período de preparação. Ainda não estava suficientemente recetiva a um influxo de luz celestial; teria de estar pronta para abandonar qualquer opinião querida, se esta entrasse em conflito com verdades mais elevadas.

Sempre teria o direito de exercer o meu juízo e razão, mas teria de mostrar que podia elevar-me acima do treino inicial sem luta e desprender-me de hábitos adquiridos de pensamento, quando estes se provassem falsos ou inúteis. Julguei poder fazê-lo facilmente, pois só desejava a verdade e não acreditava que me apegasse a opiniões que a razão pudesse destruir; por isso, insisti na minha aptidão para me unir de imediato ao círculo.

Mas não; teria de provar o meu empenho na obra. Teria de demonstrar a mim mesma a capacidade de me submeter de boa vontade à direção desta Ordem. Teria de passar por um período de provação e, dedicando-me a tarefas puramente altruístas, dar prova de que o meu amor pela humanidade, como um todo, era tão grande que eu poderia abandonar tudo e ignorar todos os laços caros para seguir a verdade. No meu entusiasmo, julguei que poderia fazê-lo facilmente e disse: “Fazei de mim o que quiserdes; eu submeter-me-ei.”

O meu pai foi designado para me disciplinar. Eu seria afastada de casa e dos laços familiares, colocada num local estranho, entre espíritos que precisavam de cuidado e instrução. Não me revoltei, pois sabia que veria o meu pai e dele aprenderia notícias da mãe, da irmã e do lar. Além disso, sabia que a minha visão espiritual podia discernir à distância as condições que pertenciam à minha verdadeira vida íntima; assim, acompanhei o meu guia sem murmúrio e entrei na prova. Perguntei quanto tempo poderia durar, mas não obtive resposta.

Que almas distorcidas, contorcidas sob o látego da consciência, encontrei! Criaturas miseráveis, desesperadas, com o peito oprimido pelo medo e tormento, e com rostos marcados pela impressão de paixões ferozes. Por vezes enojava-me com a visão e, quando se afastavam com ar feroz das minhas tentativas de as acalmar ou consolar, murmurando imprecações, sentia vontade de fugir; mas quando alguma escutava, acalmando-se e

parecendo decidida a fazer esforços para melhorar, eu resignava-me à situação.

Encontrei aqui muitos missionários meigos, pacientes e ternos, com quem podia conviver e de quem aprendi muitas lições valiosas. Recebia também visitas frequentes do meu pai, que me trazia preciosas notícias do nosso lar. Podia afastar-me a qualquer momento para visitar os meus queridos na Terra, e assim a vida não estava isenta de alegria e beleza.

Mas, numa das suas visitas, o meu pai disse-me:

— Filha, tenho instruções para te deixar sozinha e cortar toda a ligação entre ti e o lar. Uma influência magnética será exercida sobre ti, para que nada possas ver ou saber de pais, irmã ou amigos. Podes suportar esta prova?

— Será uma dura prova, pai, mas, se não for demasiado longa, não me queixarei.

— Minha querida filha, não te iludas; pode durar eras. Uma disciplina ainda mais dura do que essa está reservada para ti; mas lembra-te: tudo é para um fim glorioso.

Fiquei um pouco receosa, pois, ao contrário do meu pai, não tinha experimentado as alegrias, nem me haviam sido revelados os mistérios do templo sagrado; e assim não sabia se o fim justificaria tal preparação. Mas disse que procuraria fazer o melhor.

E assim fui deixada só; mas continuei, esforçando-me por ser paciente e afastar todo o pensamento de desejo pessoal e conforto; apenas as minhas visitas aos meus queridos na Terra me reconciliavam com as tarefas. Como parecia longa a prova! O tempo era então tudo para mim. Vivi uma era no que, nas minhas visitas à Terra, descobri serem, na realidade, apenas algumas semanas.

Mas então veio a minha maior aflição: descobri-me cortada da Terra e dos seus entes queridos. Tentei alcançá-los, mas não pude! Um grande abismo parecia separar-me daqueles que amava, e senti-me presa a um lugar e a uma condição. Então compreendi o que mestres sábios querem dizer quando exortam alguém a renunciar ao mundo, a abandonar tudo para seguir a verdade e o dever, e a viver uma vida puramente altruísta. Lutei e revoltei-me. Perdi o interesse pelo trabalho. Tudo ao meu redor parecia um vazio escuro e sem esperança. Não consegui suportar a tensão, e caí na inconsciência.

Quando recuperei os sentidos, estava nos braços da minha mãe, no nosso querido lar! Estremeci, como que ao recordar um pesadelo horrível, e

agarrei-me a ela como uma criança assustada. Ela acalmou-me, e, sob a sua influência tranquila, recuperei logo a minha habitual compostura.

O meu pai e os amigos foram muito ternos comigo, mas eu estava inquieta. Um sentimento de fracasso, de fraqueza moral, enchia-me o peito. Tinha vergonha de mim mesma. Percebi então que sempre fora incapaz de exercer um altruísmo puro; e também que não tinha conquistado o privilégio que desejava. Algum tempo depois pedi novamente para retomar a prova, mas o meu pai julgou-me ainda sem forças suficientes, e tive de esperar.

Chegou o momento em que tentei de novo alcançar o desejado objetivo, e tive de passar pelas mesmas e outras experiências dolorosas, mas desta vez com sucesso. Afastei-me de todas as associações agradáveis e afins. Não visitei ninguém — na Terra ou no Céu — que eu amasse ou que me amasse. Cheguei até a perder de vista outros trabalhadores que antes me haviam acompanhado no auxílio aos infelizes e aflitos. Ao início, foi muito difícil e doloroso, mas procurei ser paciente.

Tive pena dos desgraçados e quis ajudá-los. A minha compaixão cresceu com os meus esforços. Os que eram ajudados davam-me amor agradecido, que me inspirava. Os que se afastavam apenas reforçavam a minha determinação de tocar as suas vidas com bondade. Dessa obra veio uma satisfação que eu não previra, e isso deu-me força. Fiquei tão interessada em observar o desabrochar do pensamento sincero e do arrependimento nobre em mentes deformadas, que, sem dar por isso, um sentimento de verdadeira felicidade envolveu o meu coração. O lugar iluminou-se ao meu redor, e encontrei beleza onde antes só vira escuridão.

A prova terminou a seu tempo; o meu pai veio buscar-me e deixei a minha ocupação com até um suspiro de pesar. Ajudara-me a crescer e a conhecer-me melhor.

E agora estava preparada para entrar no Templo. O meu pai não tivera de passar por disciplina tão árdua como eu. Os guardiões daquele santuário sabiam, logo à sua primeira aproximação, que, se a ocasião o exigisse, ele poderia e desejaria renunciar a todo o pensamento de si próprio, e descer a qualquer condição de vida humana para trabalhar pela sua elevação. Não havia necessidade de provar a sua lealdade ao princípio, o seu poder de abnegação, e por isso não lhe foi exigida prova alguma. Eu pensava ser forte para agir e sacrificar, mas os acontecimentos mostraram que primeiro precisava desenvolver força e expandir o poder espiritual antes de cumprir a tarefa que me fora atribuída.

Chegou o momento auspicioso, e fui conduzida ao local pelo meu amado pai. O Templo — um grande edifício circular de substância cristalina —

erguia-se no centro de um recanto verde, onde os ramos das árvores lançavam uma sombra tranquila. O interior revelava-se como um aposento circular, provido de assentos baixos. A luz que descia através de cristais cor-de-rosa era suave e bela. O delicado perfume das flores impregnava o ar, e uma atmosfera de beleza pairava sobre o lugar.

Estavam presentes cerca de doze pessoas, homens e mulheres em igual número. Sentavam-se em círculo à volta de uma espécie de máquina como nunca eu vira. O instrumento brilhava como ouro, mas não parecia ser feito desse metal. Cada figura masculina estava vestida com uma longa túnica azul de material macio e sem brilho. O meu pai, depois de me sentar, retirou-se, mas reapareceu pouco depois com túnica semelhante e sandálias como as dos outros. Cada mulher trajava de branco, com um brilho peculiar. O meu vestido também era branco e delicado, mas diferente dos trajes das devotas.

À nossa entrada, os doze levantaram-se e inclinaram-se, permanecendo de pé até o meu pai me ter sentado. Quando voltou ao meu lado, já com a sua túnica, um dos presentes inclinou-se e tocou no instrumento diante de nós. Imediatamente ouviu-se um suave zumbido, que se transformou numa deliciosa melodia, enchendo o aposento com ricos tons melodiosos.

Assim que esta música começou a envolver-me, senti uma estranha sensação elétrica em todas as fibras do meu ser — algo semelhante ao que um mortal sente sob a influência de uma bateria galvânica, mas muito menos intenso e infinitamente mais suave e agradável.

A música cessou, mas a harmonia permaneceu no ar. Percebi que cada um dos presentes estava tomado de santas aspirações. A minha própria mente estava reverente e serena. Então, uma mulher formosa, de rosto plácido e ar gentil, proferiu uma gloriosa invocação à Fonte de toda a vida e amor. Se algo faltava para completar as condições de uma sessão bem-sucedida, aquela oração certamente o supriu, pois a atmosfera tornou-se mais bela e a influência mais arrebatadora.

Foi então que uma figura que antes não notara deslizou até nós, tomando um lugar vazio junto do instrumento. Era uma criatura pequena e delicada, mal maior do que uma criança, de cabelos castanho-bronze e olhos avelã. O seu corpo estava envolto numa túnica de branco cintilante, que caía em pregas graciosas até aos pés.

Ninguém se moveu quando ela chegou ao seu lugar, e reinou silêncio absoluto enquanto aquela pequena figura se erguia. Em tom apaixonado, não alto, mas claro e vibrante, dirigiu-se à assembleia. O seu olhar parecia perdido ao longe e o rosto tinha uma expressão sonhadora. Era evidente

que era movida por um grande poder, pois nunca ouvira pensamentos mais elevados ou palavras mais nobres. Era a alma de um habitante de uma esfera superior falando através daqueles lábios inspirados e transmitindo verdades às nossas mentes. Um dos presentes servia de escriba, registando o que nos era transmitido.

Quando o discurso terminou, a influência mudou. Um brilho vivo iluminou o rosto da médium, e, num tom rápido e vibrante, dirigiu-se a cada um em particular, dando conselhos e instruções conforme as necessidades de cada caso. Voltando-se para mim, tocou-me suavemente na cabeça e nos ombros, dizendo:

— Estás admitida ao nosso grupo. Doravante serás conhecida como Morna — pois tal é luz. Como instrumento de uma Inteligência e Sabedoria superiores, serás portadora de luz para outras vidas.

Uma sensação peculiar e vibrante percorreu todo o meu ser ao toque e às palavras — uma influência magnética cheia de um poder novo para mim.

— Dai as boas-vindas à vossa irmã — continuou a voz, e todos se levantaram, entoando em uníssono um cântico de boas-vindas que não esquecerei tão cedo.

— Foi renomeada para o trabalho celestial; batizai a irmã com luz.

O meu pai conduziu-me ao misterioso instrumento, colocou a minha mão sobre ele e cobriu-a com a sua. O imponente espírito masculino que o tocara no início voltou a fazê-lo, e o instrumento começou a vibrar como se estivesse vivo. Desta vez, porém, lançou raios de luz; círculos de luz giratórios; feixes de luz que caíam sobre mim e me envolviam.

Eram quentes e agradáveis. Logo essas formas de luz transformaram-se em grandes discos radiantes de cores. Moviam-se, tocando-se e misturando-se, enquanto uma doce harmonia soava, como se aquelas próprias manifestações de poder elétrico cantassem um cântico de boas-vindas à noviça. Só consigo dar-vos uma ideia desta experiência, pois é impossível descrevê-la em linguagem mortal.

— Vesti-a com as vestes do conselho — disse a médium em transe, e fui levada ao recanto de um pátio exterior, onde fui despida das minhas roupas e vestida com uma túnica branca lustrosa e sandálias brilhantes, iguais às das outras mulheres. Ao regressar à sala da sessão, fui declarada membro regular do círculo.

Em breve as luzes enfraqueceram até mal nos podermos ver. Seguiu-se um breve intervalo de silêncio. A médium saiu do seu estado exaltado e a sessão terminou. As luzes reacenderam-se e seguiu-se um momento de

convívio social. Fui cumprimentada individualmente por cada um e chamada pelo meu novo nome. Senti-me perfeitamente à vontade, como se conhecesse aquelas pessoas toda a minha vida, embora apenas três, além do meu pai, me fossem familiares.

Antes de deixar aquelas paredes sagradas, cada um reassumiu as suas vestes habituais, deixando as túnicas especiais para serem novamente usadas na reunião seguinte.

CAPÍTULO V

DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE

NO MUNDO ESPIRITUAL

Durante algum tempo após a minha experiência no Templo, movi-me como quem vive sob uma influência luminosa e estimulante. Tudo o que empreendia, fosse estudo ou ocupação, parecia-me especialmente fácil. Tinha pouca dificuldade em apreender as lições, e as minhas tarefas eram executadas com mais perfeição e satisfação do que antes. Parecia que um poder divino me havia preenchido; tão feliz, tão tranquila, tão harmoniosa se tornara a vida.

O meu pai concedia-me mais da sua companhia — ou, melhor dizendo, era-me permitido entrar mais plenamente nas suas ocupações e pesquisas, privilégio que não deixei de apreciar. A primeira experiência inspirara-me a conhecer melhor a maravilhosa fraternidade do Templo, e alegrei-me quando surgiu uma segunda oportunidade de participar no círculo.

Foi realizado como antes e sob auspícios semelhantes; mas, desta vez, a sibila, ou médium, era uma mulher que, segundo me disseram, deixara a Terra há dois séculos. Era alta, formosa, de olhar penetrante e sorriso brilhante. Em si mesma revelava alta intelectualidade, mas, quando sob a influência de uma inteligência superior vinda de um mundo mais elevado, as suas palavras pareciam vibrar com a força e a grandeza da verdade divina.

À medida que essa médium transmitia palavras de sabedoria, a sala, tenuemente iluminada, tornava-se radiante de luzes faiscantes que se moviam de um lado para o outro, tocando cada participante e transmitindo a todos um estranho poder elétrico, que parecia insuflar nova vida às suas mentes.

Na terceira sessão, o nosso instrutor foi um homem que aparentava juventude, frescor e vigor, mas soube que habitara o nosso mundo durante cinquenta anos e deixara a Terra aos quarenta. Numa das reuniões, o meu

pai foi o nosso mestre e, seguramente, se algum ser humano já foi inspirado por um poder sagrado, ele o foi nessa ocasião — tão claras, eloquentes e sábias foram as lições que nos deu.

E assim, em cada sessão, tínhamos um professor diferente, até que todos os membros da fraternidade haviam exercido esse papel. Nem todos se encontravam em transe sob a direção das inteligências que guiavam as nossas pesquisas espirituais; alguns eram assim influenciados; outros eram apenas envolvidos por uma alma que regressava de além; e ainda outros eram inspirados pelo grande pensamento do conselho superior, sem estarem sob influência direta de um único mentor.

Em todas as sessões sentia a mesma doce e subtil força a envolver-me. Fiquei a saber que era médium cujas faculdades eram requisitadas por almas avançadas, desejosas de transmitir importantes verdades ao nosso povo através de mim. Segui as instruções recebidas para me sentar em casa, com os meus pais e irmã, para o desenvolvimento mediúnico.

Passou algum tempo antes que entrasse no estado magnético que anuncia a aproximação e influência de uma inteligência exterior. Quando isso aconteceu, foi em casa, com o meu pai ao lado, e a minha mãe e irmã em frente. Uma sensação suave e deliciosa envolveu-me, como se flutuasse sobre ondas da mais doce melodia. Não havia nada ao meu redor senão luz — luz bela, pulsante, maravilhosa.

Vi, de forma indistinta, o contorno de uma figura grandiosa e majestosa e, como se estivesse de cima, vi-o colocar as mãos sobre a minha cabeça. Então percebi que me afastara do meu corpo, e que eu, o meu verdadeiro eu, estava acima dele. Não me senti perturbada, pois, através das ondas de luz, vi um cordão luminoso e elástico estender-se da minha forma exterior até mim, ligando a minha parte pensante a esse corpo. Ouvi palavras proferidas em tom profundo e rico, que transmitiram nova força ao meu coração; mas o som diminuiu e senti-me absorvida pela luz.

Quando recuperei a plena consciência, o meu pai tinha registado muitas páginas de manuscrito, que disse conterem matéria importante a ser lida na próxima reunião do Templo — tudo dito pelos lábios do espírito que eu tinha visto. Não houve qualquer choque ou sensação desagradável ao despertar; tudo era belo para mim, e senti como se tivesse vivido um sonho profundamente reconfortante.

Na reunião seguinte do círculo, a médium foi uma jovem encantadora que partira da Terra na infância e cuja educação fora inteiramente adquirida nos planos espirituais. Estava em transe sob a mesma inteligência que me influenciara anteriormente. O espírito falou da sua experiência comigo,

elogiando o meu pai pela exatidão com que registara as suas palavras, e repetiu, na íntegra, o conteúdo que só ele poderia conhecer, reproduzindo exatamente tudo o que antes fora transmitido através de mim — como foi confirmado pelos apontamentos do meu pai. Tal episódio foi motivo de grande satisfação para todos, e algo sem precedentes no Templo. O espírito afirmou que isto demonstrava uma notável semelhança de mediunidade entre os dois organismos que utilizara, permitindo-lhe apresentar, palavra por palavra, o mesmo discurso por ambos.

O sábio anunciou então que, na sessão seguinte, se dirigiria aos membros através dos meus lábios. Confesso que senti ansiedade e nervosismo mental, pois não me achava qualificada para assumir o papel de professora diante daquela augusta assembleia. Mas, antes que chegasse o dia, fui novamente posta em transe em casa, e senti-me tão à vontade que ganhei confiança total no meu guia espiritual, dizendo: “Faz de mim o que quiseres.”

Não tive consciência das palavras ou do seu sentido durante a comunicação ao conselho, mas todos pareciam muito satisfeitos. Soube que fora apresentado material, destinado a futura compilação para uso público, acerca dos mundos celestes e seus habitantes, e que os sábios comunicadores haviam delineado o trabalho futuro do nosso conselho.

Depois disso, continuámos as “sessões” no nosso lar, geralmente apenas a nossa pequena família, mas ocasionalmente com convidados que os nossos visitantes invisíveis nos indicavam. As influências continuaram a utilizar a minha mediunidade, transmitindo-nos lições vigorosas, preceitos sábios e instruções valiosas dos nossos guias elevados. Recebemos histórias de vidas findas, registos de existências avançadas, dados sobre povos e raças, e acontecimentos noutros planetas; e extraímos grande proveito desta nova experiência educativa.

O meu pai transcrevia sempre os relatos das sessões para os preservar no Templo. Como disse, ao início eu nada percebia do que era transmitido através de mim; mas, pouco a pouco, comecei a ter mais consciência e vitalidade a cada sessão, passando da inconsciência total para um estado de leve sonolência, e depois para uma plena consciência, em que podia seguir e apreciar o discurso enquanto era proferido. Agora, quando a influência chega, sinto-me envolta por ela, iluminada pela sua luz, absorvida pelo seu magnetismo, e transmito o seu pensamento independentemente da minha vontade, mas sabendo o que é dito.

Muitas vezes os seres celestes comunicaram através de mim no Templo, transmitindo os seus ensinamentos aos membros. Ao início, nada conseguia deles sem estar acompanhada da família ou no conselho, pois

necessitava da presença de corações fortes, magnéticos e afetuosos, como os dos meus entes queridos; mas agora, por vezes, consigo entrar em comunhão consciente com os meus guias estando absolutamente só, pois o seu magnetismo envolve-me e penetra-me constantemente.

Os espíritos dizem aos mortais que os seus médiuns necessitam de apoio simpático e magnético de companheiros afins. Isto é verdade. A presença de uma ou mais pessoas em harmonia com o médium, e espiritualmente aspiracionais, além de magneticamente dotadas por natureza, dá aos espíritos operadores grande força e poder, permitindo-lhes alcançar resultados maiores do que de outro modo conseguiriam.

Nos meus guias, o meu pai encontrou todos os elementos de auxílio necessários ao desenvolvimento da minha mediunidade, e dele fizeram um íman que me ligava a eles e ao seu trabalho. Um dia, talvez, o que nos ensinaram seja transmitido à Terra; por agora, muito não poderia ser compreendido e seria rejeitado como irreal. Entretanto, aproveitamos estas lições para a nossa própria orientação.

Com o tempo, reunimos muita verdade vinda de cima. Os nossos nobres mestres nunca nos falharam, respondendo sempre às nossas invocações sinceras e convites sentidos, trazendo-nos novas forças e maior compreensão. Talvez um dos segredos do nosso êxito em manter comunhão inteligente e instrutiva com os celestes resida no facto de nunca os procurarmos com pedidos frívolos ou motivos fúteis, nem solicitarmos a sua companhia para fins egoístas. O nosso objetivo é sempre alcançar luz, conhecimento e sabedoria das esferas elevadas, para melhor encaminhar os nossos esforços e a nossa obra em prol da humanidade sofredora.

Sinto que não posso preparar-me com demasiado cuidado para a aproximação dos meus guias espirituais. O mais puro pensamento, a mais elevada aspiração do meu coração, nunca são demasiado sublimes para o seu exame. A veste mais fina que posso usar, a flor mais delicada que posso trazer, o mais belo arranjo dos arredores, nada é excessivo para os seus olhos; e assim procuro tratá-los como hóspedes reais, dignos do melhor que posso oferecer.

O que é verdade para a minha vida, é-o para a de todos os médiuns no nosso mundo. Não sou diferente nesse aspeto, nem mereço mais crédito; falo apenas como exemplo. Vemos e sabemos a importância de proporcionar condições puras e associações agradáveis aos sábios e bons dos mundos divinos que se aproximam dos nossos espaços, e esforçamo-nos por cumprir essa lei.

Dos nossos mestres celestiais recebemos material suficiente para encher muitos volumes de saber. Grande parte trata da vida planetária, e foi compilada de modo prático para ser utilizada em alguns dos nossos colégios mais avançados. Pela luz assim revelada, o meu pai e outros puderam guiar com grande êxito os seus discípulos nas investigações sobre as maravilhas dos céus.

Assim aprendemos sobre a vida. Somos instruídos sobre as magníficas proporções do universo. Ganhamos compreensão do plano grandioso da existência, que não confina a alma humana a um pequeno ponto no espaço nem a um breve intervalo de consciência, mas que lhe desdobra um destino divino, oferecendo-lhe linha após linha de progresso, grau após grau de desenvolvimento, mundo após mundo para explorar.

Ainda que por uma lei incomparável a vida prove que nenhuma alma pode realmente separar-se dos seus afins. Por “afins” entendo aqueles que se atraem mutuamente pelos laços magnéticos do amor e da simpatia. Podem ter sido pais e filhos, irmãos e irmãs, maridos e mulheres, ou amigos na Terra; ou podem nunca se ter conhecido no palco mortal.

Isso não importa; pois aqueles que amam profundamente, que se harmonizam completamente, são um só em pensamento e aspiração; nunca poderão ser separados; na vida da alma, misturam-se; e, se por algum dever ou outra lei forem exteriormente afastados por um tempo, em espírito acabarão por se reencontrar. A experiência mostrará a tais almas que a aparente separação não foi mais do que uma condição temporária, provocada por uma lei sábia para um grande fim disciplinar.

Ainda que a nossa marcha ascendente nos conduza através de um após outro dos mundos luminosos do espaço; ainda que tenhamos de colher longa experiência de planeta em planeta; temos, contudo, a eternidade para alcançar resultados. A grande lei do universo mantém-nos sob o seu controle. Nunca poderemos sair do seu âmbito, e as almas unidas pela mística cadeia do amor nunca poderão perder-se ou ser arrancadas uma da outra.

Degrau após degrau, na escada do progresso, encontramos novos campos de luz para observar. A cada nível a visão torna-se mais nítida e a compreensão mais perfeita. Não há medo, nem receio que assalte o espírito, temendo que as suas lições sejam mal entendidas ou a sua busca mal conduzida.

Não nos falta tempo, nem somos limitados por condições adversas. Podemos crescer rapidamente, se assim o quisermos. Todas as almas humanas gozam desse privilégio. O desejo, a vontade de aprender, de

elevar-se, de desabrochar, traz resultados certos, e a alma decidida a progredir nunca poderá ser mantida em baixo.

Nem nos falta o estímulo encorajador dos que estão adiante de nós. São pacientes com a nossa fraqueza, e a sua bondosa simpatia dá-nos forças. Não existe inveja, nem sentimento de rivalidade na esfera espiritual; mas sim abundância de auxílio mútuo e afeto.

Queridos mortais vivem mesmo à porta destes portões celestiais. Alguns já se encontram no limiar, aguardando o chamamento para subir mais alto. Todo o coração aspirante que deseje viver de forma correta está a aproximar-se do reino celestial; não precisa temer ser retido. Só o egoísmo pessoal e o apego mórbido de qualquer vida às coisas carnais o podem prender. Cabe à própria alma decidir quando e como ascender a mundos de luz.

Assim como a mente madura é mais desperta do que a da criança, assim também a compreensão do espírito é mais estimulada do que a do mortal, e não tarda a compreender e aplicar as lições da nova vida; pois tudo é sabiamente providenciado pela providência de Deus para o mais alto desenvolvimento da humanidade.

Trago estas páginas de verdade na esperança de despertarem reflexão nas mentes daqueles que questionam sobre a vida nas esferas. Embora no futuro eu possa desdobrar outros capítulos da minha experiência espiritual diante de vós, por agora sinto que dei tudo o que pode ser devidamente compreendido por quem lê. Encerro, pedindo ao amoroso Pai que abençoe e guie os queridos a quem esta obra é dedicada.

AQUI E ALÉM
CAPÍTULO I — A MÃO DA MORTE

— Adeus, minha querida, adeus! Não será por muito tempo; dentro de uma semana a contar do momento do meu regresso, reclamar-te-ei como minha esposa, e nada nos separará então, pois para onde eu for tu terás de ir comigo.

O que falava, um jovem alto e belo, de uns vinte e cinco anos, inclinou a cabeça sobre o rosto da linda rapariga a seu lado e beijou-lhe as lágrimas. Eram namorados, e aquele era o seu último encontro antes da partida do rapaz para a grande metrópole, a muitos quilómetros dali, onde tinha negócios que o ocupariam por várias semanas. Ao regressar, casariam discretamente, e a bonita casa que seria o seu lar já estava cuidadosamente preparada pelos pais carinhosos da jovem.

Sorrindo para o noivo enquanto estas palavras lhe caíam dos lábios, a donzela respondeu:

— Nada nos separará então, meu querido George, a não ser a mão da morte.

— Por que falar de morte, minha Mary? Somos jovens e fortes, e temos muitos anos diante de nós. O nosso lar será aqui na Terra, e para mim será o céu enquanto tu lá estiveres; não precisamos da morte.

— Não fales assim, querido — advertiu suavemente Mary. — A vida e a morte estão nas Suas mãos. A Sua vontade é lei.

— Sim, meu amor, eu sei; mas não vamos terminar este nosso último momento com um pensamento tão solene. Vá lá, anima-te e deixa-me ver o teu sorriso feliz, desejando-me toda a sorte e um regresso rápido para junto da mais doce das raparigas.

Poucos minutos depois separaram-se: ele para apanhar o comboio da manhã, ela para se ocupar alegremente nos preparativos para o dia do casamento.

George Phelps era um jovem criado sob os santos ensinamentos de uma mãe sábia, boa e sensata, que o deixara para a vida superior um ano antes do início desta história. O pai tinha falecido quando George tinha apenas seis anos, e, como não deixara fortuna, o rapaz cedo aprendera o dever e o prazer do trabalho. Pela dedicação às suas tarefas, pela fidelidade e energia constante, fora subindo na estima dos seus patrões até ocupar, à data dos acontecimentos, o cargo de secretário particular na maior fábrica da cidade. Fora ao serviço dessa firma que se vira obrigado a ausentar-se, como vimos.

George Phelps e Arthur Hart tinham sido colegas e companheiros desde a infância, convivendo quase diariamente até que os pais de Arthur — batistas rigorosos, gente culta e abastada — decidiram que o único filho deveria ir para a universidade e preparar-se para o ministério. Durante anos, os momentos mais felizes para ambos eram as férias de Arthur, que passavam juntos e a seu modo.

Mary Hart, rapariga doce e amável, muitas vezes participava nas brincadeiras do irmão e do amigo, e não era de estranhar que a convivência entre os três viesse a transformar-se em amor e planos de casamento para dois deles.

Quando aqui chegamos, Arthur Hart tinha acabado o curso e preparava-se para assumir o púlpito de uma pequena igreja rural a uns oito quilómetros dali. Sempre fora um jovem delicado e gentil — “mais parecido com uma

rapariga do que com um rapaz", diziam alguns, "e próprio para pastor" —, com o coração cheio de compaixão por toda a criação de Deus, e especialmente pelos desamparados e perdidos que não tinham guia nem ajuda.

Mas alguns dos mais piedosos abanavam a cabeça, dizendo que ele nunca alertaria os pecadores para "fugirem da ira vindoura", nem conseguiria "salvar almas para Cristo", pois, quando encontrava um infeliz transviado, em vez de lhe pintar o terrível quadro da condenação eterna, esquecia-se disso na sua solicitude pelo seu conforto, dando-lhe antes uma moeda para pão e apenas pedindo-lhe para "tentar fazer melhor no futuro".

Três semanas após a separação de George e Mary, durante as quais se corresponderam ativamente, chegou ao ausente a notícia de que uma febre se havia declarado no bairro mais pobre da cidade, e que, ao prestar conforto físico e espiritual aos humildes doentes, Arthur Hart contraíra o mal fatal, jazendo agora prostrado num leito de dor.

Aflito e inquieto, George aguardou mais notícias, mas dias passaram antes de receber um telegrama anunciando o falecimento do companheiro e amigo de toda a vida, o dócil jovem estudante. O trabalho que o levara à capital exigia a sua presença constante, tornando impossível a sua partida.

Outros dias de espera ansiosa sucederam-se; as cartas da sua noiva cessaram; ele escrevia sem cessar, mas não recebia resposta, e as únicas notícias da sua terra vinham em notas comerciais dos patrões.

Três semanas mais passaram, e, vendo os negócios de novo em boa ordem, George enviou um telegrama anunciando o seu regresso imediato. Três dias depois, encontrava-se à porta da casa de Mary; mas, ao subir o caminho sombreado, um arrepio percorreu-lhe o corpo e um sombrio pressentimento apoderou-se do seu coração.

Foi recebido pelo Sr. Hart, cuja figura abatida e rosto pálido mal deixavam reconhecer o homem forte de semanas antes, e conduzido para dentro.

— Onde está ela? Está doente? — perguntou, dando voz ao temor que o perseguia há dias.

— Esteve — respondeu o pai, com voz entrecortada —, mas agora descansa. O Senhor deu e o Senhor levou.

— Não isso! — interrompeu George, quase fora de si. — Não quer dizer que ela morreu! Meu Deus, não isso!

— Meu pobre rapaz, ela partiu; morreu com o teu nome nos lábios. Enterrámo-la há dois dias, no cemitério, ao lado do irmão.

A dor do jovem foi terrível; quis saber por que razão não o haviam chamado, e disseram-lhe que, temendo que viesse a contrair a febre, ela não permitira que o chamassem, mas que cada palavra e olhar dos seus últimos momentos mostravam aos que a vigiavam que os seus pensamentos estavam no ausente que tão em breve seria seu marido.

A nossa narrativa diz respeito à vida futura deste jovem, e, portanto, não nos demoraremos nestes dias e nas suas dolorosas experiências. George Phelps parecia um homem mudado depois disto, e não tardou a deixar a terra natal em busca de uma nova vida noutros lugares.

Possuidor de grande energia e capacidade empresarial, dedicou-se à acumulação de riqueza e à construção de uma carreira comercial de relevo. Longe da terra da sua juventude se fixou, e os que o conheceram nos primeiros anos raramente ouviam o seu nome ou sabiam dos seus feitos.

Sempre atento para com os que o rodeavam, era universalmente respeitado como alguém “cuja palavra valia tanto como a sua assinatura”, justo em tudo e que não exigia de outros qualquer serviço que não fosse devidamente compensado.

Contudo, era inevitável que alguém que aplicava as suas superiores capacidades e grande energia na acumulação de riqueza, cujo pensamento mais profundo se dedicava à resolução de problemas comerciais, cujo convívio se dava com o mundo e cujo ambiente era de condições materiais, viesse a desenvolver uma astúcia de carácter e uma dureza de intelecto que se inclinavam mais para o lado exterior do que para o espiritual. George Phelps tinha uma natureza moral saudável — não prejudicaria homem ou mulher. Mas questionava as provas da criação, as suposições da teologia e as pretensões da religião. Embora conservasse uma certa reverência pelas chamadas coisas sagradas, rejeitara todo o testemunho sobre a vida futura e deixara de questionar sobre ela.

Deste mundo ele sabia. Nele podia planear, dirigir, executar; nele podia criar riqueza e comandar trabalho. Pela força da sua energia e habilidade inata, conseguia atrair a atenção e a consideração dos influentes da sua classe. Tudo o que lhe era querido lhe fora tirado — a mãe, o amigo Arthur e a prometida, Mary. Nunca se casou, nunca recebeu os cuidados amorosos de uma mulher de voz doce, nem deu em troca atenção carinhosa. Não criou laços sociais nem construiu um lar belo, e assim perdeu muitas das bênçãos desta vida, sem saber que também o seu espírito saía empobrecido por aquilo que não recebera.

Estritamente justo nas suas transações, esperava e exigia dos outros o mesmo tratamento que dispensava; e, embora pudesse ser abnegado e

paciente com os semelhantes, tinha tal respeito inflexível pela verdade e franqueza, e tal repulsa pela hipocrisia e pela mínima aparência de fraude, que nunca perdoava nem desculpava a falta cometida por aqueles em quem confiara ou com quem se associara. Gentil e suave em muitos aspetos, havia, contudo, um traço de severidade dura na sua natureza, adquirido pelo contacto áspero com o mundo, que tende sempre mais a endurecer do que a espiritualizar os corações daqueles que dedicam todo o seu tempo à acumulação de bens terrenos.

Certa vez teve um amigo e sócio comercial a quem amava e confiava plenamente; não havia favor que não lhe concedesse, nem elogio que não estivesse pronto a fazer-lhe. Mas, num momento infeliz, esse homem, cedendo à tentação, tentou ludibriar o amigo numa transação comercial importante. Ao tomar conhecimento do facto, Phelps viu todo o seu afeto transformar-se em desprezo e repulsa. A partir desse momento, recusou olhar para aquele que fora seu amigo, ou sequer ouvir o seu nome. É certo que o homem fora fortemente tentado; as circunstâncias atenuavam em parte a sua conduta. Ofereceu restituição total, implorou de joelhos para recuperar a confiança perdida; tudo em vão — quebrara a sua posição de confiança e nunca mais poderia ser readmitido.

Noutra ocasião, um jovem que o honrava e respeitava como um filho dedicado deveria respeitar um pai, veio procurá-lo, perturbado, para pedir conselho sobre um assunto delicado. Charles Atwood, noivo há muito tempo de uma bela jovem, conseguira finalmente que ela aceitasse marcar a data do casamento, e a cerimónia realizara-se em meio a felicitações e alegria de muitos amigos. Por dois meses nada veio perturbar a felicidade do casal, até que, uma noite, chegando inesperadamente a casa, Charles encontrou a esposa a chorar sobre uma carta aberta. As perguntas ternas do marido só aumentaram a sua agitação e, pegando delicadamente na carta, ele leu o seu conteúdo.

A carta vinha de um tio de Clara, residente no Oeste. Era cheia de parabéns e bons conselhos, mas trazia alusões a um passado infeliz. Nada havia, porém, nas linhas que justificasse as lágrimas da esposa. Clara, no entanto, decidira finalmente confessar-lhe um segredo que há muito lhe pesava. O amor por ele e o medo de perder o seu afeto tinham-na feito calar até então, mas a dor de esconder o que sentia que ele tinha direito de saber tornara-se insuportável.

E assim, sentada ao crepúsculo, cabeça baixa e voz embargada, contou-lhe o seu primeiro amor por um homem indigno; falou-lhe da fuga da casa materna, do casamento que depois se revelara ilegal, da viagem com o suposto marido até casa do tio em Illinois, da descoberta da sua verdadeira

situação; relatou a ira do tio e como este, com ameaças, obrigara o homem a reparar a injustiça e casar-se legalmente com ela; e, por fim, como esse mesmo tio a retirara do marido e conseguira o divórcio nos tribunais do Estado.

Charles Atwood ouviu como petrificado. Mal podia acreditar que a mulher que adorara tivesse pertencido a outro — e a outro em tais circunstâncias. Terminada a narrativa, saiu do quarto como em desespero. Vagueou sob as estrelas, mas a sua luz solene não lhe trouxe alívio. Sem dar por isso, encontrava-se à porta de George Phelps, buscando-lhe o conselho.

No silêncio do aposento, desabafou e perguntou o que devia fazer. Phelps, inflamado pela indignação contra a injustiça feita ao amigo, esqueceu-se de ter compaixão da pobre noiva destroçada e aconselhou-o a não voltar a vê-la.

— Ela enganou-te — disse. — Deveria ter contado a sua história antes dos votos. Ao perdoá-la, não sabes que problemas poderás atrair. Mostrou fraqueza ao ocultar-te a verdade. Como sabes que não mostrará outras, no futuro, que te tragam amargura?

Oh, natureza dura, exigente e implacável! Os anjos choraram quando deste tal conselho a um coração em tormenta; e uma vida jovem, feita para o amor e o bem, foi varrida da Terra pelo teu veredito tão seguramente como se a tivesses levado ao cadafalso.

Atwood, seguindo o conselho do amigo, abandonou a esposa, tentando esquecer o seu breve sonho de paz. A pobre mulher, incapaz de suportar perguntas e condolências, retirou-se para junto de parentes no Oeste. Durante um ano chorou e definhou, até que, finalmente, a sua alma encontrou alívio noutras esferas, onde, espera-se, o julgamento de Deus e a compaixão dos anjos não sejam como os da Terra.

Demorámo-nos neste lado implacável e sem perdão da natureza de George Phelps com um propósito que se revelará mais adiante. Na sua disciplina na escola da vida, não aprendera ainda o divino poder do perdão, nem o carácter elevado daquela verdadeira simpatia que, condenando o erro, estende a mão ao que erra para ajudá-lo a recuperar o bom nome e libertar a alma da nódoa do pecado.

No seu sexagésimo ano, George Phelps iniciou uma investigação sobre o Espiritualismo. Um amigo espiritualista convidou-o a sua casa para uma série de sessões com uma médium talentosa vinda de outra cidade. Sem esperar aprender nada sobre o futuro, George foi apenas para agradar ao amigo e afastar-se um pouco das preocupações comerciais; mas, para sua surpresa, logo na primeira noite, a médium descreveu com exatidão a sua

mãe já falecida, o amigo Arthur e a antiga noiva Mary, dando-lhes os nomes, transmitindo mensagens apropriadas de cada um e assegurando que estavam ao seu lado, como tantas vezes estiveram quando ele os julgava mortos para todo o sempre.

Naquela noite, Phelps teve muito em que pensar. Uma nova revelação abalara todas as suas ideias sobre a vida e a eternidade, varrendo a sua alma como uma brisa fresca e revigorante. Não se contentou com o que ouvira; tão novo e estranho lhe parecia, que precisava ver mais; continuou a frequentar os círculos e a procurar sessões privadas, até se convencer da verdade do Espiritualismo e da realidade da sua comunhão com os entes queridos que chorara como perdidos.

Os reencontros não se limitavam a anunciar a sua presença: traziam-lhe lições sobre a vida e os deveres, sobre as relações com os outros e as responsabilidades. Preso ainda às velhas conceções moldadas pelo mundo, não podia apreender toda a verdade, mas recebia sempre alguma luz e, à medida que conseguia soltar-se das opiniões antigas, ganhava espaço para acolher algo novo e precioso.

Nas comunicações frequentes, Mary Hart descrevia-lhe a sua vida espiritual, as ocupações, os deveres e as condições. Dizia-lhe que o seu amor nunca enfraquecera, antes se tornara mais forte e amplo na vida espiritual; que, embora lhe tivesse sido tirada na Terra e ele tivesse vivido sozinho, ela o esperava no alto, onde não há despedidas nem lágrimas, e que um lar de beleza ainda seria deles.

Descrevia-lhe então esse lar celestial, tão doce e puro na simplicidade como a casinha que, em tempos, haviam preparado e aguardado, mas tão superior em beleza e harmonia como o Céu é superior à vida física.

Arrebatado por essa visão e ansioso pelo amor e doce comunhão da sua noiva espiritual, George começou a desejar afastar-se do mundo e descansar junto dela. Brilhantes antecipações da alegria que o aguardava enchiam-lhe o pensamento desperto e atravessavam-lhe os sonhos. A vida, antes fria, escura e sem encanto, assumia agora um aspeto aprazível, pois aprendera que continuava, e que lhe reservava bênçãos.

«"Faz o bem", dissera ela para ele; "sê justo, honrado e puro de espírito, e habitarás com anjos naquela casa ‘não feita por mãos, eterna nos céus’." E assim ele ficou feliz e agradecido, apenas aguardando o momento em que, juntos — ele e a sua amada — encontrariam o seu lar celestial.

CAPÍTULO II
A CONVOCAÇÃO

Os dias transformaram-se em meses, e os meses rodaram em anos, enquanto o único pensamento absorvente do coração de George Phelps era preparar-se para habitar com os puros e bons nas suas moradas de vida celestial. Impelido pelos ensinamentos dos seus ajudantes invisíveis, procurava não deixar nenhum dever por cumprir, nem desperdiçar qualquer oportunidade de ajudar os desafortunados. Contudo, não tinha simpatia por aqueles que, devido ao peso de tendências más herdadas ou adquiridas, erravam na sua conduta e cometiam pecado.

Acreditava que cabia à lei cuidar desses, e nunca lhe passara pela cabeça que tivesse qualquer responsabilidade pelo estado de uma sociedade que tolerava o mal, ou qualquer dever para com o transgressor, exceto garantir que este fosse encarcerado, afastado da luz e do ar do céu, e da tentação de incomodar pessoas pacíficas e cumpridoras da lei.

Alguns anos depois de se ter convencido das verdades e consolações do Espiritualismo, George foi subitamente chamado a testar por si próprio as realidades da vida imortal. Sem aviso, o laço que o prendia ao corpo rompeu-se em dois, libertando o seu espírito. Encontraram-no de manhã frio e rígido, e declararam que fora a apoplexia que o matara.

Houve um grande funeral, assistido por muitas pessoas, pois muitos conheciam e respeitavam o homem tranquilo que partira. Após as últimas cerimónias sobre o corpo, foi apresentado e lido o testamento, constatando-se que, embora o falecido comerciante deixasse muito menos riqueza do que se supunha, o que possuía fora cuidadosamente dividido e distribuído entre familiares e amigos que amara ou que sentia terem algum direito sobre ele.

Sigamos agora o espírito que parte para a terra das almas, e vejamos que nova vida e lições se lhe abririam. No momento em que chegou o último grande chamamento para George Phelps, ele estava desperto e no seu perfeito juízo. Pensava no passado, nas suas conquistas e fracassos, nos seus prazeres e dores. A sua mente vagueou para os tempos da juventude, e velhos amigos que outrora amara pareciam surgir diante dele. Recordou a imagem da mãe, e o seu rosto meigo parecia iluminar-se para o homem gasto pelo mundo com um sorriso de ternura.

Tentou lembrar-se da aparência do pai, e interrogou-se se o reconheceria no céu. Depois, pensou na sua bela anjo Mary e no seu delicado irmão Arthur, o amigo que estimara; e, enquanto meditava, uma névoa pareceu erguer-se diante dos seus olhos, e um som pulsante, rugidor, trovejante

encheu-lhe os ouvidos. Era como se uma poderosa enxurrada o tivesse submergido; não conseguia respirar, nem gritar; estava impotente para fazer mais do que agarrar o ar com as mãos, como quem tenta, em desespero, segurar algo enquanto sente que é arremessado pelo espaço.

A sensação durou apenas alguns momentos, embora ao moribundo parecesse durar horas; e então uma sensação doce e tranquila apoderou-se dele, e uma sensação de descanso perfeito, como nunca conhecera, envolveu todo o seu ser.

A névoa permanecia ao seu redor e, embora tivesse os olhos fechados, conseguia ver, sentir e perceber o seu poder. Subitamente, o vapor encheu-se de linhas de luz dourada, que cresceram até iluminarem a névoa, agora como uma nuvem de glória, e no seu seio viu os rostos em que estivera a pensar — o da mãe, terno e radiante como o de um anjo, e, ao lado dela, um rosto masculino, nobre e forte, que sentiu ser o do pai. Perto da sua visão flutuava o de Mary, a noiva que o aguardava — refinada, delicada, de expressão celestial — e, junto dela, sorrindo com alegria, simpatia e boas-vindas, estava o jovem e santo estudante Arthur Hart.

Para além destes amados, havia outros rostos, felizes e brilhantes com saudações, mas ele apenas olhava para aqueles que lhe eram tão caros e próximos do coração. E agora encontrou-se não deitado no seu leito, mas erguido, de pé, no meio da nuvem dourada e rodeado pelos amados do passado. Saudaram-no com vozes ternas e palavras afetuosas; juntaram-se à sua volta, e a sua alma encheu-se com a música mais divina ao ouvir-lhes as doces boas-vindas e ao perceber que estava em segurança, em casa.

Quando o pleno significado da nova experiência se lhe revelou, e compreendeu que deixara o corpo e já não era mortal, exclamou, no êxtase da sua alegria recém-nascida: "E isto é a morte — isto que o homem tanto teme e diante do qual se curva? Oh! É vida, e esperança, e tudo o que é glorioso!"

Os amigos queridos disputavam-se para que o recém-chegado se sentisse confortável e em paz. Fora levado, de início, para o agradável lar espiritual dos pais, onde, entre magnetismos afins e associações harmoniosas, começou a formar as suas primeiras impressões e a obter o seu primeiro conhecimento da vida imortal. A sua amada Mary e o irmão faziam parte do grupo e pareciam ser considerados hóspedes de honra naquela morada calma e bela, onde nenhum vestígio de fricção ou turbulência parecia alguma vez penetrar.

George sentia-se perfeitamente à vontade com a querida mãe e, nestes primeiros dias, gostava de se deitar na relva junto dela, colocar a cabeça no

seu colo e interrogá-la sobre as maravilhas da existência, tal como um rapaz curioso, tomado por um sentimento de espanto perante a vida que se lhe abre, recorre à mãe para resolver os seus problemas.

O pai, admirava-o e respeitava-o, mas sentia que precisava ainda de se familiarizar com ele, e por isso estudava-o sempre que achava que não estava a ser observado. Arthur parecia o mesmo companheiro pensativo e afável de outrora, mas havia momentos em que George percebia uma diferença em relação ao passado e sentia que Arthur Hart crescera imensamente desde então, tornando-se quase mais santo do que humano. Ah! O nosso amigo ainda tinha de aprender que, quanto mais intensamente humano se torna um espírito, mais santo e sagrado parece na forma e no caráter.

Quão doces e revigorantes eram estes primeiros dias no mundo espiritual! Quão divinamente ternas eram as suas relações com Mary! Como a observava enquanto ela se movia de um lado para o outro, empenhada em alguma missão agradável, ou se sentava a seu lado a contar-lhe coisas da vida nas esferas e do que vivera nos anos passados. Havia muitas coisas que ele não conseguia compreender, lições que tinha de estudar repetidas vezes antes de as assimilar. Na sua comunicação com espíritos, através de médiuns terrenos, fora interrompido e limitado; às vezes passavam-se dias ou semanas entre uma conversa e outra, e, embora retivesse o que aprendera, devido às preocupações materiais, a sua instrução e comunhão com os anjos eram limitadas.

Sentia isso agora, ao perceber quanto tinha de aprender, mas, na medida em que compreendia, ficava feliz por aproveitar as verdades que lhe tocavam. Havia momentos em que uma consciência da sua ignorância o assaltava; instantes em que percebia a diferença entre uma vida dedicada à busca de riquezas externas e uma vida passada em serviço de amor ao próximo; horas em que o fulgor da sua companheira espiritual Mary contrastava com a sua própria atmosfera, até esta lhe parecer sombria e enevoada.

Nesses momentos, um sentimento de descontentamento consigo mesmo apoderava-se dele e, mesmo entre seres harmoniosos, equilibrados e felizes, e rodeado pelas mais belas paisagens e objetos de interesse, chegava quase a desprezar-se e à pequenez, como lhe parecia, da sua natureza espiritual. Mas, através dessas experiências, ia crescendo mental e espiritualmente, e dando os primeiros passos para se ajustar às leis do seu ser.

Não se preocupou com o destino do seu corpo terreno, nem com a distribuição dos seus bens, e só depois de já ser espírito há alguns meses

foi atraído de novo ao contacto com a vida física. Começou a sentir-se impelido numa certa direção; uma força irresistível parecia agir sobre ele, levando-o contra a sua vontade. Até que, sem dar por isso, descobriu que obedecia a esse poder misterioso, e muito em breve percebeu que estava novamente no meio de cenários e associações do passado. Viu e tocou homens de negócios que encontrava e conhecia diariamente. Falou-lhes, mas não lhe responderam.

Alguns via a tomar decisões insensatas nos negócios; tentava avisá-los e aconselhá-los, mas não lhe prestavam atenção, e os seus esforços pareciam inúteis. Por vezes, eles paravam e refletiam sobre o que tinham em mãos, sentindo-se inclinados a mudar de rumo, mas apenas uma vez a influência mística foi obedecida, salvando um homem generoso da ruína financeira; os outros, materialistas, astutos e ambiciosos, não sentiram o peso do desejo do espírito de os ajudar, e prosseguiram, especulando imprudentemente ou fazendo empreendimentos arriscados, colhendo apenas experiência como resultado.

Mas ainda assim, o impulso incontrolável não se satisfazia, e George Phelps viu-se movido a visitar aqueles que herdaram o seu dinheiro e ficaram com os seus bens. Os familiares lembrados no seu testamento tinham pouca ligação com ele; não havia parentes mais próximos que primos, e raramente privara com eles; apenas algumas semanas por ano passadas na sua companhia era tudo o que conhecia deles. Nesses períodos, demonstravam-lhe grande deferência — afinal, não era ele um homem influente, de posição e riqueza?

Quando se descobriu que o homem rico afinal não era assim tão rico, e que dividira os seus bens por tantos que a parte de cada um era relativamente pequena, instalou-se a insatisfação e muito resmungo privado nesse ninho de parentes que, por mero acaso de sangue, se consideravam com direito sobre ele. Um, em particular, homem de voz estrondosa, não hesitou em proclamar a sua frustração e indignação por a herança não ter sido maior. E foi a esta atmosfera de desarmonia, discórdia e descontentamento que o espírito regressado foi involuntariamente atraído, pela magnetização positiva daqueles insatisfeitos cujos pensamentos queixosos a seu respeito formavam cordas de aço que o puxavam para o seu lado.

CAPÍTULO III
AS SUAS EXPERIÊNCIAS

Quando George Phelps percebeu o clima de descontentamento que a distribuição da sua riqueza provocara, a sua indignação não teve limites. Oh! então desejou ter estudado o caráter e a disposição dos seus familiares antes de lhes confiar uma parte dos seus bens. Enquanto durou o calor da insatisfação, sentiu-se preso ali, incapaz, por qualquer esforço da sua vontade, de se libertar do contacto com aqueles ingratos que nada sabiam da sua presença. O seu próprio estado de cólera contribuía muito para essa condição, mas disso ele não tinha consciência, e decidiu fazer o que pudesse para frustrar os planos dos que eram mais ruidosos nas críticas contra si.»

Um ou dois, de espírito fraco e cujas queixas eram silenciosas e lamurientas, ele ignorou; mas ao primo de voz estrondosa dedicou uma atenção assídua. Vendo este homem inclinado a investir os poucos milhares da herança num empreendimento que prometia bons lucros, George influenciou-o fortemente a fazê-lo e não retirou a sua influência até que o plano estivesse concluído. Pouco depois, o homem ganancioso percebeu que cometera um erro, mas já era tarde para recuar, e restou-lhe apenas a mortificação de ver “o dinheiro do velho Phelps” desaparecer-lhe para sempre.

Outra, uma mulher dura e exigente, a quem George vira expulsar da porta uma pobre rapariga, recusando-lhe o alimento que ela pedia e de que carecia, foi levada a colocar a sua parte da herança numa instituição que afirmava pagar altos juros, mas uma posterior investigação revelou que os fundos tinham sido retirados, a direção dissolvida e que nem capital nem juros restavam para os credores clamando às portas.

Depois de ter prestado, desta forma, a sua “homenagem” aos que desprezava, George voltou-se para outros — não parentes, mas amigos — que recordara no seu testamento, e encontrou-os nas mais diversas situações. Um ou dois não mostravam tanta gratidão como seria de esperar: achavam que ele não tinha feito mais do que a sua obrigação em lembrá-los.

Outros dois ficaram satisfeitos com o que receberam e trataram de desfrutá-lo ao estilo mundano; outro, agradecido, lembrava-se de enfeitar o retrato de George com flores e referir-se a ele como “o meu falecido amigo, Sr. Phelps”. E, por fim, uma mulher sensível e compassiva, que fora sua amiga e consoladora em horas de cansaço e dor, e a quem ele recorria sempre que queria apoio para planos de beneficência; alguém que, tinha a certeza, o compreendia e nunca o julgava mal — encontrou-a dedicada ao seu

trabalho silencioso, sem ostentar o que ele lhe deixara, encarando-o como um legado sagrado para fazer o bem; cheia de pensamentos profundos sobre a vida, ansiosa por ser útil no mundo e agradecendo a Deus pelo amigo que conhecera e honrara, sabendo que o seu coração estava finalmente em paz com os anjos que amava.

Vindo do brilho falso e da ganga, da baixeza e da frivolidade que encontrara, para a presença desta mulher pura, que conhecera bem as provas e cuidados da vida, foi como passar do ar quente e viciado de um calabouço fechado para a luz e paz do céu; e ali George começou a recuperar o afeto humano, a gratidão e a capacidade de apreciar, e a sentir que há seres espirituais que caminham na Terra em vestes de carne.

Na presença desta amiga, o seu espírito cansado ganhou força, os sentidos febris acalmaram, e ele quebrou a cadeia que o prendia à Terra, regressando ao lar tranquilo da mãe, no país superior. Ali voltou a juntar-se a Mary, mas Arthur estava ausente numa missão benéfica junto da humanidade.

George percebeu que não precisava contar as suas experiências, pois os amigos já tinham conhecimento delas; e descobriu que as lições aprendidas na sua peregrinação alargaram as suas perceções e expandiram a sua compreensão.

Com o passar dos dias naquele retiro sereno, o espírito adquiriu nova luz sobre os assuntos que lhe ocupavam a mente, mas não estava inteiramente satisfeito. Ainda não visitara a casa que Mary lhe descrevera nas comunicações através de médiuns quando ele era mortal, e ansiava por ver o lugar que seria apenas deles. Além disso, nunca a acompanhara nas suas obras de auxílio aos outros, nem nas missões de beneficência junto dos humildes e desafortunados. Não partilhava as suas lições, nem participava tanto na sua vida como esperava.

No entanto, estava com ela, recebia o seu amor e a sua simpatia; ela era sempre terna e confiante para com ele; nada lhe faltava em afeto ou atenção da parte dela; mas era como se ela fosse uma licenciada e ele apenas um aluno de escola — embora se amassem muito, não conseguia compreender as tarefas e estudos que para ela eram tão simples, pois ainda não crescera o suficiente para isso.

Um dia disse:
— Mary, minha querida, porque não me ensinas essas leis e princípios que te são tão claros? Pareces relutante em dizer-me quando estou errado ou em refrear os meus impulsos inquietos.

E ela respondeu:
— Não posso dar-te as coisas que procuras, porque têm de nascer dentro de ti através da experiência, e isso estás a adquirir tão depressa quanto consegues assimilá-lo. Não refreio a tua ânsia impetuosa por conhecimento porque sei que, mais tarde, isso será valioso para ti, ao ensinar-te a aplicar as verdades à tua vida. E hesito em dizer-te quando penso que erras — aqui a sua voz vacilou — porque temo que o recebas mal vindo de mim.

— Como se eu pudesse alguma vez pensar mal de ti por qualquer coisa que dissesses, minha querida — respondeu ele —; experimenta e verás como serei grato pela tua advertência e conselho.

Com um sorriso, ela disse:
— Diz-me, George, qual foi o motivo que te levou a frustrar os planos do teu primo e a influenciá-lo a investir o dinheiro que lhe deixaste de forma a perdê-lo todo? E que força te levou a induzir Harriet a colocar a sua parte num banco que sabias que a devoraria?

Ele pareceu surpreendido com a pergunta, mas respondeu:
— Indignação por existir tamanha ingratidão foi, sem dúvida, a causa do meu motivo. Fiquei irritado por aqueles ingratos falarem e pensarem de mim como fizeram, e determinei que não lucrariam com o dinheiro pelo qual trabalhei.

— Então não foi porque os achasses indignos da herança, mas apenas por causa da ingratidão?

— Não; não os vi de outra forma, embora ele seja mesquinho, sórdido e avarento, e ela arrogante, egoísta e orgulhosa.

— Sim, e alegro-me que não tenham ficado com o dinheiro que lhes deste, pois são pessoas indignas. Mas, querido George, não poderias tê-los influenciado a dispor dele de outra forma, para que pudesse ter feito algum bem? Quando se trabalha com raiva, o resultado nunca é tão frutífero para o bem como quando se age movido por um motivo mais elevado.

Ele pareceu incomodado com palavras que soavam a crítica da sua conduta, e ela nada mais disse; mas a ideia ficou-lhe no coração, e começou a aprender que, na vida celestial, não há lugar para a ira, nem espaço para a cólera apaixonada, e que os anjos, ao exercerem um poder regenerador sobre a humanidade egoísta e ignorante, nunca usam as armas da retaliação, mas, se precisam censurar ou punir, fazem-no num espírito de amor e com o objetivo de elevar e purificar aqueles que condenam.

Pouco depois, George quis saber quando iria com Mary para a casa dela, e ela disse:
— Não estás feliz aqui neste doce recanto?

— Sim, é agradável — respondeu —, e aprecio a sua influência pacífica; mas ainda não me sinto em casa com o meu pai; ele está tão ocupado e presta tanta atenção aos assuntos das pessoas à sua volta, que me sinto como um zero na sua presença. Além disso, Mary, quero compreender-te melhor, e penso que poderei fazê-lo no nosso próprio lar.

E assim decidiram deixar os bondosos pais e ir para a sua casa. Pelo caminho, pararam numa casa agradável, junto a um riacho, e descobriram que ali viviam os pais de Mary. Como estavam diferentes do que eram na Terra! As rugas tinham desaparecido dos rostos, a rigidez abandonara as figuras; havia uma expressão serena e suave nos traços, desconhecida em tempos passados. George percebeu de imediato que os velhos amigos tinham evoluído e, com o seu conhecimento atual, sabia que há muito tinham abandonado ideias como “a ira de Deus” e “a graça salvadora” e temas afins.

Ficaram encantados por receber a filha e o seu companheiro; mas o casal não se demorou e prosseguiu a viagem. Por fim, chegaram a um conjunto de árvores imponentes, para lá do qual se erguia uma pequena, mas elegante, habitação, rodeada de terras férteis e jardins floridos. A construção parecia ser de mármore branco, cujas beiras e colunas estavam trabalhadas e talhadas de forma requintada. Erguendo-se no meio da vegetação luxuriante das mais belas criações da natureza, parecia uma joia brilhante num cenário precioso.

CAPÍTULO IV

O NOVO LAR

A habitação, brilhando diante dele na luz suave, lembrava a George, pela arquitetura, a bonita casa que, muitos anos antes, preparara para a noiva que nunca viera presidir ao seu lar; até a esplêndida roseira à entrada, carregada de grandes flores cremosas, recordava outra semelhante, embora mais modesta, que plantara junto dessa modesta casa com a feliz expetativa de alegrias vindouras.

Mas, embora o exterior desta nova morada, e até o interior, no acabamento e mobília, lhe trouxessem à memória essa casa terrena, cada linha e detalhe, cada cornija e curva, cada ornamento e adorno deste belo retiro superava de tal forma, em luxo, delicadeza de beleza, harmonia de cores e

simetria de formas, os da outra, que a semelhança se desfazia perante a comparação impressionante.

É impossível descrever, em linguagem mortal, os detalhes de uma casa nas esferas; as habitações das almas puras e elevadas refletem a harmonia do caráter dos seus habitantes; cada elemento é, em si, a própria beleza, e nenhuma linguagem terrena lhes pode fazer justiça na descrição. Basta dizer que este era o lar celestial do anjo Mary — a morada que ela preparara, com os hábeis materiais do amor, para o querido do seu coração. Ali reunira os ricos tesouros do intelecto, da música e do canto. Ali reunira raras obras de arte e aplicara os seus prodigiosos dotes de génio para criar e embelezar um lar de alegria para aquele que lhe era mais querido.

A um observador casual, poderia parecer que a construção estava concluída e nada mais lhe faltava para ser a própria perfeição; mas Mary sabia que ainda havia muitos retoques finais a acrescentar antes de se apresentar como um todo harmonioso.

— Este é o lar de que te falei, querido — disse, pousando a mão no braço do companheiro e parando com ele à entrada para admirar a encantadora vista das colinas e vales que se estendiam diante deles, e aspirar o perfume das flores aos pés. — Lembras-te, quando preparávamos o lar que esperávamos ocupar na Terra, como planeámos certos aposentos para o mano Arthur, e propusemos que ele viesse ali sonhar, estudar e descansar, quando e pelo tempo que quisesse?

— Claro que me lembro — disse George —, e com que sinceridade o dissemos.

— Sim; e agora esses planos podem concretizar-se, pois aqui há aposentos mobiliados exatamente ao gosto dele, que poderá desfrutar sozinho ou connosco, conforme queira, porque o nosso lar também há de ser o seu ponto de paragem.

Aprovando com prazer este anúncio, George Phelps entrou na casa com Mary para fazer uma visita de inspeção. A maioria das divisões encontrou-as completas na construção e no mobiliário; as destinadas ao estudante Arthur pareciam o próprio retrato da perfeição. Eram de brancura marmórea, com almofadas macias e assentos convidativos; uma luz suave, rosada, banhava o ambiente, e um aroma doce e delicioso de paz enchia o ar. Tal como a própria vida de Arthur Hart, estes aposentos transmitiam pureza, serenidade e tudo o que fosse oração e suavidade.

Ao passar de divisão em divisão desta morada encantadora, George voltou-se para a sua guia e disse:

— Esta é, de facto, uma morada maravilhosa; mas diz-me, o que fiz eu para a erguer? Sinto que tu e Arthur a conquistaram pelo vosso próprio esforço e que não tenho direito a desfrutá-la se também não contribuir com algo.

— Contribuíste muito para esta obra, querido George. Cada boa ação que praticaste, cada palavra amável que disseste, cada encorajamento que deste aos infelizes e desafortunados que encontraste serviu para criar um adorno ou preencher um canto desta habitação. Vês este belo arco, com traços tão delicados e um trabalho tão notável? Reparas como ele serve de entrada de uma sala bonita para outra ainda mais encantadora? Pois bem, o material e o poder para a sua construção forneceste-os tu, há muitos anos. Como? — perguntas. Lembra-te de quando encontraste uma pobre mulher, exausta, esfomeada e com frio; caiu diante de ti quando te apressavas para enviar um telegrama importante.

O teu primeiro impulso foi prosseguir e deixá-la entregue a outras mãos. Mas não o fizeste; paraste, examinaste aquela figura prostrada e levaste-a para um abrigo próximo. Aplicaste-lhe reconstituintes e, quando a mulher recuperou, soubeste da sua triste história de pobreza, privação e desgraça. Arranjaste-lhe amigos, interessaste-te por ela e salvaste-a do desespero e da morte. O atraso causado por este episódio tornou o teu telegrama inútil e, por consequência, sofrestes uma grande perda financeira. Não sabias, George, que a perda desse dinheiro, por causa de um ato nobre, foi o que possibilitou este arco duradouro que tão belamente enfeita o nosso lar; mas assim foi.

A doce narradora prosseguiu com o seu companheiro surpreendido e, apontando para uma coluna maciça, que parecia robusta o suficiente para sustentar todo o edifício, continuou:
— Aquela coluna, lisa como o marfim e branca como o alabastro, veio da riqueza da tua alma. Houve um momento em que fizeste um grande sacrifício por outro; esse homem tinha poucas razões para te merecer, mas, embora tivesses — aos olhos do mundo — perfeito direito a tudo o que ele possuía, não reclamaste nada.

Pelo contrário, deste-lhe tudo, mostrando-lhe tal amizade e apoio que as orações e bênçãos da esposa e dos filhos te acompanharam para sempre. No instante decisivo, quando a luta consigo mesmo se travou e a tua verdadeira natureza venceu, cedendo a esse homem tais bens e, ao mesmo tempo, consentindo em ser mal interpretado e ridicularizado pelos teus sócios, foi desferido o golpe que moldou esta nobre coluna e lhe deu lugar aqui, no teu lar espiritual.

Assim prosseguiu, apontando um quadro aqui, um adorno ali, como testemunhos da sua obra e contribuição para o património da casa. Mas,

embora encantado e surpreendido com o que via e ouvia, George não deixou de reparar em pequenas manchas na pintura perfeita de certas obras de arte; lugares onde as paredes ou o mobiliário não estavam acabados em plena harmonia com o todo, como se o material tivesse faltado durante a construção.

Ela teve então de lhe explicar que, quando este ou aquele objeto estava em execução, quando tal ou tal obra de arte estava a ser feita, ou tal parede, teto ou entalhe estava em trabalho, se dera o caso de ele ter alimentado um mau pensamento sobre alguém, ou dito palavras de ira, ou feito algo que a sua consciência lhe dizia não dever fazer, ou recusado ou negligenciado algo que sabia que devia cumprir — e, nesse momento, o fluxo de harmonia e de simpatia magnética associativa entre ele e os trabalhadores do lar celeste ficara suspenso, e a obra em curso tivera de ser abandonada por falta de poder para continuar.

— Vês, meu querido — disse ela —, todos temos de ajudar a construir as nossas próprias casas, e, por muito que possamos receber auxílio de amigos amorosos, temos sempre muito que fazer para fornecer a força e o material daquilo que havemos de usufruir. Esta lei mantém-se, quer estejamos encarnados em carne terrena ou não; mas esses pontos inacabados serão completados um dia. As imperfeições desaparecerão, e torná-los-ás todos belos à vista.

Doces e suaves, como o tilintar de sinos de prata, eram as palavras daquele espírito puro e, ao ecoarem na alma do homem que a acompanhava, despertaram nele uma nova conceção da vida, das suas condições e leis. Nada disse, mas meditou sobre o que aprendera e, em silêncio, jurou fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para reparar os erros e falhas do passado. Mas ainda não se compreendia plenamente e tinha de passar por outras experiências antes de poder aperfeiçoar a obra que ansiava realizar.

Nesse lar encantador, cercado de tudo o que é belo na natureza e na arte, na companhia do ser gentil que a sua alma adorava, na presença frequente do bom Arthur e de outros espíritos luminosos, George Phelps estabeleceu-se para gozar a vida. Havia obras de literatura e de arte, mestres do pensamento, para estudar e admirar. Ali, tudo parecia favorecer o cultivo do intelecto e a expansão das suas faculdades naturais. Mestres e guias sábios e avançados estavam sempre prontos a esclarecer qualquer questão ou problema difícil que surgisse na sua busca por conhecimento, mas encontrava mais satisfação nas verdades que procurava e adquiria por si próprio.

Sob a nova luz, inspiração e felicidade que lhe chegavam, George começou a tornar-se mais doce, calmo e refinado de espírito, como o fruto,

endurecido pelo frio e pela tempestade, se torna macio, doce e formoso sob o sol ameno e a chuva suave. As pequenas arestas que tinham aguçado uma vida de outro modo nobre pareciam começar a desgastar-se, e ele chegava mesmo a esquecer que existiam.

Mas, por vezes, um arrepio de descontentamento atravessava a serenidade da sua vida — uma inquietação causada pela consciência de que, com todo o amor, simpatia e devoção que Mary lhe dedicava, não conseguia nem conseguia entrar mais plenamente na vida e nos trabalhos dela. Algo lhe causava um leve desconforto; uma sensação de peso, como se lhe colocassem um fardo sobre o coração para refrear-lhe a leveza.

Nenhuma onda de desarmonia perturbava aquela felicidade pacífica. Ninguém podia olhar para Mary — esse anjo radiante, tão devotado às boas obras e aos mais nobres ideais — e não sair beneficiado e elevado pelo exemplo; contudo, por entre todo o esplendor e alegria e bênção da sua vida, ele sabia que não alcançava a altura daqueles que eram seus companheiros e guias.

Enquanto estudava um tema grandioso, ou aprendia lições transmitidas por grandes cientistas, com a mente focada na aquisição de saber e poder intelectual, com a mesma determinação com que, na Terra, se aplicara a acumular riqueza material, George, no início, contentava-se em sentir a ausência de Mary e não questionar o trabalho missionário que a ocupava. Mas, com o tempo, começou a desejar saber mais sobre essas atividades, a interrogá-la acerca das suas idas e vindas e a querer acompanhá-la nas suas missões.

Depois de muita insistência da sua parte, Mary consentiu em levá-lo, avisando-o, no entanto, de que as cenas e visões que iria testemunhar poderiam ser desagradáveis e perturbadoras para ele.

— Se seguisse apenas os meus gostos estéticos — disse ela —, não faria este trabalho; mas o dever chama-me, e a compaixão enche-me o coração de tal forma pelos espíritos sofredores e dominados pelas paixões que visito, que tenho de tentar elevá-los.

— O que tu podes suportar, meu amor — respondeu ele —, eu também o poderei: guia-me, e seguirei de bom grado.

CAPÍTULO V
LUTAS CONSIGO PRÓPRIO

Para que lugar tão selvagem e desolado estes dois espíritos se transportaram — saindo da luz, glória e paz do estado mais elevado, para um sítio de trevas e sombra, tão carente de vegetação, luz e calor, que George não conseguiu esconder o espanto com a mudança, mas seguiu em silêncio para onde a sua companheira o conduzia. Ali reinava um cenário de confusão. Homens e mulheres vagueavam de um lado para o outro, em pares, em pequenos grupos ou sozinhos; alguns agrupavam-se, gesticulando de forma descontrolada ou discutindo acaloradamente.

Os rostos estavam marcados e vincados, as roupas eram desalinhadas e em mau estado; não havia qualquer sinal de limpeza ou asseio pessoal, e a aura — ou atmosfera — que emanava de cada um era turva, sufocante e acre. Era evidente que aquelas pessoas tinham vivido de forma pecaminosa, sensual, ignorante e degradada. Tinham-se mergulhado nas ondas do vício e da paixão até deixarem uma marca nas suas naturezas, visível em cada traço do rosto e em cada gesto.

George não conteve um gesto de repulsa perante o espetáculo e chegou a fazer menção de impedir a sua noiva de se aproximar de tais criaturas. Ela voltou-se para ele e disse:
— Sempre foste compassivo, generoso e bondoso para com os pobres e desafortunados; não desejas agora ser útil aos que precisam?

— Sempre quis ajudar os pobres merecedores — respondeu —, aquelas pessoas dignas que, por infortúnio ou doença, foram reduzidas à pobreza. Mas era aos bem-intencionados e puros de espírito que eu procurava aliviar — não a tais criaturas perdidas como estas. Servem apenas para a prisão ou para uma casa de correção. Acredito que a lei é quem melhor pode lidar com elas.

— Mas aqui não temos os pobres de que falas, meu querido; aqueles que eram bem-intencionados e puros de espírito na Terra elevam-se da sua condição de necessidade e sofrimento assim que entram na vida espiritual, e contam-se entre os melhores cidadãos e membros mais contentes das esferas. Mas estas pobres almas, que nada sabem de amor, pureza ou bondade altruísta, chegam aqui vindas dos becos e bairros degradados da Terra, e este é o seu primeiro estado no mundo espiritual. Precisam de mestres, ajudantes, guias e amigos.

— Mas parecem sem lei, Mary, minha querida, e não é arriscado para ti andar entre eles? Não têm qualquer sistema de contenção, nenhum agente vigoroso que trate destas pessoas?

— Vais ver os nossos métodos de disciplina, o nosso sistema de contenção e o trabalho dos nossos responsáveis — disse ela, com um sorriso. — Mas vejo que recuas diante deste lugar e não queres ficar nem que eu fique. Diz-me: se estivéssemos na Terra e surgisse no nosso meio uma doença altamente contagiosa, impedir-me-ias de ir junto dos doentes e sofredores para lhes levar conforto?

Ele hesitou um momento e respondeu devagar:
— Creio que não consentiria que o fizesses.

— E se uma multidão de pessoas sem lei se revoltasse e eu sentisse o chamamento para ir até elas ensinar-lhes a melhorar a sua condição e a elevarem-se, o que farias então?

— Proibir-te-ia terminantemente de tentar — e desta vez não houve hesitação no tom.

— Para minha própria proteção, talvez julgasses sensato fazê-lo; mas, em qualquer dos casos, não seria melhor dar-me a tua bênção para partir, sabendo que a obra de Deus se cumpre melhor quando sacrificamos a inclinação e as preferências pessoais à Sua vontade?

— Não sei dizer; mas não gosto deste lugar nem da sua influência. Certamente haverá outros que possam trabalhar aqui. Vamos, não quero que fiques; vamos embora.

— Silêncio! Não corro perigo, e vou até aquele grupo de mulheres para as ajudar a encontrar a sua natureza feminina. Ouve-as gritar, gracejar e cantar com vozes rudes e grosseiras — e apontou para um grupo de mulheres que pareciam ser as mais degradadas daquela companhia degradada.

— Não farás tal coisa, Mary! Imploro-te, vem embora.

— Não, querido, esta é a minha missão diária; é aqui que encontro o trabalho que me permite desfrutar o céu. Elas não nos veem; não conseguem ver pessoas ou cenários diferentes de si próprias. O que as rodeia é a exteriorização da sua condição interior. Olha, ali está o Arthur; observa-o enquanto avança. Estou segura onde ele pode ir.

Um pouco mais à frente, George viu um espírito que, no meio da penumbra e da miséria do lugar, parecia envolto numa luz radiante, impenetrável à escuridão. Olhando mais de perto, reconheceu o amigo Arthur, que se movia, tocando ora um, ora outro dos infelizes à sua volta, na cabeça ou nos ombros. Um fio de luz magnética estendia-se das mãos dele até aos que tocava. Ao contacto, eles estremeciam, e um silêncio caía sobre o grupo; o insulto rude morria-lhes nos lábios, o canto obsceno cessava de

repente, endireitavam-se, e um ar de reflexão e calma surgia nos seus rostos.

— Este é o nosso método de contenção, a nossa escola de disciplina, o nosso "agente da lei" — disse Mary, suavemente. — O amor humano, a simpatia e o magnetismo são as forças potentes que apaziguam toda a perturbação na alma do homem. Mas Arthur espera-me; tenho de ir até ele.

— Mary, não irás; deixa que ele e outros façam o trabalho; ele é homem e está melhor preparado para isso; certamente poderás encontrar uma tarefa mais adequada. Não — acrescentou, ao vê-la avançar —, não o permito; não deves, não podes ir.

Um sorriso celestial iluminou-lhe o rosto enquanto respondia:
— Ninguém tem maior amor no coração do que aquele que quer erguer e abençoar os mais humildes. Só os doentes precisam de médico; estes são os meus pacientes; precisam de enfermeira e de médico; tenho de ir até eles. O amor humano, quando limitado a interesses e desejos pessoais, pode tornar-se egoísta e impuro; quando flui em compaixão e ajuda, atinge a sua fonte espiritual. Tu proíbes-me de ensinar estas pobres criaturas; embora te ame muito, tenho de desobedecer à tua ordem; a alma não reconhece mandatos senão a lei da consciência. A voz do dever chama-me, e o meu irmão está à espera; ele conta comigo; tenho de ir.

E afastou-se dele, dirigindo-se ao grupo de mulheres. George observou-a mover-se, com raios dourados da sua aura iluminando os lugares sombrios. As criaturas que ela abordava calavam-se e tornavam-se atentas, como se procurassem absorver a influência que ela lhes transmitia. Algumas pareciam adormecer, outras mergulhavam em reflexão, e todas cediam ao magnetismo daquele espírito radiante que se inclinava sobre elas.

George viu que nenhum mal lhe poderia acontecer, e que ela tinha um poder absoluto para fazer o bem naquele lugar pouco acolhedor. Mas o seu coração estava agitado, ferido e inquieto. Emoções contraditórias enchiam-lhe o ser: irritação por ver a sua vontade contrariada com tanta serenidade pela mulher que adorava, repulsa pelo cenário diante de si, indignação por tais criaturas reclamarem a atenção dos seus amigos, insatisfação consigo próprio pela falta de zelo e um descontentamento geral com a vida — tudo lutava pela supremacia, enquanto regressava à sua bela casa e aos estudos.

De volta às suas ocupações, tentou concentrar-se num tema agradável que lhe despertara interesse, mas não conseguiu sossegar. Estava inquieto e perturbado, e nada lhe trazia paz. Os belos objetos ao seu redor só aumentavam a agitação, pois aqui e ali via uma mancha de descoloração ou

um objeto inacabado que ainda não retocara ou completara. Vagueou pelos jardins da casa, mas as flores e os pássaros já não o encantavam como antes. Atirou-se ao chão, sob uma árvore, e deixou extravasar as emoções contraditórias que o consumiam.

Aos poucos, começou a interrogar-se e a tentar entender a origem da sua nova infelicidade. Haveria algo errado com o que o rodeava? Não; tudo era do mais perfeito que o gosto humano podia imaginar. Os amigos eram atenciosos, bondosos e prestáveis. Em Mary não encontrava falha, exceto na sua insistência em ajudar aqueles que, de todos, mais careciam de luz; mas não seria a missão dela e a de Arthur semelhante à de Cristo, e não deveria ele próprio ter simpatia e interesse por isso?

Sim, e devia; decidiu-o assim. Então, qual era a causa do seu mal-estar? A reflexão trouxe-lhe a resposta: era ele próprio; sim, era a sua falta de harmonia interior. Estava “desafinado” e precisava reajustar as forças e princípios da sua natureza para encontrar contentamento. Pois bem, tentaria pensar com mais benevolência sobre a missão de Mary e dar-lhe uma palavra de incentivo e aprovação quando regressasse.

Assim travou a sua primeira grande batalha consigo mesmo. Foi uma luta, mas o homem habituado, durante toda a vida, a grandes combates contra as circunstâncias tinha força para suportar o conflito e sair vencedor. Depois disso, houve paz na sua alma, e pareceu compreender Mary e Arthur melhor do que antes. Embora não voltasse a oferecer-se para os acompanhar nas suas missões, falava delas com interesse, mostrando vontade de saber dos resultados e expressando aprovação pelos seus esforços para iluminar os ignorantes e purificar os degradados.

Continuou a estudar, a assistir a palestras e concertos e a conversar com espíritos sábios e elevados. As suas faculdades mentais cresceram e a sua perceção ampliou-se; contudo, sentia que ainda não atingira a felicidade plena que sabia pertencer a outros. No seu jardim havia um pequeno pavilhão — apenas um teto esculpido sustentado por quatro pilares lavrados. No centro, erguia-se um maciço bloco quadrado de pedra — nada mais. Sobre a entrada lia-se, em letras douradas: “Errar é humano; perdoar é divino.” O significado ou propósito deste pavilhão era-lhe desconhecido e intrigava-o. Parecia que algo grandioso fora ali projetado, mas que se abandonara no último momento.

George sentia-se muitas vezes atraído para este lugar e, um dia, ao olhar para o pedestal, viu subitamente um retrato suspenso sobre ele. Num instante, desapareceu, mas não antes de ele reconhecer o rosto de um amigo que outrora amara e em quem confiara, mas que tentara prejudicá-lo — como já narrado antes — e a quem sempre guardara um ressentimento

profundo. A convicção de que aquele trabalho inacabado estava, de algum modo, ligado ao seu desentendimento com esse amigo tomou-o de assalto. “Errar é humano; perdoar é divino.”

— Sim — exclamou —, mas eu não sou divino, e nunca o poderei perdoar.

CAPÍTULO VI

A CONQUISTA

Com o breve vislumbre daquele retrato que aparecera e desaparecera misteriosamente, velhas recordações reacenderam-se no coração de George Phelps. De novo viu o amigo que conhecera e em quem confiara; reviveu as cenas de um passado distante, quando esse confidente tentara prejudicá-lo de forma que, se o plano tivesse tido êxito, ele teria sofrido um desastre financeiro de grandes proporções. Mais uma vez sentiu o choque que a descoberta da baixeza do amigo lhe causara. De novo o assaltou o arrepio de indignação e amargura que o dominara na altura, e exclamou:

— Nunca poderei esquecer — nunca quero voltar a ver-lhe a cara!

No entanto, sabia que o homem se arrependera e procurara reparar o momento de fraqueza que o levara a ceder à tentação.

— De que vale o arrependimento dele? — pensou. — Ter-se-ia ele arrependido se tivesse conseguido levar a cabo o seu plano perverso? Não! Procurou prejudicar-me, falhou e depois quis recuperar a minha amizade. Não quero ter nada a ver com ele.

“Errar é humano; perdoar é divino.” Como estas palavras se repetiam na sua alma! Afastou-se do lugar, mas elas continuaram a persegui-lo; sentia-se inquieto, infeliz; vinham-lhe à memória os tempos tranquilos em que ele e o velho amigo eram felizes na confiança mútua. Se pudesse apagar a vergonha e a desonra desse antigo companheiro, fá-lo-ia; mas a lembrança de que fora traído por ele não se apagava.

Veio-lhe então o desejo de revisitar cenas terrenas, e procurou obedecer a esse impulso. Como antes, seguiu a atração que o impelia e, em breve, encontrou-se no quarto superior de uma habitação terrestre. Sobre uma cama jazia um homem envelhecido, pálido e debilitado; à sua volta, muitos espíritos, mas junto dele apenas um mortal — evidentemente um clérigo — que lhe ministrava consolações espirituais. Tinham afastado os que velavam e o doente mantinha os olhos fixos no orador, escutando-lhe as palavras.

— Oh! Não temo a morte — murmurou —; tenho apenas um pedido a fazer. Houve um tempo em que tive um amigo que amava; ele confiava em mim, e tal era a sua confiança que me deu o poder de o arruinar, e eu… eu… Deus me perdoe! Quase consegui fazê-lo. Arrependi-me; Deus sabe como me arrependi; quis reparar a minha falta; roguei-lhe perdão, mas ele não quis ouvir-me e mandou-me embora da sua presença. Desde então procurei agir bem. Não prejudiquei homem nem mulher. Se pudesse ouvir a voz do meu amigo a conceder-me o perdão, morreria em paz. Mas ele morreu, e nunca mais o verei.

Ao ver aquele rosto pálido, ao ouvir aquela voz fraca e trémula e, mais ainda, ao perceber o espírito a lutar por se libertar do invólucro de carne e justificar-se diante do amigo, George sentiu uma onda de amor e de compaixão percorrer-lhe o ser. O velho ressentimento que guardara durante tanto tempo dissolveu-se na luz da afeição reavivada, e a animosidade deu lugar à piedade no seu peito. Atirando-se para junto do leito, exclamou:

— John, eu perdoo-te! Deixa o passado para trás! Podemos voltar a ser amigos e irmãos!

O moribundo ouviu as palavras “John, eu perdoo-te” e, com um grito débil, estendeu as mãos como se quisesse agarrar alguém invisível. Chamaram a família, mas o espírito não voltou para se despedir; libertara-se do invólucro carnal, e os dois amigos, outrora separados por longo tempo, abraçaram-se num puro e espiritual abraço de amor fraterno.

Assim se realizou, finalmente, a obra do perdão; e assim aprendeu George o poder do amor espiritual que tudo suporta, tudo espera, tudo perdoa, e que é, em si mesmo, divino e sagrado. Muitas vezes, no futuro, esses dois amigos reunidos voltariam a encontrar-se e a trabalhar juntos, crescendo em graça de espírito como os próprios anjos de Deus.

Mas havia ainda outro trabalho a fazer e, entregando o espírito recém-libertado aos amigos que aguardavam para lhe dar as boas-vindas, George afastou-se para seguir o impulso interior que o chamava. Um novo sentido de paz entrara-lhe na alma, algo que nunca conhecera antes — tão doce, tão tranquilizador, tão repousante na sua influência —, que agora compreendia o poder bendito do perdão e da misericórdia.

Seguindo em frente, entrou em contacto com muitas pessoas — mortais que lutavam para alcançar determinados fins. Guiado pela luz que havia nele, percebeu que eram fracas e ignorantes, e, por vezes, egoístas. Muitos eram estimados pelo mundo pela sua riqueza e posição, mas a ele pareciam espiritualmente pobres. Contudo, já não os condenava nem desprezava como antes teria feito. Via que a avidez, o egoísmo e o orgulho

nasciam da ignorância e que, se lhes fosse ensinado o verdadeiro sentido e propósito da vida, se lhes fosse dada a compreensão disso, novos motivos os moveriam e eles mudariam os seus hábitos e modo de viver. Pois, em cada coração, conseguia discernir sinais de bondade; em cada peito, havia germes de ternura, de amor ou de atenção que poderiam ser cultivados até florescerem e agirem.

Assim, em vez de lhes lançar olhares severos e procurar destruir os seus planos, procurava exercer sobre eles uma influência benéfica; conduzir as suas mentes para canais mais elevados de pensamento; despertar-lhes a atenção para objetivos e aspirações mais dignos do que os que conheciam, e orientá-los para que lhes fossem apresentados exemplos concretos de compaixão ou beneficência; e assim, apelando às suas simpatias, despertar neles o desejo de levar vidas de maior utilidade.

Mais do que uma vez conseguiu êxito nesse trabalho, e cada sucesso, bem como cada esforço empreendido, aumentava o seu poder e ardor no labor benéfico.

Mais uma vez, o espírito sentiu uma forte influência a impeli-lo numa certa direção, e, seguindo-a, deu por si num gabinete particular, onde se encontravam dois homens sentados. Um, de feições benignas e olhos azuis suaves, era-lhe desconhecido. O outro, de meia-idade, com o rosto marcado por linhas de preocupação e o cabelo castanho já salpicado de grisalho, reconheceu-o como Charles Atwood, outrora o jovem a quem aconselhara em muitas ocasiões e que, seguindo o seu conselho numa delas, repudiara a mulher que jurara amar e proteger.

Estavam claramente num momento de confidência; o mais novo contava ao mais velho a história da sua breve felicidade conjugal e do abrupto e rude fim que tivera.

— Guiado pelo amigo que amava e em quem confiava como num pai — dizia Charles ao aproximar-se George —, repudiei-a e não quis voltar a olhar-lhe para o rosto. Um ano depois, morreu, morta pelo meu tratamento cruel. No íntimo, era pura e boa, mais pecada contra do que pecadora. Vejo isso agora; mas, na altura, estava atordoado e ferido, e confiei totalmente no conselho dele. Tinha boas intenções, mas não era tão sábio como eu supunha. Racionei segundo as regras do mundo. Não compreendeu o que era amar, pecar e arrepender-se; não percebeu que, para mim, seguir o seu conselho significava condenar um coração ao desespero e destruir a felicidade de outro.

— Se eu tivesse sido mais sábio, teria percebido que ninguém pode julgar por outro, e que cada coração age bem quando segue os seus próprios

impulsos puros. Tenho chorado, mais do que posso dizer, pelo passado; a sua mágoa envelheceu-me antes do tempo. Se tivesse podido vê-la, pedir-lhe perdão, dizer-lhe que a amava e que acreditava nela mesmo quando a afastei, talvez me tivesse poupado a tanta dor; mas ela morreu, e a oportunidade que talvez fosse minha para o fazer perdeu-se para sempre.

E, com um gesto de desespero, o homem pousou a cabeça sobre o braço, entregando-se à amargura dos seus pensamentos.

Paralisado no lugar, George ouviu as palavras que o fizeram perceber, como nunca antes, o erro que cometera ao aconselhar o amigo, tantos anos atrás. Ao ver o sofrimento do homem que estimava, um espasmo de dor atravessou-lhe o coração, nascido de um arrependimento profundo pelo papel que tivera nesse sofrimento.

— Mas isto é fraqueza — continuou Atwood, erguendo a cabeça para o companheiro —; não sou criança para gastar o tempo em lamentações inúteis. Se fosse possível, como diz, Sr. Harris, que os mortos voltassem para falar, certamente as minhas orações e lágrimas de remorso a teriam atraído para junto de mim, e teria tido ao menos um sinal da sua presença.

— É possível, meu amigo, como tantas vezes lhe disse — respondeu gravemente o mais velho. — Venha a minha casa esta noite e dar-lhe-ei prova disso. Conhece e respeita a minha filha. Pensei que nutria por ela um afeto mais profundo; mas o que me disse hoje leva-me a crer que não há lugar no seu coração para o amor de uma mulher. Annie tem grandes dotes mediúnicos. As suas comunicações com os anjos são puras, doces e altamente instrutivas.

Não poderia suspeitar a minha filha de qualquer impostura consciente; e, mesmo que alguém o fizesse, as provas de uma inteligência exterior como fonte dos seus dons ocultos são de tal ordem que afastam qualquer hipótese de fraude. Annie tem uma amiga a visitá-la que também é excelente médium, e esta noite faremos uma sessão privada, se quiser participar.

— As suas palavras quase me convencem. Penso que irei. Não tenho preconceitos sobre o assunto e estou disposto a investigar. Mas, quanto às suas observações sobre o meu apreço pela sua filha, é verdade que a estimo muito; considero-a uma mulher culta e sensata, e às vezes sinto que poderia amá-la verdadeiramente. Mas reprimo tais pensamentos, pois sinto que fazê-lo seria alimentar uma felicidade que não é para mim.

— Muito bem, meu amigo, não pensemos nisso por agora. Conto consigo às oito da noite. Seja pontual, pois os espíritos apreciam a pontualidade. — E assim os dois homens se separaram.

CAPÍTULO VII
EM CASA

Cheio de consternação, tristeza e remorso pela ruína que causara no coração de alguém que amava, George Phelps permaneceu junto do seu antigo amigo até que as sombras da noite caíram. Nessa altura, sentiu o desejo de fazer restituição — de fazer algo para apaziguar a dor daquele homem sofrido — mas não via nada que pudesse ser feito.

À hora marcada, Charles Atwood apresentou-se em casa do Sr. Harris e, com ele — embora invisível — veio o espírito que o acompanhara ao longo do dia. Cumprimentando a Srta. Annie com uma cortês vénia e acusando a apresentação à sua amiga, a Sra. Shaw, da mesma forma, Charles sentou-se e aguardou tranquilamente os acontecimentos.

Não é nosso propósito relatar em detalhe os eventos daquela noite, pelo que passamos diretamente à parte que mais diz respeito aos nossos amigos. A certa altura, o Sr. Atwood foi despertado das suas reflexões por uma voz que chamava o seu nome e, erguendo o olhar, viu a Srta. Annie, de olhos fechados e mãos estendidas, inclinada na sua direção.

Ao tomar-lhe as mãos, ela começou a falar, afirmando ser o seu velho amigo George Phelps, e relatou-lhe episódios da sua amizade de juventude, narrando acontecimentos da sua vida que só ele poderia conhecer. Por fim, o espírito, através da jovem em transe, referiu-se à história íntima do seu ouvinte e ao papel que nela tivera, implorando, em tom angustiado, por perdão. Era impossível não compreender, e, com os olhos marejados, Charles Atwood assegurou ao infeliz espírito que o perdoava de bom grado pelo erro que mencionara.

Nesse instante, a atenção voltou-se para a Sra. Shaw, cujo rosto se iluminara com uma luz sobrenatural, e que começou a falar num tom baixo e melodioso, totalmente diferente do seu habitual.

— Sou Clara Atwood — disse — e venho dizer ao meu querido Charles quanto o amo e o abençoo. Não tenho nada a perdoar; as infelicidades do passado foram vencidas pelas alegrias do presente.

Disse muito mais, convencendo Charles de que a sua Clara vivia e velava por ele; que o esperava no mundo espiritual, onde se reuniriam de novo em coração e espírito, e que, como amiga e trabalhadora dedicada à humanidade, cumpria o seu papel para tornar o mundo melhor e mais luminoso em caridade e amor.

Quando o espírito cessou, George Phelps — que não a via como os outros através do médium, mas diretamente, como um espírito radiante e belo,

embora ainda controlando o médium — caiu de joelhos aos seus pés e implorou-lhe perdão pelo mal que lhe causara. Um sorriso celestial iluminou o rosto da médium quando, em tom angelical, aquela luminosa presença concedeu o perdão que o espírito arrependido buscava.

Foi uma cena comovente, nunca esquecida por quem a presenciou. A partir dessa noite, Charles Atwood tornou-se um homem mais feliz e mais nobre. Convencido de que a morte do corpo não põe fim à vida, à esperança e ao amor, e de que as alegrias destruídas aqui podem ser renovadas lá, dedicou-se com afinco a aprender mais sobre essa nova filosofia de vida.

As lições chegavam-lhe tão depressa quanto as podia compreender; o brilho do seu olhar aprofundou-se; caminhava mais ereto e com passo mais leve do que há muitos anos. As pessoas diziam que era porque Annie Harris correspondia às suas atenções — pois ignoravam o peso que lhe fora retirado da alma. Era verdade que agora cortejava a Srta. Annie, e que esta não o desencorajava.

Com o tempo, soube-se que iriam casar; não porque tivesse esquecido Clara ou deixado de a amar. Sabia bem que ela era dele e o esperava naquele mundo onde, segundo a carne, “não há casamento nem entrega em casamento” e onde, entre os felizes e abençoados, o ciúme não tem lugar. Sabia que, ao criar novos laços, ganharia a graça de coração e a ternura de espírito de que necessitava, e que, ao dar cuidado, amor e simpatia a outra pessoa, só adoçaria e aprofundaria as fontes do seu próprio ser espiritual. E Annie sabia que, ao dar-lhe a sua afeição e companhia, fortaleceria as energias do seu próprio ser e criaria um lar na Terra para os anjos, que procuram lugares assim quando colaboram com os homens para o bem de todos.

Ao deixar o corpo da médium, George Phelps sentiu-se mais verdadeiramente suavizado, humilhado, santificado e puro do que jamais antes. Passara por estranhas experiências, fora chamado a conceder perdão e, agora, sentira a necessidade de implorar perdão para si mesmo. Sentia-se outro ser; todo aquele lugar parecia-lhe solo sagrado; a vida tinha agora um significado mais profundo, e parecia-lhe que a harmonia das esferas o envolvia.

Erguendo o olhar, viu Mary ao seu lado. Com um sorriso radiante, ela estendeu-lhe a mão e disse:

— Meu querido, portaste-te bem; nasceste de novo no espírito. Esperei muito por este momento. Vamos para casa.

Humildemente, ele respondeu:

— Não me sinto digno de entrar nesse lar celestial. Durante muito tempo senti que nada fazia para o sustentar. Talvez o tenha ajudado a planear e construir, mas sinto-me como alguém que, depois de erguer uma mansão, se vê incapaz de a manter de acordo com o seu estilo. Não conseguia sequer encontrar material para reparar as manchas ou terminar os detalhes inacabados.

— Vem ver — insistiu ela; e ele obedeceu, quase com relutância.

Mas que mudança ocorrera no lar espiritual! As flores não pareciam florir com mais perfume, nem o sol brilhar com mais intensidade; a casa permanecia como antes, e as suas decorações eram as mesmas; mas, se no passado já eram belas, para George eram agora transcendentes. E, à medida que as contemplava, novos pormenores de encanto atraíam o seu olhar. As manchas tinham desaparecido por completo, sem uma única imperfeição a estragar o conjunto. Os elementos inacabados estavam concluídos e a casa parecia perfeita na sua construção e ornamento.

Descendo até ao pavilhão, parou à entrada e olhou, surpreendido, para a figura diante dele: sobre o pedestal antes vazio erguia-se agora uma bela estátua, de requintado trabalho e conceção, representando um mensageiro celestial, de olhos baixos e mãos cruzadas. As pregas do manto branco caíam em linhas graciosas sobre a forma de mármore. A expressão de paz, pureza e amor no seu rosto era indescritível. A figura parecia viva, cheia de esperança e alegria, e não eram necessárias palavras para dizer ao observador extasiado que se tratava da materialização de um ideal espiritual de Perdão e Misericórdia.

Mais uma vez a vida espiritual do nosso amigo George foi renovada; na companhia de Mary e Arthur, no estudo dos grandes temas da vida e no convívio com almas elevadas de mestres e filantropos, a sua mente fortaleceu-se e o seu espírito tornou-se livre.

A sua amada e o irmão continuavam a assistir os espíritos selvagens e turbulentos que necessitavam da sua ajuda e, um dia, ele procurou-os na sua missão, preparado para se juntar ao seu trabalho sagrado. Já não sentia repulsa perante as almas agitadas pela paixão; ao invés, uma profunda compaixão pela sua ignorância enchia-lhe o ser. Trabalhou com constância e fervor pela sua redenção; e, como possuía grande energia de vontade, abraçava com decisão tudo o que tinha de fazer, sentindo o Anjo do Amor a mover-lhe a alma para novos esforços, e assim realizou grandes obras para a iluminação e elevação desses seres degradados e infelizes.

Agora, sim, estava em harmonia com o seu meio. Agora, um perfeito sentimento de paz, felicidade e bem-aventurança enchia-lhe o espírito.

Agora, participava plenamente no trabalho de vida de Arthur e compreendia-o como alma conhece alma.

Disse ele um dia ao amigo:

— Sei que, no essencial, tudo neste lar perfeito era tão belo e agradável quando aqui cheguei como é agora, mas para mim parece tão superior ao que era, que me sinto arrebatado de alegria. É verdade que alguns detalhes foram concluídos, mas isso dificilmente explica a minha perceção tão diferente.

— Não, irmão — respondeu Arthur, fitando-o com afeto —, a mudança está sobretudo em ti. Ajustaste-te às condições que te rodeiam; cresceste em harmonia com as leis do teu ser. Agora compreendes Mary plenamente. Estás em simpatia e cooperação com o trabalho dela e o meu; sentes que contribuis para o sustento do nosso lar; fazes a tua parte no grande laboratório da vida. É isso que explica a mudança. Em suma, descobriste que o Reino dos Céus está dentro de ti.

E era verdade. George Phelps encontrara-se a si próprio, para lá de todas as opiniões pré-concebidas, de todos os hábitos adquiridos e métodos de pensamento; crescera espiritualmente para alcançar as vidas daqueles que lhe eram caros e, ao fazê-lo, encontrara a felicidade perfeita que procurava. Quando estava com Mary, já não havia inquietação nem sensação de constrangimento; os seus campos energéticos fundiam-se em perfeita harmonia. O magnetismo de ambos assimilava-se lindamente, sem qualquer corrente oculta de perturbação. Já não havia nada de unilateral naquela união; um não era mais alto, mais puro ou melhor que o outro, mas ambos eram iguais e correspondiam-se de forma tão natural que a comunhão era completa.

A simples presença da sua amada era para George uma bem-aventurança. Um sentimento de descanso e satisfação enchia-lhe o espírito ao saber que ela estava perto; e trabalhar e planear com ela era, de facto, o paraíso.

Assim chegou ao nosso amigo a plena compreensão das necessidades espirituais do homem; e, deixando-o com a sua companheira e guias, desejamos-lhe boa sorte nos seus esforços para abençoar a humanidade.

CAPÍTULO I
SERIA VIDA OU MORTE?

Eu estivera doente — oh! tão doente — com aquilo que os médicos declararam ser pneumonia. Sentira uma dor ardente no peito, acompanhada de uma horrível sensação de sufoco; durante dias não pude respirar, não conseguia deitar-me confortavelmente, estava cheia de sofrimento e dor. Todos em casa estavam, oh!, tão ansiosos. Eu percebia o receio que os deixava sem fôlego, os passos silenciosos, os sussurros contidos.

Tudo estava quieto e calmo — ninguém devia perturbar “a pequena mãe”, tão gravemente enferma. As pobres raparigas, carinhosas e agradecidas, que estavam ao meu cuidado e que me adoravam quase como se eu fosse algo não pertencente a este mundo, competiam entre si para encontrar uma forma de mostrar a sua simpatia durante a minha doença, e embora eu não pudesse falar, devido à dor e à falta de ar, apreciava tudo profundamente.

Então, uma mudança ocorreu em mim. Recostei-me nas almofadas com mais facilidade do que antes; a sensação de aperto parecia mais esquecida do que propriamente aliviada. O médico entrou e apalpou-me o pulso; depois, despejou algo de uma colher entre os meus lábios. As gotas desceram com um toque fresco que suavizou o ardor doloroso. Não me mexi, embora tenha ouvido o médico dizer à acompanhante:

— Esta noite será o momento crítico — não a deixes por um instante — chama-me de imediato se notares alguma mudança, mas não a acordes se estiver a dormir.

Gradualmente, toda a perceção das coisas exteriores se desvaneceu. Não parecia estar a dormir, mas já não tinha consciência do que se passava ao meu redor. Aconcheguei-me nas almofadas — pareciam tão macias e quentes. Mas o que as tornava tão perfumadas?, perguntei-me. Teriam algumas das raparigas borrifado perfume nelas? À medida que esse suave e sonhador torpor se apoderava de mim, pareceu-me que as almofadas eram feitas de rosas — ricas, cremosas, lindas rosas — como não via desde criança, quando a minha mãe as cultivava no seu pequeno jardim. De onde vinham? E como eram deliciosas! Mas… lá estava eu, demasiado cansada para pensar ou questionar, e deixei-me afundar entre as rosas, num contentamento beatífico.

De repente, encontrei-me noutro lugar; como lá chegara, não sabia. Já não estava deitada na minha cama, rodeada pela beleza daquelas misteriosas rosas; estava de pé, ereta, vestida com uma túnica branca, suave e felpuda, o cabelo solto caindo sobre os ombros. Notei, de forma vaga, que os seus fios castanhos brilhavam como ouro, e reparei que faltavam os fios brancos

que, mesmo aos vinte e oito anos, já cintilavam entre as madeixas mais escuras.

Estava numa sala ampla e quadrada, de teto alto; estantes cheias de livros forravam as paredes, exceto onde, aqui e ali, pendia uma gravura de pesada moldura; mesas e cadeiras estavam dispostas pelo espaço. O chão, polido e sem tapete, tinha apenas um belo tapete no centro. O lugar tinha um aspeto estranhamente familiar. Certamente já ali estivera antes, mas não era parte daquela modesta casa que eu chamava lar há anos, e no andar superior da qual estivera tão doente. À medida que a visão se tornava mais nítida, a memória impôs-se. Reconheci o ambiente. A sala, o mobiliário, tudo me era tão familiar que me trouxe uma dor ao coração. Como chegara ali? E porquê?

Estava na biblioteca daquela casa em Concord que outrora me acolhera como sua dona e de onde fugira seis anos antes. Olhei, confusa, e vi a figura de um homem meio enterrado na profundidade de uma poltrona. Nesse momento, ele gemeu e ergueu a cabeça, e, ao fazê-lo, reconheci o rosto e a figura de Joel Howard, o meu marido.

Inclinei-me para a frente e ouvi as palavras que proferiu; não pareciam sair-lhe dos lábios, percebia que eram pensamentos e não fala, embora eu os ouvisse claramente:

— Esta tortura nunca terá fim? Terei de viver anos nesta aflição? Oh! Dorris! Dorris! o que fizeste? Foi por ti que trabalhei e planeei — para aumentar o teu conforto, para te tornar uma mulher rica. Ah! mal interpretaste-me, minha pequena esposa — pensaste que eu era frio e sem coração. Vi isso quando li as tuas palavras: “Deixei a tua casa para sempre. Não precisas de mim, e posso viver sem o teu amor. Nas alegrias que te restam, não sentirás falta de Dorris.” Oh! como essas palavras me queimaram o cérebro. Dorris! Dorris! eu preciso de ti. Quero-te a cada hora.

A esse clamor, atirei-me para a frente. Não estivera de pé no chão, mas parecia suspensa no ar. Agora toquei-lhe na cabeça, caí aos seus pés, as minhas vestes brancas arrastando-se sobre eles, brancas e brilhantes. Ele sobressaltou-se, e pensei que me reconhecera; mas não, recostou-se na cadeira, murmurando:

— Que sensação estranha… como se a Dorris estivesse a voltar para mim.

— Eu voltei! — clamei. — Olha, estou aqui aos teus pés, a tua pequena Dorris, tua esposa; voltei para casa!

Mas ele não respondeu, nem parecia ouvir-me.

Nesse momento, a porta abriu-se e entrou um criado.

— O Sr. e a Sra. James Eastham estão a pedir para o ver, senhor — disse.

— Mande-os entrar imediatamente — respondeu ele, e o criado retirou-se. Apressei-me a afastar-me para um canto mais sombrio da sala. Lembrava-me de James Eastham como o empregado de confiança do escritório do meu marido; mas não conhecia a sua esposa — ele era solteiro quando deixei casa, e seis anos são tempo suficiente para muita coisa acontecer.

A porta abriu-se de novo e um casal entrou. Reconheci James Eastham de imediato, mas… quem era aquela mulher que trazia como esposa? Certamente, aquele ar vivo, os olhos negros e brilhantes, o cabelo lustroso, o passo rápido e leve só podiam pertencer a Sibyl Barton.

O casal avançou para o centro da sala, mas eu permaneci na sombra. Quando o meu marido se levantou para os cumprimentar, algo na sua maneira hesitante e no passo incerto revelou-me a verdade: ele estava cego. A revelação caiu sobre mim como um choque terrível, e, por um instante, perdi toda a perceção — não via, não ouvia, não sentia. Fiquei entorpecida.

Então era por isso que não me vira; era por isso que não podia perceber que a sua esposa regressara.

Quando recuperei os sentidos, falavam de algo que não entendi de imediato, até que Sibyl disse:

— E nunca encontraram uma pista?

— Não, não! — respondeu ele. — Toda a força policial pareceu-me muito inepta, e há muito que desisti da busca. Se não fosse por esta infeliz condição, teria tratado disso eu próprio; mas que pode fazer um cego?

James Eastham perguntou:

— Tem alguma ideia do que a fez partir? Eu, no início, cheguei a pensar que tivesse fugido com o Sr. Marks; mas quando ele foi visto em Boston na semana seguinte, e se soube que estava totalmente dedicado aos seus negócios, percebi que não podia ter tido nada a ver com o desaparecimento da Sra. Howard.

— Não, nunca suspeitei dele. A minha esposa era demasiado pura e boa para fugir com qualquer homem. A pobre criança foi deixada demasiado entregue a si própria. Era sensível e imaginativa, e penso que acreditou que eu me tornara frio para com ela e que já não a amava.

— Sempre lamentei não lhe ter confiado mais — disse Sibyl, com tristeza. — Acho que, por vezes, ela pensou que eu era demasiado íntima do seu marido. Mas foi o senhor, Sr. Howard, o único que sabia do meu noivado

com o seu empregado. Não me atrevi a contar ao meu pai naquela altura, com receio de o contrariar.

O senhor apoiou os nossos planos e serviu de mensageiro entre James e eu quando não podíamos encontrar-nos. Agora penso que devíamos ter contado à sua esposa, em vez de estarmos sempre a cochichar e rir como se estivéssemos a viver um grande flerte. Eu realmente tencionava confiar-lhe tudo, mas várias vezes, quando tentei falar com ela, disse-me que tinha dor de cabeça ou estava nervosa, e pediu-me que a dispensasse das minhas histórias de conquistas. No entanto, ela foi sempre gentil e amável comigo, e eu admirava-a muito.

— Ah! sim, foi tudo um equívoco — um triste equívoco; mas é demasiado tarde… tarde demais para corrigirmos o passado — suspirou o homem cego em voz baixa.

— Como essa história o deixou doente, Sr. Howard — continuou a voz suave da senhora —, e durante muito tempo desesperámos pela sua vida. Depois, quando os médicos disseram que viveria, mas que, devido ao choque no seu sistema nervoso, somado ao desgaste da mente e do corpo causado pelo excesso de trabalho, ficaria cego, os seus amigos sentiram que a prova era demasiado dura. Mas trouxe-me felicidade — acrescentou, olhando para o marido com um sorriso. — Graças à sua doença e à sua infelicidade, o Sr. Eastham teve de assumir por completo os seus negócios, e desempenhou-se com tanta competência e discernimento que ganhou a aprovação do meu pai, e assim obtivemos o seu consentimento para o nosso casamento.

Que revelações eram aquelas! Como tinha eu interpretado mal aquelas pessoas! Não daria eu mundos para poder voltar atrás e desfazer os erros do passado? Quase sem perceber o que fazia, na angústia do meu espírito, avancei e coloquei-me diretamente diante dos três, fitando-os. Não repararam em mim e continuaram a conversar. Estendi a mão e toquei na manga de Sibyl; ela não reagiu. Voltei-me para o marido e curvei-me; ele não me viu. O que significava aquilo? Seriam eles também cegos? Não… devia estar a sonhar, e em breve acordaria na pequena casa de Filadélfia onde, há quase quatro anos, vivia como matrona e “pequena mãe” para os meus refugiados.

Virei-me, triste, e, ao fazê-lo, a cena desapareceu da minha vista — já não havia biblioteca, nem marido, nem velhos amigos. As paredes sumiram, e vi apenas uma vasta planície aberta, sobre a qual se espalhavam nuvens de neblina, tingidas de vermelho, azul e púrpura, como se iluminadas pelos raios de um sol nascente.

Do meio da neblina surgiu um rosto que cresceu diante da minha visão — cresceu, e cresceu, e cresceu, enquanto eu o contemplava com fome de reconhecimento. Era doce, terno e amoroso, mais jovem do que na última vez que o vira, sem as marcas de preocupação e doença, mas era dela, DELA, o rosto da minha mãe! Ao reconhecê-lo, com um sorriso de alegria e um grande bater de coração, senti algo puxar-me. Um súbito puxão fê-lo cair-me no corpo, e tombando para a frente, ergui-me e abri os olhos para um novo cenário.

Estava no meu próprio quarto, ao lado da cama onde jazia uma figura e um rosto singularmente parecidos com os meus, mas… oh! tão frios e rígidos. Os olhos estavam fechados e as mãos postas em oração. À volta da cama, várias figuras choravam, e reparei que um silêncio solene pairava sobre o lugar.

Pouco depois, uma senhora idosa, de touca Quacre, entrou e, aproximando-se da figura deitada, pousou a mão sobre a sua testa de mármore.

— A querida criança — disse —, está em paz. Disseste-me — e voltou-se para uma das raparigas — que partiu enquanto dormia?

— Sim, Sra. Showers, não soubemos a que hora morreu, mas o médico diz que já devia ter partido há pelo menos duas horas antes de o descobrirmos.

CAPÍTULO II
DORRIS

Os meus pais chamavam-me Dorris Baker. Eram pessoas simples da Nova Inglaterra. O meu pai era um descendente legítimo de uma velha família puritana — inflexível e de natureza um tanto severa, com um profundo repúdio pela falsidade e firme nas suas condenações a tudo o que lhe parecesse leviandade ou descuido. Da sua parte, a minha infância recebeu pouco sol, e no entanto, à sua maneira, ele era bondoso para comigo.

A minha mãe tinha um feitio suave, era tímida, recatada e de coração terno. Nas suas leituras, nas flores e na filha encontrava um paraíso de alegria; e, quanto a mim, fixei a minha felicidade na sua presença. As injustiças cometidas contra os desafortunados enchiam o peito da minha mãe de compaixão, e até o pecador encontrava nela piedade antes do que condenação.

Ainda hoje me lembro da oração que me ensinou quando, criança, me ajoelhava junto dela: “Ó Senhor, sê misericordioso para com os que erram. Castiga-os apenas para a sua salvação. Lembra-Te das suas necessidades e condu-los, no Teu tempo certo, ao Teu reino de justiça e paz.” Foi uma

prece que me acompanhou toda a vida, mantendo viva na minha alma a vontade compassiva de ajudar o transgressor a elevar-se da condição de pecado para a de bondade, e que também me deu forças, em muitas horas de escuridão, para me erguer acima da tentação.

Nos tranquilos recantos da nossa casa na aldeia passei os meus dias de rapariga. Tive acesso aos recursos educativos que o lugar oferecia, mas, além disso, recebia os ensinamentos da minha querida mãe. De saúde frágil, ela não podia atender às exigências da vida ao ar livre, e passava grande parte do tempo na nossa pequena sala de estar, com um livro na mão, colhendo dos autores clássicos que tanto amava trechos escolhidos de poesia ou prosa que não só enriqueciam o seu próprio espírito, como cultivavam o gosto intelectual da filha em crescimento.

Quando fiz quinze anos, a minha doce mãe faleceu. Toda a jovem de natureza reservada e sensível, com aspirações a despontar e pensamentos a despertar, que sempre viveu envolta nos cuidados de uma mãe carinhosa, confiando nela para tudo, e que vê essa vida preciosa extinguir-se, compreenderá a calamidade que caiu sobre mim; e ninguém mais poderá avaliar a angústia que me encheu o ser.

Por um tempo, fiquei atordoada. Movia-me pela casa mecanicamente, cuidando das tarefas que se impunham, mas sem interesse por nada. O meu pai parecia mais rígido e inflexível do que nunca. Deve ter sentido a falta daquele espírito gentil que, durante vinte anos, cuidara do seu conforto e sorrira ao seu regresso a casa, mas nada deixava transparecer; e assim caímos no hábito de nos afastarmos um do outro, em vez de nos unirmos em simpatia.

Durante um ano vivemos assim, em silêncio, e então a velha casa começou a ser-me desagradável. A frieza do meu pai gelava-me. Não se intrometia nos meus assuntos, mas não havia nada no seu modo distante e pouco afetuoso que despertasse o meu interesse. Eu ansiava por algo que quebrasse a monotonia e tornasse a minha dor menos difícil de suportar.

Ah! Sei agora que, se tivesse ido ter com o meu pai e, em tom doce e carinhoso, lhe tivesse falado da minha solidão e dor, ele não teria repelido a filha. Ou, se ele próprio tivesse vindo ter comigo com ternura e falado da nossa perda comum e da tristeza que nos unia, ter-nos-íamos aproximado e as nossas vidas ter-se-iam tornado mais ricas e harmoniosas. Infelizmente, quantos passam pela vida a interpretar-se mal e a perder, ao alcance da mão, as pérolas de simpatia e afeto!

Aos dezasseis anos, comecei a procurar a companhia que tanto desejava. Os jovens da aldeia não me agradavam — eram robustos e cheios de

alegria, enquanto eu era delicada e sonhadora. Livros e música eram o meu encanto; as festas, com piadas grosseiras e canções sentimentais, eram para mim uma verdadeira aversão. Gostaria que o meu pai vendesse a propriedade e se mudasse, mas nunca ousei sugerir tal coisa, pois sabia que ele não aceitaria.

Foi então que o meu pai, dono da única loja da aldeia, contratou um jovem de uma cidade vizinha para gerir o negócio enquanto ele tratava de outros assuntos pendentes. O novo empregado iria viver connosco, e, ao preparar-me para o receber, despertei um pouco da letargia que me envolvia. Joel Howard revelou-se bem-apessoado, tanto no porte como no trato; mais refinado e calmo do que os rapazes a que eu estava habituada. Parecia também bastante estudioso, dedicando aos livros o tempo livre do trabalho. A sua presença na casa deu-me algo em que pensar e, ao cuidar do seu conforto, aprendi a esperar pelo seu regresso e a sentir a sua falta quando passava o domingo com a família noutra cidade.

Não sei dizer quando comecei a atrair a atenção séria de Joel, mas, com o tempo, ele passou a mostrar-me pequenas gentilezas a que não estava habituada; e, à medida que os meses passavam, estas transformaram-se em atenções mais marcadas, até que se começou a murmurar na aldeia que “o jovem Howard e a filha do Baker vão acabar casados”.

O meu pai não se opôs à nossa amizade e, antes de eu completar dezassete anos, deu a sua aprovação ao nosso noivado, que foi seguido pelo casamento apenas dois meses depois.

Eu era pouco mais do que uma criança quando me casei. Nada sabia dos caminhos do mundo — absolutamente nada sobre as responsabilidades e encargos da vida conjugal. Era boa dona de casa e sabia cuidar bem do conforto físico de quem estivesse ao meu encargo — o que já era mais do que muitas raparigas da minha idade podiam dizer —, mas, para assumir as responsabilidades do matrimónio, teria precisado de anos de experiência e preparação.

Da família do meu marido ou da sua vida anterior, pouco sabia, embora deva dizer que se revelaram pessoas de caráter e reputação irrepreensíveis. Não sei se, no início, o amava de facto ou se estava apenas encantada com a novidade de ter, na minha vida, uma nova companhia e interesses. Parecia dedicado a mim na altura do casamento, mas, depois, quando se mergulhava nos seus livros, esquecia-se de me dar o sorriso terno e a palavra de carinho que eu tanto desejava; e, quando, absorvido em ganhar dinheiro, só tinha para casa os momentos dedicados a comer e dormir, cheguei a duvidar de que alguma vez me tivesse amado verdadeiramente.

Durante mais de dois anos, a vida depois do casamento decorreu de forma semelhante à anterior, apenas interrompida, de vez em quando, por algum momento agradável — como quando, em viagens para visitar familiares ou comprar mercadorias para a loja, o meu marido me levava consigo durante alguns dias. O meu pai entregara-lhe a gestão do negócio, mas continuávamos todos a viver na casa onde eu nascera.

Logo depois, porém, deu-se uma mudança: o meu pai morreu subitamente. Estava de boa saúde quando saiu para o celeiro, como sempre fazia, para cuidar dos cavalos — nunca confiava essa tarefa a ninguém. Como demorasse a regressar, fomos procurá-lo e encontrámo-lo, sem fala, sobre a palha. Fizemos tudo o que pudemos, mas, antes do amanhecer, partira sem dizer uma única palavra à filha que o amava.

Continuámos a viver na velha casa após a sua morte. O meu marido expandiu os negócios. A aldeia estava a crescer e uma fábrica recentemente aberta atraía gente de outros lugares. Éramos considerados pessoas “abastadas” e, por isso, vistos com certo respeito pelos vizinhos. Talvez tenha sido essa posição que aguçou o apetite do meu marido por investimentos maiores e lucros mais altos, ou talvez ele sempre tenha sido mais ambicioso do que eu percebia. Em pouco tempo, começou a investir fora da aldeia e a interessar-se por outros negócios além dos que tinha em Layton.

Com o tempo, Joel Howard concentrou-se cada vez mais em ganhar dinheiro. Raramente me dedicava uma hora do seu tempo; já não fazia pausas à noite para me ler um capítulo de um livro interessante ou para me contar alguma novidade ou anedota agradável que tivesse ouvido. Dinheiro não me faltava, livros e revistas para alimentar o meu apetite intelectual tinha-os sempre que queria. Criados para cuidar da casa não me faltavam. Mas a ternura, a convivência, o tempo para conversar sobre o que lia e pensava eram-me negados; e eu sentia-me como alguém a morrer de fome no meio da abundância.

Por isso, foi com alívio que ouvi o meu marido propor que liquidássemos os negócios em Layton e nos mudássemos para Concord. Ele tinha interesses na cidade que exigiam a sua atenção e assegurou-me que eu encontraria a vida social que desejava, sendo melhor para ambos. Aceitei com entusiasmo e, sem pesar, preparei-me para deixar a casa onde vivera desde o nascimento. Só hesitei uma vez — quando, inclinando-me sobre o túmulo dos meus pais, colhi um pequeno ramo verde da campa da minha mãe e o levei aos lábios.

Naquele momento, uma sensação de sufoco e de desespero apoderou-se de mim, como se estivesse novamente a despedir-me da mais amada de

todas as criaturas e como se, voluntariamente, me afastasse dela. Teria eu estado, até então, mesmo em meio à solidão e à fome afetiva, inconscientemente guiada pela influência espiritual da minha mãe santificada, e estaria, com aqueles passos, a fechar a minha vida à sua doce presença? Uma ideia vaga, mas indefinida, atravessou-me o pensamento e, num instante, desapareceu.

Não vou descrever a mudança nem a adaptação ao novo ambiente. Antes de completar vinte e um anos, já tinha o meu lugar na sociedade de Concord. O meu marido enriquecia rapidamente — os negócios prosperavam e os novos investimentos prometiam bons frutos. A vida antiga ficara para trás. Já não era a rapariga da aldeia, incompreendida e carente de companhia; já não era a esposa solitária e infeliz no próprio lar, enquanto o homem de quem esperava simpatia passava as horas a estudar “títulos”, “empréstimos”, “hipotecas” e outras lições financeiras, pois começara a procurar fora de casa as satisfações que não encontrava dentro. A minha casa era um modelo de ordem e bom gosto, mobilada com requinte e aberta à hospitalidade dos amigos. O meu marido orgulhava-se da sua dona e deixava-me gerir tudo a meu bel-prazer, desde que não lhe tomasse tempo nem reclamasse demasiada atenção.

CAPÍTULO III
NOVAS EXPERIÊNCIAS

Já vos disse que agora sou um espírito; que, há anos, caminho pelas planícies da vida imortal e contemplo as profundezas da natureza humana a partir de lugares espirituais? Sim, é verdade — já não sou uma criatura de carne, sujeita às suas limitações e governada pelas suas condições. A minha história não é contada por qualquer satisfação pessoal, mas para vos ensinar algo das leis psicológicas, das forças subtis, dos impulsos magnéticos que afetam a vida humana — um conhecimento que todo o coração deveria adquirir para sua própria proteção.

Em Concord, lancei-me nos prazeres que o reconhecimento social me proporcionava. Não era, de modo algum, dada a excessos — evitava os jantares tardios e recolhia-me cedo —, mas recebia e visitava, vivendo num turbilhão de excitação completamente estranho à minha experiência anterior e sobre o qual o espírito do meu pai puritano, certamente, teria lançado o mais grave olhar de censura.

Os interesses financeiros do meu marido levavam-no muitas vezes a ausentar-se de casa por vários dias, mas eu já não sentia essas ausências prolongadas como antes sentira as noites que ele passava fora. Agora,

tinha outras formas de me entreter que não existiam no meu antigo lar. Joel era sempre cortês e atencioso para comigo, quer em casa quer fora dela, mas as pequenas expressões de ternura e carinho — aquelas que uma mulher tanto preza e que, no início, me haviam conquistado — raramente eram pronunciadas. Não creio agora que esses sentimentos não lhe ocorressem, mas sim que as múltiplas preocupações que absorviam a sua mente no mundo material o levavam, inconscientemente, a negligenciar os delicados gestos que mantêm viva a chama da afeição.

Entre os novos conhecimentos que fiz, havia uma jovem de posses e cultura, de natureza franca e aberta e rosto expressivo, que muito me atraiu. Sibyl Barton era o espírito mais alegre que se podia encontrar e nunca faltava, em festa ou receção, para ser a alma e a animação do grupo. Por vezes, nas minhas próprias reuniões, um espírito de apatia e tédio apoderava-se de mim e, por mais que tentasse, seria notado pelos meus convidados se esta aliada inestimável não viesse em meu auxílio, com as suas tiradas espirituosas, não só despertando-me da minha inércia, como também animando todo o grupo.

Assim, passei a ver em Sibyl a minha principal assistente em qualquer plano social que tivesse, e a jovem tornou-se visitante frequente em minha casa. À mesa, a sua conversação viva e divertida mantinha o ambiente alegre e, mais de uma vez, regozijei-me ao ver o meu habitualmente reservado marido sair da sua abstração para trocar palavras com a brilhante rapariga que conseguia captar a sua atenção e ousava troçá-lo pela sua reserva.

Havia algo de elétrico naquela criatura: de figura esguia e flexível, com olhos de um negro arroxeado, ora derretendo em doçura, ora cintilantes e agudos, mudando conforme as frases espirituosas que deixava cair; madeixas de cabelo negro e sedoso, afastadas de uma larga fronte branca; mãos e pés sempre em movimento — trazia consigo uma sensação de vida e de força como a das marés inquietas que avançam e recuam de costa a costa.

O gosto de Sibyl no vestir era irrepreensível: suaves folhos cremosos no pescoço e nos punhos suavizavam o brilho mais intenso dos seus vestidos, conferindo a todo o conjunto um ar delicado que atraía muitos olhares de admiração entre os amigos que se reuniam à sua volta.

Eu era esguia e pálida, com cabelo castanho-avelã e olhos da mesma cor. Nada de notável na minha figura ou rosto, e eu própria reconhecia o contraste entre a radiante presença que enfeitava a minha mesa e a minha modéstia. Mas nunca me preocupei muito com a minha aparência. Esforçava-me por vestir-me com asseio e bom gosto e, como recebia

elogios sinceros das minhas melhores amigas pelo meu vestuário, suponho que conseguia apresentar-me de forma aceitável.

Amava intensamente a beleza: um belo quadro ou uma escultura graciosa prendiam-me durante horas; e o rosto e a figura de uma bela mulher fascinavam-me de tal maneira que ficava a contemplá-la até me envergonhar da minha aparente descortesia. Por isso, gostava de reunir pessoas de boa aparência à minha volta, e o brilho de Sibyl Barton — tanto físico como mental — era para mim um prazer estético constante.

Gradualmente — não sei bem como nem quando — instalou-se em mim a convicção de que o meu marido, o homem grave, quase taciturno, tranquilo nos negócios, estava a dedicar a esta jovem fulgurante uma atenção que nunca me dera a mim. Não só se antecipava ao criado para cuidar das suas necessidades à mesa, como, por vezes, deixava de lado papéis e contas para a levar a passear de carruagem ou permanecer ao seu lado durante uma noite inteira de convívio.

No início, surpreendi-me; depois, diverti-me com o facto de alguém conseguir afastar Joel Howard da sua ambiciosa busca por riqueza; mas, mais tarde, o meu coração de mulher começou a inquietar-se, temendo que aquela jovem, com os seus olhares elétricos e maneiras vivazes, acabasse por conquistar o afeto que, por todos os direitos, me pertencia.

Não ousei revelar a minha ansiedade a ninguém. Continuei a mover-me com a mesma serenidade exterior. Sem compreender as forças do meu próprio ser, não fiz qualquer tentativa para atrair a atenção do meu legítimo companheiro. Pensava, amargamente: “Tenho procurado cumprir o meu dever; fui uma esposa fiel; teria mostrado amor e simpatia se ele me tivesse encorajado. A culpa não é minha. Se pode ser assim facilmente afastado de mim, por que razão hei de eu esforçar-me para o reter?”

E assim, os dias passaram sem atos imprudentes da parte dos dois que me pareciam demasiado interessados um no outro. De forma inconsciente e sem má intenção, riam e conversavam como se fossem devotos companheiros, enquanto eu, com o coração a tornar-se orgulhoso e rebelde, mas cheio de dor, sorria perante eles e a sua tolice.

Joel foi chamado a ausentar-se da cidade durante alguns dias e pediu-me que convidasse Sibyl a passar esse tempo comigo. Não era costume preocupar-se com a minha solidão e, agora que fazia disso motivo para o seu pedido, limitei-me a sorrir e a consentir.

A jovem começava a tornar-se-me desagradável e, no entanto, havia na sua presença uma fascinação que eu, assim como os outros, sentia. Parecia ter plena consciência da sua força e aproveitá-la ao máximo. Falava com os

olhos e sorria com todo o corpo. Estava sempre em movimento. Se alguém estava triste, ela podia animá-lo; se aborrecido, aguçava-lhe o espírito; se mal-humorado, provocava-lhe e inspirava-lhe boa disposição. Mas, para um espírito sensível e já muito provado como o meu, ela trazia apenas exaustão e um enfraquecimento das forças vitais.

Os dias passaram sem incidentes. Sibyl passeava a pé ou de carruagem como queria, raramente a acompanhando, pois uma constante dor de cabeça atormentava-me. Os nossos habituais visitantes surgiam e, a ela, confiava a tarefa de os entreter — função que lhe assentava perfeitamente.

Joel regressou apenas dez dias depois. Eu sentia-me quase taciturna, tal a solidão em que me encontrava. O próprio som do piano, quando Sibyl o tocava com habilidade, parecia esmagar-me o espírito; ansiava por algo ou alguém que me desse forças. As visitas pareciam-me frívolas, as relações no lar insatisfatórias. Seria esta vida de cidade, pela qual tanto ansiara, a tornar-se-me insuportável? Oh! pelos dias da minha meninice, quando o peito fiel de uma mãe acolhia a minha cabeça cansada e recebia as confidências da filha! Até os anos posteriores, de solidão, com o meu pai severo e de rosto triste, pareciam-me, agora, paz comparados aos dias de provação que me abatiam.

Senti muito a falta do meu marido nesses dias. Ficaria feliz com o seu regresso; tentaria recebê-lo com afeto. Se ele era pouco demonstrativo, não teria eu, como esposa, o direito de lhe mostrar que não lhe era indiferente? Até então, pela minha timidez natural, nunca oferecera uma carícia sem que fosse solicitada, mas agora mostraria o meu coração e deixá-lo-ia ver que o recebia com alegria.

Era como se um anjo bondoso estivesse ao meu lado para me indicar o verdadeiro caminho do dever conjugal. No fundo da alma, senti que poderia despertar o meu marido dos seus sonhos de riqueza e ensiná-lo uma vida mais feliz e satisfatória do que aquela em que tínhamos entrado.

Chegou um telegrama: Joel regressaria a tempo de jantar na terça-feira e traria um amigo, um cavalheiro interessado nalguns negócios que lhe apresentara. À hora marcada, chegaram; a casa estava impecavelmente preparada para os receber. Sibyl, de seda preta e adornos de azeviche, com um lírio escarlate ao pescoço e outro preso nos cabelos escuros, era um contraste completo com a minha toilette de cetim castanho-avermelhado e rendas brancas; mas sentia-me no meu melhor e não me senti, de modo algum, invejosa do seu charme.

Na presença dos convidados, limitei-me a corresponder à carícia discreta que o meu marido me deu, mas imprimi-lhe um pouco mais de calor e

murmurei-lhe ao ouvido: “Estou tão feliz por teres vindo.” Contudo, a efusão com que ele e Sibyl se cumprimentaram não me passou despercebida. Dir-se-ia que eram velhos amigos, separados há muito tempo. Durante todo o jantar e a noite, as atenções pareciam ser entre eles, ficando para mim a incumbência de entreter o estranho que Joel trouxera consigo.

Edson Marks era um homem de estatura média, bem constituído, sem excesso de peso, algo impressionante na aparência, de movimentos lentos, como quem está sempre em guarda, com olhos cinzentos e cabelo castanho-claro. Poderia ter entre quarenta e quarenta e cinco anos.

Que havia nele que, logo ao primeiro encontro, me repeliu? A sua atitude para comigo era respeitosa e sincera. No trato, era polido; na fala, afável; na aparência, irrepreensível. O seu sorriso surgia devagar, mas era genuíno. Ainda assim, quando a sua mão branca tocou na minha para me cumprimentar, um arrepio percorreu-me, e quando a sua voz agradável soou pela primeira vez, feriu-me, estranhamente, os nervos sensíveis.

Enquanto conversava, no meu tom mais amável, com aquele estranho, não deixei de notar o que se passava entre os outros dois. Desdenhei ouvir as palavras, mas o tom brincalhão, as risadas e a despreocupada alegria da dupla não me escaparam. Decidi guardar os pequenos gestos de ternura que preparara para o meu marido para um momento em que ele não estivesse sob o encanto dessa sereia.

CAPÍTULO IV
EM DESACORDO

Não culpo ninguém pelo que se seguiu. O ser humano entende tão pouco de si próprio e das leis que regem a sua existência que erra constantemente por ignorância. No meio da confusão e das tentações da vida, a humanidade aprende as lições mais graves e adquire o conhecimento mais valioso através da experiência do erro e do fracasso, pela disciplina do esforço e da provação.

Cercado por forças que não compreende, movido por dentro e por fora por leis subtis que, na sua ação, podem governar o universo físico — atraindo certos átomos e repelindo outros, agindo ora de modo centrífugo, ora centrípeto; manifestando-se, num caso, como a lei da gravitação, noutro como afinidade química, e ainda noutro como a operação da eletricidade —, o homem é também sujeito a um poder que influencia a vida individualizada, conduzindo-a numa única linha de progresso ou experiência.

Mas ainda lhe falta aprender as suas próprias possibilidades e reconhecer os poderes magnéticos contidos no seu organismo. Quando alcançar uma verdadeira compreensão espiritual, homens e mulheres tornar-se-ão equilibrados, calmos e livres das correntes do erro. Controlando devidamente as forças da sua própria natureza, viverão de forma disciplinada, autocontrolada e harmoniosa com as leis do universo, em doce sintonia com as condições de uma existência aperfeiçoada.

Não houve qualquer escândalo ligado à amizade entre o meu marido e Sibyl Barton. Nenhum deles pensou em violar a lei moral, nem eu, por um momento, supus tal coisa. O que me perturbava era apenas vê-lo tão atraído por aquela rapariga a ponto de lhe dirigir sorrisos e palavras de elogio que nunca me dirigira a mim. Ela parecia despertar nele uma corrente oculta de jovialidade, até então insuspeitada, e incitá-lo a interessar-se por uma vida para além dos áridos pormenores dos negócios e do mercado financeiro — uma tarefa que, segundo me parecia, era dever e privilégio da esposa, mas que eu nunca tivera coragem ou sequer a ideia de tentar realizar.

Como já insinuei, nem eu compreendia o meu marido, nem ele me compreendia a mim. No momento do nosso casamento, eu devia ainda estar entregue aos meus livros ou a passear pelos campos. Não estava preparada para enfrentar as realidades da vida ou para lidar com o mundo. As atenções apaixonadas de Joel conquistaram o meu coração solitário e agarrei-me a elas enquanto duraram; mas, quando ele as deixou esmorecer diante das crescentes exigências dos negócios, não fiz esforço algum para as manter — retirei-me, orgulhosa e triste, para dentro de mim, afastando-me dele cada vez mais à medida que os anos passavam.

Agora sei que o brilho da jovem que o atraía por um tempo tinha para ele o encanto de algo novo. Apesar de si próprio, começava a cansar-se do redemoinho perpétuo dos negócios; precisava de algo que o puxasse para fora dele. Não tínhamos filhos que lhe subissem ao colo e enchessem a casa com risadas. A esposa, ele via-a como uma mulher frágil e nervosa, alguém a quem convinha deixar tranquila, e não como alguém a quem pudesse confiar esperanças, planos e ambições da sua natureza mais vigorosa. Assim, cometeu o erro de me privar do conhecimento íntimo de si, ao passo que eu, por minha vez, também não lhe abria o coração.

Penso que, se Joel tivesse uma irmã como Sibyl, ter-se-ia voltado para ela em busca de alimento espiritual após as lides do escritório, tal como se voltava para esta encantadora estranha; mas na altura não percebia isso tão claramente como agora, e, assim, poupar-me-ia a muitos desgostos e horas de angústia.

O nosso hóspede, Edson Marks, permaneceu em Concord durante três dias; os negócios que o traziam ameaçavam reconduzi-lo à nossa casa em breve, e recebemos essa perspetiva com agrado. O vago mal-estar que senti ao encontrá-lo pela primeira vez desapareceu, pois, durante os dias em que esteve connosco, revelou tal cordialidade e um ar tão afável que dissiparam completamente a atmosfera de desconfiança que inicialmente me inspirara. As suas maneiras eram perfeitas, a postura irrepreensível.

Descobrimos nele uma capacidade especial para entreter. Movia-se nos mais altos círculos da sociedade, mas, o que mais me agradou, era um homem culto, apreciador das obras e autores que eu própria preferia. Discutindo temas de interesse mútuo, conhecemo-nos bem, e, ao despedir-se, foi como se partisse um amigo de longa data.

Sibyl Barton regressou à sua casa no dia seguinte à partida do nosso convidado, e Joel e eu voltámos à vida de sempre — ele tão absorto nos seus papéis e ações como antes, e eu, como de costume, demasiado reservada e tímida para tentar entrar na sua confiança. Foi assim que as coisas estavam quando Sibyl apareceu, num almoço ao qual se convidara sozinha, a anunciar que o pai — com quem vivia — fora chamado ao Oeste por uma viagem de negócios de três meses, lamentando a solidão que a ausência lhe traria. Joel animou-se de imediato e, no seu tom calmo e decidido, mas agora com um leve traço de entusiasmo, disse:

— Porque não passa esse tempo em nossa casa, Srta. Barton? Tenho a certeza de que a minha esposa ficará encantada com a sua companhia; está tantas vezes sozinha que deve ser-lhe aborrecido. Farão companhia uma à outra.

O que poderia eu fazer ou dizer? O tom era tão cordial, tão sincero. Se tivesse sido fiel a mim própria e expressado a objeção que me queimava o peito, teria ferido o meu marido e ofendido a nossa convidada. Assim, reprimi o meu incómodo e, com um sorriso, apoiei o convite, com a maior cordialidade que pude simular. Foi aceite, e, poucos dias depois, concretizado.

A nossa vida mudou pouco, exceto no facto de que Sibyl recebia os sorrisos, as piadas e os olhares calorosos que eu tanto teria valorizado, e que, para desfrutar da sua companhia, o meu marido deixou de lado os seus afazeres mais de uma vez.

Dez dias depois da chegada da jovem à nossa casa, Edson Marks reapareceu para uma estadia indefinida. Passava os dias fechado com o meu marido, discutindo certos investimentos em que ambos estavam interessados. Para mim, a presença do visitante trouxe uma agradável

mudança. Na sua conversa, encontrava distração das preocupações que me afligiam; ouvindo-o ler ou comentar algum autor que eu apreciava, deixava de me inquietar com a rapariga que, com canções alegres ou palavras espirituosas, prendia a atenção de Joel Howard.

Havia algo de estranho e fascinante neste homem que me inspirava. Passei a esperar pela sua presença e a sentir-lhe a falta quando se ausentava. Sorri, pensando: “Se Joel encontra distração na companhia de outra, ele verá que eu também posso fazê-lo.”

Assim o tempo foi passando. Movida pelo desejo de retribuir a negligência do meu marido e pelo alívio que encontrava nas palavras e na presença deste homem decidido e de espírito forte — cuja força magnética e poder de vontade influenciavam todos os que com ele contactavam —, não sonhava com o perigo que me cercava, nem com o abismo para o qual me aproximava.

Dia após dia, respirava inocentemente aquela atmosfera envenenada, contente com a chegada do homem que tornava as horas agradáveis, e sentindo pesar quando afazeres exteriores o afastavam. Como ou quando comecei a pensar, com angústia, no momento da separação, não sei dizer. Nessa altura, já me tinha convencido de que Joel nunca me amara e que a minha presença lhe era desagradável. Por vezes, pensava em partir para sempre. Era tão amargo permanecer como peso para alguém que não se importava comigo… e, ao mesmo tempo, perceber que começava a voltar-me para alguém que, pela honra, não podia amar, era-me insuportável.

Quero passar rapidamente por esta parte da minha história, pois ainda hoje me é dolorosa de recordar. Arrastada pelo turbilhão das circunstâncias, não só escutei as palavras do homem que teria sido a minha perdição, como silenciosamente consenti em fugir do lar que tanto sofrimento me trouxera. Encontrar-nos-íamos numa cidade distante, cada um viajando sozinho e por rotas diferentes, para evitar suspeitas; daí seguiríamos de navio para a Europa.

Três dias depois da partida de Edson Marks da minha casa, juntei o dinheiro e os valores que possuía, arrumei algumas roupas numa pequena mala e, com um breve bilhete ao meu marido dizendo que nunca mais me veria, deixei a casa para nunca mais voltar.

Essa noite passei-a num hotel de Boston — mas que noite! Deus permita que nenhum ser humano a conheça igual. Até então, não tinha cometido ato criminoso algum; o meu erro fora aceitar as atenções daquele homem que, apesar de tudo, eu não amava. Sentia-me presa por ele, presente dia e noite no meu pensamento. Consentira em fugir com ele para além-mar e, no

entanto, se o meu marido tivesse aparecido nesse momento, morreria aos seus pés por uma palavra ou sorriso de amor.

Como o desejei nessa noite! Como rezei e ansiei por ele! Certamente teria encontrado o meu bilhete — não viria procurar-me? A oração da minha mãe pelos que erram veio-me aos lábios. Eu era a pecadora necessitada de misericórdia. Não enviaria o bom Deus alguma força para me sustentar? Não me deitei; percorri o quarto até o dia clarear. Por um instante, segurei uma pequena faca contra o peito e ponderei se não seria melhor acabar de vez com o meu sofrimento, mas algo me deteve, e uma força que eu não compreendia impeliu-me a prosseguir na viagem que empreendera.

No dia seguinte, segui caminho e, em vinte e quatro horas, estava com o homem que me seduzira a sair de casa. Uma convicção, no entanto, formara-se em mim: precisava quebrar o feitiço que me prendia, não podia ser nada para aquele homem. Porque não tentei evitá-lo, em vez de manter o encontro combinado, não sei explicar; agora percebo que foi porque o seu poder psicológico ainda me impelia, embora forças superiores estivessem já a trabalhar para me salvar.

Encontrámo-nos, mas o encontro foi tempestuoso. Recusei terminantemente seguir com ele além-mar. Ele acusou-me de o ter enganado; chamou-me insensata; disse que o meu marido me desprezava e que se livraria de mim para casar com a mulher por quem, segundo ele, todos sabiam que se interessava. As suas palavras deixaram-me desesperada, mas mantive-me firme. A cada instante, o poder que exercera sobre mim parecia enfraquecer. No meu íntimo, pedi orientação e creio que a recebi. Por fim, abandonou-me, frustrado e contrariado.

Aparentemente, esperava que eu ficasse no hotel nessa noite, mas saí às escondidas e apanhei o primeiro comboio para Filadélfia.

Não tinha qualquer intenção de regressar a casa. Quem acreditaria na minha história? Ninguém me absolveria da culpa pela escapadela que cometera. Não duvidava que o meu marido e Sibyl Barton soubessem que eu tinha fugido com Edson Marks, e a ideia de os enfrentar novamente era-me horrível.

Consegui um quarto sossegado na cidade e instalei-me para contemplar a situação. Era uma proscrita e uma estranha, absolutamente sem lar nem amigos; arrastada para esta condição por forças além do meu controlo e completamente sozinha, sem simpatia alguma no mundo inteiro. Penso que, durante algum tempo, devo ter andado aturdida, pois semanas se passaram antes que compreendesse plenamente a minha posição ou tentasse erguer-me acima dela.

CAPÍTULO V

A ERRANTE

Passava horas sentada junto à janela do meu pequeno quarto, olhando distraidamente para a rua. As casas silenciosas do outro lado, com os seus estores brancos, pareciam sempre fechadas, sem qualquer sinal de vida ou movimento que me chamasse a atenção. Não pegava em livro ou jornal, nem empreendia o mais simples trabalho. Limitava-me a esperar, esperar por algo — não sabia o quê. Não tinha recebido qualquer notícia de casa durante as três semanas da minha ausência. Sibyl devia ter deixado a nossa casa quando sentiram a minha falta.

Perguntava-me, vagamente, se ela acabaria por ser ali instalada no meu lugar, mas isso era pensar muito à frente. Estaria morta antes disso. Seria a morte o que eu estava à espera? De Edson Marks não tinha surgido qualquer sinal. Estremecia ao lembrar-me do precipício de ruína sobre o qual estivera. Estava exilada, sem lar nem amigos, mas ainda conservava a minha honra — embora sorrisse com amargura ao lembrar-me de que o mundo não acreditaria.

Certa vez, ao estar assim sentada, vi ao longe, descendo a rua, uma figura magra, que se movia lentamente. Era uma jovem e, à medida que se aproximava, notei, de forma vaga, que a sua roupa estava gasta e desbotada, parecendo restos de dias melhores. Quando a infeliz chegou junto à casa em frente à minha janela, cambaleou e caiu, batendo com a testa no degrau de mármore. O acidente despertou-me como nada o fizera, e, levantando-me de repente, desci as escadas a correr e saí pela porta da frente, seguida de perto pela minha senhoria, a quem a minha pressa chamara a atenção.

A rua, normalmente muito sossegada, estava agora deserta. Juntas, erguemos a jovem e levámo-la para dentro da casa. Estava completamente inconsciente e só ao fim de uma hora de esforços conseguimos trazê-la de volta; por fim, abriu os olhos azuis e olhou em volta, com ar de espanto.

A minha senhoria era uma bondosa velhinha quacre, que completava o seu magro rendimento alugando dois ou três quartos na casa, e agora o seu coração afetuoso voltou-se para a recém-chegada, dizendo:
— Pronto, criança, descansa um pouco; isso vai fazer-te bem. Tiveste uma queda feia e estás fraca. Vou buscar-te uma chávena de chá antes de ires para casa. — E saiu do quarto para cumprir a promessa hospitaleira.

Ao ouvir a palavra “casa”, os olhos da estranha encheram-se de lágrimas, e ela murmurou:
— Casa! Eu não tenho casa. O mundo é todo escuro e cruel para mim. Oh! Por que não morri quando caí!

Senti, naquele instante, uma compaixão de igual para igual. Eis outra, mais nova, mais indefesa e desesperada do que eu. Outra sem lar nem amigos. Seria esta a oportunidade pela qual eu esperara? Seria este o trabalho que me estava destinado? “Oh, Deus, mostra-me o verdadeiro caminho!”, clamei no fundo da alma.

Passando a mão devagar sobre a testa ferida da rapariga, murmurei:
— Tens aqui amigos e não serás posta na rua esta noite. Eu vou ajudar-te, se puder.

— Oh, senhora, quem é você? Parece um anjo de luz. Ninguém me chamou amiga desde… —

— Aqui está o teu chá, menina — interrompeu a Sra. Showers, colocando diante dela a chávena fumegante, que a rapariga não pôde recusar. Depois, ao ajeitar-lhe de novo a almofada no sofá, recomendei-lhe que descansasse um pouco e fiz sinal à senhoria para sairmos. Tivemos uma breve conversa no corredor, que resultou na decisão de preparar rapidamente um pequeno quarto para acolher a errante naquela noite.

Já na cama, aninhou-se por um momento entre os lençóis e, com os olhos marejados, disse:
— É bondade a mais… mas, quando me conhecer como sou, vai desprezar-me. Não devo enganá-la.

— Não te preocupes com isso agora; podes contar-me o que quiseres amanhã. Esta noite precisas é de sossego, a tua cabeça está muito magoada e precisa de repouso — disse eu, pousando a mão sobre o seu cabelo emaranhado, com um toque de autoridade.

A criança não teria mais de dezassete anos, e havia no seu rosto pálido uma expressão infantil que revelava a sua total incapacidade de lutar contra um mundo sem piedade. Obediente, nada mais disse, fechando os olhos cansados, e, poucos minutos depois, saí do quarto em silêncio.

Não sentia, há muitas semanas, tal impulso de ação e tal energia como naquele momento. Precisava de algo que me arrancasse à letargia que me consumia e me conduzia à beira da loucura. A aparição daquela criatura miserável, mais desamparada do que eu, trouxe-me o estímulo necessário para recuperar a lucidez.

Nessa noite, dormi como não fazia desde a minha fuga de casa. Há muito que me habituara a ficar de olhos abertos no escuro, com uma sensação de aperto na cabeça; mas agora senti alívio e deixei-me envolver por horas deliciosas de repouso.

Na manhã seguinte, fui ter com a estranha e encontrei-a melhor depois do descanso. A boa senhoria não a deixou sair, mantendo-a na modesta sala de estar e servindo-lhe um simples pequeno-almoço de chá e torradas. Depois de comer, contou-nos a sua história. Era a velha história de confiança e traição, de abandono, vergonha e desespero. Órfã, sem parentes próximos que se interessassem por ela, passara meses a arrastar uma existência penosa, ganhando o sustento como podia, até que, faminta, fraca e triste, caíra à nossa porta, vagueando sem rumo pelas ruas da grande cidade.

— Eu tinha decidido morrer, senhora — disse, olhando-me com os grandes olhos azuis. — Não há lugar para mim no mundo inteiro, e pensei que, se chegasse às águas do Schuylkill, elas me esconderiam para sempre. — E escondeu o rosto nas mãos, soltando um gemido.

— Tens de ficar connosco hoje, menina; precisas de abrigo e cuidados até recuperares forças — disse a bondosa quacre, dando uma palmadinha na almofada.

Nesse dia, conversei longamente com a minha senhoria. Fiz-lhe entender que estava sozinha no mundo e que seria para mim um prazer ajudar aquela infeliz a voltar ao caminho da virtude e da paz. Tinha ainda uma quantia razoável de dinheiro e algumas joias de valor, e insisti em pagar à Sra. Showers uma quantia para cobrir as despesas de manter a rapariga por algum tempo.

A roupa da errante, que nos disse chamar-se Annie Davis, estava em tão mau estado que precisava de atenção imediata. O meu próprio guarda-roupa era escasso — apenas o pesado traje cinzento de viagem com que saíra de casa e umas poucas peças de linho —, pelo que decidimos vesti-la provisoriamente com peças do mais vasto guarda-roupa da senhoria.

Quando lhe demos a notícia, Annie parecia incapaz de acreditar. Mas, assim que a realidade penetrou no seu espírito, o seu rosto iluminou-se com uma beleza quase celestial.

Em poucos dias, a transformação foi notória. À medida que recuperava saúde e forças, mostrava sinais de alegria e beleza há muito ausentes. Sentada na cadeira baixa, junto da Sra. Showers, vestindo um dos simples vestidos cinzento-acastanhados da boa mulher, com o cabelo loiro penteado e apanhado, era um quadro de paz digno de contemplação.

Desejosa de não ser um peso, Annie ofereceu-se para costurar, e, como eu precisava de renovar o meu guarda-roupa, aceitei de bom grado. Até então, fazia as minhas refeições, de forma irregular, em qualquer casa de pasto onde me encontrasse nas minhas andanças; mas, a partir desse momento, combinei com a Sra. Showers ficar também a fazer as refeições ali, passando nós três a formar uma pequena família. O único outro inquilino era um homem solteiro de cerca de trinta anos, capataz numa encadernação, que ocupava o quarto da frente no segundo piso e comia fora.

Com o tempo, e à medida que a força da nossa protegida crescia, notei que ela ficava inquieta e absorta. Acabei por perguntar-lhe a razão e percebi que a sua agitação vinha de uma mente perturbada pelo passado, que precisava de ocupação constante para encontrar paz. Como o meu dinheiro começava a escassear, sabia que teria de procurar forma de o aumentar.

Depois de muito pensar e conversar com a Sra. Showers, propus a Annie — cuja habilidade com a agulha já conhecia — que nos lançássemos juntas num pequeno negócio de confeção de vestidos e chapéus simples. A minha ideia era procurar clientela apenas entre os quacres — sabia que podia confecionar os vestidos simples, embora muitas vezes caros, das senhoras, e estava certa de que Annie, com um pouco de experiência, poderia fazer os seus característicos chapéus.

A proposta foi recebida com alegria pela rapariga e, com a ajuda e influência da nossa senhoria, pusemos o plano em marcha. Começámos no quarto das traseiras, no segundo piso.

Não tivemos de esperar muito por freguesas, pois a boa Sra. Showers tinha muitos conhecidos entre os “Amigos” da cidade e, com tal eloquência nos recomendou, que rapidamente ficámos cheias de encomendas. Annie tinha demonstrado um gosto especial pelo traje quacre, adaptando os seus simples vestidos de gingham e o seu único vestido de sarja às regras dessa indumentária, e eu decidira também adotá-la. Estava tão cansada do mundo que acolhi de bom grado o afastamento da vida antiga; a visão de joias ou de folhos, drapeados e enfeites entristecia-me, e os trajes simples e pitorescos dos quacres davam-me uma sensação de repouso.

Com o tempo, e à medida que o trabalho aumentava, comecei a considerar a conveniência de ampliar as acomodações para as clientes. Gostava da rua sossegada onde vivíamos e não queria mudar-me para um bairro mais elegante. Já falei das casas de tijolo em frente, que, nos primeiros dias depois da minha chegada, pareciam sempre fechadas e desabitadas. Eram duas, pequenas, simples e sem pretensões. Soube que pertenciam ao espólio de um abastado quacre, cuja herança tinha estado envolta em

disputas entre os herdeiros, mantendo-se as casas por alugar até à resolução do caso. Recentemente, a herança fora liquidada e as casas estavam disponíveis para arrendar.

Depois de alguma deliberação — e vendo que me era conveniente — aluguei uma dessas casas; precisamente aquela em cujos degraus de mármore Annie batera com a cabeça no dia em que surgiu na minha vida. Não tardou até que a minha ajudante e eu estivéssemos instaladas no novo lar. Éramos pessoas simples e as nossas clientes não eram exibicionistas; por isso, os móveis necessários para equipar as divisões precisavam apenas de ser sólidos e práticos, e a escolha não nos ocupou muito tempo.

A Sra. Showers lamentou perder as suas hóspedes, mas manteve-se nossa grande amiga, juntando-se-nos muitas vezes para uma chávena de chá, de forma vizinha e afetuosa, na nossa modesta cozinha. Não recebeu novos hóspedes no nosso lugar, preferindo arrendar os quartos que deixáramos a alguns jovens da encadernação.

Já mencionei o inquilino, capataz nesse mesmo local. Era um quacre afável, bem-apessoado, simples nos modos e no vestir, e sempre cortês. Por vezes passara a noite na pequena e acolhedora sala da Sra. Showers, em companhia das suas hóspedes, deixando sempre uma boa impressão. Ultimamente, William Johnson parecia mostrar um interesse especial por Annie Davis, trazendo-lhe de vez em quando um livro novo para ler, ou uma ou duas flores para a sua mesa de trabalho, e por várias vezes convidara-a para assistir com ele a palestras ou concertos noturnos. Observei este laço crescente quase com apreensão, sem saber onde poderia levar.

Desde que chegara até nós, Annie procurara mostrar constantemente a sua gratidão pelo lar e pelos amigos que encontrara. Lutara com coragem para se erguer acima da sua infeliz condição, e eu sabia que só pensamentos puros e bons habitavam o seu coração. O que o passado fora para ela, só Deus podia compreender e julgar. Em lágrimas e gemidos de angústia, purificara a sua alma — pois fora apenas por ignorância e pela inocência própria da juventude, que devia ter sido sua proteção, que errara e sofrera. Aquela rapariga, agora com apenas dezanove anos, era trabalhadora, pura de espírito, de boa aparência e motivo de honra para si própria e para quem a ajudara. Não seria, então, digna do amor de um bom homem?

Depois da mudança para o nosso próprio lar, as atenções de William Johnson continuaram, o nosso trabalho aumentou e a prosperidade cresceu. O Céu parecia sorrir-nos. Porque não poderíamos ser felizes juntas, na nossa mútua simpatia, independentes do amor dos homens?

Percebendo como as coisas avançavam, tive uma conversa séria com Annie e aconselhei-a a não encorajar mais o seu pretendente antes de ele conhecer a história da sua vida. A rapariga empalideceu até aos lábios com o meu conselho e deixou cair o trabalho, num gesto de desespero. Vi então quanto ela realmente estimava aquele homem, mas disse firmemente:
— Minha querida, é o melhor. Se te casares com um segredo no coração, ele destruirá a tua vida. Nunca conhecerás a paz com esse peso a oprimir-te, e cada dia ele se tornará mais terrível. Ele—

— Mas ele não me pediu para casar — interrompeu ela. — E se o fizesse, não conseguiria abrir a boca para falar desse assunto.
— Não; mas os teus amigos podem. Deixa que a Sra. Showers lhe conte a história à sua maneira delicada; assim veremos de que é feito.

Continuei a insistir até que, exausta pelas emoções, Annie consentiu, e fui imediatamente à quacre transmitir-lhe o recado. Nessa noite, a boa senhora cumpriu a tarefa que prometera, e William Johnson soube da vida de Annie.

CAPÍTULO VI

A CASA DE REFÚGIO

Passaram-se vários dias sem vermos William Johnson. Entretanto, soube pela nossa benfeitora quacre que ela lhe comunicara a história de Annie, e que ele a recebera com calma.

Com o rosto pálido e os olhos baixos, a minha ajudante passava os dias a trabalhar com a agulha, falando pouco e comendo menos. Eu podia imaginar o peso que lhe ia na alma, mas nenhuma palavra minha lhe poderia trazer consolo, e por isso calei-me.

Na noite do quinto dia, contudo, recebemos a visita do Sr. Johnson. Entrou na nossa pequena sala de estar com o seu ar habitual, e ninguém diria, pelo seu rosto, a luta que devia ter travado nos dias anteriores. A seu pedido, deixei-o a sós com Annie, apesar do olhar suplicante que ela me lançou para ficar.

Depois, a minha companheira contou-me o essencial daquela conversa. Pertencia apenas a eles e era demasiado sagrada para ser partilhada com o mundo; basta dizer que, conhecendo plenamente o seu passado, William Johnson se aproximou da minha Annie e, com um imenso amor, ternura e compaixão no coração, a tomou para si com uma nobre declaração de confiança e afeto.

— Deixa o passado morrer e ser esquecido — disse ele, selando o noivado com um beijo. — Viveremos apenas para o futuro. A tua sorte tem sido dura, mas a minha missão será torná-la cada vez mais luminosa até ao dia perfeito. Encontrar-me-ás cheio de imperfeições, e a tua paciência será posta à prova; mas farei o melhor para te proteger das durezas e injustiças do mundo.

Se Annie alguma vez encontrou no seu simples e tranquilo noivo "imperfeições", guardou o segredo, pois, quando falava dele na sua ausência ou sorria ao pensar nele durante o trabalho, dir-se-ia que o considerava o retrato da graça e virtude masculinas.

Três meses depois, a simples cerimónia matrimonial da "Sociedade dos Amigos" uniu William Johnson e Annie Davis. Não podia consentir em separar-me da minha amiga, e ela não queria deixar-me; por isso, ficou decidido que o casal passaria a viver na minha casa. A mudança não alterou a nossa vida simples. Annie e eu continuámos o trabalho como sempre, pois a noiva não sabia estar ociosa, e os dias prosseguiram como antes — apenas trazendo à minha mente ocupada um novo plano que comecei a partilhar com os meus amigos.

O trabalho multiplicava-se nas nossas mãos, até que me vi obrigada a procurar uma nova ajudante.

Nas minhas horas de reflexão, pensava muitas vezes nas vidas infelizes daquelas raparigas desventuradas que, como Annie Davis, poderiam ser salvas de uma existência de pecado e miséria com apenas um pouco de esforço e caridade cristã. Nas confidências que trocámos, Annie contou-me muitas histórias das suas antigas conhecidas e do quanto detestavam as correntes que as prendiam.

— Não creio que nenhuma delas continuasse no mesmo caminho se encontrasse encorajamento de homens e mulheres de bem para deixá-lo — disse-me ela uma vez. — Quero dizer, se alguma mulher verdadeiramente meiga e terna se aproximasse delas e, de forma afável, tentasse conduzi-las para fora do pecado; alguém que acreditasse que ainda lhes restava virtude e honra; que, reconhecendo os erros e as más ações, lhes pudesse pegar na mão e fazê-las sentir uma simpatia de irmã.

— Há muitos homens e mulheres bem-intencionados que pregam à pobre rapariga caída, e que, com avisos e terríveis exortações, tentam fazê-la prometer que será melhor. Talvez, nesse mesmo momento, o coração dela sangre de vergonha e desespero pela vida infeliz que leva, mas as palavras não chegam até lá, e pensam que ela está corrompida e endurecida no pecado. Podem até conseguir a sua promessa de mudar, mas não a veem

de novo durante dias ou semanas. Entretanto, ela já foi incompreendida e ridicularizada nos seus esforços honestos para se reformar. Falta-lhe a palavra amiga na hora mais escura da sua prova; desanima, revolta-se, e, quando o missionário volta, é tida como um caso perdido.

— Não — continuou, num tom pensativo e triste —, o que essas pobres criaturas precisam é de simpatia, de carinho e de um interesse real pelo seu bem-estar, todos os dias. Se me tivesses posto na rua quando vim ter contigo, teria voltado à vida antiga ou à morte. A tua bondade e a hospitalidade temporária da querida Sra. Showers teriam ganho a minha eterna gratidão, mas não me teriam salvo. Mas tu acolheste-me, alimentaste-me, vestiste-me e, mais do que isso, fizeste-me sentir respeitável — e isso afastou-me para sempre do mau caminho. Nenhuma das mulheres das ruas recusaria as oportunidades que eu tive… não sei… talvez Kate Arlington risse e as recusasse.

Era uma criatura selvagem e imprudente, um pouco perturbada, penso eu, que tanto lhe dava furtar a carteira de um homem como comer o jantar. Vi-a apenas três vezes, e assustou-me com a sua ousadia. Dizia que odiava toda a raça masculina e vivia para a explorar; mas acho que deve ter sido profundamente injustiçada antes de chegar a esse ponto. E foi a única, de todas as que conheci, que não chorou a sua miséria.

Que experiência a minha Annie deve ter vivido durante os dois anos em que arrastou a sua miserável existência nas ruas! Só tinha dezassete anos quando chegou até mim. Pobre rapariga! Quando, com voz de coração partido, me contava alguns episódios da sua vida triste, eu puxava-a para os meus braços e embalava-a como uma mãe consola a sua criança cansada.

De uma rapariga, em particular, que Annie mencionou, fiquei com desejo de saber mais. Chamava-se Hattie Willis e, pelo que me foi contado, devia ter sido uma criatura dócil e tímida antes de cair na vida que agora lhe atribuíam.
— Era sempre tão generosa e bondosa — dizia Annie.

Ela gastava pouco consigo mesma, mas muitos dólares tinham saído da sua bolsa para as mãos de alguma viúva solitária ou de um mendigo idoso. Gostava muito dela e, muitas vezes, implorou-me para deixar a cidade e não permanecer entre as suas tentações. Era muito bonita, com olhos claros e vivos, suaves e escuros, e pequenas madeixas castanho-claras que se encaracolavam junto à cabeça. Estava sempre bem-vestida, independentemente dos parcos recursos, pois conseguia fazer maravilhas com a agulha quando queria. Era três anos mais velha do que eu e, por vezes, fazia o papel de conselheira e amiga.

Aos poucos, fui conhecendo a história desta mulher através dos lábios de Annie; não era muito diferente da de tantas outras, apenas com a particularidade de ter uma mãe a viver em Lancaster, a quem não recorria para pedir simpatia ou auxílio, por medo de trazer desonra àquela mãe viúva.

Seduzida pelas palavras doces e pela influência pessoal de um jovem atraente, Hattie Willis fugira de casa com ele, apenas para ser abandonada poucos meses depois por quem deveria ter protegido a si e ao seu filho. Enfrentando a indignação, o desprezo e o choque, a rapariga passou por muitas experiências de desgosto e vergonha antes de entrar na vida de erro que ameaçava afundar-lhe a alma.

Quando o seu filho, a quem idolatrava, morreu com apenas três anos, a pobre mãe, de coração despedaçado, arrastou-se miseravelmente, desprezada pelos felizes e evitada pelos piedosos. Muitas vezes pensei nesta mulher e suspirei por ajudá-la. Fiz constantes perguntas, mas não conseguia encontrar pistas sobre o seu paradeiro. Acabei por envolver William Johnson na sua busca, e ele prometeu procurar por ela.

Precisava de uma ajudante, mas estava decidida a não a procurar nos lugares habituais. Preferia arriscar e receber em minha casa alguma criatura infeliz que, em troca de carinho, amizade e do conforto de um lar, aceitasse afastar-se da vida antiga e tornar-se uma membro útil da sociedade. Se não soubesse, de início, desempenhar as tarefas que lhe destinasse, eu mesma a ensinaria, para que aprendesse a ser autónoma e trabalhadora. O meu objetivo era encontrar Hattie Willis e oferecer-lhe um lar, mas só após alguns meses de procura conseguimos descobrir o seu endereço.

Através de um bilhete enviado por Annie, Hattie veio ter connosco, não para aceitar a proposta, mas apenas para ver a antiga amiga. As duas mulheres ficaram muito tempo fechadas juntas, e eu sabia que Annie lhe estava a contar a história dos últimos dois anos. Depois, fui apresentada e expus-lhe a minha proposta. De início, Hattie não conseguiu sequer considerá-la, tal foi o efeito da surpresa. Disse que precisava de tempo para pensar. Convidei-a a ficar uns dias connosco, para observar o nosso modo de vida. Ela aceitou, explicando que não sentiria falta da pensão onde vivia, já que costumava ausentar-se durante dias.

Era uma mulher de aparência distinta, um pouco contida, mas nada desajeitada. Vestia-se com simplicidade, podendo facilmente passar por uma pessoa de recursos modestos, mas de inteligência e boa educação. A nossa vida doméstica simples parecia transmitir-lhe serenidade, e percebi que ela sentia a influência acolhedora da casa. O ambiente era de descanso — algo de que ela carecia profundamente. Ao fim de alguns dias parecia já

uma de nós, mas manteve-se firme na decisão de partir, sem prometer voltar. Duas semanas depois, certa manhã, vi-a aproximar-se da casa, carregando uma grande mala. Ao abrir-lhe a porta, pousou-a nos degraus e disse:

— Vim para si… se me aceitar. Achei que não devia intrometer-me e que devia voltar à vida antiga. Mas era-me tão odiosa! Sofri tormentos nestas duas semanas. Se me aceitar, fico; se não… então… — E a frase ficou suspensa, terminando num gesto de desespero.

Recebi-a de bom grado em casa, e assim, de forma tranquila, tornou-se membro da minha família. Mostrou-se uma ajuda preciosa, pois, como Annie dissera, era uma excelente costureira. Pouco depois, também ela adotou o traje simples dos “simples”, talvez como alívio do aparato vulgar com que se enfeitavam as suas antigas companheiras de desgraça. Hattie era uma criatura de humores: às vezes tímida, abatida, triste; outras, inquieta, conversadora, cheia de energia; ou ainda revoltada, quase feroz na sua autocrítica. Mas nunca tive dificuldade em acalmar-lhe a agitação com um toque suave e uma palavra doce, ou em animá-la, falando-lhe da vida honesta e útil que tinha pela frente.

Éramos agora quatro em casa: Annie e o marido, Hattie e eu. Ainda havia espaço para mais duas ou três que precisassem de um lar. Tão bons frutos dera o esforço das minhas duas raparigas para conquistar uma vida honrada, que o desejo de ajudar outras queimava dentro de mim. Por Hattie, soube de vidas miseráveis que poderiam ser salvas com algum esforço, e decidi fazer o que estivesse ao meu alcance para resgatar essas “brasas ardentes” antes que se consumissem.

Não estava sozinha no desejo de ajudar; a minha família apoiava-me de corpo e alma.
— Traga-me duas ou três raparigas que aprendam a pensar direito, e eu prometo-lhes emprego na encadernação — disse William Johnson.
A boa Sra. Showers também prometeu ajudar, acolhendo e alimentando as que o William empregasse, ao preço mais baixo que pudesse praticar.

Assim, o trabalho cresceu. Conseguimos convencer duas irmãs a procurar um modo honesto de subsistência. Acolhidas pela bondosa quacre, receberam emprego na encadernação. Fizemos tudo para que se sentissem felizes, convidando-as a passar as noites connosco ou a almoçar ao domingo em nossa casa. Os jovens da “Sociedade dos Amigos” e do “Friendly Lyceum” também se associaram ao esforço, convidando “as nossas raparigas” para as suas reuniões e pequenos convívios. Destas, exigíamos decoro, ordem e cortesia — e não ficámos desiludidas.

Aos poucos, a minha casa encheu-se até sermos sete, pois acolhemos mais três mulheres desventuradas. Uma revelou-se excelente nos trabalhos domésticos e ficou responsável por manter as divisões em ordem. Outra, boa costureira, juntou-se ao nosso trabalho de confeção de vestidos e toucados. A terceira… bem, não sabíamos que fazer dela ao início, pois parecia incapaz em tudo e sem vontade de aprender; mas, por fim, consegui convencê-la a aprender a tricotar e a coser, e acabou por se tornar das mais trabalhadoras do grupo.

Com o aumento do trabalho, tornou-se clara a necessidade de o manter. As mulheres que tínhamos acolhido falavam-nos de outras que poderiam juntar-se a nós. Custava-me recusar ajuda a qualquer história de desgraça. O que fazer para ampliar o projeto com os recursos limitados que tínhamos? Acabei por conceber a ideia de alugar a casa ao lado, ligá-la à nossa e transformá-las num lar de refúgio para todas as que coubessem. Falei com os meus amigos e recebi muito encorajamento. Já era bem conhecida de um grande número de quacres, e foi a eles que dirigi o meu apelo.

Um homem virtuoso e temente a Deus, rígido no sentido de honra — e, suponho, sem pecados —, magoou-me profundamente com as suas severas condenações às que erraram, dizendo que deviam procurar ajuda apenas no Trono da Graça. O bilhete de dez dólares que deu para o projeto queimava-me na mão como brasa. Mas recebi também muitas palavras de simpatia e generosas doações que me alegraram o coração; senhoras e raparigas deram-me o que tinham, e maridos e pais ofereceram o auxílio que pedi com rosto benevolente. Um velho quacre, de feições simples e maneiras modestas, prometeu ser responsável pelo primeiro ano de renda da nova casa, ou até que ela se sustentasse sozinha, acrescentando com bondade:
— O mundo está cheio de lugares escorregadios. Se puderes ajudar os pés vacilantes a atravessá-los em segurança, o Senhor abençoará a tua obra. Eu serei o Seu servo para te encorajar.

Em pouco tempo, o plano concretizou-se e o lar — que chamei “Casa de Refúgio” — abriu os braços às que chegavam, pesadas de fardos e provas, em busca de abrigo.

CAPÍTULO VII
“A PEQUENA MÃE”

Não sentia nem capacidade nem desejo de empreender este trabalho sozinha, e passei muitas horas a tentar convencer os meus amigos de que precisava não só da ajuda silenciosa que me tinham dado, mas também dos seus nomes. Por fim, aceitaram formar uma espécie de associação para a gestão da “Casa”, com a condição de que eu ficasse à frente, tendo como conselho de administração William e Annie Johnson, Hannah Showers, James Stetson (o velho quacre que assumira a responsabilidade da renda) e eu própria, autorizados a receber e gastar quaisquer donativos que nos fossem feitos dali em diante.

A nossa tarefa não era fácil. As raparigas que ocupavam o novo lar não vinham espontaneamente pedir admissão. Era preciso ir procurá-las, persuadi-las, com muitos incentivos, conversas sinceras e paciência, a abraçar a nova vida e o trabalho honesto que lhes oferecíamos. Algumas eram dóceis e demonstravam um desejo genuíno de cumprir fielmente as suas funções; outras eram irrequietas, difíceis de satisfazer e pareciam sentir qualquer labor, mental ou físico, como um fardo. Ainda assim, creio que todas eram gratas pelo conforto doméstico que as rodeava e, no fim, até as mais rebeldes se tornavam ajudantes contentes, afáveis e dispostas.

Não acreditávamos na ociosidade para quem tivesse saúde e força. Ocupação para as mãos fortalece a mente. O hábito de trabalhar não deixa tempo para arrependimentos inúteis nem para pensamentos ociosos, e tornou-se um desafio encontrar tarefas adequadas para os diferentes temperamentos que nos chegavam. Algumas encontraram serviço na encadernação; outras receberam trabalhos de costura variados. James Stetson fornecia parte desses trabalhos a partir da loja de tecidos de que era sócio. Com o tempo, cada mulher passou a levar uma vida respeitável e capaz de se sustentar.

Depois de meses de treino em tarefas domésticas ou de costura, rodeadas pela atmosfera moral que procurávamos criar, algumas das nossas raparigas encontraram colocação como criadas, amas ou costureiras em casas da cidade. Não abrimos nenhum “escritório de emprego”, mas, à medida que o nosso trabalho e propósito se tornaram conhecidos, boas pessoas começaram a seguir o nosso progresso e, as mais destemidas, ajudaram-nos contratando para suas casas aquelas que já se tinham provado capazes e dignas, deixando assim espaço para que novas desamparadas viessem até nós.

A certa altura, fizemos uma nova experiência. Uma mulher, nem jovem nem bonita, mas com as marcas de uma vida dura no rosto, apareceu à procura

de uma companheira que outrora conhecera. Não sei bem como aconteceu que aceitasse ficar connosco algum tempo, mas suponho que a atmosfera tranquila do lugar atraiu o seu espírito atribulado. Essa mulher tinha grande energia natural e inteligência prática. Fora chefe de cozinha num hotel e conhecia o departamento culinário a fundo. Um dia, Mary surpreendeu-me oferecendo-se para ensinar às raparigas todos os tipos de culinária e, vendo que falava a sério — e pensando que isso desviaria a sua atenção da vida antiga —, consenti. Mary encontrou alunas dispostas, embora inexperientes, e não demorou até que os pães brancos, bolos deliciosos e outros petiscos que saíam das suas mãos atestassem o bom aproveitamento da nossa "escola de cozinha".

Mas a classe saía cara, e logo surgiu a questão de como torná-la rentável. Após muita conversa, decidimos abrir uma pastelaria e alugámos uma parte da casa da Sra. Showers, do outro lado da rua, para expor os nossos produtos. Logo começaram a chegar encomendas de pães, bolos, biscoitos, geleias, compotas e outras iguarias, à medida que se espalhava a reputação do nosso departamento culinário. Os quacres, entre os quais tínhamos a maior parte dos clientes, não eram todos tão simples de mesa como nós; muitos apreciavam as delicadezas gastronómicas, e para eles as nossas criações eram tentações que frequentemente resultavam em novas encomendas. Assim, abriu-se com êxito mais um ramo da nossa atividade.

As nossas protegidas nunca se sentiram dependentes, nem presas a correntes opressivas. Podiam entrar e sair, contanto que prometessem não voltar aos antigos locais nem retomar más companhias. Mantínhamos vigilância apertada, mas sem que o percebessem. Dávamos oportunidade de assistirem a palestras instrutivas ou de conviverem entre si; e, quando estavam aptas a exercer qualquer ofício, recebiam salário justo. Não o exigíamos, mas agradava-nos quando alguma optava pelo traje simples dos quacres em vez da moda mundana — cuja conquista agita tantas mentes — e, com o tempo, todas acabaram por adotá-lo.

As nossas práticas religiosas seguiam o modo da "Sociedade dos Amigos": passar uma hora na pequena e silenciosa casa de reuniões, ouvindo as palavras solenes de algum membro inspirado ou permanecendo em calma meditação, elevadas pelo silêncio e pelo ambiente de paz, quando nenhum se sentia movido a falar. Creio que isso servia mais às minhas raparigas do que qualquer outro culto poderia servir. Poucas adotaram a linguagem própria dos quacres, e eu própria não o fiz. Apesar de podermos passar por quacres no mundo exterior, pelo traje e maneiras, havia sempre diferenças suficientes para que os mais rigorosos entre eles soubessem que não pretendíamos ser o que não éramos por nascimento ou educação.

Desde o início — creio que guiadas por Hattie Willis — as raparigas começaram a ver em mim uma instrutora e conselheira. Tudo o que tinham para confessar era a mim que confiavam. Se alguma tinha problemas ou queria conselho, pedia-me uma conversa em particular. Procurava sempre recebê-las com simpatia e aconselhar com o melhor juízo que tinha. Interessava-me pelos seus assuntos. Não tinha nada por que viver senão por aquelas pobres criaturas, e a ideia de as encorajar a vidas úteis era um prazer para mim.

Passei a sentir um afeto profundo e genuíno por “as minhas raparigas”, como lhes chamava sempre, e não demorou até que me retribuíssem a confiança e o carinho chamando-me “A Pequena Mãe”. Orgulhava-me mais desse nome do que qualquer alto funcionário do seu título conquistado. Embora me tivesse sido negada a maternidade, o instinto de mãe era forte em mim, e cuidar daquelas criaturas — muitas, no início, mais indefesas do que bebés — trazia-me uma bem-aventurança serena; e a saudação “Pequena Mãe”, vinda de mulheres até mais velhas do que eu, dava-me uma satisfação impossível de descrever.

Tivemos poucos casos de má conduta e apenas um problema sério com todas as que passaram por nós. Jane Allen era turbulenta e procurava semear discórdia entre as companheiras. Acabei por ter de falar-lhe com firmeza, e ela saiu da minha presença, calada e carrancuda. No dia seguinte, desapareceu; a busca revelou que fugira levando vários objetos que pertenciam às residentes. Procurámo-la, mas sem encontrar pistas, e nunca mais a vimos.

Considerando as vidas de dureza que tinham levado e o desgaste mental e físico que necessariamente as afetava, era surpreendente ver como recuperavam a saúde e o vigor depois de entrarem na nossa casa. Apenas uma frágil criatura, débil e indefesa como uma criança, começou a definhar desde o início. Era de uma gratidão comovente por cada pequeno cuidado que lhe dávamos. Como se agarrava a mim, assustada, nas horas em que temia a morte; e como agradecia, com os olhos cor de violeta, quando lhe falava de esperança, fé e do amor de um Pai celestial. A sua história de inocência e confiança traída era das mais tristes, e só me restou rezar para que a paz viesse à alma de Lizzie Wing quando lhe cruzei as mãos brancas para o último descanso.

Durante os quatro anos em que permaneci como chefe nominal deste lar, nenhuma das minhas raparigas contraiu matrimónio. Embora considerasse que tinham resgatado o passado e, vivendo agora no trabalho honesto, com o espírito cheio de bons propósitos e pensamentos puros, fossem tão dignas e sem mácula quanto os homens com quem convivíamos, não as

encorajava a casar, pois acreditava que cada uma poderia encontrar uma carreira honrada e servir ao próximo igualmente bem sem assumir tais deveres.

Acredito na santidade do casamento, na pureza do lar e na família como base da sociedade; mas tantas mulheres são educadas apenas com o objetivo de fazer um bom casamento, e em tamanha ignorância das responsabilidades da vida, que me parecia melhor orientar as minhas para outros rumos.

Com o tempo, consegui convencer Hattie Willis a escrever à mãe, contando-lhe toda a sua vida. Custou-lhe muito fazê-lo, mas sabia que a prova lhe traria alívio. Na semana seguinte chegou a resposta: uma longa carta, cheia de amor e perdão maternos, implorando o regresso da filha. A mãe mudara-se da antiga casa para Chester, para onde a carta fora encaminhada: “Sou praticamente uma estranha aqui — escrevia — e ninguém precisa saber da tua história. Vem para mim, minha filha, e repousa o teu coração cansado no amor de uma mãe.

Trabalharemos uma pela outra e teremos uma vida confortável e feliz. Há mais de cinco anos que rezo por notícias da minha filha ausente. Deus ouviu e respondeu, e agora parece-me que não consigo esperar mais para te abraçar.” Muito mais escreveu no mesmo tom e, ao lê-la para mim, com voz entrecortada, as lágrimas corriam dos olhos da filha que, enfim, era chamada a casa. Naturalmente, aconselhei Hattie a ir para junto da mãe sem demora, e ela decidiu fazê-lo.

A despedida foi ao mesmo tempo triste e alegre. Eu lamentava perder a amiga que tinha feito, pois muitas das suas qualidades femininas eram-me muito caras, e alegrava-me por ela ser restituída à mãe; Hattie, por sua vez, sentia-se dividida entre a dor e a alegria perante a perspetiva que se abria diante de si. Alguns dias depois de nos deixar, recebi uma carta descrevendo a viagem até casa e a receção que tivera no fim: “A mãe tem um pequeno rendimento”, escreveu, “e isso, juntamente com o fruto do meu trabalho de costura, permitirá que vivamos confortavelmente.

Estou tão feliz quanto posso estar; e, quanto à mãe, há no seu rosto uma expressão que me faz pensar apenas em alguém que foi admitido no Paraíso.” Continuaram a chegar-me cartas subsequentes, cheias de ânimo e afeto, e todas as residentes da nossa casa ficavam sempre contentes por ouvir boas notícias da Hattie. Mais tarde, outras duas das nossas foram restituídas aos pais aflitos, e uma terceira foi enviada para um tio no Oeste.

Deus, no Seu tempo certo, enviou um anjo para se aninhar no coração de Annie Johnson e alegrar a vida das raparigas, que praticamente adoravam a

pequena recém-chegada. Callie era uma criança encantadora, o ídolo dos pais e uma fonte constante de alegria para todos nós. Creio que a presença desta criança no lar trouxe às residentes uma conceção mais elevada da vida, uma espiritualidade mais profunda, mais do que qualquer sermão poderia ter feito; e era realmente um prazer vê-las prestar homenagem à pequena autocrata que tinha vindo viver entre nós.

Mas devo apressar-me com a minha narrativa. Quanto a mim, levava uma vida dupla — exteriormente calma e controlada, interiormente revivendo o passado e lamentando os seus erros. É verdade que encontrava contentamento no meu trabalho, mas passava muitos momentos secretos em insónia e retrospeção. Uma tosse nervosa instalara-se no meu organismo, e, por vezes, espasmos de dor percorriam-me o corpo. Uma vez, ao ser acometida por um desses ataques, decidi escrever uma carta ao meu marido e colocá-la num local onde fosse encontrada entre os meus pertences, caso eu morresse.

E agora chego à data em que comecei a minha história. Como relatei no primeiro capítulo, adoeci com pneumonia e, durante dias, apesar dos cuidados que me foram dedicados, os sofrimentos foram intensos. Por fim, parecia sentir paz de espírito e alívio no corpo. Afundei-me no que me pareceu um sono de rosas, tal como descrevi, apenas para me ver misteriosamente transportada para a minha antiga casa em Concord, onde descobri a cegueira do meu marido e a verdadeira história da sua atenção para com Sibyl Barton, agora — e já há muito — feliz esposa do seu secretário de confiança.

Contei como fui retirada dessa cena precisamente quando vislumbrei o rosto espiritual da minha mãe santificada, e como, por um poder irresistível, fui reconduzida ao meu quarto, onde vi um corpo inanimado estendido na cama, rodeado por um grupo de amigos em pranto.

Não fazia ideia de quanto tempo tinha decorrido, mas hoje sei que devo ter permanecido nesses cenários durante três dias. Preocupava-me a tristeza dos meus amigos e perguntava-me por que não escutavam as minhas palavras de consolo. O que os afligia tanto? Uma espécie de torpor onírico envolvia-me, e nada compreendia claramente.

Só quando o corpo foi colocado no simples caixão, e li as palavras “Dorris Howard, com vinte e oito anos”, é que percebi o que acontecera. Estava morta, então! Morta! E aquele corpo pálido tinha sido o meu. Que coisa estranha! Não era nada como eu imaginara a morte. Permaneci até depois da simples cerimónia e da deposição do corpo no túmulo. Então senti um estalo súbito, como se algum cordão que me prendia tivesse sido cortado. Senti-me livre, e um júbilo percorreu-me ao pensar nisso. Já não tinha pena

das mulheres que choravam. “Elas vão desenrascar-se bem”, pensei. “William e Annie vão gerir a casa, e os amigos dela cuidarão dos seus interesses. Tenho de ir ter com o meu marido, que precisa de mim, e procurar o seu perdão.”

Naquele momento, não pensava em mundos espirituais. Nada sabia disso. Apenas me lembrava da minha antiga casa e do homem infeliz que fora ferido pela minha fuga impensada. Não sei como viajei até ele, mas pareceu-me que num instante estava ao seu lado. Permaneci ali, ansiosa por um olhar de reconhecimento ou uma palavra de perdão; mas ele não percebia a minha presença.

Houve dias em que parecia curvado sob o peso das desgraças, e outros em que o seu modo alegre e a sua fala enérgica não denunciavam qualquer sofrimento. James Eastham geria por completo as finanças do meu marido e era um visitante frequente e bem-vindo; muitas vezes vinha com a esposa, Sibyl, para animar o homem solitário com a sua conversa agradável e presença radiosa.

William Small, o amanuense do meu marido, era um jovem franzino e delicado, por quem senti logo especial simpatia. Quando ele estava presente, parecia-me ganhar mais poder para me aproximar do homem cego, e conseguia ouvir e ver mais claramente do que quando William estava ausente.

Um dia, trouxeram para a biblioteca uma carta que reconheci como sendo aquela que tinha escrito apenas para os olhos do meu marido. Devia ter sido encontrada depois da minha morte e enviada para o seu destino. Como era hábito, William Small abriu o envelope e começou a ler o conteúdo para o meu marido. À medida que o significado lhe ia sendo revelado, o rosto de Joel ficou mortalmente pálido, e ele inclinou-se para a frente numa postura intensa e expectante, dolorosa de ver, como se quisesse absorver cada palavra da carta, onde eu descrevia claramente a minha fuga, a causa, as consequências e a minha vida posterior.

Eu não estava menos emocionada do que ele enquanto escutava a leitura. Os espíritos podem sentir profundamente e sofrer intensamente — são todo nervo, toda sensação, toda perceção. Tinha passado por tanto sofrimento e arrependimento que agora parecia tremer em cada parte do meu ser; e, ao ouvir o lamento do seu coração torturado — “Oh! Dorris! Dorris!” — senti uma sufocação, e, num instante, perdi os sentidos.

CAPÍTULO VIII
EXPERIÊNCIAS ESPIRITUAIS

Não sei dizer se o meu desmaio foi de longa ou curta duração, mas, quando recobrei os sentidos, já não me encontrava na casa do meu marido. Estava sozinha e, ao erguer a cabeça da suave almofada para olhar em volta, percebi que nunca tinha visto aquele lugar antes. O meu leito era uma imensa cama de rosas — de um branco-creme e com um aroma fresco e doce. Eram tão densas e luxuriantes que me perguntei de onde poderiam ter vindo todas aquelas flores que o compunham.

O leito parecia estar numa espécie de pavilhão, coberto por finas trepadeiras, cujas folhas balouçantes deixavam entrever as árvores, os arbustos e as flores em flor, bem como o brilho de repuxos e o fulgor de estátuas dos jardins exteriores — tudo envolto numa luz suave e dourada que dava à atmosfera um tom peculiarmente quente, repousante e agradável à vista. Envolvida pela serenidade daquele cenário, recostei-me de novo nas almofadas perfumadas e fiquei de olhos abertos, aspirando aquele aroma que parecia trazer grandes goles de força a todo o meu ser. Não me dei conta da passagem do tempo; parecia-me natural deixar que os momentos corressem sem preocupação, nem me inquietava com o lugar onde estava, pois sentia com convicção que tinha direito de ali permanecer.

Assim fiquei até que um movimento ou leve rumor nas folhas me chamou a atenção. Erguendo os olhos, vi um rosto glorioso a fitar-me. Digo “glorioso” porque a luz de amor e ternura materna que o iluminava parecia transfigurar-lhe os traços, mas, mesmo assim, não tive dificuldade em reconhecer o rosto da minha mãe, há muito perdida.

Ela sorriu-me e avançou. Como se movia com graça, deslizando como se os pés tocassem apenas o ar! Que bela estava nas suas vestes de branco-creme, como se tivessem absorvido um tom daquele dourado ambiente. Quando falou, a sua voz soou-me como música — tão baixa, doce e comovente eram as suas entoações — e senti-me erguida, sem vontade própria, e atraída para junto daquela terna mãe, até nos fundirmos num abraço divino.

— Bem-vinda, minha filha, ao nosso lar celeste — foram as palavras que saíram dos lábios da minha mãe. — Há muito que espero por esta hora, tão cheia de reencontro jubiloso, tão plena de perfeita paz.

Não reclinei a cabeça no seu ombro como nos tempos de infância; em vez disso, parecia que me absorvia no próprio coração. Era uma sensação de descanso, alegria e satisfação tão grande que não consigo torná-la clara à compreensão humana. Não disse palavra, mas a plenitude da minha alma

falava por si, e a minha mãe não teve dificuldade em entendê-la. Assim ficámos, num abraço extasiado — a mãe, todo espírito, purificada, radiante, quase translúcida no seu ser espiritualizado; a filha, apenas parcialmente transfigurada, criatura nem totalmente do céu nem da terra, a respirar as glórias da vida celeste e, ainda assim, conservando algo das condições da existência terrena.

As vestes que eu usava eram suaves, mas não daquela qualidade luminosa que fazia as roupas da minha mãe emitirem reflexos ao mover-se. Os meus braços e mãos eram brancos e lisos, mas não de fibra tão delicada como os que me envolviam. Percebia de imediato a diferença entre nós, mas isso não me inquietava.

A minha mãe conduziu-me então para fora do pavilhão, por um caminho ladeado de flores, convidando-me a contemplar as belezas ao redor. Natureza e arte pareciam ter-se unido para criar aquele lugar encantador. Seria manhã ou fim de tarde? Não podia dizer. A névoa dourada cobria tudo com uma luz suave. As flores e os arbustos brilhavam como se estivessem salpicados de pequenas gotas de orvalho. Não havia humidade, mas a atmosfera enchia-me de uma deliciosa sensação de repouso.

Continuámos, passando por canteiros e taludes de flores de variadas cores, maciços de arbustos, pomares e bosques, até pararmos diante de uma modesta morada, brilhante e branca, como uma jóia de cristal no meio daquele cenário. Não era grande, mas possuía um encanto delicado só seu. Subimos os degraus esculpidos e entrámos no vestíbulo, de onde se abriam, de ambos os lados, salas que, à primeira vista, se via serem a morada da pureza e da paz.

Esses aposentos não eram separados por paredes, mas definidos apenas por colunas douradas; cada um tinha um estilo e cor diferentes, mas todos se harmonizavam de forma tão perfeita que o conjunto se fundia como as partes e cores de um quadro perfeito.

A minha mãe, de pé no centro daquele cenário requintado, parecia a figura central que dava vida e força à envolvência. Voltei-me para ela, que disse: — Esta é a nossa casa. Fui eu que teci as suas cortinas e preparei os seus adornos. Muito do material recolhi da tua própria vida, minha filha. Trabalhei para preparar este lugar para a tua chegada. Foi nobremente conquistado pelos teus esforços pelos outros. Bem-vinda ao teu lar espiritual, minha filha, bem-vinda a casa.

Não compreendi inteiramente as suas palavras na altura, mas sentia-me certa de que, fosse qual fosse o material que encontrara para adornar tão bela morada, devia ter sido obtido pelo seu próprio esforço incansável e

trabalho dedicado. O encanto daquele lar foi-se entranhando em mim — era tão belo, a sua atmosfera tão impregnada de paz, os seus detalhes tão atraentes, e a companhia da minha mãe tão plenamente gratificante — que, durante dias, contentei-me em viver ali, sem pensar no passado e nas suas experiências, nem no futuro e nos seus deveres.

Um dia perguntei à minha mãe pelo meu pai. Disse-me que estava ausente numa missão importante; que tinha mudado muito ao longo dos anos da sua vida espiritual, tornando-se mais brando de carácter e mais amadurecido em espírito; que agora condenava a sua antiga severidade e sentia que devia trabalhar entre os endurecidos e pecadores enganados, para, se possível, conduzi-los a uma vida melhor; que ele e ela tinham estado comigo na minha obra pelos errantes na Terra, influenciando-me de forma benéfica.

O meu pai estava agora associado a um grupo de espíritos sábios que exerciam influência sobre certos mortais em várias partes, procurando criar uma sintonia de pensamento sobre uma questão profundamente humanitária, de modo a gerar um sentimento público alargado que fosse eficaz para a felicidade humana.

A minha mãe apresentou-me aos seus amigos, todos me receberam com bondade e convidaram-me às suas casas. Visitei algumas, e encontrei cada morada diferente na construção, estilo e acabamento, todas refletindo de forma marcante o carácter dos seus habitantes. Ao entrar numa casa, percebia de imediato, pela atmosfera, a disposição e a natureza dos seus moradores. Numa delas, uma calma tranquilidade impregnava-me por inteiro, e o brilho de luz âmbar suave pelos salões dava-lhe um tom de esplendor dourado.

Noutra, sentia-me eletrizada por uma sensação de força, percebendo que os seus habitantes eram enérgicos e ativos de espírito, cheios de entusiasmo e prontos para ousar qualquer obra pela verdade; o ar dessa casa tinha o tom azul cintilante que por vezes se vê no clarão da faísca elétrica, causando uma rara estimulação.

Mas, no meio de toda a beleza e vida das minhas novas relações, comecei a definhar. As memórias renasciam em mim. Pensei nos dias passados, e a lembrança das injustiças sofridas pelo meu marido cresceu dentro de mim. Tornei-me infeliz, até já não conseguir conter-me. Aquele belo lar não podia ser morada para mim enquanto ele vivesse em silêncio e na escuridão da sua miséria. Precisava de ir ter com ele e buscar o seu perdão.

A minha mãe observava a luta no meu coração. Para ela, a minha vida era um livro aberto, podia ler-lhe todas as linhas; mas eu não tinha esse dom.

Embora vivesse no mundo espiritual, ainda precisava de aprender a conhecer as profundezas do meu próprio ser. Outros podiam penetrar nos segredos da mente, mas eu, mesmo em espírito, mantinha-me ligada a associações terrenas, sem conseguir elevar-me às alturas de conhecimento e poder que os meus companheiros tinham alcançado.

Por fim, contei à minha mãe a minha mágoa e revelei-lhe a minha decisão.

— Então não ficarás comigo? — perguntou. — Não é esta casa bela? Falta-lhe algum encanto ou detalhe que sintas ausência?
— É absolutamente maravilhosa, mãe! — exclamei. — Demasiado bela para mim. Não mereço tal lar enquanto ele está triste e só. Tenho de ir ter com ele; e só quando tiver obtido o seu perdão regressarei ao Paraíso que tu e outras almas amorosas criaram aqui.

E assim parti, mas não sem a bênção daquele coração tão terno. Voltei ao lar do homem cego. Ainda silencioso e triste, vivendo a sua vida solitária, lá estava ele, e eu tomei o meu lugar ao seu lado, na esperança de, um dia, ganhar poder para romper os laços do silêncio e dar-me a conhecer.

Semanas passaram em tristeza, pois a contemplação constante do destino sombrio de Joel só me trazia dor e remorso. Na cegueira física e espiritual, ele tateava, sem ver mais das belezas de um mundo do que do outro; e havia momentos em que a minha alma gritava de horror perante as suas desventuras.

Um dia, sentada aos seus pés em desespero, conhecendo apenas a mudez miserável que se abatera sobre mim, senti um toque suave no braço e, num instante, vi diante de mim o rosto angelical de um belo menino de sete ou oito anos, a sorrir. Tão radiante estava que me levantei para o abraçar, mas ele apenas se voltou e disse:
— Vem.

Conduziu-me para fora do quarto, até que me vi numa sala de mobiliário simples, onde estavam sentadas duas mulheres; a mais velha segurava um lápis suspenso sobre uma folha de papel na mesa diante dela.
— Aquela é a minha avó — disse o menino — e, às vezes, ela escreve para mim. Vou mostrar-te como a faço escrever. Esta outra senhora é a minha querida mamã. Foste tão boa para ela quando estava em dificuldades, que ela te amará sempre. Eu também. Escuta: a mamã fala agora de ti.

— Há algum bom espírito aqui esta noite, mãe? — perguntava uma das mulheres. — Gostava de ter notícias da Sra. Howard, a “pequena mãe”, como nós, raparigas, lhe chamávamos. Pergunto-me por que razão o Georgie não a encontra. Adorava que ela nos visitasse.

Reconheci de imediato aquela voz: era a de Hattie Willis, e aquela era a sua casa. Mais tarde soube, pelo menino, que a sua avó tinha recentemente desenvolvido a mediunidade de escrita e que, com frequência, a sua mão era usada por espíritos ansiosos por comunicar com os seus amigos terrenos.

O pequeno pousou então a mão na cabeça da mulher mais velha e disse, com voz clara:
— Avó, estou aqui, e trouxe a senhora de quem a mamã fala. Ela está aflita e quer comunicar-se com alguém no mundo dos vivos. Talvez a possas ajudar.

A mulher não parecia ouvir as palavras, mas, pouco depois, o seu braço começou a tremer e, num instante, o lápis que segurava começou a escrever as palavras que o menino proferira, recebidas com expressão de interesse e agrado pelas presentes.
— Agora tenta tu — disse ele, recuando e fazendo-me sinal para me aproximar.

Aproximei-me, e, pousando a mão sobre a cabeça da escritora, comecei a falar; mas percebi que, antes de poder formar as palavras, o lápis que ela segurava já traçava os pensamentos da minha mente. Assim foi escrita uma mensagem de amizade e saudação para Hattie Willis, que ela recebeu com alegria. Continuei, dizendo que gostaria de enviar uma comunicação privada a um amigo muito querido, e fui convidada pela médium e pela sua filha a fazê-lo.

Com a maior serenidade possível, concentrei a minha mente na tarefa, formulando os pensamentos que desejava transmitir a Joel Howard, os quais fluíram da ponta do lápis em palavras de arrependimento e pesar pelo passado, em sinais que confirmavam a minha presença e em mensagens de profundo significado destinadas apenas ao seu coração. Sem ler o que assim fora transcrito, a médium dobrou o papel e selou-o num envelope, mas, por algum motivo, eu perdera o poder sobre o seu cérebro e não consegui dar-lhe a morada para onde devia ser enviado.

Essa foi a minha primeira lição de comunicação consciente entre mortais e espíritos, e ainda tinha muito a aprender.

Não deixei o lugar por algum tempo, mas George assegurou-me de que o poder para aquela noite se esgotara e que teria de esperar outra oportunidade para concluir a minha missão. Fiquei desapontada; contudo, já tinha conseguido muito, e logo a reflexão trouxe-me a reconfortante certeza de que, pelo menos, tinha obtido resposta de alguém ainda na carne que

me conhecera na Terra e, assim, encontrara o caminho de comunicação entre dois mundos.

Não aceitei o convite de George para visitar o seu lar espiritual, mas, prometendo fazê-lo numa próxima ocasião, retomei o caminho para a casa do meu marido, deixando com o rapaz o seu endereço, que ele prometeu entregar à avó na primeira oportunidade.

Três ou quatro dias de expectativa se passaram para mim antes que a carta fosse entregue a Joel. Tinha acabado de chegar pelo correio, e o amanuense apressou-se a abri-la. O rosto pálido do leitor corou ao ler as poucas palavras de explicação escritas pela Sra. Willis, e ele hesitou como à espera de instruções.

— Isto é muito estranho — disse o meu marido. — Não acredito em comunicação com espíritos. Mas, já agora, leia o que a mulher escreveu.

Sem mais hesitação, o jovem leu em voz clara e firme as palavras que eu tinha ditado alguns dias antes.

— Meu Deus! Meu Deus! Será possível? — exclamou o ouvinte, com voz embargada, assim que a leitura terminou. — Parece a própria Dorris; e muito do que está escrito só era conhecido por mim e por ela. Que poderá isto significar? Terei estado completamente cego? Oh! Quem me há de esclarecer este mistério?

O jovem inclinou-se para a frente e disse:

— Sr. Howard, para mim a comunhão espiritual é uma verdade sagrada. Desde a mais tenra infância que, por vezes, vejo formas invisíveis para outros e ouço vozes que os meus companheiros não ouvem. Creio que esta mensagem é genuína. Além disso, penso que já vi o espírito que a ditou. É de pequena estatura, pálida e delicada, com cabelo castanho-avermelhado. Aproxima-se de si, inclina-se sobre si e sofre por não poder vê-la.

CAPÍTULO IX
LUZ, FINALMENTE

Enquanto o jovem, inspirado por uma influência à qual não conseguia resistir, continuava a falar com o meu marido, senti-me atraída para ele cada vez mais, até ficar completamente absorvida na atmosfera magnética do seu ser. Antes que me desse conta, percebi que o orador repetia os meus pensamentos, usava as minhas expressões habituais e incitava o ouvinte, meio atónito, a aceitar as verdades que eu — ou o instrumento que então usava — tentava imprimir-lhe na mente.

Senti, mais do que vi, a presença de outros espíritos, e apercebi-me de que estavam a exercer poder sobre o homem cego para lhe despertar a compreensão. Finalmente percebi que o que antes me parecia serem nuvens de vapor — geradas pela dúvida, incredulidade e desconfiança na sua mente — se transformavam em sombras flutuantes que gradualmente se dissipavam, deixando um delicado halo de neblina à volta do seu cérebro. Então, quando a voz do orador cessou e o brilho de entusiasmo desapareceu dos seus olhos, tornei-me consciente da aproximação desses seres que até então apenas pressentira.

Com eles veio uma torrente de luz que iluminou a sala e envolveu todo o ser do homem que eu tanto ansiava alcançar. Ele recostou-se na cadeira, como em meditação, e os pensamentos que lhe percorriam o cérebro destacaram-se nessa atmosfera dourada em linhas tão claras para mim como palavras impressas numa página. Li-os com avidez, e o meu coração vibrou de alegria ao ver formarem-se novas esperanças, crenças renovadas e aspirações mais elevadas na mente do meu amado.

Nessa noite, um grupo de espíritos protetores velou junto ao leito de Joel Howard. Exerceram sobre o seu corpo físico uma influência apaziguadora e, ao mesmo tempo, estimularam a sua compreensão inteligente com o seu magnetismo concentrado. Durante horas ele ficou a meditar nos problemas que lhe haviam surgido à mente, e pouco a pouco foi-lhe nascendo a convicção de que a imortalidade e a comunicação espiritual são verdades abençoadas e demonstráveis aos sentidos do homem mortal.

Entre essa assembleia de espíritos reconheci rostos familiares: amigos que me tinham sido gentis na casa espiritual da minha mãe, mestres sábios que me haviam prometido ajuda e instrução em qualquer momento de necessidade; o de minha própria mãe, que me sorria; e, junto dela, o de meu pai, com expressão menos austera do que outrora, agora iluminado por uma brandura que revelava o seu valor espiritual; e ainda o da mãe de Joel, que contemplava o filho com terna ansiedade.

Pela manhã, o pensador caiu num sono leve, permanecendo consciente do que o rodeava. O seu espírito, agora, estava parcialmente liberto das amarras e limitações da carne. Os cépticos poderiam dizer que sonhava, ou que as longas vigílias e horas de reflexão lhe tinham causado um estado de ilusão. Mas não era assim. O imenso poder exercido sobre ele pelo grupo de espíritos vigilantes tinha afrouxado os laços da matéria e elevado a sua alma a um estado espiritualizado; e assim, quando as asas leves do sono o envolveram, abriu-se-lhe a visão interior, e ele viu, de pé junto ao leito, a esposa que perdera e chorara.

Estendendo-me as mãos, exclamou:
— Dorris, minha pequenina, vieste mesmo ter comigo? Esperei tanto tempo.

Temendo perturbar as condições que lhe tinham aberto a visão espiritual, murmurei mais do que disse:
— Voltei para velar pela tua vida, para proteger os teus dias de qualquer mal. Venho implorar perdão. Perdoa! Perdoa!

Ele ouviu e compreendeu, pois um sorriso de paz indizível iluminou-lhe os lábios e todo o semblante ao responder:
— Perdoo-te do fundo da alma, como espero ser perdoado. Mas não me deixes, querida; preciso de ti.

— Estarei contigo — respondi, e uma paz profunda, que o mundo nunca me dera e que a vida nunca me tirou desde então, caiu sobre o meu espírito.

Quando o meu marido se levantou nessa manhã, era um homem novo. É certo que a escuridão ainda lhe selava a visão exterior, e provavelmente assim ficaria enquanto vivesse na Terra, pois os melhores oculistas do país já lhe haviam assegurado que o nervo ótico estava completamente paralisado; mas a luz chegara à sua alma — luz, finalmente, com alegria e entendimento — e um novo sentido de verdade, acompanhado de uma convicção mais elevada de justiça, tinha entrado no seu coração.

Nesse dia, teve uma longa conversa com o seu amanuense, recebendo desse jovem muitas informações sobre o objetivo e a utilidade da mediunidade, bem como sobre as doutrinas, ensinamentos e trabalhos do Espiritualismo. Encarregou o escriba de escrever uma carta à Sra. Willis, agradecendo, com gratidão, a receção da comunicação espiritual que ela lhe enviara, dizendo que qualquer nova mensagem da mesma origem seria bem-vinda, e pedindo que aceitasse, da parte dele, a ordem de pagamento anexa como prova do apreço pela bênção que lhe tinha concedido.

Nas semanas seguintes, mantive-me junto do meu marido, utilizando ao máximo a minha influência para fortalecer a sua mente nas novas esperanças e convicções. Sugeri-lhe que pedisse ao seu escriba para

adquirir literatura espiritual que este considerasse útil e instrutiva, e muitas horas foram passadas pelo novo estudante a ouvir as palavras de sabedoria e consolo lidas pelo companheiro a partir das obras que comprara.

Por vezes, o amanuense entrava em estado clarividente e conseguia ver e descrever ao patrão as suas visitas espirituais, momentos esses de bênção inestimável para o homem atento e ansioso. Ocasionalmente, também Joel caía num estado espiritual semelhante ao que experimentara na noite já referida, e, por algum tempo, regozijava-se na visão dos seus entes queridos, assim como na possibilidade de conversar com eles.

Um dia, Georgie veio ter comigo e disse:
— Os sábios dizem que podes ampliar o teu campo de utilidade se não passares todo o tempo aqui. Ele ficará bem se o deixares algumas vezes, e isso será bom para ambos, porque poderás aprender e fazer muitas coisas que te darão poder. Se passares todo o tempo aqui, vais esgotar as tuas forças; mas, se fores embora de vez em quando, poderás voltar com novas energias para lhe dar.

Pareceu-me compreender a razão destas palavras e, embora relutasse interiormente à ideia de deixar o meu protegido, admirei-me com a sabedoria assim proferida por um mero menino. Mas ele sorriu com ar maroto e continuou:
— Acho que gostarias de lhe enviar uma boa carta, bem longa, e podes fazê-lo esta noite. A mamã e a avó vão sentar-se daqui a meia hora, e tudo está preparado para que possas lá chegar. Depois, prometeste visitar o meu lar espiritual, e poderias ir comigo para lá depois de as veres. Vai fazer-te bem.

A perspetiva de enviar uma comunicação ao meu marido decidiu-me, e de imediato manifestei o desejo de acompanhar a criança até à casa da mãe. Não demorámos na viagem, pois, para um espírito intenso, querer é realizar, e, em quase um instante, lá estávamos. Era como o menino dissera: encontrei as participantes tranquilas e em boas condições, e não tive dificuldade em anunciar a minha presença. As mulheres receberam-me com carinho e ficaram muito felizes por anotar a longa mensagem que preparei para ser enviada a Joel. Depois, à medida que o meu poder enfraquecia, voltei-me para Georgie e disse:
— Agora, querido, vou contigo e ficarei feliz por ver o teu lar espiritual.

Não viajámos tão depressa como antes; a minha vontade parecia enfraquecer; sentia-me lânguida e fraca. Notando-o, o meu guia disse:
— Vais encontrar forças lá. É porque gastaste todo o teu poder magnético com ele, e agora este último esforço para lhe enviares uma carta pela avó deixou-te mais fraca. Ele reteve-te de tal forma que viveu na tua atmosfera e

esgotou-a. Os sábios tinham razão ao dizer que precisavas de uma mudança.

Há um trecho nas Escrituras que diz: “Da boca dos pequeninos e das criancinhas de peito…”, e ali estava uma ilustração viva dessa verdade. A carta que eu escrevera a Joel foi-lhe enviada no dia seguinte, mas eu não sabia que, juntamente com ela, ia também uma de Georgie, explicando ao meu marido que não era prudente manter-me junto de si a cada instante, movido pela ânsia da minha presença, pois isso esgotava tanto a sua vitalidade como a minha; mas que, se ele me permitisse liberdade para vaguear pelos domínios espirituais e cumprir os deveres que me fossem destinados dessa forma, eu ganharia poder para abençoar a sua vida de maneiras mais amplas e desenvolver plenamente as minhas próprias capacidades espirituais.

Pouco depois, Georgie, que ajustara o passo ao meu caminhar vacilante, conduziu-me à sombra de um bosque agradável, que parecia fazer parte de um extenso parque. Era um lugar belo, com canteiros de flores, pequenos lagos e margens suaves, compondo um cenário encantador. Sentando-me sob os ramos generosos de uma árvore nobre, o menino disse:
— Respira esta atmosfera enquanto vou procurar Lona. Ela é a minha professora e vai dar-te as boas-vindas.

Desapareceu, e eu recostei a cabeça ao tronco, aspirando grandes goles daquele ar vivificante, cada um deles parecendo infundir novo vigor no meu corpo. A atmosfera deste lugar não era dourada, como a da serena casa da minha mãe. Era límpida, com um tom azulado, como as águas no verão. Percorria-me o corpo todo como um vinho raro, fortalecendo-me de uma forma de que eu estava carente. Pouco depois, o meu pequeno amigo voltou, trazendo uma bandeja feita de folhas e flores, sobre a qual repousava uma pilha de frutos de aspeto delicioso.

— Come — disse ele, colocando-a no meu colo, e desapareceu de novo. Obedeci. As suculentas esferas doces derretiam-se-me na boca; não tinham polpa fibrosa nem casca para deitar fora — todo o fruto se desfazia em gotas de néctar delicioso. Na casa do meu marido, eu não tinha tomado alimento diretamente, mas sentava-me à mesa com Joel, sentindo satisfação apenas no aroma que se desprendia dos vapores da sua comida, o que bastava para afastar qualquer fome. Agora, ao levar aqueles frutos aos lábios, recuperei-me por completo, dissipando-se o último vestígio de fraqueza e languidez.

O menino voltou, desta vez acompanhado por uma senhora alta e graciosa, de olhos azuis claros e lábios sorridentes. Com a mão estendida, saudou-me e disse:

— Esperei muito por este dia. Tu não me conheces, mas eu conheço-te. Sê bem-vinda, querida senhora, e encontra descanso neste lugar luminoso.

Com um gesto, abrangeu o que me parecia um vasto parque:
— Todas estas amplas terras são as casas dos nossos pequenos. Aqui são ensinados, cuidados e amados. A liberdade radiante da infância permeia o ar. A leveza das vidas infantis é sentida por todos os que aqui entram. Bem-vinda ao nosso lar.

A senhora não me pareceu uma estranha, e senti-me à vontade, como na presença de uma amiga antiga.

— Aqui chamam-me “Lona” — prosseguiu —, mas na Terra fui Ann Davis. Sou a mãe de Annie Davis, a quem salvaste de uma vida de desespero nas ruas de Filadélfia. Vigiei durante muito tempo os passos da minha filha transviada, mas não pude controlá-los até que a acolheste. Então, ganhei poder para ajudá-la. Agora é uma esposa e mãe feliz, como sabes, encontrando a sua bênção no seu lar e cuidando das raparigas na Casa de Refúgio que abriu os braços para lhes dar abrigo.

Foi uma revelação agradável. Lona explicou-me mais: o seu grande amor e compaixão pelos desafortunados levaram-na a cuidar das pequenas almas que chegavam ao mundo espiritual vindas das ruas da Terra, e assim lhe foi atribuído o papel de professora e guardiã nesse vasto parque espiritual, onde se reuniam muitas almas maternais como a sua, e corações paternais de benevolência e sabedoria, cuja missão era guiar e instruir os “rejeitados” da vida humana, educando-os através de ambientes belos e verdadeiros.

Hattie Willis, nos dias de infortúnio, dissera muitas palavras gentis a Annie Davis, o que atraiu Lona até ela. Por isso, quando Hattie, em desespero, foi chamada a deixar a vida do seu filho adorado, Lona, com ternura e amor, estava pronta para o receber e conduzir ao seu lar feliz no mundo dos anjos.

Tudo me parecia tão claro, e olhei com alegria para o cenário diante de mim. Saímos do bosque silencioso e encontrámos grupos de crianças alegres no parque — algumas seguiam os professores nas lições, demonstradas por exemplos práticos; outras corriam e brincavam livremente; outras, recém-chegadas e ainda sem forças, balançavam-se em redes transparentes ou descansavam na relva, os rostos pálidos ganhando cor sob a influência do lugar.

Pude vaguear à vontade, entrando em algumas das casas. Eram simples na construção e mobília, mas puras e acolhedoras, cheias de pequenos enfeites que as crianças adoram. Era realmente um mundo infantil, onde até os adultos — sábios, inteligentes e elevados — tinham entrado na esfera de

simplicidade e franqueza que caracteriza a vida natural da infância. Era um vasto jardim de infância, onde cada estudo apelava aos sentidos e era tornado claro para a mente em crescimento por meio da demonstração prática na vida objetiva.

Fiquei como hóspede de Lona durante um período equivalente a quatro dias na Terra, embora me parecesse muito menos. Recuperara forças e queria regressar ao meu marido, de quem sentia necessidade. Despedi-me prometendo voltar muitas vezes e voei para o lar terreno onde o meu afeto permanecia.

Encontrei Joel rodeado de alguns amigos, entre eles os Eastham e o nosso amanuense. Ele contava aos presentes algo das suas experiências e ensinamentos mais recentes em Espiritualismo, e todos pareciam muito interessados. Uma prancheta estava sobre a mesa, e a mão de Sibyl Eastham pousava levemente sobre ela.

— Disseram-me — disse a jovem — que possuo um poder oculto, mas nunca vi prova disso.

Aproximei-me e coloquei a mão no seu braço. Ela sobressaltou-se como que tocada por eletricidade, e estremeceu. Pouco depois, a prancheta começou a mover-se sob os seus dedos e, por fim, a escrever audazmente, traçando estas palavras:

“Sibyl, é verdade, és médium, e eu, Dorris Howard, prová-lo-ei. Quando estiveres sozinha, virei assim para escrever contigo. Por agora, diz ao meu marido que estou aqui com o meu amor.”

Era uma mensagem simples, mas despertou muito interesse entre todos, e perguntas começaram a chover sobre a prancheta, às quais respondi o melhor que pude. Depois de os convidados partirem, percebi pelo pensamento do meu marido que ele tinha recebido com gratidão a minha comunicação escrita através da Sra. Willis e soubera também do esgotamento que eu sofrera por lhe estar demasiado próxima. Agora estava disposto a receber-me sem a antiga ânsia que me retinha.

Nessa noite trouxe-lhe novas forças, permanecendo com ele enquanto lhe pude ser útil, retirando-me depois para recuperar energias, por mim e por ele. Não esqueci a promessa feita pela prancheta e procurei, pouco depois, a casa de Sibyl para a cumprir. Pelo ambiente elétrico daquela jovem espirituosa e usando a pequena tábua com rodas, consegui convencê-la dos seus poderes mediúnicos. Contei-lhe também as minhas suspeitas infundadas do passado, pedindo-lhe perdão por a ter julgado mal, o que ela me concedeu de bom grado. Os dons assim desenvolvidos em Sibyl

Eastham tornaram-se de grande utilidade para outros, permitindo que muitos se comunicassem com os seus entes queridos do espírito.

Durante as minhas ausências do lar de Concord, visitei muitos lugares de interesse, tanto na Terra como na vida espiritual, e encontrei-me com mortais e espíritos de variados graus de evolução. Dos sábios e benevolentes de ambos os mundos, ganhei força de caráter e valiosas lições. Para os desafortunados, senti compaixão e o desejo de os ajudar. Esse desejo trouxe-me poder e coragem para trabalhar, permitindo-me realizar muitas coisas.

Não esqueci a “Casa de Refúgio” nem as suas internas, visitando-as frequentemente na companhia de outros espíritos dedicados. A obra continuava graças a amigos terrenos, recebendo bênçãos não só das raparigas salvas, mas também dos espíritos que velavam por elas.

Numa dessas visitas ao querido lugar, encontrei outro espírito ministrante, belo como um anjo, com rosto radiante e olhos brilhantes. Com ela vinham dois outros espíritos, ainda com vestígios das paixões e condições terrenas. A luminosa era Lizzie Wing — a jovem que morrera nos meus braços naquela mesma Casa de Refúgio — agora transformada numa anjo glorificado de auxílio aos outros.

Sorriu-me e explicou que encontrara aqueles dois espíritos presos à atmosfera do local terreno onde tinham vivido; não podiam afastar-se até que ela chegasse. Por vezes tentavam, mas eram sempre chamados de volta. Não podiam viver no mundo espiritual puro enquanto estivessem carregados de elementos da existência material; tinham de aprender com espíritos na Terra antes de compreenderem as leis espirituais.

— Eram constantemente atraídos aos seus velhos hábitos — disse Lizzie — , revivendo a vida que antes conheciam. Consegui trazê-los aqui. A influência forte das vidas das raparigas salvas é suficiente para sustentar estes dois no esforço de alcançar algo mais elevado. O exemplo delas guiará estes para a luz e ajudará a torná-los puros e bons.

Poderia continuar indefinidamente a relatar as experiências e lições que recebi na minha busca pela verdade. Mas a minha história deve chegar ao fim. Joel Howard ainda vive, a visão física fechada às belezas da Terra, mas as perceções espirituais abertas à luz. Aguarda pacientemente a alvorada daquele dia mais nobre em que vestirá as vestes da imortalidade, recebendo, entretanto, as mensagens que a “pequena Dorris” lhe pode trazer e fazendo o que está ao seu alcance para abençoar o mundo.

Nunca mais voltei a ver Edson Marks desde o dia memorável da minha primeira visita a Filadélfia. Nunca senti atração para estar ao seu lado —

nem sequer sei se ainda vive ou não. O poder psicológico que durante algum tempo exerceu influência sobre mim perdeu para sempre o seu domínio no dia em que me despedi da minha antiga vida em Concord, e nunca mais me poderá causar mal.

Há muito regressei à casa da minha mãe, no mundo espiritual. As suas portas estão sempre abertas para me receber; a sua atmosfera de amor e paz convida-me a descansar no seu interior. Mas a minha permanência é breve. O trabalho e o dever chamam-me noutras direções, e só quando todas as minhas forças de utilidade para com os necessitados e sofredores se esgotarem é que abandonarei as minhas viagens à Terra e me contentarei em permanecer definitivamente naquela morada de luz, onde o amor paternal e os corações afins irradiam o brilho da sua divina simpatia, tornando cada lar um pedaço de céu.

Com uma terna compaixão no coração por aqueles que lutam contra a tentação, e com o sincero desejo de ter forças para ajudar os fracos e humildes, encerro estas páginas com a oração da minha mãe pelos transviados, que eu, em criança, ouvi a seus pés:

"Ó Senhor, sê misericordioso para com os que erram. Castiga-os apenas para a sua própria salvação. Lembra-Te das suas necessidades e conduz-os, no Teu bom tempo, ao Teu reino de justiça e paz."

O CLARIVIDENTE CEGO

UM CONTO DE DOIS MUNDOS

CAPÍTULO I

O CLARIVIDENTE

— Confesso que vejo isto como uma busca tola, Sprague; nós, dois homens ponderados e sensatos, à procura do misterioso, a visitar uma clarividente profissional… já se viu coisa mais ridícula? Vamos ser alvo de riso se isto vier a ser conhecido! — disse o orador, um homem alto, de compleição robusta e tez morena, voltando-se interrogativamente para o companheiro.

O homem a quem se dirigia também era alto, mas a sua compleição rosada, a compleição sólida e os grandes olhos azuis e francos formavam um contraste evidente com o primeiro. Pararam diante dos degraus de um modesto chalé, e o segundo respondeu:

— Bem, é melhor entrarmos, pois este é o local onde marquei a consulta e estão à nossa espera. Estou bastante curioso para pôr à prova os poderes desta senhora de quem tanto temos ouvido falar. Não seremos motivo de troça para os nossos amigos, porque quase todos eles já cá estiveram antes de nós.

— É verdade, e talvez ela já tenha sabido por alguns deles tudo o que é preciso para inventar uma história maravilhosa para nosso benefício. Mas a mim não me engana. A mulher terá de apresentar factos, dados, provas — antes que eu me convença dos seus alegados poderes superiores.

Entretanto, já tinham subido os degraus e tocado à campainha. Pouco depois, foram conduzidos a uma pequena e asseada sala de receção. Nada havia na casa e nos seus arredores, nem na aparência de quem os recebeu — uma mulher simpática, de aspeto maternal, cabelo grisalho cuidadosamente alisado para trás e vestido negro simples, sem qualquer pretensão a estilo ou ostentação — que indicasse a presença de fraude. Pelo menos um dos visitantes sentiu-se agradavelmente impressionado pela atmosfera do local.

Em seguida, foram introduzidos noutra sala, maior que a primeira, fresca, agradável e acolhedora. No centro do soalho polido, um grande tapete parecia um manto de neve recém-caída, salpicado de pequenas flores azuis, tal era a sua beleza. Cadeiras e divãs estavam cobertos por um tecido branco e macio, rematado com cordões e borlas azul e ouro; cortinas imaculadas caíam em pregas graciosas nas janelas; algumas raras gravuras adornavam as paredes; e, sobre a lareira, um esguio vaso segurava um ramo de rosas creme que perfumava a divisão.

Sentada a uma mesa, no centro da sala, estava uma jovem que não teria mais de vinte e dois anos, mas tão pequena, tão frágil na aparência, tão delicada na sua roupa branca, com as mãos finas pousadas na mesa, os suaves olhos castanhos com o olhar patético de quem não pode ver, e os anéis castanho-dourados a caírem sobre os ombros inclinados, que facilmente alguém a tomaria por mais jovem do que realmente era.

A assistente colocou cadeiras para os cavalheiros e depois retirou-se. Voltando o rosto na direção das visitas, a jovem cega disse, numa voz baixa e doce:

— Se preferirem, posso receber cada um separadamente; por vezes, sou obrigada a fazer revelações que os visitantes não quereriam que outros ouvissem.

Os senhores asseguraram-lhe que preferiam estar juntos e, após alguns momentos de silêncio, a jovem começou a gemer como se estivesse com dores. Depois, estendeu as mãos para o mais jovem dos dois e disse:

— Oh! Porque o fizeste? Ela era tão boa, tão leal. Amava-te profundamente. Porque a deixaste? — E então, num tom que fez estremecer o coração do homem, com o rosto a empalidecer, a clarividente descreveu uma visão do passado, onde figuravam um jovem e uma donzela. O amor desta fora conquistado apenas para ser rejeitado; e ela ficara, de coração partido e desonrada, a esconder a vergonha no sossego do cemitério.

— Tu és o homem que, há catorze anos, conquistou o coração de Agnes e, depois, a mando do teu rígido pai, a abandonou para casar com outra. Não conhecias, na altura, todas as terríveis consequências desse ato, ou não terias deixado a pobre rapariga da aldeia. Isso conta a teu favor. Quando soubeste que ela morrera ao dar à luz a tua filha, contrataste uma mulher para cuidar da criança até ser suficientemente crescida para ser entregue aos cuidados de alguém mais competente. Desde então tens sustentado a tua filha e providenciado a sua educação. Por vezes visitas o seu lar campestre, mas às escondidas. Ela não sabe que és o pai, e vê-te apenas como um generoso protetor. A mãe era uma mulher pura e boa, que errou apenas pelo grande amor que te tinha, pagando com um coração destroçado e uma morte precoce.

— Lamento, senhor, ter de trazer esta visão diante de si; mas é o que me aparece. Aqueles que ma mostram são seus amigos. Velam e protegem a sua vida. Conhecem os seus segredos. Querem ajudá-lo a caminhar para a luz. O remorso, a dor e o arrependimento consomem-no. A esposa, que no início do casamento não lhe era cara, aprendeu a amá-la. Adora o filho que têm em comum, mas esta outra filha é um constante motivo de censura na sua consciência. Teme a descoberta e vive atormentado. Ouça o nosso conselho: revele tudo à sua esposa, repare, tanto quanto possível, a injustiça feita à filha não reconhecida, e encontrará paz.

Charles Sprague ergueu-se com um gemido:
— Basta, basta; não suporto mais! É tudo verdade; descobriu o segredo da minha vida, mas não posso fazer o que pede — isso arruinar-me-ia para sempre!

A estranha luz que brilhara nos olhos cegos da médium apagou-se, e, com um suspiro cansado, ela voltou-se para o visitante mais velho, que permanecera a ouvir atentamente, e disse:

— Lamento, senhor, mas não consigo ver nada para si; tudo é escuro e frio quando tento. Há algo em si que me impede — apenas isto: está envolvido

num plano ou empreendimento que faria melhor em abandonar; só lhe trará desgraça. Pode ter boas intenções — (e a dúvida na sua voz não passou despercebida ao homem) —, mas o trabalho ameaça a felicidade de alguém que, embora tenha errado, é ainda bom e honesto. Ele considera-o amigo; não o traia.

— Pelo visto, não consegue ver nada para mim, madame, e é melhor retirarmo-nos. O meu amigo está abalado pela estranha história que lhe contou — disse Owen Norcross, levantando-se.

A jovem tocou uma pequena campainha de prata ao seu lado, chamando a assistente, que conduziu os cavalheiros para fora da sala e da casa. Depois, regressou à sua protegida, que encontrou completamente prostrada.

«Oh, tia», murmurou a vidente, «foi tão difícil dizer àquele pobre homem o que me veio. Mas os anjos dizem que é para o bem dele e que, eventualmente, o amor realizará a sua obra perfeita nele. No entanto, ele trouxe consigo um sentimento tão grande de tristeza. Está infeliz; come, bebe e ri para afastar as memórias; e tenho a certeza de que o homem que o acompanha é seu inimigo, embora finja ser amigo. Quem me dera poder ajudá-lo.»

«Ora, minha querida Myra, não deves envolver-te assim com os teus consulentes; isso esgota-te demasiado. Todos eles têm as suas provações e preocupações, e todos têm de suportar os fardos que a vida lhes impõe. Agora vou buscar-te um copo de leite quente e depois tens de descansar, pois tens outra consulta ao meio-dia.»

«Sim, tia, mas como és boa para mim. Nunca me deixas preocupar-me com nada. És visão para os meus olhos e guia para os meus pés. Antecipas todas as minhas necessidades e cuidas do meu conforto. Dás-me palavras suaves quando estou cansada e palavras alegres quando me sinto triste. Trazes flores para perfumar o meu quarto, música para alegrar o meu espírito. Fazes tudo para adoçar a minha vida e manter fortes os meus poderes espirituais. Se raramente falho no seu exercício, é porque me rodeias de todas as condições de paz e harmonia.» E a oradora puxou para si o rosto da mulher simples e idosa, acariciando-o com amor.

«A minha missão é cuidar de ti, querida. És a única ovelhinha que me resta; Deus levou todos os meus tesouros menos este precioso. Não hei de eu guardá-lo com o maior cuidado?

«Mas Ele é todo-sábio e misericordioso na Sua generosidade para connosco. Embora te tenha privado dessa visão exterior que pertence aos

Seus filhos, concedeu-te o rico dom da visão espiritual, que nos compensa por todas as perdas terrenas.»

«E de facto compensa, tia. Como me senti mal quando soube da minha cegueira. Aquela febre terrível queimou tanto o meu cérebro, não admira que me tenha roubado a vista. Durante um ano estive tão infeliz, embora fizesses tudo para o meu conforto; depois chegou a compensação.

Pude ver uma luz mais suave, mais límpida e mais bela do que a luz do sol, e nela moviam-se homens, mulheres e crianças. Alguns pareciam tristes e solitários, mas a maior parte sorria, feliz e gloriosamente bela. Depois vieram mãe, pai e a pequena Pearl; disseram-me que estavam felizes e seguros no céu e que, se cuidasses de mim como eles aconselhavam, me abririam os olhos para o mundo dos anjos.

«Que alegria foi essa para mim! Deixei de me lamentar e revoltar. A vida encheu-se repentinamente de uma nova beleza e passou a ser um prazer viver. Desde então temos estado em constante contacto com espíritos puros e, há seis anos, mostro ao mundo o que os anjos me trazem. Só que, minha querida tia», e um tom de pesar misturou-se nas palavras, «gostava que pudéssemos dá-lo livremente, sem dinheiro e sem preço.»

«Não devemos murmurar, Myra. Os nossos guias sabem melhor. Eles dizem-nos que o trabalhador é digno do seu salário em qualquer campo e que quem semeia deve ter meios para espalhar a semente. Os médiuns têm de ser vestidos, alimentados e abrigados. Se levam alimento espiritual ao coração humano, não se lhes deve negar os meios para suprir as próprias necessidades físicas. Tanto tu como eu daríamos de bom grado o nosso tempo e pensamento a este trabalho, mas precisamos de viver; se fôssemos obrigadas a gastar as nossas forças em trabalhos manuais, não haveria magnetismo, nem forças nervosas, nem condições para a melhor realização do nosso trabalho espiritual.

«Oh, quantas vezes nos disseram isto os nossos queridos guias espirituais. Não devemos duvidar deles, minha filha. O mundo não pode julgar as nossas motivações. Como sabe pouco sobre o uso que damos aos teus ganhos. É verdade que mantemos um lar confortável, mas as nossas despesas não são grandes, e nem de longe se comparam ao que gastas com os infelizes e os tristes. Quantos corações cansados já reconfortaste, querida Myra, só nesta cidade, não apenas pelas notícias espirituais que lhes levaste sem cobrar nada, mas também pela comida, roupa e outras necessidades que lhes deste em horas de necessidade.»

«Mas é tão pouco o que podemos fazer, quando há tanta miséria por toda a parte, tia. Anseio pelo dia em que pobreza, doença e tristeza sejam desconhecidas.»

«Está muito longe, filha, e não veremos a sua aurora no nosso tempo; mas acredito que cada palavra e sorriso bondosos, cada pão ou peça de roupa quente dado a uma criança necessitada, cada esforço feito para ajudar um infeliz, até cada pensamento altruísta no coração humano, ajuda a elevar a humanidade e a fortalecer os anjos na sua obra de amor. Mas agora tens de descansar.» E, beijando de novo a pálida testa da sobrinha, a oradora saiu do quarto.

Caroline Grey e Myra, a sua sobrinha, viviam absolutamente sozinhas nesta modesta casa; eram senhoras gentis e refinadas, que não conheciam outra companhia há anos. A mais velha dedicara-se ao irmão viúvo e aos seus filhos durante a melhor parte da vida, renunciando aos próprios sonhos e planos pelo bem das sobrinhas órfãs que a adoravam. Carrie Grey mostrara, na juventude, tal promessa de poder intelectual e capacidade mental que os amigos esperavam vê-la desabrochar em brilhantes produções literárias; mas, na vida atarefada que se abateu sobre ela, a jovem sacrificou ambição e aspirações às exigências de um dever severo e intransigente.

Quando as duas filhas tinham, respetivamente, sete e doze anos, o Sr. Grey faleceu subitamente, deixando apenas um resto da sua pequena fortuna às filhas órfãs. Mas, graças à energia indomável e coragem da «tia Carrie», as pequenas nunca sentiram a aproximação da necessidade, pois ela interpunha-se entre elas e o mundo como um escudo protetor.

Aos dez anos, a pequena Pearl sucumbiu à febre e partiu para os braços amorosos dos pais que a esperavam no mundo espiritual. Myra, também vítima da terrível doença, recuperou pálida, enfraquecida e cega — apenas uma sombra da rapariga de quinze anos, de olhos vivos e rosto florido, que até então só conhecera saúde e vigor. Durante um ano, a vida pareceu-lhe muito escura e triste, mas então chegou uma dádiva maravilhosa — uma revelação do Além, a visão espiritual para a cega — e, através desse poder, chegou o conforto e a paz celestiais ao pequeno lar.

No exterior, no ameno ar de setembro, os dois homens que acabavam de sair da presença da vidente detiveram-se — um, atordoado e quase estupefacto pelas revelações que ouvira; o outro, a urdir um novo plano que lhe surgira na fértil mente durante a última hora, disse: «Estás perturbado, Charles, com a conversa daquela mulher; vamos caminhar um pouco enquanto te recompones. Para quê sentires-te tão incomodado? Suponho

que, se houvesse alguma verdade no que ela disse, seria alguma leviandade de juventude que não precisa de te incomodar agora.»

«Verdade!» exclamou o mais novo, com um gesto veemente, «era toda a verdade. Leviandade de juventude? Foi antes um ato de vileza que me carimbou como canalha!»

«Ora, meu rapaz, não te recrimines tão duramente! Olhas para esse caso com olhos mórbidos. Sabes que sou teu amigo e faria qualquer coisa no mundo para te servir. Porque não me confias a história? Far-te-á bem aliviar a tua mente.» Continuou num tom persuasivo até que o coração torturado do companheiro consentiu em depor os seus segredos no altar da amizade.

Uma hora depois, estavam sentados no gabinete particular de Charles Sprague, onde Owen Norcross ouvia atentamente a história de um erro passado que saía dos lábios do amigo. «Não creio que precises de te culpar tão implacavelmente», comentou, quando a história terminou. «Eras jovem e irrefletido e, além disso, estavas sob a influência do teu pai. Ele nunca aceitaria aquela rapariga na família, pois estava abaixo de ti na posição social—»

«O que é a posição social», interrompeu Charles Sprague, «comparada com a honra e a finura de caráter? Agnes era tudo o que uma mulher devia ser em bondade. Era inocente, pura e nobre. Todos a amavam. Tão gentil e carinhosa que todas as crianças da aldeia a adoravam. É verdade que era filha de um humilde lavrador, mas tinha modos delicados; só precisava de oportunidades educativas para se tornar a mais bela e requintada das mulheres. Quando penso em tudo o que ela era quando a conheci, e como eu, que devia elevá-la ainda mais, apenas a arrastei da sua pureza para a degradação e a vergonha, poderia amaldiçoar-me!»

O tom era contido, mas cheio de energia, e Owen Norcross fitou-o como quem não consegue sondar tal caráter; mas a sua voz foi suave, como a falar a uma criança apaixonada: «Vamos admitir que foi um erro, um do qual te arrependeste; um que não pode ser reparado. Porque não deixar o passado e cuidar do futuro? Que tencionas fazer com a criança que essa mulher deixou e de quem dizes ter cuidado? Não a vais, claro, trazer para esta cidade, onde—»

«Deus me livre!», interrompeu o companheiro. «Ela tem agora treze anos, é bela e inteligente. Não poupei esforços para lhe dar todas as vantagens necessárias para a sua educação. Vê-me como tutor — talvez algum parente distante — e nunca deve ser-lhe dito o contrário. As pessoas com quem vive são um clérigo idoso e a sua esposa, que nada sabem de mim além do que lhes contei. Conheci-os através de um anúncio num jornal

literário, onde diziam querer receber algumas alunas em regime de alojamento e ensino. A Olive está com eles há sete anos e estão muito apegados a ela. Pretendo deixá-la com estas boas pessoas por tempo indefinido. Claro que lhe deixarei uma soma generosa, mas ela não deve saber a verdade sobre a sua origem, e como só eu sei onde e em que circunstâncias nasceu, não será difícil manter-lhe o segredo.»

«Bem, meu amigo, parece que planeaste com prudência. Não precisas de conselhos meus, mas confiaste-me o teu segredo e, se alguma vez puder servir-te neste assunto, só tens de dizer.»

O mais novo mostrou a gratidão que não exprimiu por palavras, apertando apenas a mão do amigo em silêncio.

Charles Sprague era um próspero comerciante, de alta posição social e boa reputação nos negócios. Único filho do falecido juiz Sprague de Tarrytown, herdara, com a morte do pai, uma grande fortuna. Antes disso, contudo, já o jovem comerciante mostrara tal capacidade que alcançara o topo da firma onde começara como superintendente, com o seu tio, Joseph Baker, a retirar-se da sociedade em favor do sobrinho.

Tarrytown deixara de ser o seu lar muito antes da morte do venerável pai e, ao casar com Clara York, uma bela e brilhante jovem da alta sociedade, Charles Sprague estabeleceu-se na cidade de Parkville, onde já estava instalado nos negócios.

No momento do casamento, não sentia amor pela esposa. Admirava a sua beleza e a vivacidade da sua inteligência. Orgulhava-se da atenção que ela despertava no meio social em que se movia. Sempre lhe foi amável e cortês, mas nunca demonstrativo. O casamento fora, em parte, de conveniência e, em parte, para agradar ao pai; uma união em que o afeto, do seu lado, não teve parte, pois o coração estava demasiado preso a Agnes Clarke — a pobre rapariga que traíra até à morte — para ser facilmente conquistado por outra.

Clara York, pelo contrário, amara profundamente o marido na hora em que lhe deu a mão no altar. Ignorando as suas falhas, a mulher brilhante e bela, cujos encantos atraíam muitos pretendentes, admirava a beleza e as qualidades viris daquele a quem, acima de todos, consentira casar.

Diziam que eram feitos um para o outro. Ela, tão morena e vibrante; ele, tão claro e sereno na aparência. E muitos foram os parabéns que receberam quando a igreja os declarou marido e mulher.

Semanas transformaram-se em meses, e notou-se que uma nova reserva parecia apoderar-se da bela noiva. Raramente falava das relações no lar,

mesmo com a própria irmã. Não parecia infeliz, mas um certo frio gélido no seu modo afastava qualquer tentativa de penetrar no santuário das suas experiências íntimas. Pelo contrário, o marido mostrava-se mais afável e despreocupado desde o dia do casamento do que alguma vez antes. Se tivesse lançado fora um peso da mente e florescido em pura felicidade, não poderia ter parecido mais à vontade em sociedade, e o mundo tomava-o por um homem afortunado.

Dois anos depois, uma encantadora florzinha de filha, com o luxuriante cabelo negro da mãe e um par de olhos azuis risonhos, reflexo fiel dos do pai, nasceu na casa dos Sprague, e, no ambiente dessa pequena criatura, a mãe parecia encontrar uma saída para o amor contido que guardara em segredo. Uma expressão ainda mais terna passou a brilhar nos olhos e a pousar nos lábios da graciosa mulher, quando se inclinava sobre o berço da filha, e, desde então, um novo sentido de vida e do seu significado insinuou-se no seu coração.

Charles Sprague, atormentado por remorsos e consumido pela ansiedade em relação à outra criança, cuja existência os amigos ignoravam, não compreendia a expressão melancólica que por vezes surpreendia no rosto da esposa. Não tendo sentido amor verdadeiro por ela no momento do casamento, não percebia a extensão do afeto que ela lhe dedicava. Julgava tratar-se, de ambos os lados, de uma união para benefício das posições sociais, e não lhe atribuía aquelas qualidades femininas que, na realidade, lhe pertenciam. Mas não era homem para expor os seus segredos ao mundo, e assim, sob a máscara de aparente jovialidade, o coração perturbado pulsava em dolorosa perplexidade.

No nascimento da filha Maude, o homem parecia revelar um espírito mais inquieto do que antes. Seriam as velhas memórias a assaltá-lo, ou surgia-lhe uma nova revelação da santidade da vida humana e da pureza do vínculo familiar? Aqueles que olhavam para o seu coração a partir da vida superior sabiam que ambas as causas agitavam a fonte de sentimento no seu íntimo.

Gradualmente, uma nova ternura — nascida do amor que veio com a filha pela sua doce esposa — despertou-lhe na alma. Ao vê-la inclinada, com um sorriso quase angélico de devoção, sobre a criança, foi-lhe surgindo a consciência do seu valor e das suas qualidades de mulher. Já não era a rainha da sociedade, homenageada por mulheres e cortejada por homens; mas a mãe afetuosa, o espírito silencioso e cuidador cuja presença criava o lar.

Porém, à medida que o amor crescia nele, o seu trato para com a esposa tornava-se mais contido. «Ela nunca se importou verdadeiramente comigo»,

pensava. «Está inteiramente dedicada à criança. Não a perturbarei com o conhecimento dos meus sentimentos. Se soubesse o passado, se pudesse ler a minha vida, teria nojo e desprezo de mim. Não! Isso nunca poderá ser; não sou digno do seu melhor amor» — e suspirava, enquanto lhe lançava um olhar descuidado, à mulher que teria dado a vida por um gesto verdadeiramente amoroso do pai da sua filha.

Assim o tempo passou e a pequena Maude cresceu em graça e beleza, a favorita do pai, o ídolo da mãe. Quando a criança tinha sete anos, Owen Norcross foi introduzido no lar por um velho amigo da família. Era um homem alto, de meia-idade, moreno e de tez carregada, aparentemente com bastante dinheiro e tempo livre, viajado, tendo regressado há pouco de uma viagem à Europa. Owen Norcross pareceu, desde logo, conquistar influência sobre Charles Sprague e tornou-se visitante frequente da casa do comerciante.

A princípio, a Sra. Sprague não simpatizou com o estranho; havia nele algo que a repelia; mas, à medida que o polimento dos modos e o encanto da conversação se revelavam, conseguiu vencer a sua aversão o suficiente para o receber com agrado à mesa. A pequena Maude, no entanto, não podia ser persuadida a fazer amizade com «o homem da cara preta», como insistia em chamar-lhe, embora ele recorresse muitas vezes ao seu repertório de histórias, do género que agrada às crianças, para a entreter.

A menina ficava ao seu lado, rendida ao encanto das narrativas, absorvendo cada palavra, mas, se ele tentava tocar-lhe na mão ou afagar-lhe os caracóis escuros durante o relato, ela encolhia-se visivelmente e, mal a história terminava, corria para junto da mãe.

E assim chegamos ao período em que a nossa história se inicia, a partir do qual seguiremos as vivências das nossas personagens, em ligação com dois mundos — o visível e o invisível, o terreno e o espiritual. Decorreram seis meses; o outono deu lugar ao inverno, e este derreteu-se nos meses suaves da primavera. Nada de novo surgira na vida das nossas personagens, salvo que Owen Norcross parecia ter-se entranhado mais firmemente na vida de Charles Sprague.

De companheiro ocasional que fora, passara a ser quase como uma sombra para o comerciante, até que a estreita amizade começava a ser comentada. Mas, com a crescente intimidade, linhas de preocupação surgiam na fronte do mais jovem. Começava a correr o boato de que o elegante Owen Norcross não era o homem abastado que se supunha; por mais de uma vez parecera em dificuldades de dinheiro, e a Sra. Sprague perguntava-se se o marido não lhe teria aliviado essas dificuldades à custa da própria bolsa bem provida. Mas nada perguntava, e o marido não deixava transparecer

sinal do segredo que apenas se tornara mais pesado desde que o confiara ao amigo que o usava como meio de extorsão; e, contudo, trabalhava este com tamanha astúcia, que a vítima não suspeitava do motivo, limitando-se a sentir prazer em aliviar a momentânea necessidade financeira do seu confidente e amigo.

Agora que encontrara alguém com quem falar, o mais jovem mantinha muitas conversas com Norcross sobre o assunto que mais lhe pesava no coração, parecendo encontrar alívio assim. Uma vez expressou o desejo de voltar a visitar a vidente, mas foi dissuadido por Norcross, que, apesar do ceticismo declarado, estava decidido a que Sprague não ouvisse mais revelações dos lábios da vidente cega.

Na pura e doce atmosfera de uma vida verdadeiramente espiritual, Myra Grey adquiriu a instrução e o desenvolvimento de mente e coração que a tornaram uma criatura amada e respeitada por todos os que a conheciam. O vínculo da vidente cega à vida física parecia frágil. A sua figura delicada, gostos requintados e modos finos pareciam adequar-se mais às condições de um estado superior ao que a terra oferece; e, no entanto, ensina-se-nos que, com o desenvolvimento do tempo, chegará uma era de progresso humano em que as forças mais subtis e refinadas da espiritualidade atuarão de tal forma sobre o coração e o intelecto que a existência de uma vida tão pura, inteligente e bela como a desta jovem cega será a regra, e não a exceção.

Dia após dia cumpria a sua missão na terra, negando-se a ninguém que viesse procurar conhecimento das coisas invisíveis, enquanto lhe restassem forças e visão espiritual. E as horas em que as visões interiores não chegavam, devido à exaustão do espírito e do corpo pelos pesados encargos que as visitas lhe impunham, passava-as a imaginar meios de alimentar, vestir e confortar os humildes e aflitos da grande cidade à sua volta, através da ação da sua bondosa tia e dela própria.

Graças aos seus dons maravilhosos, bem como à beleza do caráter e ao encanto pessoal, Myra teria sido procurada pela sociedade e cortejada por essa dama caprichosa; mas, desde o início, a Sr.ª Grey mais velha deixou bem claro que a sua protegida não podia ser levada por tal caminho. A sensível rapariga estaria tão deslocada no brilho e agitação da vida mundana como uma exótica rara e delicada no calor abrasador de um deserto em chamas.

Desde a hora em que, à infeliz cega, chegou a primeira visão da vida angélica, transformando toda a mágoa e rebeldia num sentimento de paz e alegria, viveu sob a influência e o conselho de acompanhantes espirituais. Obedecendo-lhes estritamente e encontrando, no plano terreno, na sua tia,

a mais dedicada colaboradora e guia, Myra via os seus dons mediúnicos desabrocharem constantemente e ganhava cada vez mais poder para trazer o melhor conselho e conforto espiritual àqueles que a procuravam.

Nem todos recebiam exatamente o que desejavam. Um, vindo por mera curiosidade, era brindado com tal lição sobre a verdadeira dignidade da vida espiritual e a sua ligação à terra, que se retirava com novas ideias a ponderar. Outro, pretendendo consultá-la para fins de lucro material, recebia tal repreensão, acompanhada de provas da visão clara que a jovem tinha do coração egoísta e sem princípios, que saía envergonhado.

Contudo, todos eram beneficiados, mesmo sem encontrar o que procuravam; pois a censura certeira ou a lição necessária plantavam sementes que, mais tarde, dariam fruto. Os que vinham tristes ou solitários eram consolados pelas visões da vida celeste e pelas mensagens dos amigos espirituais que a vidente lhes trazia. Os oprimidos depunham os fardos aos seus pés, os enfermos recuperavam forças e a vida infeliz sentia conforto na sua presença.

Inúmeras vezes, os que sofriam por falta de trabalho ou por reveses materiais eram ajudados, através das suas revelações, a melhorar de situação. Os necessitados eram recebidos com benevolência pelos seus guias espirituais e aconselhados para o seu bem; mas, como dissemos, os puramente egoístas eram censurados e advertidos do seu estado pouco nobre.

Tinha sido um dia de provação para a vidente; durante horas respondera aos apelos que lhe faziam, até que parecia quase impossível que cérebro e corpo aguentassem mais. O claro sol de março, no início da tarde, entrava a jorros no delicado aposento — sempre tão pacífico e doce que transmitia uma sensação de descanso a todos os que nele entravam, exceto ao indivíduo endurecido e egoísta, que aqui não encontrava afinidade e apenas se encolhia na sua atmosfera — incidindo obliquamente sobre uma jovem, com um xaile gasto e um modesto chapéu castanho, sentada mesmo em frente da vidente, cujos olhos cegos estavam fixos no chão. A visitante tinha um ar de distinção que as roupas coçadas não conseguiam esconder, mas nos olhos cinzentos havia um olhar de preocupação e no rosto pálido, uma expressão de dor.

De repente, brilhou nos olhos da rapariga cega um fulgor, uma luz radiante, como se a própria beleza do céu lhe fosse revelada, e, erguendo-se com as mãos estendidas, colocou-as à volta da figura da visitante num abraço terno, enquanto murmurava:
— Helen, Helen, a tua mãe está aqui; sinto a sua presença, desejosa de abraçar a filha. Em vida tinha o mesmo nome que tu: Helen Long. Quando

eras ainda uma criança de colo, a tua mãe morreu, mas não te deixou. Toda a tua vida foi acompanhada pela sua proteção. Tens sido solitária e triste, necessitando de conforto; mas uma mãe amorosa nunca te abandonou. Deixa-me dizer-te o que ela me mostra.

— Vejo uma jovem — tu — sentada num pequeno quarto nos fundos da casa. É modestamente mobilado, mas limpo e agradável, pois o sol entra pela janela sobre uma gaiola onde uma pequena ave esvoaça. Apoias a cabeça na mão, como se estivesses a pensar. Estás triste, pois estiveste doente e sem trabalho. Um som interrompe a tua meditação, e sobressaltas-te ao perceber que o inquieto bichinho tombou morto na gaiola. Choras sobre o passarinho sem vida e lamentas: “Será que tudo o que amo tem de morrer?” Agora, enquanto a tua mãe está ao teu lado, apertando-te nos braços, vejo um pequeno pássaro pousar-te no ombro, e oh, como canta! feliz por estar livre e orgulhoso por ter vindo até ti.

A visitante escutava com assombro as palavras que a estranha mulher lhe dirigia, descrevendo minuciosamente uma cena que se passara apenas no dia anterior. De coração oprimido, sem amigos e sozinha, Helen Long abandonara nessa tarde o seu humilde quarto em busca de ar fresco. Ao passar pela casa da vidente, o modesto letreiro na porta chamara-lhe a atenção e, obedecendo a um impulso irresistível, tocara à campainha e entrara.

— Foste trazida até aqui sem o saberes — continuou a médium. — Estás a precisar de ajuda; tens saúde frágil; o ar fechado e empoeirado da loja onde trabalhaste por último afetou-te os pulmões e deixou-te doente. Não deves voltar para lá; precisas de ar puro, de um ambiente agradável e de tempo para recuperares as forças. A tua mãe diz-me isto.

— Oh, que hei de fazer? — exclamou a visitante. — É tudo como dizes; mas se a minha mãe está aqui, sabe que, se eu não voltar à loja, morrerei de fome!

— Sossega, querida, tudo está planeado para o teu bem. Deixa-me convencer-te de que é a tua mãe quem fala. Já te disse o nome dela. Ficou viúva quando eras bebé. Dedicou-te todo o seu amor e cuidado. Sentiste muito a sua falta quando morreu e nunca deixaste de a chorar. Deixou uma caixa com documentos, que ainda tens num velho baú castanho debaixo da tua cama. Entre esses papéis está uma escritura antiga — referente a um terreno na aldeia onde nasceu. Ela quer que leves esse documento a um bom advogado e o entregues nas mãos dele. Isto não o podes fazer agora, mas sim a seu tempo. Será valioso para ti. A tua mãe mostra-me um relógio antigo que foi dela; também está no baú castanho. Sempre o guardaste,

mas hoje pensaste vendê-lo. Render-te-á pouco; é melhor conservá-lo, pois um dia será útil.

— Tudo o que diz é verdade; acredito que a minha querida mãe está aqui; não me dará ela um conselho?

— Sim. Estão aqui outros bons espíritos; vejo a minha santa mãe e, ao lado dela, a pequena Pearl, minha irmã. Agora ela fala e diz: “Trouxemos esta jovem aqui, pois é boa e verdadeira e precisa de uma amiga. Tem faculdades que podem ser desenvolvidas; será uma excelente médium. Leva-a para tua casa e nós ajudaremos a desenvolver os seus dons. Sabe coser bem e ajudará a tia Carrie nos trabalhos.” É tudo tão estranho… mas nunca desobedeço aos pedidos dos meus entes queridos. Gostarias de vir para cá por algum tempo?

— Eu… não sei bem… — hesitou a visitante. — É tudo tão repentino… a senhora não me conhece e eu… eu… — calou-se e hesitou.

— Queres dizer que também eu sou uma estranha para ti, e sim, é verdade, isto é inesperado para mim. Vivi tanto tempo só com a tia que será estranho aumentar a nossa casa. Mas os anjos devem saber o que propõem para nós. Precisaremos ambas de tempo para refletir. Vem ter comigo daqui a um ou dois dias, se decidires confiar em mim.

— Oh! — exclamou a jovem — é a senhora quem precisa de confiar. Sou desconhecida e, oferecer-me para me receberes na tua casa, é muito generoso da tua parte. Nunca ouvi senão o bem sobre ti e sobre o teu trabalho, mas tu nada sabias de mim até agora.

— Não, mas os meus protetores conhecem-te e aprovam-te, e nunca me enganam; por isso, se vieres, darei a minha confiança.

A conversa foi interrompida por uma visitante que tinha hora marcada, e Helen Long retirou-se para refletir sobre os estranhos acontecimentos que lhe tinham surgido.

O resultado desta entrevista foi que, no final da semana, a srta. Long estava instalada na casa das Grey e, em poucos dias, encaixou-se como se aquele lar tivesse sido feito para a receber. Habilidosa com a agulha, mostrou rapidamente a disposição para cuidar do guarda-roupa da sua benfeitora cega, tarefa que aliviou a sr.ª Grey mais velha de muita preocupação. Leitora clara e inteligente, possuidora de uma voz melodiosa, encontrou logo ocasiões para dar prazer às companheiras, lendo-lhes obras favoritas nos momentos de lazer.

No ambiente do seu novo lar, Helen Long recuperou saúde e força de corpo e mente. O afastamento das preocupações tirou-lhe o peso da doença, e na

presença serena da vidente viu dissipar-se a agitação nervosa que lhe fatigava o cérebro e irritava os pulmões. À medida que a saúde lhe devolvia o viço às faces e brilho aos olhos, parecia possuir um novo magnetismo, uma energia que passava da sua mão para a cabeça cansada da vidente, quando o trabalho excessivo exauria o seu frágil corpo — transmitindo vida, estímulo e vigor à sensitiva, que, sem isso, sofreria com o desgaste do sistema vital.

Pouco depois, começaram a surgir sinais de qualidades mediúnicas no organismo de Helen. Rapidamente cresceu nela o conhecimento da presença e orientação dos espíritos. Desde a primeira visita a Miss Grey que tinha essa convicção, e agora recebia ela própria a atenção pessoal do mundo invisível.

CAPÍTULO IV
NOVOS DESENVOLVIMENTOS

Gradualmente, as vidas dos nossos amigos fundiram-se numa unidade de pensamento e propósito. Cada membro do pequeno lar parecia imbuído de um espírito de abnegação pelos outros e de bênção para o mundo. Uma atmosfera de paz pairava sobre a delicada casa, tornando-a um local digno de ser morada de anjos ministros na sua missão à Terra, pela presença de corações puros com motivações altruístas e pelos graciosos arranjos e comodidades, sempre mantidos limpos e belos pelas mãos diligentes dos seus habitantes.

Era do agrado da vidente cega vestir-se sempre com roupas de imaculado branco, de maio a outubro; e, nos meses mais frescos, usar vestes de algum tecido macio e fofo, de tom delicado; ter os seus aposentos como imagem de pureza e simplicidade, suavizados, no verão, pelas cores contrastantes do ouro pálido e do branco, e, no inverno, animados por tons mais quentes e ricos. Flores delicadas espalhavam sempre o seu doce perfume à sua volta; e a bela criatura parecia mais um ser do céu do que da terra, movendo-se pelos estreitos corredores embelezados pela mão do amor.

— Nada do que a Terra possa oferecer é demasiado belo para os nossos amigos anjos — dizia muitas vezes às companheiras. — Convidamo-los a deixarem os seus lares luminosos na vida superior, onde tudo resplandece com a glória das esferas, para nos visitarem nas nossas pobres moradas. Que miserável receção lhes daríamos se encontrassem os nossos quartos desarrumados e a nós desasseados. Como as suas naturezas refinadas, habituadas à cultura e à beleza da vida celestial, se enojariam ao serem chamadas para lares onde reina a negligência e onde as leis da pureza física e espiritual são ignoradas. Nada do que lhes possamos oferecer pode

igualar a grandeza dos ambientes ou a paz das suas associações lá no alto. Sinto sempre que devo preparar-me para a sua vinda como faria se tivesse de receber o mais ilustre hóspede da Terra. Quero a minha casa limpa e arranjada, tornando-se o epítome da ordem e do encanto. Quero flores e quadros bonitos para agradar à vista dos meus visitantes. Quero ar puro e agradável para os revigorar. Pois não sabes que o ar abafado e os odores velhos, mesmo que mal perceptíveis aos mortais, são ofensivos aos sentidos delicados dos espíritos puros?

— Todos os dias, quando me preparo para encontrar os meus guias espirituais, sinto que, por mais limpa que possa estar, por dentro e por fora, nunca será suficientemente bom para a inspeção e aprovação deles; por isso sou cuidadosa com o meu banho. Tomo alimentos simples e nutritivos — leite quente, cereais, frutas, um pouco de caça, peixe ou algumas ostras — e gosto de usar roupas frescas e limpas todos os dias. Isso é para o corpo — e, para a mente, bons pensamentos.

Oh! se pudéssemos ser sempre bons e sábios de coração, não acampariam os anjos à nossa volta? Como eu desejava que todos os médiuns compreendessem que, quanto mais amorosa, harmoniosa e santa tornarmos a nossa vida, mais atraente — por métodos simples e cuidados persistentes, quero dizer, não por ostentação ou adereços dispendiosos — tornarmos a nossa envolvência, mais perto os bem-aventurados anjos poderão chegar de nós.

À medida que as semanas se transformavam em meses, um novo poder entrou naquele lar. Ocasionalmente, ao entardecer, quando os nossos amigos se sentavam no crepúsculo, cada um repousando tranquilamente depois das tarefas do dia, uma ténue e delicada névoa, clara e suave como luar, parecia emanar da figura de Helen Long e, juntando-se gradualmente, essas emanações vaporosas pareciam condensar-se e tomar a forma e proporções de um ser humano.

Durante muito tempo, essa figura misteriosa não apresentou feições distintas que permitissem reconhecê-la. Via-se a forma geral e aparência de uma pessoa naquela nuvem de neblina, mas nada mais. Clara e bela, luminosa por si mesma, transparente a ponto de se ver a parede por detrás, parecia estar vestida com um traje resplandecente da mais fina renda; contudo, certa vez, quando Helen Long, perfeitamente consciente do que se passava, estendeu a mão para tocar levemente nos panejamentos que flutuavam à volta da figura, estes desfizeram-se no seu toque como neve a derreter, e toda a forma se dissipou no nada.

Por um segundo, Helen ficou envolta numa névoa muito ténue que pareceu absorver, e então o ar limpou-se, não restando qualquer vestígio da encantadora influência que um momento antes as envolvera.

Tinha-se aberto um novo campo de estudo para os nossos amigos. Esta manifestação maravilhosa, revelando-se no seu meio, trouxe-lhes um novo entendimento sobre o poder do espírito. Por meio da vidente cega, os guias espirituais daquela pequena família instruíram-nos sobre como proceder ao desenvolvimento desta nova mediunidade. Religiosamente obedeceram às instruções recebidas e, semana após semana, o desabrochar prosseguia, destinado a trazer bênçãos abundantes no seu crescimento.

A manifestação de que falamos ocorria apenas uma vez em cada dez dias, pois os guias invisíveis declararam que não deveria ser mais frequente, para que o sistema vital da médium — que, neste caso, era Helen Long — não fosse demasiado sobrecarregado. Asseguravam que, na recolha e concentração dos elementos necessários à preparação da forma que tentavam produzir, as forças nervosas da médium eram grandemente drenadas, e que uma exigência demasiado frequente resultaria em danos para o seu instrumento.

Pelo contrário, usando criteriosamente a energia excedente e as emanações magnéticas da jovem, os operadores espirituais poderiam não só, com o tempo, apresentar aos mortais uma representação dos entes queridos que haviam deixado a Terra — provando assim a imortalidade do espírito inteligente e afetuoso e demonstrando o poder da alma sobre a matéria —, mas também trazer à médium nova vida e ânimo, com uma condição de repouso e felicidade para o corpo e para a mente.

Os mestres invisíveis ensinavam aos seus alunos lições sábias sobre a mediunidade, as suas leis, métodos e operações, às quais estes escutavam com paciência e interesse. Não desejavam apressar resultados, mas estavam contentes por esperar os desenvolvimentos e obedecer conscienciosamente às orientações dos seus amigos espirituais.

Disseram-lhes que, enquanto o corpo independente estivesse em processo de formação, a médium sentiria um enfraquecimento gradual das suas forças vitais, uma sensação de perda causada pela retirada de certos elementos do seu organismo; mas que tudo o que teria de fazer seria manter-se calma e tranquila, pois, quando a forma desaparecesse, todos os elementos necessários à sua sustentação voltariam a ela, dissipando-se apenas, na atmosfera, as forças excedentes de que não precisasse, através do processo de evaporação. Disseram-lhes também que cordões de luz — compostos por átomos tão finos e subtis que seriam invisíveis ao olho humano — ligavam a forma espiritual ou aparição à da médium; e que, se

por acaso estes se partissem, poderia resultar grande prejuízo, pois os elementos poderiam permanecer no ar e não regressar tão prontamente à sua fonte, sendo os cordões canais condutores para as minúsculas partículas de matéria que a médium emprestara temporariamente para a aparição.

Myra Grey não podia ver a forma tal como aparecia à tia e a Helen; mas, se a cegueira lhe vedava a visão dessa estranhamente bela aparição exterior, a sua visão clarividente mostrava-lhe cenas de tal interesse e esplendor que mais que compensavam o que não podia observar. Via em silêncio os trabalhadores espirituais ocupados com essa operação. Não era apenas um, mas muitos — homens e também mulheres — recolhendo átomos, enviando o seu magnetismo sobre o pequeno grupo de mortais, magnetizando o quarto e a casa, todos dirigidos por um espírito grandioso e diligente, cujo conhecimento das forças da natureza e das leis do universo devia ser vasto, tal era a inteligência e mestria com que conduzia os seus pupilos até um desfecho bem-sucedido.

Myra não via ali um único espírito de baixa índole ou repulsivo; nenhum que pudesse chamar de preso à Terra ou de alguma forma enfermo. Todos eram gentis, corteses, plenos de harmonia; e o brilho da exaltação — como se fossem habitantes de esferas elevadas — iluminava-lhes os traços. Já ouvira dizer que demonstrações físicas produzidas por espíritos invisíveis para chamar a atenção dos mortais eram obra de espíritos impuros ou, pelo menos, pouco desenvolvidos, robustos, com natureza mais terrena do que espiritual.

Mas as cenas e as pessoas que agora contemplava não confirmavam tal afirmação; e a vidente concluiu que, se nos esforçarmos por tornar os nossos corações e lares agradáveis para os anjos puros, se procurarmos o desenvolvimento de dons mediúnicos com propósitos altruístas, se invocarmos a presença dos bons e sábios do Além com sincero desejo de aprender com os seus ensinamentos e exemplo, não seremos afligidos pela presença ou maquinações de espíritos malévolos ou impuros, pois tais aspirações e motivos refletir-se-iam numa aura de luz emanando das nossas vidas, que atrairia os bons e verdadeiros e na qual os de mente carnal não poderiam permanecer.

O trabalho prosseguia lentamente, desconhecido do mundo, mas fielmente acalentado e seguido pelos nossos amigos. Entretanto, a vidente cega continuava as suas tarefas diárias, levando conforto e paz, ou instrução e novas verdades, àqueles que procuravam os seus serviços.

Um dia, sob o calor abrasador de um meio-dia de agosto, uma pobre jovem aproximou-se da porta do pequeno chalé. O doce rosto e os olhos

suplicantes intercediam por ela, enquanto pedia uma consulta com a bondosa vidente de quem ouvira falar.

— Não tenho dinheiro — explicou —, mas pagarei à senhora com isto — e estendeu uma delicada pulseira de fino ouro. — É tudo o que tenho. Perdi recentemente a minha melhor amiga e estou sozinha.

A Sr.ª Grey mais velha sentiu as lágrimas aflorarem ao ouvi-la.

— Guarda a tua joia, menina — disse, bondosamente. — A senhora não a quer. Ela atender-te-á e, se possível, dir-te-á algo sobre a tua perda.

A rapariga — uma criaturinha que talvez tivesse visto dezasseis verões — mostrou-se agradecida ao entrar na presença da senhora que desejava ver. Terão passado uns quinze minutos antes que o silêncio fosse quebrado pela voz da vidente:

— Oh! É triste, muito triste, menina; vens aqui num estado desesperado. Foste enganada e abandonada. No teu desespero, contaste tudo à tua mãe. Ela teve pena de ti e amou-te, mesmo lamentando a tua imprudência. A tua mãe prometeu cuidar de ti na hora da provação, quando ela chegasse. Era uma mulher ativa, que ganhava o seu pão e o teu. Mas adoeceu repentinamente e morreu. Estás sozinha e sem dinheiro. Tens vergonha de contar a alguém o teu problema. Saíste da vila, a cinco milhas daqui, onde a tua mãe vivia, e vagueaste até aqui. Tens uma pulseira que ele te deu; queres vendê-la. É tudo o que tens. Já pensaste no suicídio e ponderas isso neste momento.

— Não estás sozinha nem sem amigos — continuou a vidente. — Os anjos velam por ti; foram eles que te trouxeram cá hoje. Não sabias porque sentiste este impulso, mas seres de luz guiavam os teus passos. A tua mãe está aqui. Chama-te a sua pequena Leila e implora que não cometas um pecado tão grave contra ti mesma e contra o teu filho ainda por nascer. Diz-me que nunca soubeste o nome completo do teu sedutor. Para ti ele era apenas John Owen; para o mundo, é Owen Norcross. As tuas injustiças ainda serão reparadas e hás de voltar a erguer-te diante do mundo como uma mulher honesta.

A estranha escutava, espantada. Agora chorava baixinho, olhando para a oradora com um ar quase sem fôlego, como se esta viesse de um mundo invisível.

— A tua própria e abençoada mãe está diante de mim — prosseguiu a vidente, com a luz mística a intensificar-se-lhe nos olhos. — Pede-me que te envie a uma velha amiga dela e amiga de toda a vida minha. Diz-me que a

Sra. Carter cuidará de ti na hora da provação. Um dia melhor está a despontar para ti, minha pobre menina.

O tom de terna compaixão tocou o coração da rapariga, que, caindo de joelhos, enterrou o rosto nas almofadas macias de uma cadeira e chorou convulsivamente. A luz esmoreceu nos olhos de Myra e, pousando suavemente a mão sobre a cabeça inclinada, disse com doçura:

— Conta-me tudo; far-te-á bem.

Vencida pela simpatia daquela voz, a pobre arrependida derramou a sua história dolorosa no coração compassivo que a acolhera.

Era, tal como a vidente dissera, uma história muito triste. Jovem e bela, ignorante das manhas do mundo, inocente de qualquer pensamento de mal, aos quinze anos sucumbira aos lisonjeiros ardis e ao poder psicológico de um homem maduro e experiente. Sem que a mãe soubesse — pois essa mulher, mais vivida, sentira desde cedo grande aversão pelo homem —, Leila White continuara a encontrar-se com ele, acabando por consentir numa fuga.

Partiram para uma cidade a vinte milhas dali e passaram por uma cerimónia de casamento. Ficaram três semanas num hotel discreto, saindo apenas ao cair da noite. Então o sonho terminou: farto do seu novo amor, da sua ingenuidade e ignorância do mundo, “John Owen” disse-lhe cruelmente que estava livre para regressar à mãe; que não tinha qualquer direito sobre ele; que a cerimónia não passara de “uma agradável pequena ficção” conduzida por um amigo seu e sem qualquer validade legal.

Atordoada e indignada com a revelação, a pobre Leila fugiu da presença do homem sem coração e regressou à mãe, que a recebeu e perdoou. Mas, pouco depois, tornou-se evidente que não poderia ocultar por muito mais tempo a sua vergonha. Foi então que a dedicada mãe adoeceu e morreu, deixando a filha, sem recursos, à mercê do mundo. Tinham passado duas semanas desde a morte da mãe e Leila, enlouquecida pela perda e pela vergonha, decidira seguir o mesmo caminho para o outro mundo. Impelida por uma força irresistível, saíra a vaguear, levando um pequeno embrulho com todos os seus bens, para tirar a vida que lhe era tão odiosa.

A vidente cega escutou atentamente, incentivando as palavras hesitantes da jovem com o suave aperto da mão. Era um caso urgente, e Myra não hesitou. Tocando a campainha para chamar a tia, confiou-lhe rapidamente a história. Esta preparou-se de imediato para acompanhar a estranha até à bondosa Sra. Carter — uma senhora idosa, amplamente conhecida como hábil enfermeira — que cuidaria da jovem na sua aflição, como uma mãe cuida da filha. Um valor suficiente para as necessidades imediatas foi

colocado num envelope para a enfermeira, e os nossos amigos sentiram que, pelo menos por algum tempo, a viajante atormentada teria um lar e os cuidados de que precisava.

CAPÍTULO V
UMA NOVA MUDANÇA

À medida que os brilhantes meios-dias de agosto queimavam e resplandeciam, trazendo consigo o fluxo estival de calor e fadiga para os milhões que trabalhavam sem conhecer horas de recreio e repouso, ou levando apenas prazer e alegria aos notáveis da frivolidade e da moda, que, alheios às necessidades e tristezas dos seus infelizes semelhantes, desperdiçavam as horas douradas em estâncias balneares ou refúgios campestres, Charles Sprague sentia o peso da sua vida a cair-lhe pesadamente sobre os ombros.

Tinha instalado a família numa elegante vivenda nos arredores para passar o verão e, afrouxando um pouco o seu aperto sobre os cuidados dos negócios, pensara entregar-se aos encantos da natureza e à solidão da vida campestre. Mas aí, a inquietação cresceu-lhe no espírito; com lazer para pensar e tempo para refletir, a memória da sua antiga insensibilidade e crueldade para com uma jovem formosa, cujo único erro fora amá-lo demais — uma loucura que deveria tê-la tornado duplamente querida para ele — fazia-lhe o remorso puxar-lhe as cordas do coração, sem lhe dar sossego.

Owen Norcross, também, se tinha prendido tão fortemente à generosidade daquele homem, que, por vezes, se tornava um fardo. E, no entanto, sentindo a necessidade de ter algum confidente, Charles não conseguia afastá-lo, sobretudo porque aquele homem de sobrancelhas carregadas detinha o segredo da sua vida. Norcross fora convidado a passar o verão na vivenda, com a liberdade de vir e ir como lhe aprouvesse; e o homem instalara-se ali, passando dois ou três dias e noites de cada semana, porém, entre os seus próprios associados na cidade, sobre os quais, e sobre a vida que levavam, Charles Sprague e a sua esposa sabiam muito pouco.

Clara Sprague observava com inquietação a testa franzida e o comportamento agitado do marido. Tinha a certeza de que algum problema lhe roía o espírito, mas era demasiado sensível e altiva para lhe oferecer a simpatia que ele não lhe pedira; e ele, iludido pela aparência calma da esposa, mantinha-se afastado, acreditando que ela não se preocupava com a sua felicidade e sentindo-se indigno até do seu respeito. A princípio, a Sra. Sprague conjeturou que fosse alguma preocupação financeira que

atormentava o marido; mas, observando mais de perto a sua conduta e reparando que ele sempre abria de bom grado a bolsa, em qualquer quantia necessária, quando surgia ocasião, convenceu-se de que não era de dificuldades monetárias que ele sofria.

Pouco a pouco, um novo receio se insinuou no coração da senhora, roubando-lhe o conforto de dia e a paz de noite. Poderia ser que o marido se sentisse preso e incomodado pelos laços familiares que o prendiam? Ele era tão nobre e correto em todos os seus atos, que não podia desejar romper tais correntes.

No entanto, o seu orgulhoso coração aprendera, logo nas primeiras horas do matrimónio, que as atenções que o homem, com quem casara, lhe dispensava não brotavam do ardor quente e vivo de um amante, mas estavam tingidas de uma frieza e indiferença que a convenceram de que, para ele, não era a mais querida nem a mais prezada. A consciência disso amargurara a vida subsequente da mulher, mas também operara nela um encanto profundo, adoçando e refinando, pela tristeza, o coração que até então talvez tivesse estado um pouco alheio ao puro significado de ser.

Agora, o receio surgia: será que as correntes do matrimónio lhe eram pesadas? Não que suspeitasse que ele tivesse preferência por outra. Era a própria alma da honra, e nenhuma mulher o desviaria do seu dever para com a esposa. Contudo, Clara acreditava que devia ter havido, em tempos, um apego por algum amor passado, e que esse afeto ainda o prendia com os seus laços subtis.

Uma vez, no início da primavera, surpreendera Charles de repente; ele segurava nas mãos um medalhão antigo e fora de moda, cujas tampas estavam abertas, e viu claramente o marido levá-lo aos lábios, enquanto lhe passara diante dos olhos a imagem de uma jovem de um lado e, do outro, uma madeixa de cabelo louro. Quando ela se aproximou, ele apressou-se a guardar o tesouro no peito e começou a ocupar-se com uns documentos sobre a mesa.

O episódio não lhe saiu da memória e, mais tarde, no verão, quando a calma e a beleza da quinta não conseguiam acalmar o estado inquieto do marido, voltou a pensar nele, com crescente dor no coração e interrogações na mente.

No seu diário secreto, fechado por uma pequena fechadura dourada, Charles guardava o registo da sua vida e, de uma passagem escrita num glorioso dia de verão, podemos ler o registo desses pensamentos turbulentos e emoções enlouquecedoras que lhe agitavam o ser:

“Foi um dia de esplendor incomparável lá fora. Toda a criação parecia pulsar e arder de alegria e vida. Ao passar pelos jardins, as flores escarlates dos gerânios e as taças brilhantes dos lírios lançavam um clarão de glória aos meus pés. O sol dourado derramava-se sobre mim, os seus raios abrasadores suavizados pela brisa plácida do verão. O zumbido baixo de um ocasional inseto azul e o chilrear das aves de garganta doce, no alto das árvores, faziam música no ar, enquanto, por cima de tudo, a abóbada azul do céu se estendia como um dossel de bênção. Mas que bênção, que paz havia nessa cena para mim?

Para mim, tão dilacerado pela dor e contrição, que uma chama de fogo parece queimar-me o próprio coração! Ó Deus! Onde encontrarei alívio para esta dor ardente? Agnes! Agnes! estás terrivelmente vingada. Nas horas quietas da noite consigo ver as tuas lágrimas; consigo ouvir as preces que deves ter feito para que fosses libertada do teu destino. Foste injustiçada e eu fui impiedoso — mas hoje estou condenado à contemplação do remorso. És para mim uma memória sagrada, e, no entanto, há outra que amo com todo o fervor do coração de um amante.

Clara, minha esposa, tão querida, tão querida para mim! E, no entanto, desprezo-me tanto que não ouso tocar-lhe a mão com amor, nem ela corresponderia. Oh, ser livre deste conflito! Estar em paz! Se pudesse acreditar que não era um pecado imperdoável, deitava-me esta noite para morrer; cortava voluntariamente as correntes que me prendem à terra e buscava o esquecimento na sepultura. Mas esse pensamento é o de um assassino, e não ouso acalentá-lo.”

Quando agosto se aproximava do fim, surgiu uma nova fonte de ansiedade para aquele homem. Um telegrama da casa da sua filha não reconhecida, Olive, dava conta da morte do velho clérigo com quem ela vivia e do estado debilitado da esposa deste, que não poderia sobreviver-lhe por muito tempo. Era preciso que ele viesse de imediato preparar um novo lar para a sua “protegida”, agora uma rapariga de catorze anos.

Que fazer? Tão esgotado estava pela falta de sono e pela excitação nervosa que o acompanhava há meses, que o outrora enérgico Charles Sprague parecia incapaz de qualquer ação urgente ou pensamento concentrado, e decidiu consultar o seu amigo nesta emergência.

Aqui estava a oportunidade que Owen Norcross procurava. Até então, tinha sido mantido na ignorância sobre a residência de Olive Clarke, mas agora estava decidido a conhecer esse segredo; e assim, com aparência de sincera solicitude em servir o seu benfeitor, instou na necessidade de confiar aquele assunto delicado a um amigo cauteloso e de confiança — a saber, ele próprio, Owen Norcross.

— Deixe-me ir buscar a rapariga — disse com insistência. — Encontrarei um bom lar e um ambiente agradável para ela, até que possa arranjar forma de a colocar num colégio interno ou noutro local conveniente. Representar-me-ei perante ela e os seus conhecidos como preferir: seu agente, seu advogado, seu parente ou até seu pai, se assim entender. Explicarei tudo para satisfazer a todos e concluirei o assunto da forma mais discreta possível. Em suma, facilitar-lhe-ei tudo, se me der carta branca para avançar.

O resultado desta conferência foi que Owen Norcross conseguiu o que queria; e, no dia seguinte, o diplomata encontrava-se a caminho de Richmond, o distante lar campestre de Olive Clarke.

Encontrou a casa paroquial em luto. Os restos mortais do seu antigo mestre tinham sido sepultados, entre os lamentos da comunidade. A sua companheira de toda a vida estava prostrada por uma paralisia e prestes a ser levada para a casa de um parente que lhe pudesse dar os cuidados de que necessitava. Olive, uma criatura pequena e delicada, ligeiramente abaixo da estatura para a sua idade, de grandes olhos azuis e cabelo louro e fofo, recebeu-o com o rosto marcado pelas lágrimas. Era uma rapariga dócil e tímida, que ouviu, com um misto de retraimento e espanto, a história plausível daquele estranho.

Norcross apresentou-se como Owen Clarke, o pai que a criança nunca conhecera, indo assim muito além da liberdade que o amigo Sprague lhe dera.
— Tenho estado ausente deste país durante muitos anos, minha querida filha, e só recentemente regressei à minha terra natal. A perda da tua idolatrada mãe deixou-me quase louco e, vendo que não encontrava distração para os meus pensamentos no meio dos velhos lugares, resolvi procurar alívio em terras estrangeiras. Deixei a minha filha órfã ao cuidado atento do meu parente, Charles Sprague, que bem conheces. Trago dele uma carta de apresentação para os teus amigos, que verás. Tenho recebido os mais encorajadores relatos sobre o teu progresso nos estudos e sobre o teu crescimento físico. Estou pronto para amar e cuidar da minha filha como um pai deve.

A criança ouviu-o com os olhos baixos. Nenhum sentimento de afeto lhe nasceu no coração por aquele parente recém-descoberto. Instintivamente, afastava-se ao seu toque, mas não deu sinal da sua aversão. A história repetida àquela casa enlutada pelo recém-chegado, juntamente com as cartas de apresentação que trazia, garantiram-lhe a confiança dos presentes e, durante os dois dias que lá permaneceu, conseguiu apenas

aprofundar a impressão favorável que deixara — em todos, menos na rapariga que viera buscar.

As despedidas da criança, a todos os que conhecera e amara durante a maior parte da sua vida, foram verdadeiramente tristes, e, com um soluço trémulo, a pequena figura seguiu o seu novo guardião para fora do lar que considerara seu. No comboio, manteve-se muito calada, e o seu companheiro, reparando na figura retraída e no semblante tímido, no qual a experiência e a disciplina ainda não haviam traçado linhas de firmeza e decisão, percebeu que não tinha de temer qualquer rebelião da parte dela.

Havia uma graça no porte e uma delicada dignidade na pequena senhora que, apesar do seu ar de timidez, a denunciavam como criatura de cultura e refinamento. A cabeça bem formada, coroada pelo seu véu de cabelo dourado; o rosto oval, com a pureza da tez alva e ruborizada; os olhos azuis e luminosos, protegidos por longas pestanas de tom acobreado; os lábios de cereja e o queixo delicado — tudo compunha um quadro de doçura digno de contemplação.

O zumbido e o trepidar de várias horas levaram os viajantes até uma estação ferroviária, onde apearam; e, tomando uma carruagem, foram conduzidos a uma pequena casa de tijolo, numa parte tranquila daquela cidade estranha. Aqui, Olive foi introduzida numa pequena, mas agradavelmente mobiliada, sala de visitas, onde recebeu as boas-vindas de uma mulher algo corpulenta, mas de feições agradáveis, que o seu alegado pai lhe apresentou como sua governanta, a Sra. Banks.

— Recebeu a minha carta? — perguntou-lhe o homem, com um tom significativo, ao encontrá-la, ao que ela respondeu:

— Oh, sim, e compreendo tudo. O quarto da Srta. Olive está pronto e creio que ela vai gostar. Já é tarde e, depois do chá, deve recolher-se, pois está cansada. Faremos o possível para lhe proporcionar um lar agradável.

O tom e o sorriso da mulher encontraram o caminho até ao coração da pequena órfã, e uma expressão de gratidão brilhou nos olhos cinzentos que se voltaram para a estranha senhora que lhe falara com tanta bondade.

CAPÍTULO VI
O NOVO LAR DE OLIVE

O quarto atribuído a Olive revelou-se um espaço agradável, delicadamente mobilado, com um tapete grosso de palhinha indiana no chão; cortinas brancas nas janelas, presas por fitas azul-claro; cadeiras e mesinhas de verga ornamentadas com laços de seda; uma reluzente cama de latão, cujas almofadas e colcha imaculadas pareciam convidar os membros fatigados da rapariga ao repouso; e alguns quadros bonitos nas paredes tingidas.

Embora situado na parte traseira da casa, o quarto tinha vista para um pequeno jardim, onde, naquele momento, as flores tardias do verão acenavam alegremente, e os ramos de duas árvores de fruto lançavam uma sombra agradável. A perspetiva da janela agradou à criança que, na manhã seguinte à sua chegada, se debruçou no peitoril para aspirar o perfume das flores e sentir a brisa suave que lhe acariciava o rosto. Mas um aperto de solidão prendia-lhe o coração. Uma sensação de saudade — a mais opressiva de todas — apoderou-se dela e, apesar de si própria, as lágrimas brotaram-lhe dos olhos ao contemplar o novo ambiente.

No pequeno-almoço, Olive manteve-se muito calada, mal tocando nos pãezinhos quentes e amanteigados ou no delicioso bife que o seu alegado pai lhe oferecia com insistência. A Sra. Banks não tinha criados e orgulhava-se da sua habilidade na lida doméstica, e, naquela manhã, aplicara um cuidado especial à refeição, querendo abrir o apetite da recém-chegada, que poderia ficar ali por tempo indefinido. Mas a rapariga não conseguia comer e, após algumas tentativas em vão, desculpou-se, dizendo que queria desfazer a mala e arrumar os seus pertences no novo quarto.

Enquanto ela se ocupava, o homem e a mulher, no piso inferior, conversavam sobre o encargo que haviam assumido.

— Parece-me uma criatura dócil, John — disse a Sra. Banks, ao fechar-se a porta atrás de Olive —, um tanto tímida e reservada, mas de boas maneiras e porte gracioso. Onde a encontraste? Que tencionas fazer com ela? E por que assumiste perante ela o papel de pai?

— És mesmo dada a fazer perguntas, Kitty — respondeu ele, recostando-se na cadeira. — Mas vá, eu digo-te. A rapariga é, na verdade, filha de um velho amigo meu. Por razões que só ele conhece, não quer assumi-la publicamente. As pessoas com quem ela viveu durante anos tiveram de se desfazer dela, e o pai pagou-me para tomar conta dela. É tímida e maleável. Podemos fazer dela o que quisermos. Acredita que eu sou o pai e que só recentemente regressei do estrangeiro. Se jogarmos bem as nossas cartas,

vai render-nos ouro. Para te dizer a verdade, Kit, há uma nódoa no seu nascimento. O pai é um homem rico e eu tenciono explorá-lo por tudo o que este segredo valha.

— Imagino — respondeu secamente a Sra. Banks —, mas não sei bem o que podemos fazer com a rapariga aqui. Este não é lugar para ela. Claro que posso proporcionar-lhe conforto no que toca às necessidades físicas, mas, John, e quanto aos homens que frequentam o salão dos fundos quando estás em casa? Não hás de querer que eles saibam da presença dela, nem que a tua "filha" descubra que o seu novo "pai" é dono de uma mesa de jogo e que admite jogadores cá em casa.

— Não há necessidade de ela saber dessas coisas, Kitty. Os meus amigos não vêm senão tarde. A Olive sempre levou uma vida simples e está habituada a recolher cedo. Nunca precisa de encontrar esses homens, nem eles de saber dela. Vou ficar em casa pelo menos duas semanas, tempo em que pretendo ser agradável para a rapariga. Teremos ocasião para falar sobre o futuro dela e os planos hão de surgir à medida que conhecermos o seu feitio. Quero que vejas o guarda-roupa dela e verifiques se tem tudo o que precisa. Quero tratá-la bem e conquistar-lhe a confiança, se puder.

A Sra. Banks fitou-o com atenção por um momento. Era evidente que a sua mente fértil ocultava um plano que ela não conseguia adivinhar. *"Hei de descobri-lo a seu tempo"*, pensou, respondendo-lhe calmamente. Levantou-se e saiu diretamente para o quarto de Olive, onde encontrou a menina ajoelhada, num acesso de choro, sobre a mala aberta que continha as suas roupas, livros estimados e alguns bibelôs.

Com um gesto de simpatia, a Sra. Banks puxou o rosto molhado de lágrimas contra o seu peito e alisou-lhe o cabelo desalinhado.
— Ora, ora, menina! — disse num tom suave. — Não chores assim. Hás de habituar-te à mudança em pouco tempo. Não penses que estás sozinha, porque vou ser tua amiga. Tenho a certeza de que nos daremos muito bem e que serás tão feliz aqui como foste no teu antigo lar.

A rapariga continuou a soluçar, mas, à medida que a voz bondosa lhe chegava aos ouvidos, o pranto foi-se acalmando, e acabou por se encostar, confiada, ao peito generoso daquele coração que a acolhia. A Sra. Banks conhecera muitas agruras. A desgraça e a vergonha tinham marcado a sua vida. Passara a olhar com tolerância para os pecados e vícios humanos e não estivera isenta de culpas no seu próprio percurso. Ainda agora vivia à sombra de tais circunstâncias. O seu lar era ponto de encontro de jogadores, e o suposto dono da casa — aquele homem que deixara na sala de jantar — era, na verdade, apenas seu amante, quando deveria ter sido seu marido. Mas, apesar de todos os seus defeitos, a Sra. Banks possuía

traços nobres de caráter. Era generosa e compadecia-se dos tristes e desafortunados. Não era de magoar ninguém e procurava, pelo contrário, espalhar alegria e conforto.

A sua aparência também tinha muito de cativante. Era de feições agradáveis, e o sorriso aberto com que olhava as pessoas iluminava-lhe o rosto e realçava o brilho dos olhos castanho-aveludados. As crianças, em especial, sentiam-se sempre bem com ela e, não tendo filhos, dedicava todo o afeto aos filhos dos outros, sentindo-se recompensada pela confiança inocente que lhe depositavam. Era, pois, natural que a jovem, na sua fragilidade, se voltasse para o único coração que, em todo o mundo, lhe oferecia simpatia e carinho.

Fosse como fosse o caráter daquela mulher, era evidente que a sua simpatia era sincera, e Olive, sentindo o genuíno interesse que lhe demonstrava, correspondeu-lhe com gratidão.

Quando os soluços cessaram, a Sra. Banks levou-a a contar-lhe as suas mágoas e receios. A história era simples e breve. No final, voltou a reconfortar a menina com palavras afetuosas e, erguendo-se, começou a desfazer a mala negligenciada, arrumando o seu conteúdo em locais apropriados.

— Vejo que tens um guarda-roupa bem cuidado e de bom gosto — disse num tom animado. — Vamos examiná-lo mais tarde e alterar o que for preciso. Agora tenho de tratar da casa, mas, se quiseres — acrescentou, reparando no olhar ansioso da menina — podes vir comigo para baixo. Gostava da tua companhia enquanto trabalho.

Olive aceitou o convite com satisfação. Já na sala de jantar, que dava para a mais limpa e acolhedora das cozinhas, ofereceu-se para ajudar a arrumar a mesa e, em poucos minutos, estava ocupada, executando com cuidado e rapidez as tarefas humildes que empreendeu, encontrando nelas algum alívio para a dor que lhe oprimia o coração.

A rapariga evitava “Owen Clarke” — como o seu falso pai se apresentava — tanto quanto possível, mas, por várias vezes nesse dia, viu-se forçada a falar-lhe e a ouvir as suas palavras conciliadoras e de interesse fingido. Não punha em dúvida a história que ele lhe contara sobre o parentesco, mas, por mais que tentasse, não conseguia confiar nele. Havia algo de falso e insincero naquele homem moreno que repelia a sua sensibilidade, e o convívio apenas reforçou a aversão que sentira ao conhecê-lo.

Com o passar dos dias, Olive encontrou maior companhia na Sra. Banks. Tornou-se parte da sua rotina ajudar a senhora nas tarefas domésticas e, como não fora criada na ignorância do trabalho de casa, mostrou-se uma

auxiliar pronta para aquela mulher ocupada, cuja casa ordenada era o seu orgulho. A Sra. Banks sabia, pela própria experiência, que mãos ociosas fazem corações pesados e que o melhor remédio contra o tédio e a saudade é o trabalho, tanto para o corpo como para a mente. Por isso, mais por consideração pelo bem-estar da jovem do que por necessidade real, encontrava sempre alguma tarefa para lhe dar quando o tempo ameaçava pesar-lhe nas mãos.

A “viúva”, como os vizinhos lhe chamavam, tinha boa reputação, tanto quanto era conhecida. Fazia poucas amizades e raramente visitava ou recebia visitas na cidade. Era vista pelos vizinhos como uma pessoa reservada, que cuidava da casa para um irmão ou primo — o tal cavalheiro que passava boa parte do tempo fora e que teria alguns negócios ou interesses em Parkeville, a mais de trinta quilómetros dali.

Durante as duas semanas que se seguiram à chegada de Olive, ninguém apareceu, nem a Sra. Banks visitou fosse quem fosse. A casa mantinha-se tranquila durante o dia, mas, por vezes, à noite, a pequena pensava ouvir o som de muitas vozes, abafadas, e ficava a imaginar, deitada na cama e tentando escutar, se haveria estranhos na casa. Uma noite, cerca de dez dias após a sua chegada, Olive acordou de um sono profundo. A janela estava aberta para deixar entrar o ar suave de setembro, e a luz da lua nascente espalhava-se pelo chão em barras prateadas.

Enquanto contemplava a beleza da noite, o som de vozes contidas chegou-lhe aos ouvidos. Erguendo-se e apoiando a cabeça no cotovelo, esforçou-se por apanhar o murmúrio, que subia e descia. Sim, não havia dúvida, havia estranhos na casa. Agora os sons tornavam-se mais claros — um misto de vozes, imprecações e exclamações enchia o ar. Assustada com o barulho, a rapariga saltou da cama e debruçou-se na janela aberta. As janelas da divisão por baixo estavam fechadas e com postigos, mas raios de luz escapavam-se pelas frestas, e ela teve a certeza de que aquela explosão, que agora se dissipara num silêncio repentino, tinha vindo dali.

A tremer de nervosismo, fechou e trancou a janela — apesar do calor da noite — e, indo até à porta, rodou a chave na fechadura. Mal saberia explicar o que a levara a assim encarcerar-se. Não era que temesse realmente uma intrusão, mas o choque brusco parecera deixá-la sem forças.

Na manhã seguinte, antes de Olive aparecer, a Sra. Banks disse ao dono da casa:
— O que causou a agitação de ontem à noite? Costumas ser tão cuidadoso para que não haja barulho que me surpreendeu o que ouvi. A Olive deve

ter-se assustado, porque ouvi-a fechar a janela e trancar a porta. Ia até lá quando rodou a chave, mas como não ouvi mais nada, não fui.

— Ainda bem; não lhe digas nada, a menos que ela fale do assunto. Se o fizer, inventa qualquer desculpa — diz-lhe que não era tarde, que eu tinha uns amigos a tomar um copo de vinho comigo, que se entusiasmaram um pouco, e por aí fora. Saberás como resolver. A verdade é que o Fred Carroll perdeu muito dinheiro. Jurou que eu o trapaceara nas cartas e que não admitia isso. Fez um pouco de barulho, mas eu mantive a calma e ele logo arrefeceu. De qualquer forma, ganhei seiscentos com a jogada, e aqui tens uma parte — disse, entregando-lhe uma nota de cem dólares.

Olive estava demasiado tímida para falar do susto da noite anterior, e assim nada foi dito quando ela entrou. Estava pálida e com ar cansado, mas animou-se visivelmente ao saber que o seu “pai” partiria dentro de um ou dois dias, ficando ausente durante semanas — notícia que fez o cavalheiro morder o lábio inferior, contrariado.

Fiel à palavra, Owen Norcross — assim é conhecido dos nossos leitores — partiu na data mencionada, ostensivamente para tratar de negócios importantes, mas na realidade para prosseguir o seu trabalho nefando na cidade de Parkeville. Não mantivera comunicação com Charles Sprague desde que partira para Richmond em busca de Olive Clarke, exceto para enviar um bilhete cauteloso, informando que a missão fora cumprida. Sabia que encontraria Charles num estado de ansiedade, mas isso não perturbava o seu espírito ardiloso, nem alterava os seus planos.

Ao chegar a casa do amigo, Norcross procurou uma entrevista privada com Sprague, durante a qual revelou grande parte do que se passara com a criança.

— Achei mesmo melhor apresentar-me como pai dela — disse num tom insinuante. — Evitou logo perguntas embaraçosas sobre ti, assim como outros incómodos. Sei que não era a tua intenção, mas, meu caro, foi mesmo o melhor. E por que haverias de te importar, se eu estava disposto a assumir a responsabilidade? Ela está agora instalada na casa tranquila de uma amiga minha — mulher de boa reputação e aspeto afável — e já está tão feliz quanto pode estar.

Não precisas de ter pressa em mudar-lhe os aposentos e, na verdade, se quiseres, posso arranjar professores particulares para a Olive, de modo que nem precise de ser colocada num colégio interno. Claro que isso requer dinheiro, e bastante. Se eu não estivesse tão apertado neste momento, nem mencionava. Mas, onde ela está, o nosso mundo nunca ouvirá falar dela, e a Sra. Sprague continuará na mais completa ignorância da sua existência.

— É exatamente isso que deve acontecer. Não suportaria que a sua existência fosse revelada à minha família. Rodeia a criança de todo o conforto. Dá-lhe uma vida satisfeita e feliz. Livros, quadros, professores competentes — não poupes despesas para lhe dar alguma luz na vida. Ela merece-o, pobre criatura, pois o seu direito de nascimento é-lhe negado. Pagarei com gosto todas as contas — disse Charles Sprague, passando a preencher um cheque avultado, que entregou ao homem, o qual o guardou no bolso com o ar de quem acabara de praticar um ato virtuoso digno de recompensa.

CAPÍTULO VII
UM VISLUMBRE DO CÉU

O outono avançava até que a lua de outubro se ergueu, cheia e redonda, sobre um mundo adormecido, inundando o ar fresco e límpido com um mar de esplendor prateado. Enquanto a multidão, ocupada com os seus próprios interesses e prazeres, ia e vinha, alheia às vivências íntimas daqueles com quem se cruzava, um período de prova aproximava-se na vida dos nossos amigos, na pequena casa de campo.

Havia semanas que uma fraqueza sensível se instalara no corpo de Caroline Grey. O verão parecera roubar-lhe o vigor habitual. Um cansaço persistente apoderara-se dela, ao qual não conseguia resistir. O passo tornara-se lento, e, por vezes, a voz falhava-lhe quando tentava falar, algo que não passara despercebido ao olhar carinhoso da sobrinha. O médico chamado aconselhou mudança de ares e de ocupação, e assim, por algumas semanas, no fim do verão e início do outono, a pequena família esteve junto ao mar, onde o som suave das ondas a beijar a areia e o toque fresco e salgado do ar marinho revigoraram as energias abatidas da jovem cega e da sua companheira, Helen Long.

Mas a mudança pouco alívio trouxe àquela que mais necessitavam de beneficiar. “Tia Carrie” continuava a definhar e, ultimamente, a extrema prostração física acompanhava os ataques de dor nervosa que, por vezes, lhe assolavam o corpo — sinais que a convenciam da perda de forças vitais e lhe traziam à mente a certeza de que o seu tempo na Terra chegava ao fim.

Ansiava pela tranquilidade e pelo aconchego do seu lar pacífico e, a seu pedido, as raparigas desistiram de procurar outro local de repouso, como tinham planeado, regressando com a doente à casa que ela tanto amava.

Tudo o que o afeto podia sugerir foi tentado para aliviar a doente. Não só se aplicou a melhor assistência médica e cuidados de enfermagem, como

também magnetismo vital, administrado por um curador competente e bem-sucedido, sob orientação dos sábios espíritos que há tanto guiavam as nossas amigas. Embora estes cuidados aliviassem os sofrimentos de Miss Grey, permitindo-lhe algum descanso após semanas de insónia, não conseguiam repor as forças nervosas que se esgotavam rapidamente, retirando-lhe a energia vital.

A própria doente percebia que nenhuma arte terrena poderia salvá-la. O pensamento da morte não lhe trazia medo, pois via-a como uma bendita libertadora. Sabia que, para lá da agitação da vida terrena, haveria campos vastos e habitações aprazíveis, e que um reencontro amoroso com corações queridos a esperava logo além dos limites da mortalidade.

De organismo altamente sensível, Caroline Grey possuía, em elevado grau, aquela faculdade intuitiva — ou perceção espiritual — que, embora pertença a todo o ser humano, permanece inculta e adormecida em muitos até que se libertam da prisão da carne. Tal faculdade pode ser chamada, com propriedade, de sexto sentido, pois permite perceber o que os outros cinco sentidos não podem medir ou tocar. Pelo seu exercício, a mente pode alcançar um conhecimento da vida que de outra forma não obteria. Esta faculdade revela de imediato a verdade de qualquer ideia apresentada, e dá a compreender, sem auxílio de livros ou mestres, o significado, o propósito e a certeza de leis e ensinamentos antes obscuros.

A perceção espiritual, ou intuição, é algo mais do que visão, pois permite à mente mais do que ver. Abre todas as vias da sensação e, através dela, o homem pode não só ver, ouvir e sentir as realidades da existência, mas também conhecer a verdade sobre qualquer mistério ou segredo da natureza ou do universo. Em suma, quando este sexto sentido da humanidade for desenvolvido e mantido em operação ativa, o ser humano será capaz de perceber e compreender, por todos os lados e através de todos os canais do ser, as lições, problemas e soluções da vida.

Caroline Grey possuía este sentido. Intuitiva, aspiracional, espiritual por natureza, parecia caminhar numa atmosfera só sua. Com o uso do seu próprio discernimento, submetera as faculdades emocionais de tal forma que, embora exalassem a doçura e o perfume de flores imortais para todos os que as sentissem, nunca feriam o coração de um amigo, nem deixavam o espinho da má interpretação na vida que tocavam, pois não havia espinhos ocultos sob a sua rica superfície.

Vivendo sob a orientação direta e inspiração de espíritos angélicos que comunicavam, havia anos, através da sua sobrinha, a doente desenvolvera, inevitavelmente, o que havia de mais grandioso na sua natureza. A luz do amor celestial, brilhando plenamente na sua vida, despertara-lhe as

profundezas do ser, e, sob os seus raios, o coração puro tornara-se forte e sereno, animado pela coragem da fidelidade e pela consciência de procurar a verdade de Deus.

Caroline era ela própria altamente mediúnica — ou seja, o lado interior da sua vida estava aberto às esferas espirituais, de modo que podia entrar conscientemente em contacto com os seus habitantes; mas não tinha a faculdade de ver, descrever ou conversar com inteligências individuais do outro mundo. Podia sentir ou perceber a sua presença e encontrar um santo conforto na convicção disso.

As qualidades mediúnicas desta boa mulher tinham sido aproveitadas pelo mundo espiritual. As forças magnéticas do seu sistema não só haviam sido aplicadas no desenvolvimento da clarividência da rapariga cega, como também tinham servido para preservar a saúde e estimular as atividades mentais desse abençoado instrumento de comunhão com os espíritos.

Ultimamente, o desenvolvimento da mediunidade de Helen Long avançara mais rapidamente do que é habitual em fases como as que ela possuía; mas parecia que os guias tinham pressa em fazer progredir o trabalho por algum fim importante e, como as suas pupilas na Terra lhes proporcionavam as melhores condições, o desabrochar prosseguia com regularidade invulgar. Nesta obra, a Srta. Grey, a mais velha, emprestara todas as suas simpatias e as suas forças magnéticas. Por vezes sentia que a sua vitalidade fora demasiado exigida; mas não se queixava, pois acreditava que a grandeza da obra justificava os meios.

Agora, porém, aproximava-se o fim. “Tia Carrie” reconhecia a verdade, mas Myra, a sobrinha, não a aceitava. Pela primeira vez na vida, a rapariga cega duvidava das afirmações feitas pelos seus guias espirituais. Julgava que se enganavam; não era possível que lhe tirassem a tia. Durante dias, o seu estado de espírito fechou-lhe a visão interior à presença dos amigos espirituais e à perspetiva do outro mundo. Tudo era escuridão em torno da infeliz criança. Nenhuma luz penetrava nos seus sentidos perturbados, e aqueles que vinham em busca dos serviços das suas habitualmente iluminadas faculdades eram afastados sem obter a ajuda que procuravam.

Enquanto estava sentada junto ao leito da sua amada parente, com a mão pousada levemente sobre a mão enfraquecida da doente, a rapariga cega sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo e uma mão firme pousar-lhe sobre a cabeça. Logo, a voz do seu pai espiritual soou-lhe aos ouvidos e, despertada pelo choque elétrico tão estranhamente aplicado, escutou, com atenção aguçada, as palavras que ele dizia:

“Minha filha, a tua rebeldia não é sensata, nem é justa para com a tua tia. Não condiz com o espírito da minha criança, pois tem um travo de egoísmo. Contempla a mudança que se aproxima com serenidade. Prepara-te para a enfrentar, pois é inevitável. Pensa na alegria, na libertação, no lar glorioso que trará à tua tia.

Ela viveu na Terra uma vida pura, paciente e altruísta, e o momento está próximo em que ascenderá à sua recompensa. Minha filha, não ficarás sozinha a lutar com as provas da Terra. Uma guarda forte está à tua volta; o seu cuidado protetor será o teu escudo. Espíritos amorosos guiar-te-ão de dia e de noite. Ao teu grupo juntar-se-á mais um anjo radioso, no espírito da tia Carrie, cujo amor vigilante nunca falhará. Nem no lado mortal te faltarão amparos — terás muitos amigos cujo afeto te sustentará; e Helen ocupará o lugar da tua tia neste lar.

Os teus guias previram esta mudança quando trouxeram Helen até ti. Foi para te ajudar na obra espiritual que ela veio, desenvolvendo as suas faculdades mediúnicas para esse fim. Tu e ela sereis fortalecidas diariamente para as experiências da vida. Sê paciente e submissa, confia no Céu, e tudo correrá bem.”

As lágrimas da rapariga sem vista caíam agora silenciosamente sobre a mão enfraquecida que segurava. Quando a voz espiritual cessou, a doente mexeu-se e sussurrou:

— Myra, querida, há uma luz maravilhosa neste quarto, tão pura e suave. Os anjos estão aqui em grande número; como é bendita a sua presença! Creio que o meu irmão está ao nosso lado — sinto tão nitidamente a sua atmosfera. Não chores, minha filha, tudo é para o melhor. É verdade que vou deixar-te num sentido, mas, noutro, estarei perto de ti; no coração, na vida, no trabalho, continuarei contigo.

Mais tarde, quando se acalmou, Myra contou à tia o que ouvira da voz espiritual. Ao relatar, um sentimento de perfeita paz pareceu apoderar-se de todo o seu ser. Resignou-se à ideia de separação física daquela que lhe dera amor de mãe, pois, com as palavras do pai, nascera no seu coração a convicção de que tudo ficaria bem. À medida que este belo estado de espírito se instalava na sobrinha, toda a ansiedade se dissipava no coração da mulher debilitada. Só se afligira por causa de Myra; agora que sabia que a paz chegara, a sua alma acalmava-se diante da mudança.

Assim passaram os dias, trazendo a gloriosa manhã da ressurreição para um espírito em luta. Era, de facto, uma manhã repleta do brilho, beleza e frescura vital do outono de outubro. Respirar aquele ar era um prazer, e apanhar o seu sol era banhar-se em luz. Uma calma tranquila reinava no

quarto da doente. Nada passara pelos seus lábios durante horas, e ela jazia entre as almofadas imaculadas, tão bela, branca e pura como um lírio sem mácula. O curador magnético entrou e aplicou-lhe as suas forças, dando-lhe uma energia temporária que tornou as horas seguintes um período de repouso para a sofredora.

Com o dia a avançar, Myra e a amiga Helen mantinham-se junto da forma moribunda, cheias de solicitude e afeto. Mas o luto daquele aposento tranquilo era suavizado pelo poder do amor angélico. A clarividente recuperara a visão espiritual nos últimos dias e, agora, observava a cena maravilhosa que se lhe abria diante da visão interior. Para ela, o quarto parecia transformado num recanto de beleza por mãos invisíveis. Festoes de flores radiantes pendiam das paredes e do teto, misturando-se com nuvens de rendas vaporosas em tons delicados.

O chão estava coberto de lírios e rosas, ricas e perfumadas, e aqui e ali um astro brilhante parecia acender-se, iluminando o lugar com uma luz prodigiosa. Formas vestidas de branco moviam-se de um lado para o outro. Lá estava a sua querida mãe e a pequena Pearl. Lá estava a tia Mabel, única irmã de Carrie, falecida há quarenta anos — tão bela e jovem parecia. Lá estava a mãe de Helen, observando e acrescentando, por vezes, um toque de beleza à cena.

Myra contemplava e contemplava aquele quadro maravilhoso, quando viu o seu pai avançar de um canto invisível, acompanhado de um homem de cabelo claro, aspeto agradável e ar de estudioso. Este espírito aproximou-se do leito e pousou a mão sobre a testa da doente.

— Querida alma! — sussurrou — Em breve estará junto dos seus. Oh! Esperei tanto por esta hora. Minha “Calla”, meu verdadeiro amor.

Como se tivesse ouvido o murmúrio espiritual, a enferma mexeu-se e murmurou:
— Sim, Ralph, sou inteiramente tua. Muitos anos se passaram desde que atravessaste para a outra margem, mas nunca esqueci o nosso amor. Em breve nos encontraremos para nunca mais nos separarmos.

Nesse instante, o toque da campainha da porta soou e Myra sobressaltou-se como se com dor.
— Helen — sussurrou —, por favor, não deixes entrar ninguém. Abafa a campainha e recusa-me a todas as visitas.

Helen acenou que sim e saiu do quarto. Mas os lábios pálidos da moribunda moveram-se e, de repente, uma voz clara e distinta — voz masculina, cheia e rica, que Myra reconheceu como sendo a do pai — disse:
— Recusa todos, Myra, menos esta pessoa que pede para entrar. Deixa-a

vir por alguns momentos e vai ter com ela, dizendo-lhe as palavras que te são dadas. É uma alma em sofrimento, que vem em busca de conselho e luz.

Myra levantou-se e seguiu Helen até à sala.

No piso inferior, estava uma senhora alta, de grande beleza, mas com linhas de dor na testa e expressão de inquietação nos olhos escuros. Ouvia Helen explicar rapidamente a situação da casa. Ao voltar-se para sair, deparou-se com a rapariga cega, que lhe pousou uma mão no braço e disse:

— Fui enviada até si. É uma estranha, mas o seu coração está aflito. Não desconfie do seu marido. Ele não se cansou de si. O seu afastamento, a aparente indiferença, vêm de um coração atormentado. Há um segredo na sua vida ligado a um passado distante. Infelizmente, antes de casar consigo, o seu marido amou e cortejou uma jovem que não pertencia à sua posição social, embora fosse pura e doce. Ganhou a sua confiança com promessas e, depois, obedecendo ao pai, casou com outra. A pobre rapariga adoeceu e morreu, deixando um bebé tenro ao cuidado do pai arrependido.

— Este é o segredo da vida do seu marido; mas não tema, minha senhora, tudo será reparado. Não é uma mulher sem amor. O seu marido adora-a, mas despreza-se a si próprio. Não ousa contar-lhe os fardos que carrega, mas o que lhe digo é a verdade. A fotografia no medalhão, que o viu contemplar, era de Agnes Clarke, o seu amor traído. Ele guarda-a como lembrança da sua loucura e pecado. Venera-a como santa paciente e sofredora, mas adora a sua esposa Clara e ama a filha, Maude, como nunca mais poderá amar. Volte para casa com paz no coração, pois a verdade será revelada. Venha de novo, mas só daqui a alguns dias.

A luz apagou-se-lhe dos olhos e, deixando Helen acompanhar a visitante — que não era outra senão a esposa de Charles Sprague — até à porta, a clarividente subiu lentamente ao quarto, encontrando a tia envolta num sono tranquilo.

Nessa tarde, quando o céu a ocidente se incendiava com as glórias de um pôr do sol radiante, o espírito sereno de Caroline Grey partiu. Mais uma vez, os olhos espirituais de Myra se abriram, e, nesse momento supremo, viu a passagem de uma alma da Terra para o Céu. Uma névoa branca e pura começou a elevar-se do corpo imóvel sobre a cama, tomando pouco a pouco a forma de um ser humano, vestido com trajes cintilantes de branco. Quando os traços se formaram, Myra reconheceu-os como sendo os da tia — mas tão belos, tão iluminados de alegria e expectativa, que quase a

deslumbravam, mesmo à sua visão espiritual. Por fim, a forma pareceu completa e, no momento em que um cordão de luz, ligando-a ao corpo rígido sobre a cama, se rompeu, o ser espiritualizado desceu, ou flutuou, sobre o chão coberto de flores. Foi imediatamente rodeada pelos espíritos assistentes, que, com abraços e palavras de boas-vindas, a receberam. Então, enquanto Myra observava, viu a recém-chegado espírito saiu do lugar e, à medida que a visão dela se expandia, Myra viu uma terra distante, sob céus resplandecentes e campos cobertos de rica vegetação.

Cúpulas cintilantes e torres lavradas, muralhas de aspeto alabastrino e telhados luzentes brilhavam no azul límpido da atmosfera — e ali, ela sabia, ficavam os salões e lares de espíritos felizes. Logo, viu o seu grupo de amigos passar por um portão aberto e dirigir-se até à entrada de uma bela morada. Aí pararam e mostraram à recém-chegada a paisagem em redor, indicando-lhe claramente que aquele seria o seu lar. Depois avançaram até ao portal, onde lançaram sobre “tia Carrie” grinaldas de flores perfumadas e, assim alegremente adornada, conduziram-na em triunfo para o lar imortal que ela mesma construíra com as suas boas obras.

Mas na Terra restavam tristes deveres a cumprir, e, de coração pesado, Myra Grey aguardou a hora em que tudo o que restava de mortal à sua querida parente seria entregue ao repouso final.

Durante três dias, o corpo foi mantido rodeado de flores, num caixão cinzento-pérola, ornamentado com prata. Pesadas pregas de um tecido branco e suave, presas por um laço de fita violeta — símbolo da alma pura que partira na fé confiante em Deus — caíam do puxador da porta exterior, fazendo com que os estranhos que se aproximavam com a intenção de visitar profissionalmente a famosa clarividente se desviassem, e apenas amigos chegados atravessassem o pequeno vestíbulo para levar a sua partilha de simpatia à enlutada.

Um ambiente de santa paz envolvia o lugar. Uma luz estranha, não terrena, iluminava a escada e o quarto. Os anjos estavam presentes, enchendo a casa com a sua influência elevada. À hora marcada, os amigos reuniram-se para ouvir a simples e bela cerimónia fúnebre. As mais doces canções espirituais foram entoadas por um coro de vozes treinadas.

Palavras repletas de consolo e instrução sentida foram proferidas por um idoso — amigo de toda a vida de Caroline Grey — cuja voz tantas vezes levara bálsamo a corações feridos. A sua fé era a de um Unitarista liberal — afetuosa, simples e confiante —, crendo na total bondade e na terna proteção do Pai Divino; e, na sua expressão, elevava sempre o coração do enlutado a uma compreensão mais clara da bondade e do amor de Deus.

Myra Grey e Helen Long, ambas vestidas de suaves tecidos cor de pomba, sentavam-se à cabeceira do caixão, a jovem sem vista apoiada na amiga como que em busca de amparo.

Mas, quando as últimas notas do hino final se extinguiram, um novo poder desceu sobre a clarividente e, erguendo-se, com a voz vibrando de emoção, prestou em tons comoventes o seu tributo de honra e afeto à parente que amava. Já junto à sepultura, quando o primeiro punhado de terra caiu sobre o caixão, uma prece simples e sentida, cheia da confiança e da fé que se agarra, subiu dos lábios da jovem inspirada, levando uma mensagem de paz a cada coração e deixando sobre o seu próprio espírito uma influência terna e sagrada.

CAPÍTULO VIII
REVELAÇÕES DO ALÉM

Só passadas algumas semanas Myra Grey recuperou plenamente a força das suas notáveis faculdades mediúnicas. O choque da morte da tia deixara-lhe no sensível coração uma marca que não se apagava facilmente. Embora soubesse — como só sabem os que têm o privilégio de manter comunhão consciente com os que partiram — que a sua amada parente apenas fora trasladada para uma esfera mais elevada e menos limitada; embora estivesse convencida de que continuava a ser, como antes, alvo do cuidado, da presença e do afeto dessa querida; ainda assim havia momentos na vida da vidente em que ansiava, com dor no peito, pela presença física dessa que fora a mais amada de todas as amigas.

Mas, à medida que o sentimento de mudança e novidade se dissipava, Myra passou a viver mais plenamente no espiritual. As suas faculdades não só readquiriram o vigor anterior, como pareciam ganhar em volume. Formas e rostos iluminados por uma glória indescritível e auto-radiante — prova de que eram criaturas de uma esfera divina — surgiam-lhe; seres de pensamento puro e altos propósitos visitavam-na de dia e de noite, transmitindo-lhe ensinamentos elevados e conselhos sábios que quase confundiam os buscadores da verdade na vida terrena que a rodeavam.

As faculdades de Helen Long também se aprofundaram e ganharam tom; pois frequentemente, ao cair da noite na sossegada sala de sessões, misteriosas figuras apareciam em nuvens de luz diáfana, parecendo emergir do lado de Helen e assumindo a forma, proporções e feições de amigos queridos.

Apenas Helen e Myra assistiam a estas reuniões, pois, por enquanto, os guias não permitiam a presença de outros. A médium, cujo organismo

servia para a manifestação dessas aparições, nunca perdia a consciência, embora uma sensação peculiar, sonhadora mas agradável, acompanhada de diminuição das forças vitais, se apoderasse dela durante o processo dessas formações. Essa sensação ajudava a mantê-la num estado passivo e tranquilo, permitindo aos operadores espirituais usar a sua aura magnética conforme o trabalho exigia.

Foi um momento de pura felicidade para Helen Long quando, pela primeira vez, reconheceu na forma que se desenvolvia das névoas do seu lado o rosto e corpo da sua mãe querida; e, não fosse a sensação sonhadora que lhe mantinha os sentidos presos, teria certamente corrido a abraçar esse ser etéreo. Como estava, uma paz terna, alegre e satisfeita encheu-lhe o coração ao vê-la — paz que nenhum acontecimento posterior lhe arrancaria.

A aparição seguinte foi a de “tia Carrie”, a querida e amorosa “tia Carrie”, que, do mundo espiritual, já empregava todos os seus melhores esforços e energias para cumprir a missão de amor para com a Terra. Tão radiosa, tão perfeitamente feliz parecia, e com que sorriso transcendentemente belo desapareceu! Poucos dias depois, surgiu a mãe de Myra e, nessa ocasião, o poder foi tal que a pequena Pearl também apareceu e ficou a seu lado. Cena maravilhosa! Ali, nas sombras crescentes daquele delicado aposento, erguiam-se dois seres resplandecentes, vestidos de trajes cintilantes, cada forma parecendo composta de minúsculas partículas de luz, diáfanas, vaporosas, quase transparentes na sua encantadora beleza; ambas unidas por finos e delicados fios à jovem que, em semi-transe, as contemplava com um sorriso enternecido.

A médium cega não podia, naturalmente, ver essas formas tal como se apresentavam aos olhos da companheira, mas isso não diminuía o seu interesse na manifestação. A sua visão clarividente permitia-lhe observar a ação dos espíritos mais ativos na produção de tais maravilhas; e, quando a tia surgia, sabia de antemão quais seriam os traços que se formariam no corpo temporário tecido pelos “químicos espirituais”. Muitas vezes, em anos anteriores, dissera à sua parente: “Não posso ver o teu corpo físico, tia, mas às vezes, quando te aproximas, consigo ver o teu corpo espiritual — e, oh, tia, é lindo!”

Agora, enquanto avançava a formação dessa figura mística, Myra inclinou-se e murmurou ao ouvido de Helen:
— Vais ver a tia Carrie como ela realmente é — estão a criar um corpo através do qual os seus traços espiritualizados vão brilhar para ti. Tenho a certeza de que a acharás uma criatura adorável.

Com o tempo, a clarividente recuperou o antigo ânimo. Na companheira Helen encontrava uma amiga e confidente inestimável, em quem podia apoiar-se como protetora e guardiã. Desde o início da última doença da tia, uma boa criada para todos os serviços fora acrescentada à casa, libertando Helen de grande parte das tarefas pesadas; mas, como governanta e administradora geral, ela preenchia na perfeição o lugar deixado pela alma partida.

Ao retomar os trabalhos públicos, Myra recebeu logo a sua recompensa, pois, no segundo dia, percebeu no quarto a presença afetuosa de “tia Carrie”, que viera amparar a sobrinha nas tarefas espirituais com o mesmo carinho de antes. O espírito sorriu-lhe e sussurrou:
— Posso ser mais para ti agora do que antes; não ficarás sem a minha ajuda e, nas minhas visitas, ver-me-ás como sou. Antes podias ouvir-me, mas não ver-me. Agora poderás ouvir a minha voz e contemplar o meu rosto, para que saibas que continuo a ser tua.

Entre as primeiras pessoas a visitar a vidente, após a retoma do trabalho, estava alguém que já conhecemos e estimamos — a esposa de Charles Sprague. Durante anos, ouvira falar da clarividente e, pelo que lhe contavam amigos, tinha dela alta opinião, embora não compreendesse nem aceitasse as alegações de poderes ocultos ou espirituais. Mas Clara Sprague não era uma fanática: sabia tolerar as opiniões e respeitar o pensamento honesto dos outros, ainda que não os entendesse nem partilhasse.

A melancolia constante do marido, o seu ar de reserva e o evidente afastamento em relação a ela tinham produzido, durante o verão, um efeito tão deprimente sobre a vida de Clara, que a sua saúde enfraqueceu e a sua antiga vitalidade diminuiu visivelmente. Não era mulher de despejar preocupações sobre terceiros; guardava para si os próprios pensamentos e escondia as angústias dos amigos. Mas, ultimamente, os receios secretos que a assaltavam tornavam-se quase insuportáveis. Sentia que precisava de buscar conselho — mas a quem recorrer? Os pais tinham falecido há muito; a única irmã era uma figura de destaque na alta sociedade, incapaz de partilhar tais inquietações; e procurar uma explicação e entendimento com o marido parecia igualmente impossível.

Por várias vezes, nos últimos tempos, recordou o pedido insistente de muitos amigos, no inverno anterior, para que visitasse Miss Grey, a clarividente cega. Apesar das garantias dessas pessoas — algumas pertencentes ao seu próprio círculo social — de que valeria a pena, Clara sempre recusara, não por medo do resultado nem por preconceito contra a mulher, mas porque, por uma razão inexplicável, sentia repulsa pela visita.

Não sabia, é claro, que o marido já procurara a médium e nada conhecia das revelações então feitas a ele.

À medida que os receios aumentavam, e o temor de que o marido pudesse estar a sentir-se irritado com os laços familiares que o prendiam crescia, um desejo de confirmar ou dissipar o pressentimento apoderou-se de Clara Sprague. No fundo do coração, acreditava que o homem que amava estava cansado das suas exigências e que a sua existência como esposa lhe era um constante tormento. Mas saber isto — caso fosse verdade — era o que ela queria, e, quando a certeza lhe chegasse, decidiria qual o rumo futuro a tomar.

Nesse estado de espírito — tão infeliz quanto um coração amoroso e fiel poderia estar —, a mulher resolveu procurar uma entrevista com a famosa clarividente, para ver se os poderes que se lhe atribuíam poderiam desfazer o emaranhado que parecia envolver a sua vida. E assim, nessa radiosa manhã de outubro, como vimos, Clara Sprague, passando um dia na cidade — pois ainda não tinha abandonado a vivenda no campo para regressar à casa citadina —, visitou Myra Grey e recebeu as estranhas revelações registadas no capítulo anterior.

Espantada, quase atordoada, mas com o coração aliviado dos seus piores receios, a senhora retirou-se da casa da misteriosa vidente. Precisava de tempo para pensar no que ouvira, e durante dias meditou sobre a estranha mensagem. Não podia duvidar da sinceridade e da honra da mulher cega, que estivera diante dela com um estranho brilho nos olhos e, em tom apressado, lhe repetira aquelas coisas extraordinárias. Fora a uma casa de luto, e só as circunstâncias da hora já bastariam para excluir a possibilidade de engano, mesmo que todo o aspeto da clarividente não afastasse por si só tal suspeita.

Além disso, havia muito na revelação que, ao reflectir, convencia a sra. Sprague de que o que ouvira era verdade. Por mais doloroso que fosse saber que o marido tinha traído e abandonado outra, sentia que era justo saber mais. Estava convencida de que, de algum modo, Owen Norcross exercia o seu poder sobre Charles Sprague através desse segredo, e desejava libertar o marido desse peso.

Assim, Clara questionava-se: seria certo intrometer-se na vida do marido? Seria melhor procurar conhecer os segredos do seu coração? Ela era uma esposa verdadeira e fiel. O seu amor era tão grande que poderia perdoar-lhe o pecado e ajudá-lo a encontrar alívio para as suas mágoas. Então, não deveria procurar no invisível o que não podia encontrar em mais lado nenhum? Sim — decidiu que o faria e, assim, voltou a visitar a clarividente, desta vez em busca de luz e orientação sobre o melhor caminho a seguir.

Nessa sessão, a sra. Sprague soube mais acerca da mulher que morrera vítima das ações de Charles Sprague. Esse espírito veio até ela e, com voz suave, falou do passado, manifestando tristeza pela infelicidade do homem, exprimindo o seu perdão pelo pecado cometido contra si e procurando ajudar a surpreendida esposa a conduzir o coração dele a um estado de paz e alegria. Era, sem dúvida, uma alma pura e elevada a que falava, e Clara Sprague sentiu o seu coração encher-se de amor pela bela e injustiçada alma que, em tom tão delicado, lhe murmurava a sua história e falava de perdão.

Agnes mencionou a sua filha solitária, Olive, e, ao ouvir as súplicas e a dor daquela mãe espiritual, a senhora fez silenciosamente um voto: traria aquela criança para o seu lar e cuidar-la-ia com amor maternal — um voto que os anjos no alto registaram com júbilo. “Não faça nada por agora”, disse o espírito, “mas prometa-me que virá aqui novamente antes de falar ao seu marido sobre o que soube. No dia vinte e sete de novembro, se vier ter connosco, aconselhá-la-emos sobre como proceder.

Minha querida senhora, Charles Sprague ama-a com todo o seu coração. Não ousa aproximar-se de si com termos afetuosos, pois pensa que a senhora pouco se importa com ele e que, se viesse a conhecer o segredo da sua vida, o desprezaria. Mas não tema: o caminho ser-lhe-á revelado e os anjos irão guiá-la e abençoá-la a ambos.”

Clara prometeu regressar na data marcada e nada dizer, entretanto, ao marido acerca do que ouvira. Agnes Clarke então retirou-se, dando lugar a outros dois espíritos, que Myra viu e descreveu à visitante. “Seguram uma bela coroa de luz sobre a sua cabeça”, disse. “Vêm para a abençoar, pois são seus pais. Oh! Como o seu amor a envolve. Capto agora os seus nomes: ‘Horace e Anna York’. A sua mãe partiu primeiro, o seu pai mais tarde. Ele usava sempre um anel no dedo mindinho da mão esquerda, com um feixe do cabelo dela, que é de um belo tom ruivo. Ele era um homem alto, imponente, distinto; ela, uma mulher esguia e delicada. Agora a sua mãe fala; vou repetir-lhe as palavras.”

Seguiu-se então uma longa mensagem, repleta de conselhos espirituais e ternas consolações, abundando em provas da sua identidade. Essa comunicação, vinda de uma mãe angelical, trouxe lágrimas aos olhos da filha, que escutava, recolhendo cuidadosamente cada palavra e cada entoação que parecia carregada da mais divina consolação e amor.

CAPÍTULO IX

OLIVE ENCONTRA UMA NOVA AMIGA

O governador do Estado emitira uma proclamação designando a quinta-feira, dia vinte e oito de novembro, como dia de ação de graças e louvor. No início do mês, os Sprague tinham regressado à sua casa na cidade para o inverno; e, por essa altura, já estavam instalados nos seus antigos aposentos que, apesar de toda a sua amplitude e esplêndida decoração, não conseguiam oferecer conforto ou tranquilidade aos dois corações sofredores que ali batiam.

Entre os membros daquela pequena família, cuja sorte parecia tão invejável aos olhos do mundo, apenas um experimentava a alegria de uma felicidade sem mácula. “A pequena Maude”, como sempre fora chamada — agora uma rapariga viva, radiante, de treze anos, graciosa como uma huri e bela como uma pintura — brilhava como um raio de sol na vida doméstica dos pais que a adoravam.

O temperamento alegre e luminoso da jovem, o seu trato agradável e a cativante beleza da sua figura tornavam-na geralmente estimada. Não era de admirar que fizesse amigos com facilidade, pois a própria Maude parecia sempre despertar o melhor de cada pessoa que conhecia, não vendo as suas qualidades menos agradáveis.

Até Owen Norcross se mostrava mais afável e menos centrado nos seus próprios interesses na presença dela; mas, de todas as pessoas, era precisamente este homem que a rapariga menos suportava, apesar dos seus esforços para contrariar tal sentimento. Fora convidado a passar o próximo Dia de Ação de Graças com os Sprague em sua casa, mas esse convite não agradou a Maude, que sentia que, se tivesse de partilhar a mesma sala e a mesma mesa durante um dia inteiro com aquele homem de quem desconfiava instintivamente, esquecer-se-ia de elevar a sua alma em agradecimento pelas bênçãos da vida, saúde e lar. Assim, aguardava o dia com menos entusiasmo do que teria, não fosse o receio da sua vinda ensombrar o seu normalmente radioso coração.

A sra. Sprague não esqueceu o compromisso para o dia vinte e sete de novembro e, à hora marcada, apresentou-se pontualmente na sossegada residência da clarividente. Ao sentar-se no seu lugar habitual, Myra disse-lhe: “Os meus guias pediram-me que hoje não recebesse mais ninguém além de si, por isso dispensámos todos os outros visitantes. Dizem-me que nesta sessão será demonstrado um grande poder e que pedem a presença da minha companheira, que é um médium de rara qualidade. Importa-se?”

Ao assegurar que qualquer desejo das forças superiores lhe era aceitável, Myra tocou a campainha de prata e Helen entrou na sala, sentando-se em frente da amiga. Poucos minutos depois, a clarividente entrou em estado lúcido e começou:

“Minha querida senhora, há uma atmosfera deliciosa em seu redor, na qual habitam os anjos que a amam. Vejo a sua mãe, que lhe traz esta mensagem: ‘Minha filha, tem coragem; a luz começa a despontar e o seu coração em breve se alegrará no seu calor. O seu pai junta-se a mim em grande afeto. Ainda havemos de vir até si de formas que lhe trarão convicção à alma. Abençoamos a si e ao seu lar.

Abençoamos a sua querida Maude, que é o tesouro da sua vida; e abençoamos o seu marido, Charles, que possui nobres qualidades de caráter. Ele precisa de ser redimido aos seus próprios olhos e, com a ajuda dos anjos, tu, minha filha, serás o instrumento da sua redenção. Há um trabalho a fazer neste dia que mostrará o poder do amor celestial. Mantém-te calma e obedece à voz do espírito.’”

Seguiu-se um breve silêncio. As duas médiuns pareciam envoltas num devaneio próprio; a atmosfera da sala era de tranquila paz, e a visitante sentia a ansiedade e as preocupações a esvaírem-se do seu coração, enquanto percebia a glória e serenidade dessas presenças invisíveis de que lhe tinham falado.

Novamente, a voz da vidente rompeu o silêncio. Uma luz suave brilhava nos seus olhos sem visão enquanto se voltava para a senhora, e uma doçura enternecedora vibrava no tom agradável: “Senhora, volto a dirigir-me a si. Quer reparar um grande erro e ajudar um coração sofredor. Hoje tenho poder para lhe dizer tudo o que deseja saber. Deixe-me repetir brevemente o que já uma vez lhe disse. O meu nome era Agnes Clarke.

Aos dezassete anos conheci e fui cortejada por Charles Sprague, então residente em Tarrytown. Ganhou o meu amor e prometeu casar comigo. Cedi aos seus desejos com confiança. Poucos meses depois, abandonou-me para casar com outra. Eu era uma simples rapariga do campo e não um par adequado para o descendente de uma família orgulhosa. Charles não sabia que eu iria ser mãe quando me deixou, mas tal era o caso; e, três meses após o seu casamento, nasceu a minha menina e, poucos dias depois, o meu espírito deixou a Terra.

“O pai da minha filha não a abandonou quando soube da sua existência e do meu destino, mas cuidou dela durante toda a vida, proporcionando-lhe um bom lar e uma excelente educação.”

Ela tem agora catorze anos. Chama-se Olive Clarke e, embora tenha visto o pai muitas vezes, não sabe da sua relação com ele. Estou certa de que o seu marido ama a minha meiga filha, mas os cuidados e a dor que o conhecimento do seu nascimento lhe causam, e a necessidade de manter esse segredo, têm encoberto tanto esse amor que ele mal se apercebe da sua força, reconhecendo apenas o incómodo que a existência dela lhe traz. Senhora, é boa e verdadeira. Tem um coração caloroso. É mãe. É respeitada, honrada e amada. Tem um nome, e tudo aquilo que torna a existência querida — exceto a confiança do seu marido — e essa em breve será sua. A minha filha está em grande perigo, e venho até si para a resgatar da sua situação atual.

Ama o seu marido, e a sua devoção pertence-lhe só a si. Não reclamo nada dele, apenas peço ternura para com a minha filha. Amo-o como um espírito, liberto das paixões e grilhões da Terra, pode amar. Ele e os seus são-me caros, e servi-los-ei até ao fim. A cada hora oro pela sua felicidade, e o seu prazer, querida senhora, é parte da minha vida.

Ouça: o segredo do seu marido é conhecido por Owen Norcross. Esse homem vive à custa dele. É uma sombra na vida de Charles Sprague. Há pouco tempo, o pai viu-se obrigado a encontrar uma nova casa para Olive e confiou-a aos cuidados de Norcross, que lhe diz chamar-se Owen Clarke e ser seu pai. Levou-a para o seu antro de jogo, em Oxley, e tenciona mantê-la consigo enquanto puder extorquir dinheiro ao seu marido em nome dela.

Pedimos a sua ajuda. Hoje encontrará Olive Clarke. O poder espiritual está a trabalhar para que isso aconteça. Quer levá-la para sua casa? Se assim for, ela será o meio de unir o seu marido a si. O mal-entendido será explicado, o segredo revelado e o falso amigo afastado. Tudo isto se concretizará se nos ajudar na nossa obra. Seja amiga da minha filha, e o Céu sorrirá para si e para os seus.

De novo, a médium em transe repetiu a promessa de que Olive Clarke seria levada à sra. Sprague nesse mesmo dia; e esta, que não perdera uma só palavra daquele estranho relato, prometeu cuidar da criança caso, por acaso, lhe viesse ao encontro.

— Para que saiba que não sou um espírito das trevas, e para que reconheça o meu rosto pela semelhança com o vislumbre que apanhou no medalhão do seu marido, eu, Agnes Clarke, tenho permissão para me mostrar a si nesta hora. Por favor, fique muito quieta e deixe esta obra abençoada prosseguir. — E, a estas últimas palavras, a clarividente calou-se e tombou para trás na cadeira.

Seguiu-se um novo momento de silêncio quase sem fôlego, durante o qual a sra. Sprague observou, apreensiva, a formação de uma massa de substância vaporosa que parecia sair do lado esquerdo da mulher meio adormecida que lhe fora apresentada como “Miss Long”.

À medida que se acumulava, a névoa começou a ganhar forma e, pouco depois, no meio de uma coluna de luz semelhante a uma nuvem, surgiu a figura de uma bela jovem, doce e sorridente, olhando para a sua atónita observadora com olhos ternos. Esse ser diáfano vestia roupas imaculadas que brilhavam como neve numa manhã gelada; os traços eram nítidos e definidos, e toda a figura parecia repleta da beleza da vida celestial. Ao sorrir e inclinar-se, a forte voz de um homem saiu dos lábios de Myra, dizendo:

— Esta, minha filha, é o belo espírito a quem ouviu chamar Agnes Clarke. É pura e boa. Nenhuma nódoa de egoísmo ou ciúme terrenos entra na sua natureza. Ama-a a si e aos seus, como a senhora aprenderá a amá-la e à sua filha. No Céu não há paixão. Eu sou o seu pai, Horace York, quem lhe fala. Olhe, e verá agora alguém a quem ama ternamente. Seja fiel, seja justa, e que a bênção de Deus a acompanhe. Adeus.

Quando a voz — cujos tons a visitante reconheceu como sendo do seu próprio pai — cessou, a forma de Agnes desvaneceu, deixando apenas a nuvem de luz dourada. Novamente o vapor se enrolou em esferas, ganhando volume, até que, mais uma vez, um rosto meigo, sobre um corpo feminino de beleza incomparável, surgiu dessa coluna de luz e sorriu com alegria para a mulher trémula, que, nessas feições maravilhosas, reconheceu a amada mãe que chorara como perdida.

Foi com um coração agradecido, mas com emoções estranhamente misturadas de alegria, tristeza e assombro, que Clara Sprague encerrou a sua memorável visita à clarividente. Tinha uma natureza fortemente perseverante e perspicaz, rápida a captar uma verdade e nada lenta a compreender o seu valor. Ao dirigir-se para casa, a sua mente, revendo os acontecimentos da tarde, ocupava-se em classificar todos os pormenores daquela experiência que acabara de viver.

Não via claramente como iria desenredar o novelo embaraçado da vida do marido. Não sabia como ele e ela iriam unir-se numa harmonia mútua de propósitos. Não conseguia adivinhar de que forma os cursos das suas vidas se iriam fundir num só. Nem compreendia o que traria a órfã Olive para os seus cuidados — mas no seu coração instalara-se a convicção de que tudo isto se realizaria em breve.

Ao descer do elétrico, a sra. Sprague deteve-se diante de um grande estabelecimento, momentaneamente atraída pela montra. A tarde avançava e as sombras alongadas já se estendiam pela rua. Quando se voltou para prosseguir caminho, foi surpreendida por uma voz tímida que lhe falava; ao virar-se, viu uma jovem de olhos azuis suplicantes e cabelo dourado e fofo, que parecia estar ansiosa e alarmada.

— Que se passa, menina? — perguntou a senhora, com bondade.
— Pode dizer-me onde fica a "Jamison House"? Acho que é um hotel.
— A "Jamison"? Oh, fica um pouco longe daqui. Mas por que quer ir lá? Disseram-me que não é um sítio agradável.
— Oh, minha senhora! Não sei nada sobre isso, mas a amiga que veio comigo para a cidade deixou-me esta manhã para ir à "Jamison", onde esperava encontrar o meu pai e trazê-lo até mim. Esperei tanto tempo que temo que algo lhe tenha acontecido, e pensei em tentar encontrá-la.

— É estrangeira na cidade? Não tem amigos aqui? — perguntou a senhora, tocada pela aflição da rapariga e estranhamente impressionada pelo olhar daqueles olhos azuis, que lhe lembravam os do marido.
— Nunca estive nesta cidade, mas o meu pai está cá, algures. Vivo com a governanta dele em Oxley. Há três dias, ela perguntou-me se não gostaria de vir cá passar a semana do Dia de Ação de Graças, pois queria fazer umas compras para mim. Aceitei, porque não conheço ninguém em Oxley e é um pouco aborrecido lá.

A sra. Banks escreveu ao meu pai a dizer que vínhamos e pediu-lhe que nos encontrasse na estação ou no May's Bazaar. Não o encontrámos e ela deixou-me na sala das senhoras do bazar para esperar pelo seu regresso. Disse que iria encontrar o pai na "Jamison" e trazê-lo de volta. Isso foi às onze horas, e esperei até há meia hora. A sra. Banks não voltou e temo que lhe tenha acontecido alguma coisa.
— Não quero que vá sozinha a essa casa, menina; não é lugar próprio para alguém tão jovem e inexperiente. A minha casa fica perto e, se vier comigo, mandarei um criado procurar o seu pai. Como se chama ele?
Um brilho de alívio iluminou os olhos azuis quando ela ergueu o olhar, agradecida, para a bondosa senhora e, com voz tímida, respondeu:
— Owen Clarke.

A sra. Sprague sobressaltou-se e um rubor passou-lhe pelo rosto ao ouvir o nome.
— Owen Clarke! E como se chama a menina? — perguntou num tom embargado.
— Olive Clarke — respondeu, como a outra já esperava ouvir.

Num instante, a mulher recuperou a compostura e, num tom tranquilizador e gentil, tocou o braço da jovem e disse:
— Sim, Olive, tem de vir para minha casa. Serei sua amiga. Não teremos dificuldade em encontrar o seu pai. Confia em mim?
— Oh, senhora, é tão boa! Não sabia o que fazer. Era tudo tão estranho, e a noite estava a cair. Pensei que teria de ir procurar a sra. Banks. Acha que lhe aconteceu alguma coisa?
— Não, menina, espero que não. Apenas se atrasou, é tudo. Mas não precisa de ter medo; cuidarei de si até encontrar os seus verdadeiros protetores. Venha, vamos para minha casa, onde conhecerá a minha filha, que lhe dará as boas-vindas e a entreterá até o seu pai chegar.

CAPÍTULO X

DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS

Uma hora mais tarde, aquecida, refeita e sentindo-se em casa, Olive foi deixada na bonita sala de estar de Maude Sprague, para ser entretida por essa jovem até à hora do jantar. Um sentimento de proteção e uma sensação de perfeito contentamento tinham-se instalado no coração da rapariga, na presença da bondosa senhora que ouvira a sua história e a conduzira até aquele belo lar. Agora, enquanto ouvia timidamente a conversa animada da sua companheira, desejava, como nunca antes, ter uma irmã ou alguém da sua idade.

Maude, com os seus olhos negros faiscantes e caracóis escuros; a sua natureza rápida e impulsiva, manifesta no riso sonoro e na fala apressada; e os seus movimentos vivos e repentinos, que lembravam um pássaro brilhante em voo, era um completo contraste com a desconhecida que lhe estava ao lado, cujos olhos azuis sonhadores, cabelos louros sedosos e traços delicados revelavam uma natureza tímida e sensível, retraída do contacto com o mundo agitado. Não havia mais de um ano de diferença entre as duas, e embora Maude não fosse alta, Olive parecia tão esguia e frágil na sua delicada beleza que a mais nova poderia facilmente ser tomada por igual em idade.

Encantada com a perspetiva de ter uma companheira tão próxima da sua idade, mesmo que por poucas horas, e conquistada pelo porte suave da menina discreta, Maude dera-lhe uma calorosa receção e, agora, deixadas sozinhas, pôs-se a cumprir a recomendação da mãe: “não deixar que a srta. Olive ficasse sozinha”.

Olive nunca tinha pisado carpetes tão magníficas, nem contemplado móveis e objetos de arte decorativa tão elegantes como os que se deparavam à sua

vista naquela mansão. Criada na simplicidade de uma casa paroquial campestre, todo o seu conhecimento do luxo mundano provinha de alguns poucos livros sobre a vida moderna que lhe tinham calhado às mãos. Agora, contemplava, com o olhar de quem tem sensibilidade estética, toda a beleza que se abria diante de si; mas nem um indício do espanto ou do encantamento que a enchia transparecia no seu porte. Ao vê-la, dir-se-ia que conhecera toda a vida ambientes tão ricamente apetrechados como aquele, tal era a perfeição da sua educação no ambiente antigo, mas refinado, da residência do pároco.

Enquanto as duas jovens se entretinham uma com a outra, sigamos a sra. Sprague até ao escritório particular do marido, onde seria mais provável encontrá-lo à hora que precedia o tardio jantar. Era uma sala sossegada, mobilada com simplicidade, no fundo da casa, com entrada pela biblioteca, que a senhora atravessou. A entrevista que procurava ter com o marido queria que fosse reservada. Não sabia bem o que lhe deveria dizer.

Sentia que chegara o momento de lhe revelar o conhecimento que tinha do seu segredo; a presença, na sua casa, da filha que ele nunca reconhecera tornava isso necessário. A promessa que fizera ao mundo espiritual de proteger e cuidar dessa criança ardia-lhe no peito como chama viva. Olive teria de ficar naquele lar; nunca poderia regressar à tutela nociva de Owen Norcross; e era imperioso que ela e o marido chegassem a um entendimento imediato.

Ao aproximar-se da porta do escritório, a sra. Sprague reparou que estava ligeiramente entreaberta. A biblioteca estava em penumbra, mas uma luz rosada filtrava-se pela abertura e caía em barras carmesim sobre o soalho polido. O som de vozes fê-la parar, ao reconhecer a de Owen Norcross, falando em tom contido, quer de profunda seriedade, quer de paixão. Não apanhou as palavras, mas a resposta do marido chegou-lhe com nitidez.

— É muito dinheiro o que me pede, Norcross; mas suponho que terei de pagar. Sabe que nunca lhe recusei nenhum favor, mas neste momento estou com os recursos um pouco apertados. Diz que está em dificuldades e que contava comigo para o aliviar do embaraço. Muito bem, fá-lo-ei. Tem sido um aliado e conselheiro fiel, e não esqueço o que lhe devo, como as suas palavras parecem insinuar. Tenho procurado ser seu amigo. É verdade que tem direito sobre mim pelo cuidado que deu à minha filha. Apenas guarde bem o meu segredo, e pagá-lo-ei na íntegra.

O tom era cansado e tingido de amargura. O coração da ouvinte pulsou de dor ao escutá-lo, mas a resposta macia e oleosa que se seguiu fez-lhe percorrer um arrepio de repulsa.

— Oh, confie em mim para isso. Não o trairei enquanto quiser que eu guarde o segredo. Seria uma pena que chegasse aos ouvidos da sra. Sprague.

Um gemido do marido foi prova suficiente para o seu algoz de que as palavras tinham atingido o alvo; mas a surpresa dele foi ouvir, num tom frio e cortante, vindo da ombreira da porta:

— Irá libertar-se de toda a obrigação e responsabilidade neste assunto, sr. Norcross. O “segredo” é-me perfeitamente conhecido. Não precisa de ameaçar o meu marido, nem poderá continuar a extorquir-lhe dinheiro pelo preço do seu silêncio. Conheço toda a história de Agnes Clarke e da filha, Olive. O meu marido e eu trataremos desta questão entre nós. Não precisamos de intérprete, nem de conselheiro que se intrometa entre nós.

Se a terra se tivesse aberto debaixo dos seus pés, os dois homens não ficariam mais estarrecidos e aterrados do que ficaram ao ouvir aquelas palavras, proferidas pela sra. Sprague. Ao ver a esposa, Charles baixou a cabeça e um ar de desespero instalou-se-lhe no rosto. Aproximando-se dele, Clara pousou uma mão sobre o seu ombro e, assim de pé, enfrentou o homem de rosto carregado, que a fitava com expressão lívida. Um esgar de desprezo formou-se-lhe nos lábios quando disse:

— Pensa que sabe tudo, mas engana-se. Não é prudente uma esposa tentar devassar os segredos do passado do marido; pode encontrar um esqueleto horrendo que lhe roube toda a paz.

— Senhor, ofende-me. Poupe-me a insinuações ou tentativas de explicação. Sei tudo. A existência de Olive Clarke não será nenhum esqueleto nesta casa; nem lhe continuaremos a impor o encargo da guarda dela. Será colocada na posição que lhe pertence e receberá a proteção a que tem direito.

— Muito bem, senhora; mas e se eu me recusar a entregá-la? Ninguém sabe onde a escondi. O próprio seu marido ignora-o. Não fui tão tolo que aprisionasse o meu pássaro e depois deixasse a gaiola aberta para que outros viessem roubá-lo.

— Veremos — respondeu a senhora, tocando na campainha; e, pousando a mão com delicadeza sobre a cabeça ainda curvada do marido aflito, acrescentou: — Charles, ergue o rosto e encara este homem que nunca foi teu amigo. Conquistou a tua confiança apenas para a trair quando já não podia servir-se de ti. Sei tudo. Sou tua esposa e partilharei os teus fardos. Nada tens a temer.

O tom era cheio de simpatia e encorajamento, e chegou aos sentidos atormentados do homem provado como um bálsamo refrigerante e curador. Ele ergueu a cabeça e, com os olhos encovados, fitou o olhar luminoso da esposa que se debruçava sobre si. Que amor, que compaixão, que ternura solidária leu na limpidez daqueles olhos — suficiente, certamente, para insuflar-lhe nova força no corpo e uma centelha de esperança no coração angustiado.

Em resposta ao toque da campainha, apareceu um criado, a quem a dona disse:

— Encontrará a srta. Maude e uma amiga no salão rosa; traga-as cá imediatamente.

O homem retirou-se e Owen Norcross, aproximando-se mais do casal, repetiu em tom triunfante:

— Garanto-lhe que terá dificuldade em encontrar a rapariga. Está no meu poder e, a menos que façam acordo comigo, não saberão onde está escondida. Ela acredita que sou o pai e nem pensa em reclamar outra proteção que não a minha, mesmo que tivesse oportunidade.

Não houve resposta, pois ouviram-se passos do lado de fora; a porta abriu-se e surgiram duas figuras juvenis no limiar. O braço da mais nova estava enlaçado à convidada, e os seus cabelos sedosos e negros repousavam sobre o ombro e misturavam-se com os dourados e leves da figura abraçada.

Uma aparição saída do além não teria causado maior consternação a Charles Sprague e Owen Norcross do que a visão deste quadro. Olive — ali, naquela casa! O que significava? Por um momento, ninguém falou. Os dois homens olhavam como para um fantasma; a senhora permaneceu calada, saboreando a cena, até que, notando que a expressão de perplexidade no rosto inocente de Olive se transformava em receio, disse:

— Não te disse, querida, que a encontraríamos? — indicando o homem mais velho, ao falar. — Está tudo bem, como saberás muito em breve. Este cavalheiro — tocando levemente o braço do marido — já o viste muitas vezes. Esta é a casa dele. Vai agora com a Maude até eu ir ter contigo.

A um sinal da mãe, Maude, cheia de curiosidade com a estranheza da cena, levou a convidada, e, poucos instantes depois, já falava a essa jovem da bondade do seu querido pai, Charles Sprague.

A sra. Sprague não explicou como a menina não reconhecida chegara à sua casa, mas, voltando-se para o derrotado Norcross, disse calmamente:

— Admitirá agora, senhor, que a criança já não precisa da sua tutela. Está na casa dos seus verdadeiros protetores e será cuidada. Podemos dispensar os seus serviços doravante.

Derrotado, mas não humilhado, o homem fitou-a e disse:

— Não falará com tanta ousadia quando o mundo souber desta história. Se a vergonha do seu marido for repetida em todas as casas que visita, a sua cabeça altiva não ficará tão erguida como hoje.

— Se o mundo souber o nosso segredo, suportaremos o seu juízo. Isso não nos impedirá de cumprir o nosso dever. Mas o senhor dificilmente se atreverá a expor os segredos de outras vidas, tendo tantos seus para esconder. A sua ligação com a “Jamison House” não suportaria escrutínio, nem quererá que os mistérios do seu antro de jogo em Oxley sejam revelados ao olhar público. Cuidado com o modo como lida com os outros, não vá enredar-se!

A seta ao acaso acertou, pois, a estas palavras, Owen Norcross empalideceu como a morte e, sem outra palavra, pegou no chapéu e saiu da casa. O homem estava cego de fúria. Não compreendia a situação. Não sabia ao certo quanto a sra. Sprague conhecia da sua vida secreta, nem por que meios. Certamente teria posto algum detetive hábil no seu encalço, que o teria desmascarado. Mal sonhava que todas as informações que ela tinha sobre a natureza da sua casa em Oxley tinham sido obtidas, nessa mesma tarde, através da clarividente cega; e que a sua insinuação sobre a ligação dele ao lugar de má fama “Jamison” surgira apenas das suspeitas que lhe despertara o que ouvira de Olive na rua, nesse dia.

A carta que a sra. Banks lhe escrevera dois dias antes, anunciando a intenção de visitar a cidade naquela manhã, não fora recebida por Norcross, devido a um extravio do correio; e assim aconteceu que não estava nem na estação, nem no bazar de fantasias May, para encontrar a senhora e Olive, como ambas esperavam. Também não estava na “Jamison” — local de reputação duvidosa, no qual, desconhecido dos seus amigos aristocráticos, Norcross tinha um interesse financeiro — quando a sra. Banks ali chegou. Porém, ela decidiu esperar um pouco, acreditando que o homem que procurava apareceria em breve, e tencionando deixar-lhe uma mensagem caso não o fizesse.

A atraente viúva não era desconhecida naquele local e foi logo cercada por antigos amigos e conhecidos que se mostraram felizes por revê-la. Se havia um ponto fraco mais saliente em sra. Banks, era o seu gosto por champanhe, e não demorou a aceitar o convite para brindar à saúde dos amigos com uma garrafa da sua bebida favorita. Vários copos deste teor

deixaram-na rapidamente num estado tão ébrio e confuso, que já não conseguia raciocinar claramente, nem se lembrar da rapariga sem amparo que deixara no grande armazém; e só na manhã seguinte lhe voltou à mente a consciência da situação.

Deixando a sra. Banks e Owen Norcross a acertarem contas entre si, regressemos ao marido e à esposa tão estranhamente aproximados; ele, prostrado, fraco e vergado pela vergonha; ela, calma, nobre e preenchida pela consciente dignidade de um propósito justo.

Quando a porta se fechou atrás dos passos do inimigo que se afastava, e o eco destes se perdeu, a esposa ajoelhou-se junto do marido, e, erguendo-lhe o rosto com as mãos, fitou-o com ternura mas firmeza, até que o olhar esquivo se encontrou com o seu. Então começou a falar, devagar, com calma e num tom de suave pathos que vibrava até à alma do homem diante dela. Com tranquilidade, expôs-lhe a história dos seus receios e da sua dor; contou-lhe das visitas à extraordinária clarividente e dos seus resultados, do encontro com Olive e do que este produzira.

O homem escutou e, à medida que o relato prosseguia, uma grande luz de amor se acendeu nos seus olhos e lhe percorreu o corpo. Por fim, falou, derramando toda a profundidade da sua mágoa e vergonha, o peso da sua contrição e o seu amor, sem parar até ter exposto o seu coração à fiel alma que lhe estava ajoelhada ao lado. Não é nosso propósito revelar as confidências, os conselhos nem os votos trocados entre aqueles corações unidos naquela hora. Basta dizer que, ao terminar, não havia sombra alguma entre eles que os pudesse ensombrar; apenas permaneciam a confiança e o amor perfeitos, a inspirá-los no cumprimento de um alto dever.

Nessa noite, Olive dormiu no belo quarto azul contíguo ao de Maude e, pela manhã, o seu despertar foi interrompido pelas notas alegres e cristalinas da voz daquela rapariga viva, convidando-a a olhar para o dourado esplendor do Dia de Ação de Graças. Tinha sido explicado às meninas que “o sr. Owen Clarke” consentira em deixar Olive na mansão Sprague durante a noite, mas nada mais lhes fora dito sobre a sua visita. Maude, criatura sagaz que era, meditava sobre o enigma que apresentava à sua convidada o homem que ela conhecia por “Owen Norcross” como sendo “Owen Clarke”; mas nada disse, sabendo que a mãe acabaria por esclarecer o mistério.

O Dia de Ação de Graças amanheceu límpido e sereno sobre um lar pacífico. À mesa do pequeno-almoço, os rostos felizes e tranquilos dos pais, tão cheios daquela expressão de sossego calmo que Maude raramente lhes vira, chamaram-lhe a atenção e levaram-na a exclamar:

— Acho mesmo, mamã, que tu e o papá estão a pensar em todas as coisas boas por que devem dar graças hoje.

Ao que a mãe respondeu, com a sua voz doce e amável:

— Sim, minha querida, é um dia de perfeita gratidão para nós ambos. Temos muito a agradecer.

Owen Norcross não apareceu ao jantar nesse dia, mas o banquete não foi mais solene por causa disso. O sr. Sprague passou o tempo com a esposa, discutindo a forma mais honrosa e correta de proceder relativamente à filha que nunca reconhecera.

A senhora não julgou necessário esclarecer o mundo, nem sequer Olive, sobre a verdadeira situação.

— A menina está de certa forma habituada à ideia de que és um parente próximo, Charles. A tua tutela sobre ela, durante o tempo em que viveu com o pároco do campo, e as tuas visitas ocasionais levaram-na a acreditar nisso. Vamos deixá-la manter essa ideia. Explicarei que és o seu tutor natural e que o homem que dizia ser seu pai não é parente, mas apenas um agente que enviaste para cuidar dela até poderes reclamá-la pessoalmente; mas que ele traiu a confiança e perdeu a tua consideração. Nós iremos adotá-la legalmente e dar-lhe o nosso nome; assim, terá, perante os homens e perante Deus, pleno direito à nossa proteção e cuidado.

CAPÍTULO XI

RETRIBUIÇÃO

A esposa, tão forte, tão corajosa e tão leal nas suas convicções de justiça e na sua firmeza de dever, parecia infundir no espírito do marido algo da sua própria coragem elevada e zelo nobre; e ele decidiu, logo que possível, tomar as medidas necessárias para dar à sua filha mais velha o direito e o título ao seu nome e à sua herança. Misturado com o amor e a admiração que há muito lutavam no seu coração pela mulher que levava o seu nome, surgiu-lhe um sentimento de confiança reverente; e, nesse Dia de Ação de Graças, enquanto Charles Sprague ouvia os conselhos da esposa, ela parecia-lhe pouco menos do que uma santa, cuja nobreza altruísta era quase pura demais para se misturar com alguém como ele.

Mas a alma do homem tinha crescido com a dor e as preocupações que sobre ela tinham pesado. Ao rever a sua vida passada, um olhar minucioso podia descobrir apenas uma nódoa no seu registo, de resto irrepreensível. Essa mácula, lançada pela injustiça que cometera contra a vida de Agnes

Clarke, fora lavada por anos de remorso lacrimoso, e agora trazia consigo a promessa de um efeito santificador sobre a alma do homem arrependido. Não fosse essa experiência sombria, e a história de Charles Sprague poderia enfrentar o julgamento do mundo. A sua carreira empresarial tinha sido pautada pela mais sólida probidade e honra. Os seus tratos com os outros, em todos os domínios da vida, tinham seguido com exatidão as linhas da justiça e da cordialidade, sendo exemplo a seguir pela juventude.

No receio de perder o respeito da esposa se o segredo fosse descoberto, Charles perdera algo da coragem viril que antes possuíra, e, na sua fraqueza, vergara-se ao golpe que ameaçava esmagar-lhe o coração, no momento em que soubera que essa mulher tão querida o tinha descoberto. Mas, à medida que a convicção do seu amor, da sua lealdade e da sua terna compaixão se instalava nele, parecia dissipar-se a névoa diante dos olhos, e algo do peso terrível que o oprimira foi aliviado no seu peito. A energia e a força de caráter nativas do homem voltaram a afirmar-se, e a atmosfera moral em que procurara viver permeou-lhe o ser com um poder novo e mais nobre.

Na presença da esposa, encontrava alívio para a pressão horrível que o esmagara e, embora se sentisse humilde e envergonhado, ao lembrar-se das profundezas a que o olhar puro dela descera na sua vida, a disciplina revelou-se benéfica, pois erguia o seu ser num trabalho de elevação. Para Clara, o marido voltou-se como a ovelha tresmalhada para o pastor que a resgata, agradecido pela proteção e apoio. Ela ofereceu-lhe não apenas o amor e a simpatia de uma esposa fiel, mas também a ternura e a dedicação de uma mãe indulgente, que reconhece a beleza de um coração arrependido; e, nessas horas de reconciliação e comunhão de almas, o casal aprendeu a conhecer-se e a tornar-se verdadeiramente um só.

Em devido tempo, foram elaborados e legalizados os documentos para a adoção de Olive Clarke pelo sr. e pela sra. Charles Sprague; a rapariga acrescentou ao nome que sempre usara o apelido do pai, tomando o seu lugar na família como filha estimada e irmã querida.

No recato do seu quarto, a sra. Sprague revelou a Olive tudo o que julgou necessário que ela soubesse sobre o passado, e deu-lhe permissão para chamar “mãe” e “pai” a si e ao sr. Sprague, se assim o desejasse.

Aliviada por saber que não havia qualquer laço de sangue entre si e o homem que conhecera como “Owen Clarke” e ainda mais feliz com a perspetiva de viver com aquela bela senhora, a tímida Olive não fez perguntas e aceitou a situação com a simplicidade de uma criança satisfeita. Sempre acreditara que o seu tutor, sr. Sprague, era parente próximo da sua mãe desconhecida, e, de forma vaga, pensara até que ele

poderia ser seu tio. Contudo, não se opôs à nova relação que se lhe abria e, em pouco tempo, habituou-se plenamente aos laços que lhe pediam amor de filha e de irmã.

Durante algum tempo, a sociedade murmurou sobre esta nova adição à família Sprague, mas as conversas cessaram, e a nova vida que os nossos amigos abraçaram decorreu serena para todos, trazendo luz e felicidade aos seus corações unidos.

A princípio, custava a Charles olhar para o rosto delicado da sua filha mais velha, mas, à medida que as semanas passavam, começou a nascer-lhe no coração um sentimento de paz, e até de prazer, na companhia dela, que acalmava qualquer emoção tempestuosa; antes que se desse conta, descobriu-se possuidor de um afeto terno pela doce rapariga, que prometia crescer até se tornar no mais profundo amor paternal.

A sra. Sprague, desde o início, manifestara grande afeição pela criança acolhida no seu lar. O interesse profundo que sentira pela história daquela órfã, e a consciência de que, por meio de poder angélico, essa jovem vida lhe fora confiada, apenas aprofundaram a ternura que brotava no seu coração e se traduzia nos mais atenciosos cuidados para com ela. Quanto a Maude, ficou encantada com a perspetiva de ter uma irmã e companheira; e aquela criatura vivaz — que aprendera um pouco da história de Olive pelos lábios da mãe — fez tudo o que pôde para alegrar a vida da rapariga que assim chegara ao seu convívio.

Em troca de tanta bondade e carinho, Olive deu o mais rico amor da sua sensível natureza. Os dias tornaram-se plenos de contentamento e alegria para ela, e o seu espírito floresceu visivelmente sob a sua influência. O seu pequeno coração agradecido cantava constantemente um hino de louvor pelas bênçãos encontradas, e a melodia dessa canção espiritual fazia-se sentir pelos amigos nos tons suaves e prolongados da sua voz, na beleza do seu sorriso e no brilho cada vez mais intenso dos seus olhos. Um professor particular já há muito fora contratado para Miss Maude, e agora ficou decidido que as irmãs prosseguiriam juntas os seus estudos sob a sua orientação. Olive revelou-se uma aluna inteligente e correta, e a sua aptidão musical era algo de notável, considerando quão limitadas tinham sido as suas oportunidades de desenvolvimento no antigo lar.

Com o passar dos meses, Charles Sprague parecia entrar numa nova existência. Os amigos comentavam o seu passo mais leve e o ar feliz, e admiravam-lhe as atenções quase de namorado para com a esposa, que lhe ficavam tão bem. Clara também parecia ter perdido dez anos, e mais de um conhecido elogiou-lhe o aspeto rejuvenescido.

Durante esse tempo, a nossa clarividente e a sua companheira não foram esquecidas. As revelações que tinham operado tal mudança na vida dos nossos amigos eram, para eles, tesouros vindos de uma fonte verdadeiramente celestial, e um afeto especial pelas discretas médiuns que tinham sido instrumentos dessa obra passou a habitar-lhes no coração.

Várias vezes o sr. e a sra. Sprague realizaram sessões privadas com a clarividente, dando assim oportunidade aos seus amigos angélicos de os alcançarem com palavras de amor e conselho; e dessas sessões nasceram convicções quanto à identidade dos seus entes queridos já falecidos e à realidade da comunicação espiritual. Mais de uma vez, marido e mulher tiveram, desse modo, sagrada comunicação com o puro espírito de Agnes Clarke e, à medida que esse ser encantador exprimia o seu perdão e afeto pelo homem por quem sofrera, um novo entendimento do amor divino penetrava na alma dele.

A alegria e a gratidão de Agnes pela situação atual da filha exerciam um efeito quase elétrico sobre ambos os participantes; e a bela influência que ela transmitia mais que compensava as tristezas que haviam conhecido.

Em duas ocasiões distintas, os nossos amigos foram abençoados com a visão de rostos espirituais amados, na presença de Helen Long, e foi-lhes prometido que receberiam mais dessas desejáveis provas de vida celeste. Por duas vezes, Myra e Helen responderam ao convite insistente dos Sprague para as visitar na sua própria casa e, ocasionalmente, os nossos amigos levavam-nas no seu coche para um passeio revigorante.

As amizades assim formadas revelaram-se benéficas para ambas as partes e duradouras nos seus efeitos. Dos discretos serviços da clarividente e da sua amiga, os Sprague colheram conselho e consolação espirituais, juntamente com provas inequívocas do contínuo auxílio e amor dos seus amigos invisíveis; por outro lado, Myra e Helen receberam, da sua convivência com os Sprague, afeto e simpatia, além de um sentido de proteção e consideração — para não falar dos sinais materiais de apreço pelo serviço que tinham prestado.

Tinham passado dois anos desde a entrada de Olive no lar paterno — dois anos de luz, alegria e paz crescente para cada membro daquela pequena família. Durante todo esse tempo, Owen Norcross não os molestara. Por vezes, Charles Sprague chegara a avistar o antigo associado em salões públicos ou na rua, mas não travara qualquer comunicação com ele. Até que ponto a sra. Sprague conhecia os seus segredos mais sombrios, Norcross nunca conseguira determinar; e era precisamente essa incerteza que o refreara de repetir a verdadeira história da filha adotiva que passara a viver no lar daqueles que ele odiava.

Havia já alguns meses que Charles Sprague não via o homem, e foi com horror que ouviu a notícia de um terrível acidente ferroviário, ocorrido nos arredores da cidade, no qual Owen Norcross fora dado como gravemente ferido. Segundo as informações, o comboio aproximava-se da cidade a grande velocidade, quando embateu num desvio aberto, o que provocou a queda da locomotiva fora da linha.

O sr. Sprague partiu de imediato para o local do desastre, ansioso por prestar algum auxílio ao antigo associado. Encontrou Norcross inconsciente e sem autorização para receber visitas, e, deixando o seu endereço ao médico assistente, retirou-se com ar grave.

Owen Norcross fora retirado dos destroços de um vagão destroçado, inconsciente e em estado mutilado. Transportaram-no para a casa mais próxima, onde vários médicos, após o examinarem, declararam que os ferimentos seriam provavelmente fatais. Não havia possibilidade de o remover, e Jerome Sparks — um amigo que viera com ele de Oxley e que, por mero acaso, sofrera apenas alguns cortes e contusões — tratou de o pôr o mais confortável possível nas circunstâncias.

Sob os cuidados do médico, o homem, até então insensível, acabou por recobrar a consciência; mas, ao compreender o seu estado, ficou tão agitado que foi necessário administrar-lhe um forte opiáceo, não só para aliviar a dor física, como também para controlar a rebelião mental.

Deixando o amigo aos cuidados médicos, Jerome Sparks apressou-se a regressar à cidade e, de lá, aos subúrbios, para assegurar os serviços de uma enfermeira competente — alguém que conhecia desde rapaz e que fora amiga de toda a vida da sua mãe. Contando com essa memória de amizade para conseguir o auxílio dela, o homem procurou a modesta residência da sra. Carter, na esperança de a convencer a cuidar do seu amigo ferido.

Quem respondeu à porta foi uma jovem de não mais de dezoito anos; ao vê-la, Sparks estremeceu visivelmente e, com voz disfarçada, explicou o seu propósito. A rapariga não pareceu reconhecê-lo e, com tom agradável, convidou-o a entrar numa saleta ensolarada, no chão da qual se sentava um menino de não mais de dois anos, cujos grandes olhos escuros se erguiam, muito abertos, para um papagaio tagarela que balançava na gaiola presa à parede.

Mandando o visitante sentar-se, a jovem pegou na criança e saiu da sala. Poucos minutos depois, entrou uma mulher idosa, de semblante agradável e vestes simples. Reconheceu de imediato o visitante, que não se enganara ao prever que seria bem recebido.

A princípio, a sra. Carter hesitou, duvidosa em aceitar o encargo de cuidar do ferido; mas o seu coração terno e a rápida compaixão foram tão tocados pelo relato do filho da sua antiga amiga que, por fim, decidiu acompanhá-lo até ao local do desastre e do sofrimento.

A caminho, Sparks perguntou pela jovem que deixara a tomar conta da casa e foi informado de que o seu nome era “Leila White” e que ali vivia há mais de dois anos. “É uma bela rapariga que foi vilmente prejudicada por algum patife que não conseguimos identificar. Com apenas quinze anos, foi seduzida por um falso casamento e depois abandonada. No seu desespero, pensou em suicidar-se, mas algum bom anjo enviou-a a uma amiga minha, que a acolheu e ajudou.

Essa senhora trouxe-a até mim e contratou quarto e pensão na minha casa. Tomei-a sob a minha proteção e, quando nasceu o seu bebé, aprendi a amá-los como se fossem meus. Vivem comigo desde então; a Leila trata da casa quando estou ausente e faz-me companhia quando estou presente. Tornou-se tão querida que, há muito, recusei receber da sua bondosa protetora qualquer pagamento pela sua manutenção. Pobre menina, foi mais pecada do que pecadora, e espero que o autor dessa infâmia conheça uma justa retribuição.”

CAPÍTULO XII

VIDA ESPIRITUAL PARA UMA ALMA ERRANTE

Encontraram o homem ferido ainda num estado semi-consciente, devido ao efeito do fármaco que lhe fora administrado; e a enfermeira instalou-se silenciosamente ao seu lado, enquanto o seu acompanhante permaneceu por perto, pronto a intervir caso fosse necessário. A casa, transformada em hospital provisório, pertencia a um grande proprietário de moinhos, que dera ordens para que nada fosse poupado a fim de tornar os sofredores confortáveis.

Os feridos mais ligeiros, capazes de suportar o transporte, já tinham sido removidos; restavam apenas Owen Norcross e uma idosa cujo estado paralítico impedia a mudança imediata. A casa estava agora sossegada e os vestígios da confusão tinham desaparecido. As horas arrastavam-se lentamente, e a luz do sol da tarde foi cedendo lugar às sombras do crepúsculo, antes que a longa vigília fosse recompensada pelo regresso da lucidez aos olhos do paciente.

Por fim, a atenta enfermeira percebeu que o ferido recobrara a consciência e, erguendo-se, deu-lhe uma colher de caldo de carne com conhaque,

conforme indicara o médico. Com um gemido, o paciente tentou virar-se na almofada, mas o esforço foi demasiado e a expressão de dor aprofundou-se-lhe ainda mais nas feições morenas.

Durante algum tempo permaneceu imóvel; depois, abrindo subitamente os olhos, murmurou:

— Onde está o Sparks? Quero vê-lo.

A enfermeira fez sinal ao homem que aguardava na sala ao lado, e este aproximou-se sem ruído, inclinando-se sobre a figura prostrada do amigo.

— Sparks — murmurou com voz fraca —, acho que isto acabou para mim. Carne e osso não aguentam o que eu sofri. Sinto-me como se me tivessem arrancado as entranhas. Ah! enfim, tinha de ser de alguma maneira, e esta será a minha última.

— Oh, não! talvez não — respondeu o outro em tom baixo. — Se se mantiver quieto e obedecer aos médicos, talvez ainda o consigam salvar. Mas dizem que não deve mexer-se nem falar...

— Tretas! Eu vou falar! — e o doente mexeu-se com impaciência, provocando-lhe tal espasmo de dor que tornou a gemer.

— Por caridade, não o deixem falar! — disse a enfermeira, erguendo-se e saindo para chamar o médico.

— Tenho de o dizer, Jerome, nem que morra. Vê o que podes fazer pela Kitty Banks... coitada, acho que gosta de mim e vai sentir muito. A casa é dela, e tem dinheiro no banco... mas pode precisar de um conselheiro... promete-me, meu velho, que serás amigo dela.

As palavras foram proferidas em tom baixo, mas com veemência, e Sparks, temendo as consequências desse esforço, apertou-lhe a mão e respondeu:

— Prometo, prometo.

— Há mais uma coisa... — continuou Norcross, arfando — é sobre a Leila... aquela miúda. Lamento esse caso, não repetiria. Um dia podes encontrá-la. Ajuda-a, se precisar de um amigo. Foi uma pouca-vergonha a forma como a tratámos.

O tom não era de verdadeira contrição, carregada de dor e remorso, mas sim de ligeiro pesar, como quem fala de uma asneira menor; mas o homem que o ouvia não se deteve nessa distinção e, surpreendido por qualquer indício de arrependimento no seu associado, inclinou-se mais e sussurrou em tom apressado — de forma que a enfermeira, regressada e postada do lado oposto, não ouvisse:

— Deixa que te tire esse peso da consciência. Não precisas de te preocupar com isso. Não enganámos a rapariga, pois foi feita a tua mulher de forma legal.

Os olhos negros do ferido fixaram-no com feroz incredulidade, e os lábios pálidos articularam:

— O que queres dizer com isso?

— Exatamente o que disse. A Leila é tua mulher. Eu não só fui educado no colégio para o ministério, como também, cedo na vida, recebi ordenação e os graus de clérigo.

Apesar de a minha inclinação natural tornar-me essa vida desagradável, preguei regularmente durante três anos numa pequena igreja não muito distante. Muito antes de o conhecer, afastei-me do meu pastorado e da sua obra, entrando no mundo e nas suas lides. Mas o meu direito de celebrar cerimónias matrimoniais nunca foi revogado e, quando você e Leila White se apresentaram diante de mim, embora eu estivesse disfarçado, apertei o nó do casamento de tal forma que só a lei o poderia desfazer. Ao certificado de casamento, que mantive na minha posse, acrescentei o seu verdadeiro nome e também o meu, que é Jerome Sparks Chase.

Ouviram-se passos junto à porta e a enfermeira avançou. O homem, cujos olhos se tinham tornado injetados de sangue e quase selvagens no último momento, não lhe prestou atenção e perguntou, com voz enfraquecida:

— Porque fez isso?

— Pela inocência e fé confiante de uma simples criança, que me pareceu muito semelhante a uma jovem irmã minha que faleceu. Por mais endurecido que estivesse como homem do mundo das corridas e dos jogos, não estava disposto a enganar e arruinar uma vida assim. Alegro-me — e você também agora se alegrará — por não termos esse pecado sobre a nossa consciência.

Nada mais se disse, pois, nesse momento, o médico de semblante grave chegou à cabeceira e apalpou o pulso do paciente, que batia rapidamente.

— Assim não pode ser — disse ele severamente —, é preciso evitar toda a excitação. Tudo depende de se manter um repouso absoluto. Senhora — acrescentou, voltando-se para a sra. Carter —, confio-lhe a tarefa de manter toda a gente fora deste quarto.

O médico examinou as lesões do paciente e, depois de lhe administrar uma poção e de deixar mais algumas instruções à enfermeira, retirou-se, fazendo sinal ao homem que conhecíamos por Sparks para o seguir.

À porta, disse-lhe:

— O caso é muito crítico; tenho poucas esperanças. Acho melhor que, além da enfermeira, haja alguém por perto, pois o doente pode ficar incontrolável se uma crise de dor o assaltar durante a noite. Talvez deva partilhar a vigília, mas, atenção: nada de conversas. Quero que me chamem imediatamente se notarem qualquer alteração acentuada.

Sparks assegurou ao médico que compreendia e obedeceria às ordens e, instantes depois, voltou ao quarto e colocou-se ao pé da cama.

O paciente não lhe deu atenção, permanecendo de olhos semicerrados e com uma expressão de ira a endurecer-lhe os lábios. Uma mancha escura subira-lhe à testa e o seu ar era o de quem alimenta pensamentos desagradáveis.

Quem poderá descrever as emoções desta alma turbulenta! Desde que soubera da gravidade dos ferimentos, caíra-lhe sobre o espírito a convicção de que se aproximava o fim, o que lhe provocara a agitação mental que levara os médicos a administrar-lhe o sedativo que lhe fechara os sentidos durante horas. Ao despertar desse torpor, o medo da morte assaltara-o de novo e lembrara-se da mulher de Oxley, que passava por sua governanta.

Percorrendo rapidamente os episódios da própria vida — pois, na hora da morte, a retrospetiva mental é rápida e certeira —, a cena em que se fizera passar por “John Owen” numa falsa cerimónia de casamento, diante de uma rapariga confiante e semi-hipnotizada, a fitá-lo com expressão de confiança e amor esperançoso, destacou-se-lhe nitidamente de todos os restantes detalhes, agradáveis ou não, desse vasto panorama que só ele podia ver.

No momento em que a recordação lhe ocorreu, um sentimento de vergonha pelo engano e de pesar pelo ato cometera entrou-lhe no coração, levando-o a dizer ao companheiro: “Lamento esse caso; não o repetiria”. Mas, quando o interlocutor lhe explicou o verdadeiro estado das coisas e confessou a sua parte no assunto, Norcross, em vez do alívio que o amigo esperava, encheu-se de raiva e amuou, com um sentimento de derrota e humilhação a corroer-lhe o íntimo.

Tão inconsistente e perversa é a natureza humana que não cultivou as graças espirituais, nem floresceu à luz do amor divino, que despreza e lamenta o que afirma desejar, se tal lhe chega por meios contrários aos que idealizou. Assim, Owen Norcross, enganando-se ao pensar que queria reparar o que chamava “a partida baixa” pregada a uma rapariga inocente — na vaga esperança de assim aplacar a Justiça Divina que esperava encontrar em breve —, sentiu-se ludibriado ao saber que Leila era de facto sua esposa e, em vez de experimentar gratidão por uma vida jovem ter sido

salva à ruína e à desonra, foi submerso pela onda de fúria que lhe crescia dentro.

Durante horas permaneceu calado, sem sequer abrir os olhos quando lhe levavam à boca a colher com as gotas prescritas, engolindo-as em silêncio. Uma ou duas vezes, Jerome aproximou-se da cama e fitou-o com um suspiro, recuando depois para o seu posto.

Pela madrugada, porém, houve mudança: o doente mexeu-se e gemeu, agitando a cabeça de um lado para o outro. Um espasmo de dor percorreu-lhe o corpo, seguido de uma sucessão de arrepios que faziam tremer a cama. Os olhos abriram-se-lhe subitamente, com um olhar vítreo e vazio. Não havia reconhecimento neles quando Jerome se inclinou para o encarar.

Homem e enfermeira agiram de pronto para o aliviar, mas sem sucesso, e chamaram o médico. Tudo quanto a ciência pôde tentar foi feito, mas as crises sucederam-se durante horas. Por volta das oito da manhã cessaram; os músculos perderam o tremor e os membros ficaram rígidos. O rosto congestionado empalideceu até se tornar cadavérico, e as pálpebras pesadas desceram sobre os olhos vidrados.

O comboio da manhã trouxe a sra. Banks, que foi admitida no quarto onde jazia o moribundo; mas ele já estava inconsciente e não reagiu à sua presença.

As horas passaram em perfeito silêncio. O pequeno grupo aguardava o fim. Por fim, chegou — silenciosa e velozmente — quando o dourado meio-dia assinalava o auge do dia. Houve um instante de luta, um suspiro arfante, um tremor nos membros — e tudo ficou quieto; sem uma palavra de arrependimento nem sinal de pesar por uma vida mal gasta, o espírito de Owen Norcross partiu para o seu destino.

Um suspiro vindo do coração do homem que o acompanhara em tantas horas despreocupadas e que o servira até ao fim; uma lágrima de simpatia da sra. Carter, a bondosa enfermeira; e os prantos de Kate Banks seguiram o espírito errante na travessia. Mas orações, bênçãos e ternas recordações, que brotam de almas afetuosas à morte de um homem bom, faltaram nesta hora de dissolução.

Sigamos o espírito na sua sombria passagem. A mente estava ativa, embora, materialmente, não pudesse exprimir-se. Continuava ferido no orgulho e revoltado contra o destino, tomado pela sensação de derrota que o oprimia, contrariado com a aproximação da morte. Não tinha fé em Deus, nem esperança no futuro. A luz espiritual que ilumina o caminho de uma alma pura e fiel aos seus deveres era-lhe desconhecida. Tantos anos alimentara, no íntimo, as ervas daninhas do egoísmo e da busca do prazer

próprio que agora elas o sufocavam com o seu hálito nocivo. Tantas vezes ignorara os direitos alheios, arrancando por meios indignos o seu sustento ao mundo, que a atmosfera sufocante de um espírito impuro o envolvia, obscurecendo a luz do dia e lançando sobre a sua cabeça um sudário como o da noite.

A travessia deste homem foi escura; não viu anjo radiante algum para o receber. Ao contrário da alma pura de Carrie Grey, não teve aclamação gloriosa de corações felizes no Além. Tudo era incerto, nebuloso, misterioso. Sentia-se como alguém que pisa terreno traiçoeiro e teme avançar por causa da escuridão em volta e da instabilidade sob os pés.

Todos os episódios da sua vida continuavam a desfilar-lhe diante dos olhos. Via-se rapaz rebelde, afastando-se impacientemente dos conselhos maternos, rompendo com a sua disciplina; depois, a juventude, com pecados e vergonhas voluntários; a seguir, o registo dos anos mais tardios, com cenas de desordem e delitos impensados. Por mais que se agitasse e quisesse afastar essa visão, ela mantinha-se, obrigando-o a encarar cada detalhe. A lei terrível da introspeção prendia-o no seu jugo, e ele era compelido a enfrentar-se nessas horas de prova.

Com o tempo, tornou-se consciente dos movimentos dos que o tinham assistido. Ainda não se libertara completamente do corpo, pois, embora se encontrasse afastado da cama e da forma rígida que ela sustentava, algo parecia ligá-lo àquela imagem macabra, como se um bloco de ferro os mantivesse unidos.

Pouco a pouco, as brumas ergueram-se ligeiramente; a vista ganhou força e, através de um vapor avermelhado, viu o que se passava. O corpo fora retirado da cama e colocado sobre a tábua mortuária; a enfermeira e Kate Banks tinham saído do quarto, mas Sparks permanecia. Pouco depois, percebeu a entrada de dois homens com uma caixa, e sentiu-se erguido e colocado naquele recetáculo. No entanto, continuava de pé no chão, embora o corpo que fora parte dele repousasse agora no caixão.

O caixão foi levantado, levado para o ar livre e colocado numa carroça à espera. O espírito seguiu-o, sempre com a sensação de aperto e confinamento, como se estivesse dentro daquela caixa. Veio depois a lenta viagem até à casa mortuária; uma longa vigília de vinte e quatro horas; em seguida, um breve serviço fúnebre e a entrega do corpo à sepultura.

Para o espírito de Norcross, tudo era confuso e difícil de entender. A espera de um dia e uma noite na casa mortuária pareceu-lhe um século. Repetidamente, os eventos da sua vida regressavam-lhe à mente; repetidamente tentava afastá-los, mas eles perseguiam-no com

persistência, e, sempre, permanecia a sensação de restrição e sufoco — como se estivesse trancado no caixão, embora se encontrasse separado dele.

Apenas uma vaga ideia do serviço fúnebre lhe chegou ao cérebro, e não lhe prestou atenção. Os restos mortais não estavam expostos à vista, mas Norcross reconheceu a figura de Kate Banks, inclinada em lágrimas sobre o caixão, e chegou a julgar ver uma figura mais esguia, mais juvenil, pousando um ramo de rosas sobre o coração encerrado no caixão. O corpo fora sepultado, as carruagens tinham-se dispersado e o cemitério permanecia na sombra.

O espírito voltou-se como que para partir, mas algo o reteve — não conseguia mover-se. Aquela pressão férrea, como um grampo, parecia envolver-lhe o cérebro e, atravessando a terra e o caixão, prendê-lo firmemente à forma fria como o barro que jazia por baixo. Continuavam as nuvens a obscurecer a luz, continuava o ar a parecer vil e sufocante, pois as emanações dele próprio envolviam o seu espírito em trevas. Que era aquela criatura de cérebro e nervo? Não física — e contudo da Terra, terrena. As suas tendências egoístas tinham forjado uma cadeia em torno do seu ser, que agora o mantinha abaixo do plano espiritual — em contacto mesmo com a parte corruptível da natureza, à qual parecia pertencer.

O tempo não tinha significado para aquela alma impotente em luta. Passavam-se dias, mas cada um deles parecia-lhe uma eternidade. Preso ao que era perecível, não conseguia libertar-se do seu cativeiro. Conhecera apenas o corpo, as suas paixões e os seus prazeres, e agora parecia que este o reteria mesmo na morte; e, durante todo esse tempo, aquele desfile interminável de antigas memórias projetando-se em cenas na sua mente.

Assim se passaram os dias em miséria para o espírito, quando, por fim, foi despertado por uma voz; e, quando uma mão pousou sobre a campa, deixando um pequeno ramo de verde tenro sobre o solo escuro, sentiu os grilhões que o prendiam quebrarem-se, e Norcross ergueu-se, já não preso ao corpo em decomposição, mas ainda envolto nas brumas e sombras da Terra.

CAPÍTULO XIII
QUEBRANDO OS GRILHÕES

Enquanto os restos mortais de Owen Norcross repousavam na casa funerária, aquele a quem conhecêramos como Jerome Sparks visitou a Sra. Carter na sua própria casa. Durante a conversa que mantiveram, o homem contou à sua anfitriã a verdadeira história do casamento de Leila White com o seu antigo companheiro.

A Sra. Carter ouviu com espanto e repulsa a parte desempenhada, nesse episódio, por quem pretendia trair a sua doce protegida; mas ficou tão feliz por saber que Leila era afinal esposa legítima, que quase ignorou o facto de o filho da sua velha amiga ter descido a tão más companhias para se ter envolvido com um homem tão pecador como Norcross; e olhou para ele como se olha para um santo que chega para trazer proteção e até a própria vida a quem está indefeso.

A anciã não tinha mantido contacto com Jerome durante os anos passados desde a morte da mãe dele, e, por isso, não tinha ideia dos meios em que ele se movera, ou dos lugares a que se habituara; e agora, ao receber das mãos dele as provas daquele casamento importante, e ao ouvir-lhe dizer que dissesse a Leila Norcross para o procurar se alguém questionasse o seu direito de usar o nome do seu falecido amigo, as lágrimas afloraram-lhe aos olhos, enquanto beijava a mão calejada daquele homem do mundo.

Assim que o visitante partiu, a Sra. Carter foi de imediato ter com Leila e, sentando-se ao lado da jovem mãe, que tinha o filho tagarela ao colo, repetiu a história que acabara de ouvir, concluindo ao pousar o certificado de casamento diante dos olhos espantados que a fitavam. A boa notícia era quase demasiado grande para o coração traído suportar, e durante alguns minutos a mulher mais velha ocupou-se a assistir à jovem que desfalecia.

Mas a emoção passou depressa e, recuperando-se, Leila pediu à boa amiga que repetisse de novo a história. À medida que a verdade se lhe revelava na mente, uma nova luz surgia nos seus olhos e uma expressão de paz se espalhava pelo seu rosto pálido. Lentamente, aconchegou o filho nos braços e apertou-o contra o peito palpitante.

O saber que não estava desonrada, que o filho tinha um nome e que nunca precisaria de corar por causa da mãe trouxe-lhe ao coração um júbilo que nem sequer foi apagado pela notícia do trágico fim do marido. É certo que deixou cair algumas lágrimas ao ouvir repetir a história do acidente fatal dele; mas que significara Owen Norcross para aquela vida jovem para que ela sofresse pelo seu triste declínio?

Era até questionável agora se alguma vez amara o homem taciturno que procurara a sua perdição. Jovem e inexperiente, e numa idade em que se é mais sensível à influência alheia, Leila encontrara o génio maligno do seu destino e, caindo vítima do seu bem treinado poder psicológico, disfarçado sob um trato insinuante, cordial e de amante — plenamente calculado para atrair alguém tão sensível como ela —, entrara na sua armadilha sem pensar no perigo que corria.

A pobre rapariga, inocente na sua juvenil ignorância da vida e desprevenida pela total simplicidade da sua natureza, acreditara plenamente que as emoções despertadas à sua aproximação eram os verdadeiros tremores do amor; e, em qualquer momento, durante aquelas semanas ditosas em que vivia sob o feitiço que ele lançara, teria morrido para o fazer mais feliz.

Tivera ainda de aprender que o poder que sentia percorrer-lhe todo o ser era apenas o magnetismo pessoal emanado da natureza animal daquele homem que a atraía e que a retinha no seu domínio. Bem aprendera essa lição nos dois últimos anos; bem sabia que a atração a que entregara o seu inocente coração, nos dias que passaram, estava tão distante das gloriosas emoções do amor espiritual como a sombra cinzenta da noite está da luz radiante do sol do meio-dia. Não admira, pois, que essa vida jovem, de apenas dezanove primaveras, não sentisse pesar na alma pelo amargo fim do homem que a prejudicara.

Piedade pelo seu destino, leve compaixão pelo seu sofrimento, tristeza pela vida mal aproveitada — isso sim — moveram-lhe o coração e levaram-na a pedir para ir ao local onde o corpo jazia — pedido que foi concedido — e foi a forma juvenil da sua esposa rejeitada que o espírito de Owen Norcross percebeu vagamente, inclinada sobre a sua prisão e pousando um ramo de rosas sobre o coração sem batidas — oferenda trazida em nome do filho que o pai nunca conhecera.

Jerome Sparks Chase, tal como Leila aprendeu a conhecê-lo, o homem que a ajudara na sua maior necessidade, interessou-se pelo destino dos bens do seu falecido amigo. Verificou-se que Norcross não deixara testamento e que, portanto, provando-se o casamento e o nascimento do filho, a jovem viúva podia reclamar a herança para si e para o filho, como legítimos herdeiros.

Tão contrária estava ela a tocar em qualquer coisa que tivesse pertencido ao marido, e tão certa de que o dinheiro que ele deixara não poderia ter sido ganho de forma honrada, que Leila recuava de tomar qualquer iniciativa para reclamar a herança; mas Jerome não tinha tais escrúpulos e, tão enérgico foi em provar nos tribunais a validade do casamento e em encaminhar a liquidação dos bens do falecido, que acabou por ser nomeado

administrador. E, com o tempo, Leila viu não só reconhecidos os seus direitos pela lei, mas também, ela e o filho, de posse de títulos no valor de oito mil dólares, resultantes do investimento de cada dólar que o falecido deixara.

O administrador provou ser um amigo verdadeiro para a mulher inexperiente. Nunca, na sua vida, o homem sentira satisfação tão profunda e duradoura como a que lhe trouxera a lembrança do papel desempenhado na cerimónia de casamento. A ideia de ter salvo uma jovem da ruína e impedido que um nome desonrado recaísse sobre uma criança inocente enchia-o de gratidão, e dedicou-se com real prazer à melhor resolução possível dos bens para benefício da mãe e do filho.

Não havia mais ninguém a apresentar reclamações. Jerome não se esqueceu do que Kate Banks fora para o falecido, mas sabia bem que ela tivera o seu reconhecimento ao longo do tempo e que, além da casa em Oxley, possuía certos investimentos valiosos em seu próprio nome, testemunhando os recursos que extraíra do homem que favorecera; e não teve qualquer remorso em assegurar cada centavo da herança à viúva e ao filho.

Por várias vezes, nas semanas seguintes ao funeral de Norcross, Myra Grey, a clarividente cega, recebeu a visita de vários espíritos benevolentes, que pareciam movidos por alguma missão útil. No início, o seu propósito não foi revelado, mas, numa dessas sessões tranquilas, Helen Long recebeu uma mensagem através dos lábios em transe da amiga, que tornou clara a razão da visita.

Foi-lhe dito que o espírito de Owen Norcross estava tão sobrecarregado por elementos terrenos e ponderáveis que não conseguia libertar-se do material; e que o corpo a que servira durante tanto tempo o retinha pela lei da atração, à qual ele não podia escapar. Um grupo de espíritos caridosos, guiados pela mãe do infeliz, tentara quebrar os grilhões que o prendiam — mas estes, contendo tanto de natureza física e compostos em grande parte de matéria terrena, não podiam ser rompidos por forças espirituais apenas.

O guia explicou que a presença de uma bateria humana, formada por mortais simpáticos, compassivos e magnéticos, era necessária junto da campa para que o trabalho fosse realizado. Tal bateria forneceria não só os elementos materiais exigidos, mas serviria de condutor das forças espirituais que procuravam atuar.

— Desejamos a vossa cooperação nesta tarefa — explicou o espírito. — Formem um grupo com esta clarividente e consigo, o Sr. e a Sra. Sprague e a Sra. Norcross. Reúnam-se com simpatia e compaixão pelo espírito

acorrentado e com o desejo de lhe fazer bem. Não alimentem sentimentos duros contra ele, mas procurem apenas tornar-lhe a condição menos penosa. Na primeira tarde possível, dirijam-se juntos ao túmulo de Owen Norcross e formem um semicírculo em volta dele, e nós comunicaremos os resultados.

Todos os mencionados ouviram com interesse e espanto esta comunicação. Movidos por piedade pelo espírito incapaz de se libertar da própria carne em decomposição, todos prometeram fazer o melhor para obedecer às instruções do mundo espiritual; e, assim, numa data próxima, os cinco amigos escolhidos visitaram o cemitério e posicionaram-se junto do modesto monte de terra. Foi a voz de Myra Grey, erguida em oração ao Altíssimo e inspirada pela presença de um espírito benfazejo, que Owen Norcross ouviu.

Foi a mão da sua esposa Leila, pousando um ramo de verdura sobre a sua solitária campa, que ele percebeu vagamente, e foi através da presença e influência desses fiéis amigos que as correntes que o prendiam se romperam, libertando o espírito do seu infeliz cativeiro. Mais tarde, os seus guias invisíveis explicaram ao grupo que, se não tivessem acedido ao pedido espiritual e visitado o seu túmulo, Owen Norcross teria permanecido junto dele, incapaz de se afastar, até à completa dissolução do corpo e à absorção dos seus elementos pelo solo e pela atmosfera; momento em que os laços que o retinham se teriam quebrado e a força do seu cativeiro teria desaparecido.

Mas, embora o espírito estivesse agora livre para vaguear, não ascendeu de imediato a um estado mais santo, nem emergiu tanto das sombras criadas por si próprio que pudesse contemplar a glória de uma vida espiritualizada. O grupo de espíritos benfeitores não tinha poder para elevar a sua alma a um plano mais purificado. As consequências da sua vida mal vivida ainda o envolviam. Quem mergulhou durante anos nas excitações de uma existência puramente sensual não pode apreciar nem usufruir, de imediato, as condições mais elevadas da vida da alma.

Não as pode alcançar ou compreender de repente, mas deve crescer para elas lentamente. Por ora, este homem mantinha-se preso às coisas carnais; elas atraíam-no; espiritualmente estava sem morada nem lar, pois a sua vida não produzira material, através de boas ações, para a construção de um estado puro. Restava-lhe ainda muito que aprender, muita experiência a adquirir e um progresso lento e doloroso antes que a sua alma pudesse atingir uma elevação celeste.

Mas ele nada sabia destas coisas; os seus estudos nunca haviam seguido tal direção. Tinha consciência da sua liberdade presente. Os malditos laços

que o prendiam tinham-se rompido e exultava com o pensamento de já não estar confinado ao solitário cemitério. Seguindo a inclinação do seu espírito, Norcross encontrou-se depressa entre cenas familiares. Visitou os antigos lugares onde costumava estar e deteve-se junto daqueles que haviam sido seus companheiros de prazer. O ambiente era-lhe agradável, misturava-se com o seu próprio, e conseguia ver com mais clareza nas suas dobras.

Mas, embora as vidas egoístas dessas pessoas o atraíssem, embora os seus ambientes e ocupações lhe agradassem, não encontrou, junto delas, a satisfação que esperava. Aqueles que costumavam tremer na sua presença, que outrora obedeciam às suas ordens, criaturas da sua vontade, agora não lhe prestavam atenção, mesmo quando lhes falava em tom imperioso. Se antes a sua chegada ou partida tinha importância, agora passava despercebida, e os amigos que outrora o serviam já não reconheciam nem os seus direitos nem a sua presença.

Tal situação irritava-o; não conseguia compreender a razão. Mal percebia que havia saído do âmbito do reconhecimento terreno, tal era a semelhança com uma criatura de carne, com os seus impulsos, desejos e tendências. Assim se sucediam os dias, sem lhe trazerem contentamento; apenas inquietação, insatisfação e uma rebelião impotente contra a sua condição sem poder.

Com o tempo, Norcross tomou consciência da resolução dos seus assuntos, embora sentisse pouca gratidão para com o amigo que procurara administrar a herança de forma justa. Pela primeira vez, apercebeu-se da existência do seu filho, mas nada havia na atmosfera pura daquele bebé e da sua mãe que o atraísse, e fugiu para longe de qualquer contacto com aqueles corações inocentes.

Meses transformaram-se em anos, e o espírito infeliz não mostrava sinais de arrependimento. Apenas procurava a companhia dos mundanos. Por várias vezes, as suas brumas foram penetradas por uma luz serena, e nela viu um rosto benigno inclinado sobre si. Nem sempre eram as mesmas feições, mas sempre de amor e pureza. Uma vez reconheceu o rosto da sua mãe, mas a visão perturbou-o e afastou-se.

O homem tinha a certeza de que se tratava de seres de uma ordem mais elevada do que a sua. Algo lhe dizia que procuravam o seu bem; mas não lhes era acolhedor, e as nuvens da sua desconfiança apenas se adensavam, obscurecendo a luz resplandecente que traziam. Assim viveu Norcross até que, movido por uma força que não compreendia, se viu a derivar noutra direção. Durante algum tempo, pensamentos sobre Charles Sprague e a sua família permaneceram com ele, e perguntava-se como estariam. Por vezes, um espasmo de arrependimento pela vida sem rumo

que levara surgia-lhe, e, uma ou duas vezes, questionou-se se teria valido a pena. Seria o germe da condenação pessoal a começar a exercer o seu poder? Vez após vez, os acontecimentos da sua vida passavam-lhe pela mente; ultimamente, provocavam-lhe um novo efeito.

Antes, o panorama apenas o cansava, deixando-o impaciente e irritado por não conseguir afastá-lo; agora começava a pungir, e um sentimento de aflição — real e ativo, tingido de tristeza e arrependimento — entrou-lhe no coração ao encarar as revelações mais gritantes; de modo que, afinal, os espíritos que o vigiavam começaram a ganhar esperança de que a hora do seu verdadeiro arrependimento pudesse não estar distante.

Seguindo o misterioso poder que o conduzia, Norcross encontrou-se na bem conhecida biblioteca de Charles Sprague. O aposento estava tenuemente iluminado por uma vela colorida. Ao olhar em frente, o espírito descobriu várias pessoas presentes. Estavam sentadas em semicírculo, observando em silêncio uma jovem sentada mesmo diante delas.

Logo reconheceu, entre os presentes, Charles e a Sra. Sprague e, de cada lado deles, duas jovens de dezoito ou dezenove anos, uma com caracóis escuros e cerrados, a outra coroada por uma abundância de cabelo loiro e fofo. Eram certamente Maude e Olive Sprague, e ele interessou-se em reparar nas suas figuras graciosas e nos belos rostos. Havia mais uma pessoa, além da jovem sentada à frente, completando o pequeno grupo: Myra Grey, que, de olhos fechados e mãos unidas, entoava uma prece fervorosa ao Pai de todos.

No âmago do visitante tresmalhado infiltrou-se uma sensação de reverência, como se estivesse em solo sagrado. O aposento parecia iluminado por um poder sobrenatural, e ele viu-se a si próprio como um ser macilento, de vestes rotas. Ficou envergonhado e tentou fugir, mas não conseguiu mover-se. De súbito, viu à sua volta várias formas luminosas, cada uma das quais parecia concentrar o pensamento nele. Acobardou-se perante a sua beleza sobrenatural e cobriu o rosto com as mãos, mas estas não protegiam a sua visão, pois, apesar delas, continuava a ver os rostos e as formas que se agrupavam em redor daquele pequeno grupo, e o contraste entre o seu esplendor e a sua própria miséria encheu-o de consternação.

CAPÍTULO XIV
A SUBIR

Enquanto o espírito, ansioso por se esconder mas incapaz de se afastar, se encolhia perante a temível glória daqueles seres celestes que o rodeavam, a voz da médium em oração chegou-lhe à compreensão, e apercebeu-se de que a súplica era feita “pelos espíritos fracos e errantes que esta noite aqui foram trazidos para seu próprio bem”. Norcross sentiu que era um deles e olhou em redor para ver se havia outros na mesma mísera condição. Viu mais dois, de aspeto sombrio e maltrapilho, em situação talvez pior que a sua, e, ganhando coragem pelo facto de não ser o único desalinhado presente, preparou-se para escutar as sentidas palavras que estavam a ser proferidas.

Algo naquela invocação solene, algo na atitude da clarividente e dos seus amigos, penetrou-lhe a alma. Sentiu que, individualmente, era por ele que se rezava, embora o seu nome não fosse pronunciado. De algum modo, percebeu que tinha sido atraído ali pelo poder dos anjos luminosos que o cercavam e que fora por instrução destes que aquele pequeno grupo de mortais se reunira. Enquanto olhava e escutava, um sentimento mais brando entrou-lhe no coração.

Colocou-se ao lado de Charles Sprague e um estado de arrependimento pelo mal que tentara fazer a esse homem apoderou-se dele. Memórias do que fora e fizera assaltaram-no, trazendo-lhe uma lágrima de pesar ao olho. Humilhado, como nunca antes, Norcross viu as suas próprias más ações na sua hedionda deformidade. Que era aquela luz prodigiosa e mística que o envolvia? Parecia emanar do grupo de espíritos luminosos à sua direita, mas nos seus raios penetrantes estava ele exposto, despojado de qualquer máscara ou disfarce, criatura de pecado e de vergonha.

Era verdade que o mundo espiritual organizara aquela sessão. Por ordem dos seus guias, Myra Grey e Helen Long tinham vindo ali reunir-se com a família Sprague, com o objetivo expresso de, unidos em amor e simpatia com um grupo de inteligências elevadas, fornecer apoio magnético a vários espíritos infelizes e atormentados, ali trazidos para sua própria salvação.

Embora incapaz de os ver, Owen Norcross nunca fora abandonado pelos bons e sábios de planos superiores durante os anos da sua errância. Tinham-no vigiado e protegido, exercendo sobre ele a sua influência invisível, até que ele começara a cansar-se da frivolidade do mundo e a questionar a utilidade da sua vida. Então chegara o momento do seu despertar e, pedindo aos amigos mortais que se reunissem como vimos, aquelas inteligências verdadeiras e bondosas exerceram tal poder psicológico sobre o espírito voluntarioso que o atraíram até ali.

Quando um sentido de vergonha e desonra entra no coração do culpado, há esperança para o seu arrependimento. Na maravilhosa luz que o envolvia, Norcross compreendeu-se a si mesmo. Um rubor de vergonha tingiu-lhe o rosto; uma convicção da sua própria vileza penetrou-lhe a mente; pensamentos das suas faltas avolumaram-se até que se viu condenado por si próprio, envergonhado, de cabeça baixa e corpo abatido.

Quando a oração terminou e os amigos mortais permaneceram em silêncio, começou a formar-se, em torno da figura diante deles — que não era outra senão Helen Long —, uma substância suave e vaporosa, brilhante e resplandecente, que foi adquirindo proporções e forma humanas. Pouco a pouco, os traços tornaram-se claros e distintos, e o espírito perturbado, impelido a erguer a cabeça e contemplar a cena, reconheceu no rosto da aparição o da sua própria mãe. Lentamente, a figura ergueu uma mão e apontou para o alto e, juntando depois as belas mãos, lançou um olhar suplicante ao pequeno grupo.

A médium cega começou então a falar, e todos escutaram com reverência, sabendo que era uma inteligência invisível que se dirigia a eles.

— A forma que agora vedes, amigos, é a mãe aflita de alguém que conheceis. Durante anos, ela seguiu o filho que lhe é querido ao coração. Por cenas de erro e de pecado ele passou, sempre de perto acompanhado por esta mãe que, em espírito, anseia pelo rumo perdido do seu filho. O filho dela é-vos conhecido como Owen Norcross. Ele foi trazido aqui esta noite como para uma escola, onde possa receber instrução. A mãe vem pedir-vos auxílio na sua obra de amor, e agradecer-vos todo o pensamento bondoso e simpático que possais dirigir para ela e para o seu filho transviado.

— Ela é bem-vinda — respondeu o Sr. Sprague, com voz calorosa. — Faremos o melhor para tornar leve a tarefa da mãe. Terá a nossa simpatia e a nossa influência. Rogamos a todos os bons anjos que iluminem o seu caminho. Quanto ao seu filho Owen, só lhe guardamos boa vontade. Desejamos ajudá-lo a elevar-se. Seja qual for o mal que tenha feito, isso fica entre ele e o seu Deus. Não estamos aqui para julgar. Se Owen Norcross puder ouvir a minha voz e olhar para o meu coração, compreenderá que sou seu amigo, que procuro o seu bem, e que todos os que aqui estão lhe têm igual sentimento de amizade.

A bela figura, ainda ao lado de Helen Long, sorriu em reconhecimento das palavras, acenou de novo com as mãos e desapareceu da vista mortal. Mas, ao assim se dissipar, o espírito de Owen sentiu uma mão tocar-lhe o braço e, olhando para cima, viu o olhar doce e dedicado da sua mãe pousado sobre ele. Como ela lhe parecia bela, como radiante na forma e nas vestes, em contraste com ele próprio! Sempre fora uma alma terna,

gentil, espiritual e pura. Oh, como o olhar límpido dos seus olhos lhe queimava o coração! Não havia censura na sua profundidade, nem crítica, nem condenação — apenas amor infinito, compaixão e anseio —, mas tão profundo e penetrante era aquele olhar no íntimo do seu ser, que se sentiu abrasado sob ele. Que a sua mãe suave o visse e conhecesse na sua indignidade, que lesse a sua vida secreta e sentisse a sua vergonha, era mais do que a alma culpada podia suportar, e, uma vez mais, cobriu os olhos e, desta vez, com grande esforço, afastou-se dali de súbito.

Por ermos sombrios e por caminhos ásperos correu o espírito atormentado. Não tinha pensamento de destino — apenas o de fugir para onde nenhum olhar pudesse contemplar o seu sofrimento. Cheio de emoções conflitantes — consciência de si, vergonha, início de remorso — sentia que a vida era uma maldição e toda a sensação um inferno. Quanto tempo fugiu não sabia; mas, quando parou, achava-se num lugar árido, sem encanto, frio e mergulhado na penumbra. Ali permaneceu por algum tempo, sem desejo de mudar. Sentia-se um estranho e um proscrito, indigno da companhia dos bons e destinado apenas a vaguear para sempre nas trevas.

A atividade da mente trouxe-lhe imagens do passado para contemplar. Viu-as todas, e os fogos do arrependimento queimaram dentro dele. A autoacusação falava-lhe à alma em línguas de bronze. A autocondenação apontava-lhe mil dedos de escárnio. Sentia-se maldito por Deus e pelos homens, e um fogo inextinguível ardia-lhe no peito. Por fim, chorou — chorou longa e pesadamente — e, sob a tempestade, o seu coração amoleceu, e um sentimento mais submisso apoderou-se dele. Ao levantar o olhar, o céu por cima começou a clarear, e pareceu-lhe discernir pontos de azul a romper. Uma sensação de languidez apoderou-se dele, e, gradualmente, sentiu toda a consciência a escapar-se-lhe.

Quando Norcross despertou, pareceu-lhe que o sono tinha sido breve — mas, na verdade, aquele profundo descanso, guardado por vigias espirituais, prolongara-se por mais de dois anos no tempo terrestre. Ao abrir os olhos e olhar em redor, um sentimento de espanto invadiu-lhe a mente. Onde antes havia rochedos ameaçadores e caminhos estéreis, surgiam agora flores em flor e árvores frondosas a dar sombra.

As nuvens tinham-se dissipado, e uma luz suave e dourada, como a de uma manhã de verão, brilhava benevolente num céu límpido. Sentada ao seu lado estava a figura gentil da mãe, o rosto bondoso a irradiar alegria para ele.

Tão calmo e pacífico era o cenário, tão tranquila a atmosfera, tão repousante a sua posição, que o homem não tentou mover-se, mas permaneceu ali, em silêncio, a absorver a beleza que o rodeava. Sentia-se

como um rapaz de novo, em casa da mãe; sentia-se como antes de o pecado, a tentação e a loucura juvenil se apoderarem dele. Oh, a vida antiga — como parecia distante, escura, impura! Estremeceu e, voltando-se para a sua guardiã com um suspiro, disse:

— Mãe, tem sido um longo caminho, mas agradeço a Deus por me ter trazido de volta a ti — por fim.

Suavizado, humilde, arrependido, aquele que outrora escarnecera das orações maternas, que zombara de Deus e de tudo o que é sagrado, chegara, pelo processo do tempo e da disciplina, à condição de uma criança, e, por fim, foi ouvido a agradecer a Deus pelo dom do amor de mãe. Quem poderá dizer que, nesse momento triunfante, essa mãe não elevou o seu próprio coração em louvor ao Pai Celestial que realizara tão abençoada obra?

Nesse supremo encontro, o coração do filho abriu-se pela sua própria confissão àquela que sempre o seguira. Reconhecendo todo o mal que fizera, exprimindo arrependimento pelos erros e má conduta da sua vida, a alma desperta clamou:

— Mãe, mãe! Que devo eu fazer para me salvar?

— Procura ser amigo, abençoar e beneficiar os outros, meu filho — foi a grave resposta. — Esquece-te de ti próprio, de qualquer favor ou desejo pessoal, no esforço de iluminar a vida de outros; mas, antes de tudo, vai àqueles a quem prejudicaste e pede-lhes perdão.

O homem baixou a cabeça, e a guardiã sabia que uma batalha se travava no seu íntimo. A luta foi intensa, mas o lado espiritual venceu sobre a parte egoísta da sua natureza. Os sofrimentos da alma eram profundos, e bem sabia a mãe que assim continuariam por muitos anos, pois quanto mais sensível se torna uma alma para as suas falhas, mais apurados se tornam os seus sentimentos e mais duras as condenações da consciência. Essa é a eterna e certa retribuição da Justiça Infinita; o castigo vital que recai sobre todas as almas voluntariamente transviadas; o resultado inevitável que nasce da violação da lei divina.

Mas, embora essa mãe angelical testemunhasse e compadecesse os sofrimentos do filho, não os lamentava. Ainda que soubesse que as memórias do passado o atormentariam por muitos dias vindouros, não se afligia, pois compreendia que, ao procurar, pela autossuperação e pelo esforço de ajudar outros, reparar o passado, a dor se retiraria gradualmente do seu coração; e sabia que cada golpe que o atingisse teria um efeito santificador e elevador em toda a sua vida.

— Mãe! — exclamou por fim — Eu farei isso. Mostra-me o caminho, e seguirei a tua orientação.

— Não a minha vontade, querido filho, mas a do nosso Pai! — respondeu ela em tom solene.

Conduzido pela mãe em cuja força se apoiava, Owen Norcross viu-se levado a vários lugares da Terra que conhecera. Em alguns desses sítios encontrou pessoas que, em tempos, vitimara ou de quem tirara vantagem indevida. Não podia expressar-lhes o seu arrependimento — elas nada sabiam da sua presença nem do seu desejo. Mas, nalguns desses lugares, encontrou meios de beneficiar os que prejudicara.

Espírito de vontade firme e moldado à autoridade, a sua energia nata e influência eram algo que se fazia sentir e seguir. Aprendendo a exercer a sua vontade de forma benéfica, o homem conseguiu retirar mais de uma das suas antigas vítimas das profundezas da miséria e, com a sua forte influência, conduzi-las a caminhos de contentamento e prosperidade. Um profundo sentido de satisfação e de paz vinha sempre à sua alma depois de tais esforços, e, ao descobrir o prazer de fazer o bem, Owen começou a perder o mais profundo aguilhão que a memória lhe cravara no peito.

Por fim, o espírito voltou-se para aqueles que conhecemos e, após muitas tentativas inúteis, conseguiu alcançar a atenção do Sr. e da Sra. Sprague. Esse casal apenas crescera em verdadeira união de espírito com o passar dos anos. Confiança mútua, amor e devoção tinham sido o seu quinhão. Também a prosperidade material os acompanhara. As duas filhas, agora com vinte e vinte e um anos, cada uma bela à sua maneira, embora tão diferentes em temperamento e feições, eram tudo o que pais afetuosos podiam desejar; e reinava a paz no lar onde Olive e Maude espalhavam luz com a sua presença.

Durante os anos passados, os Sprague mantiveram o seu interesse por Myra Grey e Helen Long, e as duas médiuns eram frequentemente recebidas como hóspedes estimadas na casa desse digno casal. Foi através da clarividente cega que o espírito de Owen Norcross chegou àqueles a quem queria confessar o seu erro. Humildemente, com lágrimas, sob o transe espiritual, Myra contou o seu arrependimento, confessou o erro e pediu perdão. Este foi-lhe concedido de bom grado pelo marido e pela esposa, que deram as boas-vindas ao espírito contrito.

Mais tarde, pela mesma mediunidade, procurou o perdão pelos seus pecados junto da esposa abandonada; procurou, com oração e contrição, o perdão por uma grande injustiça. Havia muito que Leila perdoara Norcross

no seu coração e, agora, pronunciou para o seu espírito as palavras de absolvição que ele tanto ansiava ouvir.

A Sra. Norcross mantivera firmemente o seu lar junto da velha amiga Sra. Carter. Dedicando o seu tempo ao filho, agora um belo rapaz de quase oito anos, parecia não ter pensamento para o mundo exterior. Tornara-se feliz com a sua sorte e com as amizades que o mundo espiritual lhe criara. De todos os corações generosos que tinham amparado a jovem viúva, talvez nenhum fosse mais estimado do que Jerome Sparks Chase, que continuava seu fiel conselheiro. Mas, embora fosse claro que o homem a adorava, ela não tinha amor para lhe retribuir, mantendo apenas para com ele uma amizade simpática.

Jerome crescera desde a última vez que o vimos; crescera em espiritualidade e pureza de coração. A influência de Leila Norcross e da Sra. Carter tinha sido uma ajuda para ele. As suas vidas puras repreendiam e elevavam a sua própria. Por meio delas, chegara ao conhecimento do poder e da comunhão espirituais, e isso também tivera um efeito santificador sobre a sua alma.

O amor que nasceu no coração de Jerome pela doce viúva espiritualizou-o e, embora soubesse que o seu caso era sem esperança, veio-lhe também a convicção de que, através do convívio com a vida dela, a sua própria vida se tornara amadurecida, abençoada e mais digna do amor de Deus.

Nessa altura, Owen Norcross entrou em contacto com o seu pequeno filho, e um afeto profundo pela criança percorreu-lhe todo o ser, dando um novo brilho e entusiasmo aos seus trabalhos. Voltando-se da modesta casa onde obtivera o seu mais recente perdão, o espírito procurou Kate Banks, a mulher que o amara conhecendo todos os seus pecados.

A Sra. Banks afastara-se da vida antiga após a morte do amigo. Dominada pela dor da perda, isolara-se do mundo, e nenhuma tentação conseguia atraí-la de volta às suas iniquidades. A sua afeição por Norcross fora profunda e duradoura, e o horror pelo seu fim prematuro destruíra para sempre todos os seus pontos mais fracos. Mágoa, arrependimento e sofrimento enchiam-lhe o coração, e muito padecera. O seu coração naturalmente bondoso voltara-se, na aflição, para outros em sofrimento, e, ao procurar ajudar os desamparados e tristes, encontrara um bálsamo para a dor que não conseguia calar de outro modo.

Assim a encontrou o espírito regressado, mas, por mais que tentasse fazê-la perceber a sua presença, a Sra. Banks não o conseguia sentir. Ainda assim, ele permaneceu junto dela, pois havia muita harmonia entre as suas naturezas; uma simpatia natural unia-os, e, sob a influência que Norcross

trazia, a alma da mulher tornou-se tranquila; e, em breve, a convicção de que, depois de concluída a vida terrena, se encontraria com o seu amigo no Alto apoderou-se da sua mente.

O espírito permaneceu ali até que outros deveres e trabalhos o chamaram, e a esse coração voltou de tempos a tempos, em busca da afeição verdadeira que nunca lhe faltava, e também para oferecer a ajuda silenciosa que elevava a alma dela acima das sombras, até à luz da paz.

CAPÍTULO XV

REGRESSO A CASA

Dez anos se passaram desde a manhã em que fomos apresentados pela primeira vez à clarividente cega. Dez anos de paciente e ativa dedicação à humanidade por parte daquela sensitiva, cujo único objetivo na vida parecia ser o de transmitir luz espiritual e força mental aos filhos cansados da Terra. Tão discretamente se movia a mulher sem visão pelo mundo, tão despretensiosa era a realização das suas boas obras, que o público desatento pouco sabia da benevolência que, em silêncio, ela realizava para os necessitados e aflitos.

Apenas aqueles que beneficiavam da sua generosidade, e os poucos amigos experientes e de confiança que ela selecionava para a auxiliarem nas suas obras de caridade, compreendiam e apreciavam a sua nobre missão — estes, e os anjos do Alto que se deleitam em servir a humanidade. Mas assim estava bem; Myra Grey não procurava nem atenção pública nem aplauso mundano; e, à sua maneira suave, ministrava aos corações sofredores e, como lírios perfumados, espalhava beleza e fragrância a todos os que se aproximavam da sua vida.

Os anos haviam tocado levemente essa delicada e graciosa criatura, trazendo-lhe apenas um brilho acrescido ao semblante e talvez um toque mais profundo de dignidade ao porte. Continuava esguia e flexível, tão pequena de estatura que enganaria quem tentasse adivinhar-lhe a idade, pois já não pareceria ter vinte e cinco anos. Cada pensamento desta clarividente parecia de pureza. Havia nela uma limpeza absoluta de espírito, que se manifestava não só nas ideias que transmitia e no seu modo de falar e de estar, mas também em cada detalhe do seu cuidado pessoal e em todo o ambiente da sua vida e do seu lar.

A palavra rude, o pensamento impuro, a miséria da ignorância e a baixeza da devassidão quedavam-se constrangidas diante da sua pureza. Nenhum mortal de espírito baixo e sensual poderia fitá-la sem se envergonhar — e

até purificar-se — com a visão. Nenhum espírito rude e pouco desenvolvido poderia entrar no seu círculo sem receber dessa luz instrução e auxílio vital que o elevasse pelo contacto; e nem mortal nem espírito procuravam fazer qualquer mal ou causar incómodo à suave ministrante que apenas desejava fazer-lhes o bem.

Muito se tem dito sobre o poder de espíritos baixos e impuros possuírem e degradarem médiuns delicados que consigam dominar. Mas a experiência de Myra Grey, assim como a da sua amiga médium Helen Long, e os ensinamentos dos seus guias espirituais, tinham convencido estas duas fiéis trabalhadoras de que o médium puro em pensamento e limpo em hábitos; cuja natureza é aspiracional, sempre voltada para a luz; que ama a verdade; que mantém, por mais humilde que seja, um ambiente asseado; que deseja sinceramente fazer o bem; e que é harmoniosamente obediente aos conselhos dos espíritos mais elevados que se aproximam — não precisa de temer as maquinações nem a influência de espíritos atrasados e mal-intencionados; pois tais são impotentes para prejudicar uma vida como esta.

Pode acontecer que, por vezes, médiuns desta classe sirvam de instrumento de comunicação para um espírito rude, inculto ou até impuro; mas isto é permitido com sabedoria pelos seus guias espirituais, com o fim benévolo de inundar a alma impura com a luz da atmosfera pura do médium, realizando aí um processo de limpeza; e também para dar um novo rumo moral às inclinações do espírito rude, para que este possa experimentar a beleza de uma vida correta e beneficiar dela.

As nossas amigas eram repetidamente informadas pelos seus guias de que, embora, na história do espiritualismo, certos médiuns tivessem sido molestados e moral ou mentalmente prejudicados pela associação com espíritos maus, as comunicações nocivas que corrompiam tinham de ter sido toleradas e passivamente aceites. Por lisonja, ou por incentivos materiais, ou por algum apelo à natureza física, os espíritos obsessores tinham obtido poder e controlo, aproveitando-se dos pontos fracos do médium para atingirem os seus fins.

Mas, se o sensitivo mantém um caráter elevado; se segue o guia interior que aponta, sem erro, para o certo e o errado; se aspira à companhia e orientação de espíritos puros e altruístas; as partes frágeis da sua natureza serão fortalecidas e dotadas de tal poder de resistência que constituirão uma barreira eficaz contra as insinuações, influências, forças e domínio do mais forte e positivo espírito de maldade — e tal espírito apenas será purgado, beneficiado e elevado pelo contacto com tal médium.

Helen Long permanecera todos esses anos com a amiga. A sua vida também era pacífica. Inocente e simples, o seu coração feminino alimentava os pensamentos mais virtuosos e nobres, e na sua atmosfera os guias de Myra Grey encontravam sempre o apoio magnético e reconfortante de que necessitavam para proteger a sua amada pupila. Viveram felizes, cada uma extraindo da outra elementos de força ou apoio que sustentavam e abençoavam.

A mediunidade de Helen crescera até se tornar de grande utilidade. Sob a orientação vigilante dos seus amigos espirituais, desenvolvera o seu poder e aproveitara as suas manifestações. Desde o início, os invisíveis haviam advertido a Srta. Long para não realizar materializações mais do que uma vez em dez dias, afirmando que assim obteria os melhores resultados sem exaurir excessivamente a sua própria vitalidade.

Certa vez, visitou um círculo noutra cidade, onde formas constituídas de matéria sólida eram apresentadas como aparições vivas de defuntos. Essas formas eram pesadas e densas, rudes e pouco refinadas no trato, revelando uma exuberância de natureza animal que deixava um efeito de esgotamento na nossa amiga sensitiva. O ar da sala era abafado.

Os presentes comportavam-se como se estivessem num espetáculo, onde as “curiosidades vivas” são apalpadas e tratadas sem respeito; assim eram tratadas as formas que apareciam, entre risos e piadas. O médium, rude na linguagem e grosseiro no comportamento, troçava e ria com os restantes, e todo o ambiente não era de molde a atrair espíritos elevados e refinados, nem a proporcionar satisfação e conforto aos investigadores sérios e cultos em busca da verdade na Terra.

Ao regressar, Helen questionou os guias sobre a experiência, e foi advertida a evitar tais ambientes no futuro. Disseram-lhe que, frequentemente, aquele médium era utilizado por espíritos poderosos e que muitas manifestações notáveis tinham sido dadas através dele. Mas o predomínio do poder era do lado físico. Os próprios espíritos que se manifestavam eram da Terra, terrenos na constituição e no desejo. Não pertenciam a uma ordem elevada, embora, por vezes, pudessem enganar até os mais experientes. Esse médium, embora dotado de grandes faculdades, não vivia acima do plano animal. Dinheiro, adulação e popularidade eram as posses que ambicionava, e era impossível atrair a tal atmosfera os espíritos mais dignos, graves e sábios.

Helen não ganhava fortunas com os seus dons mediúnicos. Não lhe era permitido realizar sessões com frequência suficiente nem receber público numeroso. Apenas uma vez em cada dez dias conseguia dar uma sessão verdadeiramente satisfatória, e, nessas ocasiões, não mais do que doze

pessoas, contando com ela e com a clarividente, tinham entrada. Mas, embora o rendimento fosse pequeno, a satisfação, a alegria e a paz que a acompanhavam, pelo conhecimento da sua obra, mais do que compensavam a falta de recompensa monetária.

Muitas vezes, a Srta. Long dedicara o seu tempo e os seus poderes a uma causa nobre, promovendo o bem do espiritualismo e, ao mesmo tempo, ajudando obras de caridade que lhe tocavam o coração; tal como Myra, que muitas vezes oferecera os seus recursos aos necessitados ou dispensara gratuitamente as suas faculdades mediúnicas aos fatigados e sobrecarregados que a procuravam em busca de consolo ou conselho, mas que não tinham como pagar pelos seus serviços.

Contudo, no último ano, Helen Long recebera uma herança que prometia aumentar as suas possibilidades de utilidade e alargar o seu campo de trabalho filantrópico. Certa manhã, as duas médiuns receberam a visita do amigo Sr. Sprague, que, tirando do bolso um jornal, leu-lhes um anúncio pedindo informações sobre os herdeiros do falecido Jonathan Small, de J—.

Jonathan Small tinha sido o avô materno de Helen Long. Morrera havia muitos anos e não se sabia que tivesse deixado bens, exceto um terreno que afirmava ser seu, mas que, devido a um defeito na escritura de propriedade, a esposa não conseguira manter. Desde então, a esposa e também a única filha — a mãe de Helen — tinham falecido, não restando familiares próximos além da rapariga cuja luta inicial pela vida conhecemos.

Durante a sua amizade com os Sprague, Helen partilhara com eles a sua história simples e, naquela manhã, ao abrir o jornal, Charles vira o anúncio referido e associara-o de imediato à sua jovem amiga. Enquanto Helen e o Sr. Sprague conversavam sobre o assunto, Myra entrou em transe e informou os ouvintes de que Helen deveria comunicar imediatamente com os advogados que tinham publicado o anúncio nos jornais; que fora confirmada a validade da escritura do avô relativamente ao terreno; e que agora era necessário provar a sua condição de herdeira e reclamar a propriedade.

Aquele terreno tornara-se muito valioso nos vinte e dois anos passados desde a morte do avô. Fazia então parte de uma cidade, e sobre ele tinham sido construídos vários grandes edifícios comerciais. A médium em transe aconselhou Helen a entregar a Charles Sprague o velho relógio — uma relíquia da família do avô — e também os documentos particulares que pertenciam à sua mãe, autorizando-o a tratar de todos os negócios em seu nome.

O conselho, dado de forma tão deliberada, foi seguido à risca. Em pouco tempo, Helen recebeu resposta da carta enviada ao escritório de advocacia, na qual lhe eram solicitadas provas de identidade. Assumindo o caso, Charles Sprague tratou dele com os melhores resultados. Não só foi reconhecido o direito de Helen e confirmados os seus títulos, como também a herdeira recebeu uma proposta generosa pela propriedade, que aceitou. O produto da venda foi investido, por seu amigo Sprague, em bons títulos de rendimento.

E assim aproximava-se uma mudança na vida simples das nossas amigas. Mais de dezasseis anos de serviço mediúnico dedicara a clarividente cega ao mundo. Durante todo esse tempo alegrara-se com a visão espiritual que mais que compensara os anos de juventude e início de vida adulta passados na escuridão física. Dez destes anos nós próprios acompanhámos e aprendemos a amá-la; e será um privilégio grato segui-la até ao clima celestial.

Nos últimos seis meses, o passo de Myra enfraquecera. A sua vitalidade física, nunca muito robusta, baixara bastante. Muitos dias, uma sensação de fraqueza e falta de forças apoderava-se-lhe do corpo. Gradualmente, as energias físicas iam-se retirando. O apetite desaparecia, o sono tornava-se cada vez mais difícil, e todos os sinais indicavam que Myra se aproximava do seu lar imortal.

Os amigos que amavam esta alma rara revoltavam-se e não apressavam o seu voo. Sofriam com a ideia da partida. Helen chorava em segredo, mas, por fora, oferecia apenas palavras alegres e sinais de esperança à frágil criatura que agora dela dependia inteiramente. A querida Sra. Carter, que dizia ter “vindo cuidar do seu cordeirinho até ele recuperar saúde e força”, movia-se pela casa com rosto entristecido e olhos húmidos. Leila Norcross, feliz mãe, que sempre considerara Myra um anjo de luz, vinha todos os dias oferecer serviço amigo ou trazer algum presente de fruta ou flores.

A carruagem dos Sprague era muitas vezes vista diante da modesta casa, de onde desciam para missões de carinho. Maude e Olive, de olhos vivos, almas puras, inteligentes e afetuosas, sofriam com a mudança que se avizinhava — perda para elas, mas transfiguração para o seu alvo —, enquanto os pais se recusavam a admitir o pensamento que teimava em impor-se.

Por entre todos os cuidados, atenções e ansiedades amorosas que sentia e valorizava, um pensamento corria como um fio de ouro no coração de Myra: estava a ir para casa — estava a ir para casa. Não havia na sua mente uma só veia de tristeza. Nenhuma sombra de dúvida ou receio obscurecia a luz serena do seu espírito. Nenhum sopro de descontentamento perturbava o

seu coração tranquilo. Estava a ir para casa — oh, como era preciosa essa ideia! Uma ternura compassiva pelos amigos que sentiriam a sua falta enchia-lhe o peito, mas eles não eram ignorantes da imortalidade e, em pensamento, poderiam segui-la. Ela viria a eles, e não perderiam a amiga na sua partida, pois o seu amor e o seu espírito os envolveriam mais de perto. Assim, o pensamento era doce para a vida que se extinguia e, vezes sem conta, nas horas silenciosas do dia ou nas vigílias noturnas sem sono, Myra repetia mentalmente o mais abençoado dos refrões:

“Estou a ir para casa! — estou a ir para casa!”

A casa enchia-se de uma luz sobrenatural; a sua atmosfera era de paz profunda. Corações murmurantes deixavam de se lamentar perante a serenidade indizível que invadia todos os recantos. Os dias, ao passar, traziam apenas mais fraqueza ao corpo físico, mas maior força aos sentidos espirituais e mais acuidade às faculdades mentais da doente.

Mais de uma vez, formas glorificadas tinham sido vistas junto ao leito da enferma ou a deslizar pelos corredores. Seres ternos e radiantes, de outro mundo, belamente trajados e coroados de flores preciosas, velavam pela indefesa que acolhia com alegria a sua aproximação. Não havia ali motivo para lamentar. O mundo poderia rejubilar e agradecer a Deus por uma morte assim.

As horas minguantes anunciavam o fim da noite, e as primeiras tonalidades rosadas no oriente anunciavam a chegada do dia. Durante a última hora, Myra, quase imóvel havia dias, jazia com as mãos estendidas e um sorriso a iluminar-lhe o rosto. Helen Long e a Sra. Carter vigiavam, aguardando o fim certo. Rapidamente, o brilho no seu semblante aprofundou-se. Subitamente, os lábios pálidos moveram-se e, mais uma vez, como nos tempos idos, a voz melodiosa ergueu-se num canto suavíssimo. As vigilantes escutaram, prendendo o fôlego, enquanto a melodia terna se espalhava pelo ar:

Quando as névoas sobre nós subirem,
Como o Pai aos Seus dá atenção,
Frente a frente aos que nos amam, há-de virem,
Nós saberemos como somos então.

Nós saberemos como somos então;
Nunca mais andaremos sós no chão,
Pois o dia de luz vai raiando,
E as névoas, enfim, se dissiparão!

CAPÍTULO XVI
ENTRE OS BEM-AVENTURADOS

Foi um fim pacífico para uma vida belíssima; assim disseram os que velavam à cabeceira daquela morte. Nenhum lamento alto rasgou o ar, nenhuma queixa murmurada perturbou o sagrado recato daquele lar. Vestiram o corpo amado com roupas delicadas e deixaram-no repousar sobre um leito de flores, no aposento onde Myra costumava espalhar verdade e alegria a corações ávidos.

Dobras e mais dobras de seda branca como a neve, presas com um ramo de rosas cremosas, pendiam do puxador da porta, contando em silêncio a sua história a quem passava; e no dia do funeral, aqueles que entraram naquela morada sagrada sentiram os passos abafados pelas camas de flores sobre as quais caminhavam, estando até os corredores forrados de pétalas e ramos verdes, para que nenhum som de pisada perturbasse o silêncio.

O velar pelo corpo amado foi uma vigília santa para Helen e para a velha ama. Luzes que não eram da Terra cintilavam à sua volta; formas não moldadas de matéria mortal faziam-lhes companhia. A casa parecia guardada por um cortejo de anjos, e apenas as mais belas experiências espirituais lhes eram concedidas.

Na tarde do terceiro dia, celebrou-se o simples ofício de cânticos sagrados e palavras de oração, e, levado entre vagas de flores perfumadas, tudo o que era mortal da médium cega foi confiado ao seu último repouso.

Helen Long regressou ao seu lar solitário, agora mais precioso ao seu coração pelas lembranças dos últimos dias, para continuar a vida que antes levava. Como sentia falta da doce companhia e da presença física da amiga, ninguém poderia dizer; mas havia dias em que sabia que Myra estava ao seu lado, e, ao escutar os sussurros de amor e conselho que o espírito santificado lhe trazia, a tristeza abandonava-lhe o coração e a mente.

Sob o amparo dos seus amigos angélicos, Helen continuou a exercer a sua mediunidade para o bem humano; e os dias tornaram-se cada vez mais luminosos. A seu tempo, interessou-se profundamente por um jovem comerciante muito digno, que conhecera na casa do Sr. Sprague, e com a aprovação dos seus guias espirituais, e as melhores felicitações e votos de felicidade dos amigos terrenos, Helen Long tornou-se esposa de Arthur Grant. Após esse acontecimento, novos poderes e novas vias de utilidade entraram na sua vida. A companhia afetuosa, o apoio magnético e a dedicação do marido pareciam fortalecer as forças do seu ser e auxiliar a

sua falange espiritual na ação sobre elas, de modo que, daí em diante, Helen não só trazia provas de imortalidade a um mundo incrédulo, mas também, onde quer que houvesse mortais a sofrer da fraqueza e dor de doenças físicas, a sua simples presença transmitia força, cura e saúde.

Num lar feliz, com companhia solidária, rodeada de bons amigos, deixamos Helen Grant, certos de que nos anos vindouros a sua vida encontrará rica frutificação.

Afastando-nos da contemplação dos acontecimentos terrenos, seguimos o espírito de Myra Grey na sua passagem da Terra. No momento supremo em que a alma se separou da carne, e tudo o que era corruptível largou o que era imperecível, os olhos espirituais da jovem extasiada contemplaram uma cena de grandiosidade indizível. No seu olhar, não havia paredes no quarto, mas sim um horizonte amplo e vasto, e de beleza transcendente.

Arcos de verdura e canteiros de flores em plena floração — nem uma pétala murcha ou poeirenta entre elas — refrescavam-lhe a vista; uma atmosfera suave e morna, de tom rosado, estremecia-lhe o ser. Formas trajadas em roupas delicadas estavam junto dela ou passavam de um lado para o outro. Ao contemplar esses seres luminosos, um sorriso de alegria iluminou-lhe o rosto, pois reconhecia agora, em dois deles, a sua querida mãe e a amada tia Carrie.

Suavemente, docemente, uma sensação deliciosa e etérea envolveu-lhe todo o corpo, e sentiu como se alguém a fosse retirando de um invólucro apertado. Gradualmente, chegou-lhe ao ouvido uma melodia suavíssima, tão baixa e delicada que não soube dizer quando começara; foi ganhando força, mas sempre baixa e maravilhosamente doce — até que, apanhando o motivo, a moribunda deixou a alma soltar-se em canto.

A música continuou, e a sensação de desprendimento prosseguiu. Quando cessou, Myra não soube dizer; mas logo se viu de pé sobre um tapete de musgo radiante e verde. O seu corpo estava envolto numa túnica branca rendilhada, que caía em pregas até aos pés delicados. Os cabelos castanhos caíam-lhe soltos pelos ombros, enquanto erguia a cabeça e aspirava profundamente o ar revigorante.

Já não era cega. Via. À sua volta erguia-se um cenário de belos caramanchões e habitações reluzentes. Rostos sorridentes irradiavam para ela, formas graciosas aproximavam-se num afetuoso acolhimento. A seus pés, via o quarto da sua própria casa, sobre cuja cama reconhecia a sua imagem imóvel e sem pulso. Ao lado, Helen ajoelhava, enquanto a velha ama fechava-lhe os olhos sem vida e cruzava-lhe as mãos inertes. A visão

trouxe-lhe nova consciência: tinha passado pela morte. Ganhara a vida — a vida imortal. Oh, como fora doce e glorioso morrer!

O espírito libertado voltou-se, com renovado interesse, para a cena à sua volta; e, ao fazê-lo, sentiu o abraço de uns braços que a cercavam e encontrou-se envolta no amor materno. Oh, a alegria daquele reencontro santíssimo; e como aumentou quando a querida tia Carrie se seguiu, com gestos e palavras de boas-vindas e ternura.

O pai, também, nobre, sábio e afetuoso, trouxe feliz saudação à filha; e uma jovem de beleza celestial, com feições moldadas em santidade, envolta em nuvens de luz cintilante — mensageira de paz para a Terra, missionária de luz para almas nas trevas — surgiu diante da recém-chegada, entoando um cântico maravilhoso de amor e júbilo; e nessa donzela celeste, Myra reconheceu a preciosa irmã Pearl. Outros amigos e parentes vieram, a seu tempo, saudar o espírito erguido, e, no acolhimento puro e jubiloso que recebeu, Myra soube que encontrara, de facto, os seus.

A casa para onde foi conduzida por mãos angelicais revelou-se de rara beleza e encanto para o seu olhar. Era uma morada sólida, de aparência feérica, delicada na construção, elegante no arranjo, mas real e duradoura na substância. Os arredores eram dos mais aprazíveis e ofereciam vistas encantadoras.

A nova vida que se abriu para Myra Grey era de prazer e contentamento perfeitos. Novos deveres, estudos mais elevados, descobertas fascinantes, atraíam constantemente a sua mente. Estar livre das limitações da matéria; gozar a liberdade da visão perfeita; saber que nunca mais tatearia nas trevas; poder deslocar-se sem limites — tudo lhe trazia à alma um agudo sentido de satisfação e enchia-lhe o coração com uma apreciação mais profunda da vida. Em perfeita paz no lar dos pais, em amorosa companhia com eles e com a irmã Pearl; nunca sem ocupação ou convívio que lhe fosse agradável; sempre a encontrar algo novo que lhe despertasse o interesse, Myra vibrava de exultação espiritual, e um entusiasmo cálido e pulsante de gratidão pela existência da alma movia-lhe todo o ser.

Formosa como um lírio, bela como só uma alma pura pode ser, a jovem erguida conquistou muitos amigos entre as inteligências mais elevadas da sua esfera. Havia espíritos sábios e eruditos, que se comprazem em guiar uma aluna tão disposta como ela por novos caminhos de formação e estudo.

Havia espíritos cultos, de natureza idealista, que encontravam expressão em produções artísticas e se deleitavam em mostrar as suas maravilhosas obras à jovem extasiada. Havia grandes mestres da composição musical e

raros cantores de enorme poder, que não hesitavam em derramar no ar a sua mais rica harmonia em honra daquela alma fiel. E Myra, com o coração a pulsar de nova força e todo o seu ser a vibrar de deleite, escutava as palavras de sabedoria ou de instrução dos mestres em quem confiava; absorvia para o íntimo da vida as raras criações da arte estética; ou entregava-se ao mar de maravilhosa melodia que vibrava em toda a atmosfera.

E, se havia amizades a cultivar entre os mais dotados e sublimes, havia também laços ternos a formar com aqueles menos talentosos, mas igualmente fiéis, nobres e verdadeiros. Nas suas excursões com guias de confiança por várias partes e regiões do novo mundo, Myra era muitas vezes recebida por rostos sorridentes e mãos estendidas de quem se apressava a homenageá-la e a manifestar amor e apreço. Delicadas oferendas de flores e frutos; presentes requintados de rendas maravilhosas e ornamentos como joias para o seu uso; peças de rara feitura, translúcidas e leves como conchas, eram colocados no altar da sua aceitação.

Eram espíritos que tinham sido abençoados e beneficiados de várias maneiras pela mediunidade daquela jovem quando ainda trilhava o caminho terreno. Alguns tinham sido elevados, pelo seu exemplo e vida pura, de planos de inquietação ou mesmo de quase desesperada degenerescência, para esferas de utilidade e paz; outros tinham conseguido confortar amigos mortais, alcançando-os através da sua faculdade mediúnica; e outros ainda tinham feito grande bem a almas transviadas, graças ao poder e à ajuda generosa que ela lhes concedera. Não admira, pois, que essas almas gratas se aproximassem do seu coração gentil com cânticos, palavras de amor e oferendas de gratidão.

Entre os que vieram, Myra reconheceu a doce Agnes Clarke, mãe de Olive Sprague; e a amizade que ela trouxe, em afetuoso reconhecimento da ajuda recebida, brilhou como um raio de luz, até cintilar em esplendor como uma joia viva sobre o seio da destinatária. As mães de Helen Long e de Leila Norcross também se aproximaram, trazendo imortais lírios e rosas, que colocaram aos pés de Myra.

A seu tempo, Owen Norcross procurou a presença daquele espírito feliz. Estava tão mudado na aparência, tão melhorado no porte, tão humilde no trato, que ela quase não o reconheceu ao início. Mas ele apresentou-se e implorou à senhora que visitasse a sua morada espiritual. Assim o fez, encontrando-a uma casa asseada e sólida, de gosto simples; agradável, mas não luxuosa.

— Estou a preparar esta casa com o meu próprio trabalho — disse ele. — Cada fio de material que nela entra eu ganho honestamente. A minha mãe

traria os seus bens para enfeitar estas paredes — e talvez um dia o permita — mas sinto que não mereço coisa boa alguma se não trabalhar por ela.

Sobre um aparador, ao lado, florescia um único lírio — não branco, mas com pétalas prateadas que brilhavam como se polidas. A flor exalava um perfume que enchia o ar. Norcross ergueu o vaso e apresentou-o à sua visitante, dizendo:

— Vigiei e cuidei desta planta para este fim; dentro do seu coração repousam as esperanças e aspirações que me vieram na minha hora de despertar. Da escuridão floresceram, tal como esta flor floresce hoje. Guarde-a, minha senhora, como lembrança imorredoura de uma alma humana a quem ajudou a alcançar o auto-perdão e a paz.

Comovida por esta homenagem terna e por tais gestos graciosos de corações gratos, Myra recebeu as oferendas com apreço e amor — tanto mais porque sabia que cada presente era fruto ou produção direta da vida pessoal do doador; que, do coração agradecido e do pensamento amoroso, se haviam formado os elementos e a substância de cada tecido, joia ou flor que recebia. E, sendo a essência e a natureza destas dádivas espirituais, permaneceriam sempre puras e brilhantes, cada uma eterna beleza e fonte de alegria.

A casa da tia Carrie ficava perto da bela morada onde Myra vivia. Esta querida parente vivia em feliz convívio com a irmã Mabel — uma mensageira luminosa —, com os pais e outros amigos amados. Myra passava muitas horas agradáveis na companhia destas almas preciosas, e as duas casas tornaram-se palco de muitos convívios encantadores.

Mas, no usufruto dessas alegrias, a nossa amiga não esquecia as almas sofredoras que vivem na Terra, nem negligenciava os espíritos infelizes que ainda não haviam ascendido a um plano de pureza e paz. Muito do seu tempo era passado em contacto com condições terrenas, onde exercia a sua influência pura para aliviar o sofrimento humano e iluminar os ignorantes. Pela experiência adquirida, Myra estava bem preparada para servir como missionária de luz a almas obscurecidas, e nunca poupava esforço ou tempo ao socorrer aflitos ou ao levar verdade e conhecimento a quem vivia na dúvida.

Guiada pelos seus amigos angélicos, instruída por mestres sábios, Myra passava boa parte dos seus dias a procurar espíritos infelizes que, nas regiões mais baixas da vida imortal, lamentavam a desesperança do seu destino ou choravam os erros do passado. Para aqueles que não se afastavam das suas aproximações, esta luminosa mensageira tornava-se portadora de boas novas, auxílio nas horas de aflição.

E assim, deixando-a no serviço amoroso do nosso Pai, despedimo-nos do suave espírito — **Adeus.**